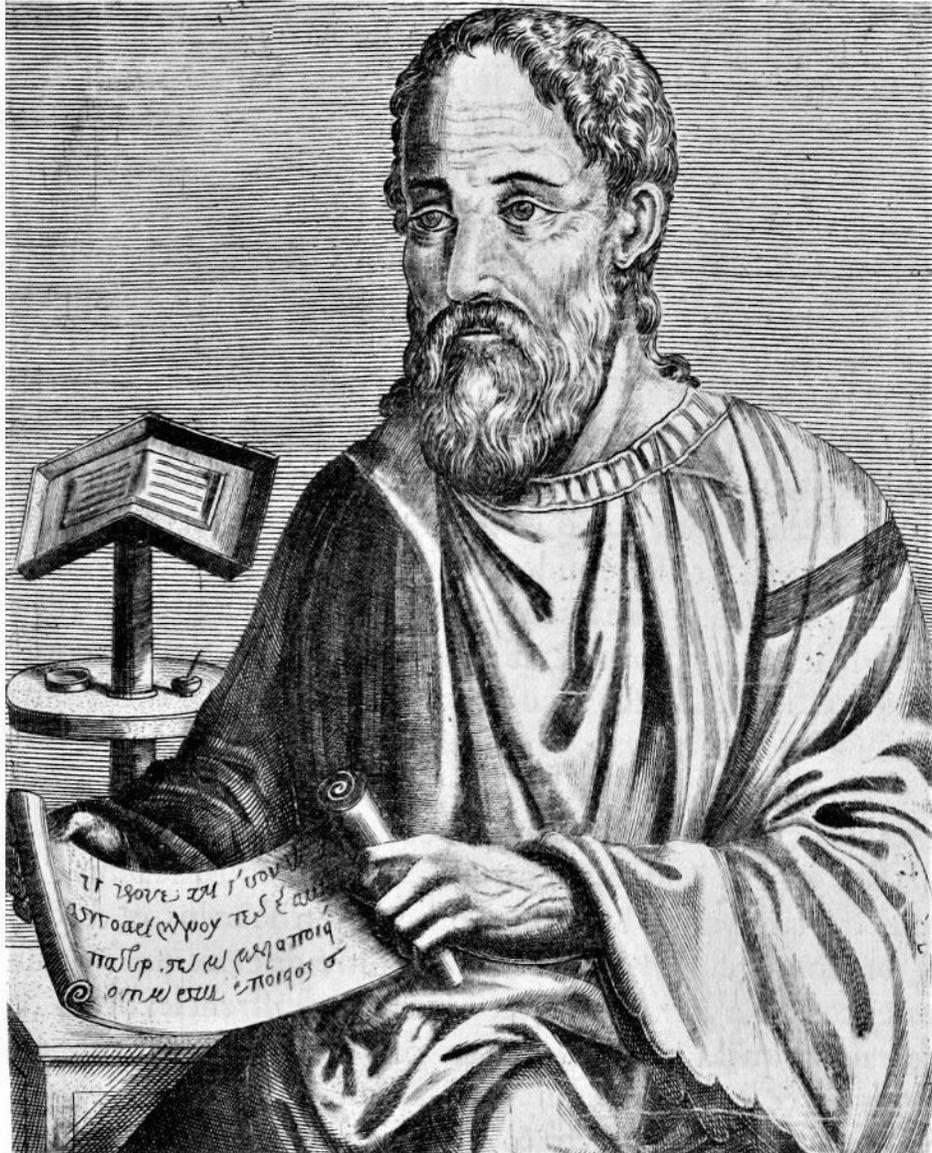


EUSÉBIO, BISPO DE CESAREIA



HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA LIVROS I a V

FONTES DO TEXTO

academia.edu

Imagem da Capa

wikipédia

Texto extraído do Vol. 15, «EUSÉBIO DE CESARÉIA -
História Eclesiástica», da colecção "Patrística", editada por
"PAULOS"

LIVRO PRIMEIRO

CAPÍTULO 1

Objeto da obra

1. A sucessão dos santos Apóstolos, assim como o intervalo de tempo entre o Salvador e nós; a enumeração de tantos e tão importantes eventos no curso da História Eclesiástica; quantos nela mencionados presidiram e governaram com destaque as dioceses mais ilustres; em cada geração, quantos foram deputedos para ministrar a palavra divina oralmente ou por escrito; quantos e quando os que, arrastados a erros extremos pela atração de novidades, anunciaram e introduziram uma falsa ciência (1Tm 6,20), e semelhantes a lobos rapaces (At 20,29) cruelmente dizimaram o rebanho de Cristo.

2. Além disso, as tribulações sobrevindas a toda a nação judaica, logo após as insídias contra nosso Salvador; quantos, quais, em que tempo os ataques dos pagãos contra a palavra divina; os grandes varões que, em várias épocas, por ela suportaram suplícios e combateram até o derramamento do sangue; sobretudo, e entre nós, os testemunhos prestados e a benevolência misericordiosa do Salvador para conosco — tudo isso julguei conveniente transmitir por escrito. Não quero outro exórdio a não ser o da realização da “economia”¹⁹ de nosso Salvador e Senhor Jesus, o Cristo de Deus.

3. O assunto, porém, requer indulgência benevolente em meu favor. Confesso ser tarefa acima de minhas forças o cumprimento íntegro e perfeito de meu compromisso. Sou, de fato, o primeiro a empreender tal iniciativa, atravessando paragens ínvias e ainda não trilhadas. Suplico a Deus seja meu guia e a força do Senhor me preste seu concurso. De meus predecessores nesta estrada, impossível encontrar até mesmo simples pegadas, mas apenas descubro parcas informações dos que deixaram, cada qual a seu modo, indicações parciais de sua época.²⁰ Suas palavras são fachos erguidos a nossa frente, ou brados de sentinelas que gritam de longe, do alto de uma torre. Assinalam por onde passar, a fim de que a narração se desenrole sem erro nem perigo.

4. Assim, respigarei entre as suas referências o que me parecer proveitoso ao fim proposto. Colherei nesta espécie de prado espiritual as passagens mais apropriadas dos autores antigos, tentando reuni-las organicamente numa descrição histórica. Ficaria satisfeito se conseguisse agora recordar, se não todos os sucessores, ao menos os apóstolos de nosso Salvador mais destacados nas Igrejas hoje ainda rememoradas.

5. A meu ver, forçoso é realizar tal plano, visto que até hoje talvez nenhum dos escritores eclesiásticos se tenha ocupado em empreender uma obra desta espécie. Confio que se revele muito proveitosa aos que se interessam pelos valiosos ensinamentos da História.

6. Além disso, nas *Crônicas* que elaborei anteriormente, fiz um resumo de acontecimentos, dos quais agora me proponho dar uma descrição bem completa.

CAPÍTULO 2

A preexistência e a divindade de nosso Salvador

7. Conforme disse acima, começarei a exposição pela “economia” e teologia de Cristo, que superam em elevação e superioridade a capacidade da mente humana.

8. E quem projetar transmitir por escrito a História eclesiástica, terá de remontar aos primórdios da “economia” de Cristo, pois honra-nos o nome que dele provém. É mais divina esta “economia” do que muitos opinam.

2(1.) Em Cristo há duas naturezas. Aquela, que o denota como Deus, é qual a cabeça no corpo (1Cor 11,3; Ef 4,15). A outra, comparável aos pés, tornou-o, como nós, homem passível, em prol de nossa salvação. A exposição seguinte será talvez perfeita, se iniciarmos pelos fatos principais e relevantes. Assim, manifestar-se-ão a vetustez e a divindade do cristianismo aos que o julgam novo e estranho, datado de ontem e não de grande antiguidade.

2. Palavra alguma é apta para expressar a geração, a dignidade, a substância e a natureza de Cristo, conforme diz o Espírito de Deus nas profecias: “Quem relatará a sua geração?” (Is 53,8) pois, “ninguém conhece o Pai senão o Filho e ninguém conhece o Filho”, em sua dignidade, “senão o Pai” (Mt 11,27).

3. Quem, senão o Pai, entenderá nitidamente a luz (cf. Jo 1,9-10) anterior ao mundo, a Sabedoria (cf. Pr 8,23) inteligente e substancial, existente antes dos séculos, o Verbo, Deus vivo, no princípio junto do Pai (cf. Jo 1,4-10)? Antes de toda a criação (Cl 1,15-16) e de sua organização visível, único e primogênito do Deus invisível, general chefe do exército (cf. Js 5,14) racional e imortal do céu, anjo do grande conselho (cf. Is 9,6), ministro do inefável pensamento do Pai, com o Pai demiurgo do universo, segunda causa junto do Pai de todas as coisas, Filho genuíno e unigênito de Deus, Senhor, Deus e rei de todas as coisas criadas, dotado pelo Pai de domínio, poder e também de divindade, força e honra, pois, segundo a mística teologia das Escrituras a seu respeito, “no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (Jo 1,1-3).

4. Tudo isso também o ensinou o grande Moisés, o mais antigo dos profetas, que descreveu, sob inspiração do Espírito divino, a criação e o ornato do universo. Outorgou o criador e demiurgo do universo a Cristo e a nenhum outro que ao Verbo divino, seu primogênito, a criação dos seres inferiores e o apresenta a falar com ele a respeito da criação do homem, nesses termos: “*Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança’*” (Gn 1,26).

5. Outro profeta dá caução sobre esta palavra quando em hinos assim se exprime a respeito de Deus: “Ele disse e tudo foi feito, ele ordenou e tudo existiu” (Sl 32,9; 148,5). Introduce o Pai e criador qual chefe supremo a dar ordens por meio de gestos reais e o Verbo divino, o segundo depois dele, o mesmo que nos é anunciado como obediente às injunções paternas.

6. Todos os que, desde a primeira criação do homem, se distinguiram pela justiça e a virtude da religião, em torno do grande servo de Deus, Moisés, e anteriormente em primeiro lugar Abraão e seus filhos, logo em seguida os que se mostraram justos e profetas a este Verbo contemplaram com os olhos puros da mente, conheceram e prestaram a homenagem devida a um filho de Deus.

7. Ele igualmente, sem abandonar de forma alguma a piedade para com o Pai, foi constituído mestre de todos relativamente ao conhecimento do Pai. O Senhor Deus, conta a Escritura, foi visto como se fosse um simples homem por Abraão, quando sentado sob o carvalho de Mambré. Abraão prostrou-se imediatamente, embora seus olhos vissem apenas um homem. Adorou-o como Deus, suplicou-lhe como Senhor. Confessou saber quem ele era, dizendo: “Não fará justiça o juiz de toda a terra?” (Gn

18,1-25).

8. Mas, como ninguém admite tome a substância inata e imutável de Deus forma humana ou iluda os olhos dos espectadores com a aparência de um ser criado, ou elabore a Escritura fraudulentamente tais narrativas, de que modo será denominado nosso Deus e Senhor, que julga a terra inteira, sentencia, e mostra-se na aparência de homem, se não for lícito afirmar que ele é a causa primeira do universo, ou o Verbo é o único ser preexistente? A respeito dele também afirmam os salmos: “Enviou sua palavra para curá-los e da cova preservar a sua vida” (Sl 106,20).

9. Moisés declarou com clareza ser o Verbo o segundo Senhor, após o Pai, nesses termos: “O Senhor fez chover, sobre Sodoma e Gomorra, enxofre e fogo vindos da parte do Senhor” (Gn 19,24). O Verbo mais uma vez apareceu em figura humana a Jacó. A Escritura divina o assinala como Deus, ao dizer a Jacó: “Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque foste forte contra Deus” (Gn 32,29). Por isso, “Jacó deu a este lugar o nome de Visão de Deus” porque, dis-se ele, “vi a Deus face a face e a minha vida foi salva” (Js 5,14).

10. Não é lícito julgar serem as teofanias assim descritas referentes a anjos inferiores e servos de Deus, pois quando um deles aparece aos homens, a Escritura não o oculta; não os denomina Deus, nem Senhor, e sim anjos, como se torna óbvio através de inúmeros testemunhos.

11. Josué, o sucessor de Moisés, a este Verbo atribui a denominação de chefe do exército do Senhor, enquanto chefe dos anjos e arcanjos celestes e das potências superiores ao mundo (cf. Js 5,14), enquanto subsiste qual poder e sabedoria do Pai (cf. 1Cor 1,24), a quem foi confiado o segundo lugar na realeza e governo do universo, e isto após tê-lo visto, também ele, em forma e similitude humana.

12. Efetivamente, está escrito: “Encontrando-se Josué em Jericó, levantou os olhos e viu um homem que se achava diante dele, com uma espada desembainhada na mão. Josué aproximou-se dele e disse: ‘És dos nossos ou dos nossos inimigos?’. Ele respondeu: ‘Não! mas sou chefe do exército do Senhor e acabo de chegar’. Josué prostrou-se com o rosto em terra, adorou-o e disse-lhe: ‘Que tem a dizer o Senhor a seu servo?’. O chefe do exército do Senhor respondeu a Josué: ‘Descalça as sandálias dos teus pés, porque o lugar em que pisas é santo’ ” (Js 5,13-15).

13. Das suas próprias palavras, deduz-se não se tratar senão daquele que falou a Moisés, pois a Escritura a ele se refere nos seguintes termos: “Viu o Senhor que ele deu uma volta para ver. E Deus o chamou do meio da sarça. Disse: ‘Moisés, Moisés’. Este respondeu: ‘Eis-me aqui’. Ele disse: ‘Não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa’. Disse mais: ‘Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó’ ” (Ex 3,4-6).

14. Além das provas supramencionadas de existir uma substância anterior ao universo, viva e subsistente, assistente do Pai e Deus do universo na criação de todas as coisas, denominada Verbo e Sabedoria de Deus, ainda podemos aprendê-lo da própria Sabedoria que nos inicia claramente em seu próprio mistério, através da palavra de Salomão: “Eu, a Sabedoria, moro com o conselho, e chamo-me ciência e inteligência. É por mim que reinam os reis, e os príncipes decretam leis justas; por mim são exaltados os grandes, e os tiranos por mim dominam a terra” (Pr 8,12.15-16).

15. E acrescenta: “O Senhor me criou, primícias de seus caminhos, para as suas obras; desde a eternidade fui estabelecida; desde o princípio, antes da origem da terra, quando não corriam os mananciais das águas. Antes que as montanhas fossem implantadas, antes de todas as colinas, eu fui gerada. Quando firmava os céus, lá eu estava; quando sob o céu se enchiam as fontes perenes, eu estava agindo com ele. Eu era o seu encanto todos os dias, todo o tempo alegrava-me na sua presença,

quando ele se regozijava de ter terminado a terra” (Pr 8,22-25.27-28.30-31).

16. O Verbo divino, portanto, preexistia a tudo e revelou-se a alguns, senão a todos. Foi este o assunto que brevemente explanei.

17. Por que motivo, então, não foi ele antigamente, como agora, anunciado a todas as nações e a todos os homens?²¹ Resta-me aqui explicá-lo. Os antigos não estavam habilitados para compreender o ensinamento de Cristo, repleto de sabedoria e de virtudes.

18. O primeiro homem, desde o começo, logo após a vida feliz primitiva, desobedecendo ao mandamento divino, caiu nessa vida mortal e perecível, e em troca dos gozos divinos de outrora recebeu essa terra amaldiçoada. Os seus descendentes encheram toda a terra e tornaram-se, exceto um ou dois, muito piores, entregando-se a costumes selvagens e a uma vida desregrada.

19. Não imaginavam o que fosse cidade, nem forma de governo, nem arte, nem ciência. Nem de nome conheciam o que seria lei, justiça, e sobretudo virtude e filosofia. Levavam no deserto vida nômade, como animais selvagens e ferozes. Sua excessiva e voluntária malícia corrompia a razão natural, as sementes intelectuais e suaves da alma humana. Davam-se inteiramente a toda espécie de crimes, corrompendo-se mutuamente, matando-se uns aos outros, entregando-se à antropofagia, ousando até entrar em luta contra Deus e nessas guerras de gigantes, conhecidas de todos; planejavam fortificar a terra contra o céu. A loucura de espírito insensatamente impelia-os até a lutar contra o ser supremo.²²

20. Deus, vigilante sobre todas as coisas, enviou contra os que assim procediam cataclismos, incêndios como sobre uma floresta virgem, espalhada pela terra inteira. Exterminou-os por fome contínua, peste, guerra; fulminou-os com raios. Reservou qual castigo mais grave uma doença espiritual terrível e muito perniciosa.

21. Então, estando difundido entre todos, ou quase todos, o torpor da maldade, qual terrível embriaguez a obscurecer e obcecar as almas da maioria dos homens, a Sabedoria de Deus, primogênita e primeira criatura (Cl 1,15; Pr 8,22), o Verbo preexistente (cf. Jo 1,1), no excesso de amor para com os homens, manifestou-se ora por intermédio de aparições angélicas aos seres inferiores, ora diretamente conforme podia fazer certo poder (1Cor 1,24) salvífico de Deus a um ou dois dos antigos amigos de Deus; tomou forma humana, pois não podia agir para com eles de outro modo.

22. Quando eles já haviam jogado as sementes da religião na multidão dos homens e sobre a terra, as raças descendentes dos antigos hebreus tinham adotado a religião. Deus então concedeu a estes, bem como às multidões ainda envolvidas nos costumes precedentes, por intermédio do profeta Moisés, imagens e símbolos de uma espécie de sábado místico e a iniciação na circuncisão e em outras observâncias inteligíveis; não, porém, a inteligência destes mistérios ocultos.

23. Tendo sido a legislação promulgada para os judeus, pregada e difundida entre os homens, qual perfume de suave odor, então, devido aos judeus, a maior parte dos povos suavizou seu modo de pensar, por ação de legisladores e filósofos. Transformou em mansidão seus costumes selvagens e ferozes, de sorte a surgir paz profunda, proveniente de amizade e de recíproco bom entendimento. Desta forma, foram preparados os demais homens e as nações do mundo a se tornarem devidamente capazes de receber a transmissão do conhecimento do Pai. Assim, mais uma vez, o mestre das virtudes, o ministro do Pai relativamente às suas riquezas, o Verbo divino e celeste de Deus se manifestou por meio de um homem, em nada diferente de nossa natureza quanto à essência corporal, nos primórdios do império romano. Ele cumpriu e sofreu, conforme as profecias, segundo as quais

adviria um homem-Deus, a fim de realizar obras espantosas e ensinar a todas as nações a piedade para com o Pai; e ainda elas renunciaram a seu respeito o prodigioso nascimento, a novidade da doutrina, as maravilhas das obras e sobretudo o gênero de morte que padeceria, assim como a ressurreição dentre os mortos e principalmente a divina restauração de todas as coisas no céu.

24. O profeta Daniel, inspirado pelo Espírito divino, havia assinalado este reino final do Verbo, narrando de modo humano a visão de Deus. Diz ele: “Eu continuava contemplando, quando foram preparados alguns tronos e o Ancião dos dias sentou-se. Suas vestes eram brancas como a neve; e os cabelos de sua cabeça, alvos como a lã. Seu trono eram chamas de fogo com rodas de fogo ardente. Um rio de fogo corria irrompendo diante dele. Mil milhares o serviam, e miríades de miríades o assistiam. O tribunal tomou assento e os livros foram abertos” (Dn 7,9-10).

25. E mais adiante, disse: “Eu continuava contemplando, quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um como Filho do homem. Ele adiantou-se até o Ancião dos dias e fui introduzido à sua presença. A ele foi outorgado o império, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. Seu poder é um poder eterno que jamais passará, e seu reino jamais será destruído” (Dn 7,13-14).

26. Evidentemente, isso a nenhum outro se aplica a não ser a nosso Salvador, o Verbo de Deus que no princípio estava com Deus (cf. Jo 1,1) e posteriormente, devido à encarnação recebeu o nome de Filho do homem.

27. Com efeito, reuni de comentários particulares, umas profecias escolhidas sobre nosso Salvador Jesus Cristo e demonstrei em outras obras de modo mais claro o que dele se diz. Por enquanto, basta o que já foi dito.

CAPÍTULO 3

Os profetas conheceram e honraram o nome de Jesus

1. Chegou o momento de mostrar que os antigos profetas, amados por Deus, honraram os nomes de Jesus e de Cristo.

2. Moisés, o primeiro a conhecer o nome de Cristo, venerável e glorioso entre todos, apresentou figuras das realidades celestes, símbolos e imagens misteriosas, conforme o oráculo que lhe foi transmitido: “Vê, pois, e faze tudo conforme o modelo que te foi mostrado sobre a montanha” (Ex 25,40; cf. Hb 8,5). Querendo glorificar o mais possível o sumo sacerdote de Deus, denominou-o Cristo (Lv 4,5.16; 7,22). Acrescentou a honra e a glória do nome de Cristo à dignidade do sumo sacerdócio, que para ele ultrapassava qualquer primado entre os homens. Por conseguinte, estava convicto de ser o Cristo algo de divino.

3. O mesmo Moisés previamente conheceu, por meio do Espírito de Deus, o nome de Jesus e o considerou igualmente um especial privilégio. O nome de Jesus ainda não havia sido proferido entre os homens antes de Moisés, que o atribuiu primeiro apenas àquele que, segundo a tipologia e o simbolismo, ele sabia haver de sucedê-lo, após sua morte, na direção do povo (Nm 13,16).

4. Com efeito, o sucessor de Moisés, que recebeu o nome de Jesus,²³ anteriormente tinha outro nome, Ausé, imposto por seus pais. Moisés chamou-o de Jesus, e com este nome fez-lhe valioso presente, muito maior que um diadema real, porque Jesus, filho de Navé, se tornou figura de nosso Salvador. Foi o único, após Moisés e a consumação do culto simbólico por ele transmitido, a receber a herança do governo na religião puríssima e verdadeira.

- 5.** Desta forma, Moisés impôs o nome de Jesus Cristo, nosso Salvador, como a maior das honras, a dois homens que, na sua opinião, se destacavam dentre todo o povo pela virtude e a glória: o sumo sacerdote e aquele que havia de governar, depois de si.
- 6.** Os profetas posteriores também com clareza prenunciaram a Cristo pelo nome e predisseram simultaneamente a futura conjuração do povo judaico contra ele, atestando ainda a futura vocação dos gentios. Ora, assim disse Jeremias: “O sopro de nossa vida, o Cristo do Senhor foi preso em suas ciladas; dele dizíamos: À sua sombra viveremos entre as nações” (Lm 4,20). Davi, por sua vez, perturbado por essas palavras, declarou: “Por que as nações se amotinam e os povos meditam em vão? Os reis da terra se insurgem e, unidos, os príncipes conspiram contra o Senhor e o seu Cristo?” (Sl 2,1-2). E em seguida, diz ainda em nome do próprio Cristo: “O Senhor me disse: ‘Tu és meu filho, eu hoje te gerei. Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade” (Sl 2,7-8).
- 7.** Eram adornados entre os hebreus com o nome de Cristo não somente os varões honrados com o sumo pontificado e ungidos simbolicamente com o óleo consagrado, mas também os reis que os profetas ungiam, sob inspiração divina, tornando-os assim figuras de Cristo, porque eles também eram tipos do poder real e dominador do único Cristo genuíno, o Verbo divino, rei universal.
- 8.** Estamos também cientes de que pela unção alguns dos profetas se tornaram figuras de Cristo (cf. 1Rs 19,16). Todos eles de algum modo se assemelharam ao verdadeiro Cristo, Verbo divino e celeste, único sumo sacerdote universal e rei único de toda a criação, único chefe dos profetas dentre os profetas do Pai.
- 9.** A demonstração deste fato está em que nenhum dos que outrora foram simbolicamente ungidos, sacerdotes, reis ou profetas, possuía a mesma virtude divina que nosso Salvador e Senhor Jesus, único Cristo verdadeiro.
- 10.** Nenhum deles, por mais que se ilustrassem junto de seus compatriotas pela dignidade, honra e estirpe, transmitiu aos subordinados, segundo a denominação figurativa de Cristo que tinham, o nome de cristãos. A nenhum deles foi prestado culto religioso da parte dos inferiores. Nem, após a morte, incutiu-lhes prontidão para morrer, no intuito de obter honras. Aliás, nenhum deles causou tal abalo entre todos os povos da terra, porque neles o símbolo não dispunha de força suficiente para revelar a verdade, como possuía nosso Salvador.
- 11.** Este de ninguém recebeu símbolos e figuras do sumo sacerdócio, nem era oriundo segundo a carne de estirpe sacerdotal (Hb 7,11-14); não foi elevado à realeza com o auxílio de guarda-costas, nem se fez profeta da mesma forma que os antecessores. Não recebeu dos judeus dignidade, nem presidência alguma, como os demais. O Pai, contudo, o honrara realmente, e não apenas através de símbolos.
- 12.** Nada possuía de semelhante aos que acabamos de dizer. No entanto, foi denominado Cristo com mais propriedade que os outros. Sendo o único e verdadeiro Cristo de Deus, encheu o mundo inteiro de cristãos, nomeados de acordo com seu nome verdadeiramente venerável e sagrado (cf. At 11,26). Não transmitiu aos discípulos puras figuras e imagens, e sim virtudes e uma vida celeste por meio dos próprios dogmas da verdade.
- 13.** No tocante à unção, não se trata de preparação material, mas de algo de divino, através do Espírito de Deus, pela participação da divindade ingênita do Pai. Mais uma vez Isaías nos ensina, clamando de certo modo em lugar de Cristo: “O Espírito do Senhor está em mim, porque ele me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, e proclamar a remissão dos presos e aos cegos a recuperação da vista” (Lc 4,18-19; Is 61,1).

14. E não apenas Isaías, mas também Davi, assim se dirige a Cristo: “Teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos; o cetro de teu reino é cetro de retidão. Amas a justiça e odeias a iniquidade. Eis por que Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria, como a nenhum de teus companheiros” (Sl 44,7-8; cf. Hb 1,8-9). A palavra de Deus no primeiro versículo denomina-o Deus; no segundo honra-o com o cetro real.

15. Em seguida, após ter se referido ao poder divino e real, ela o apresenta em terceiro lugar como tendo se tornado Cristo, não ungiu com óleo material, mas com o óleo divino da exultação. Assinala desta maneira sua eleição excelente e diversa da eleição dos antigos, que haviam recebido uma unção figurativa e corporal.

16. Em outra passagem, o mesmo Davi ainda revela algo a respeito de Cristo, com estas palavras: “Oráculo do Senhor ao meu Senhor: ‘Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como escabelo dos teus pés’” (Sl 109,1). E: “De meu seio, antes da aurora, eu te gerei. O Senhor jurou e jamais desmentirá: ‘Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec’” (Sl 109,3-4; cf. Hb 7,13).

17. Este Melquisedec aparece nas Sagradas Escrituras qual sacerdote do Deus Altíssimo (Gn 14,17-20); não por uma unção figurativa, nem foi por herança que sucedeu no sacerdócio, vigente entre os hebreus. Por esta razão, foi segundo a ordem de Melquisedec e não de acordo com a ordem baseada em símbolos e figuras que nosso Salvador recebeu a denominação de Cristo e sacerdote, garantida por juramento.

18. Por conseguinte, a História mostra que ele não foi ungiu corporalmente entre os judeus, nem mesmo pertencia à tribo dos sacerdotes, mas foi gerado pelo próprio Deus, antes da aurora, isto é, antes da constituição do mundo, e possui o sacerdócio imortal e imperecível por séculos infinitos (cf. Hb 7,11-27).

19. Grande e evidente prova de sua unção incorpórea e divina encontra-se no fato de ser o único dentre os homens de outrora até os de hoje no mundo inteiro a se chamar Cristo e assim por todos é confessado e atestado; dão-lhe este apelativo gregos e bárbaros; ainda atualmente, seus discípulos na terra toda o respeitam como rei, admiram-no mais que a um profeta, glorificam-no qual verdadeiro e único sacerdote de Deus, e sobretudo, é adorado como Deus por ser o Verbo de Deus preexistente, subsistente antes de todos os séculos, e ter recebido do Pai augusta veneração.

20. Mais extraordinário ainda é que nós, a ele consagrados, não o celebramos apenas por palavras e sons, mas por todas as atitudes de nossa alma, de tal sorte que preferimos à própria vida o testemunho que devemos lhe prestar.

CAPÍTULO 4

A religião anunciada por ele não é nova nem estranha

1. No intuito, porém, de evitar que alguém pense tratar-se de doutrina recente e estranha, elaborada por um homem novo e em nada diferente dos demais, exponhamos rapidamente a questão.

2. Ora, nosso Salvador Jesus Cristo apareceu com brilho recentemente diante de todos os homens. É óbvio ter sido um povo novo que se manifestou. Não é pequeno, nem fraco, nem habita num recanto da terra, mas é o mais numeroso e piedoso de todos os povos, e por isso imperecível, invencível, porque sempre sustentado pelo socorro de Deus. Apareceu de repente, segundo as predições inefáveis

dos tempos. Trata-se do povo honrado pelo nome de Cristo, em toda a parte.

3. Um dos profetas ficou estupefacto ao contemplar previamente este futuro povo, pelos olhos do Espírito divino, e exclamou: “Quem já ouviu tal coisa? Quem já falou de modo semelhante? Por acaso um país pode nascer em um dia? Pode uma nação ser gerada de uma só vez?” (Is 66,8). Assinala o futuro nome deste povo, com estas palavras: “*Meus servos terão um nome novo, que será bendito sobre a terra*” (Is 65,15-16).

4. Mas se somos evidentemente novos e se este nome de cristãos, novo na verdade, é conhecido há pouco tempo entre as nações, nosso gênero de vida e nosso comportamento segundo os ensinamentos da piedade não foram recentemente inventados por nós. Foi, por assim dizer, desde a primordial criação dos homens que os amigos de Deus de outrora, por conhecimento natural os tiveram, conforme vamos demonstrar.

5. O povo dos hebreus não existe há pouco, mas é respeitável diante de todos por sua antiguidade e geralmente conhecido.²⁴ A tradição oral e escrita entre eles relata que outrora viveram homens, raros e pouco numerosos, contudo eminentes pela piedade, pela justiça e pelas demais virtudes, uns antes do dilúvio, outros depois, como os filhos e descendentes de Noé, e certamente Abraão, que os filhos dos hebreus se gabam de ter por chefe e ancestral.

6. Não incorreria em erro quem desse o apelativo de cristãos, se não pelo nome, ao menos pelas ações a todos aqueles cuja justiça é atestada, remontando de Abraão até o primeiro homem.

7. Efetivamente, este nome significa que o cristão, através do conhecimento e ensinamento de Cristo, se distingue por prudência, justiça, força de caráter e virtude, coragem e piedosa confissão de um só e único Deus supremo. Tudo isso, aqueles varões não buscaram com menor zelo do que nós.

8. Da mesma forma que nós, eles não se preocupavam com a circuncisão corporal, nem com a observância dos sábados, nem com a proibição de tais ou tais alimentos, nem de outras diferenciações, que mais tarde, quais símbolos, Moisés foi o primeiro de todos a determinar fossem observadas. Atualmente estas questões nem aos cristãos interessam. Sabem eles perfeitamente que o próprio Cristo de Deus, conforme foi mostrado, foi visto por Abraão (Gn 18,1), profetizado por Isaac (Gn 26,2), falou a Israel (Gn 35,1), conversou com Moisés e os posteriores profetas.

9. Por isso, notar-se-á terem sido dignificados esses amigos de Deus com o apelativo de Cristo, conforme a palavra proferida sobre eles: “Não toqueis nos meus ungidos, não façais mal aos meus profetas” (Sl 104,15; 1Cr 16,22).

10. Evidentemente, é lícito julgar ser esta religião dos amigos de Deus, companheiros de Abraão, a mais antiga e vetusta de todas. Ela foi recentemente proclamada a todas as nações através do magistério de Cristo.

11. À réplica de que Abraão só muito mais tarde recebeu o preceito da circuncisão, responde-se que anteriormente recebera o testemunho sobre sua justiça por causa da fé, pois assim se expressa a palavra de Deus: “Acreditou Abraão em Deus, e isto lhe foi levado em conta de justiça” (Gn 15,6; cf. Rm 4,3).

12. A este, justificado antes da circuncisão, Deus (isto é, Cristo, o Verbo de Deus) se manifestou e fez uma predição acerca dos que deviam posteriormente ser justificados de maneira semelhante a ele, com estas palavras: “Em tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra” (Gn 22,18; 12,3). E

ainda: “Ele se tornará uma nação grande e poderosa e por ele serão benditas todas as nações da terra” (Gn 18,18).

13. É óbvio que tudo isso foi realizado por nossa causa. Abraão, na verdade, foi justificado pela fé no Verbo de Deus, o Cristo que lhe apareceu; renunciou à superstição de seus pais e ao erro de sua vida anterior (Gn 12,1); confessou haver um só Deus supremo; a ele serviu por meio de obras virtuosas, e não pelas observâncias da posterior lei de Moisés. Foi-lhe afirmado que nele seriam abençoadas todas as tribos da terra e todas as nações.

14. Atualmente, em obras mais eloqüentes que as palavras, entre os cristãos apenas, espalhados pelo universo, encontra-se a forma de religião praticada por Abraão.

15. Enfim, por que nos seria proibido ver um só e mesmo estilo de vida, uma só e mesma religião entre nós, após a vinda de Cristo, e entre os antigos amigos de Deus? Por isso, ficou demonstrado que não se apresenta a religião transmitida pelo ensinamento de Cristo com aparência de nova e estranha, mas para dizer a verdade, ela é a primeira, a única, verdadeira regra de piedade. Sobre o assunto, basta.

CAPÍTULO 5

Os tempos em que se manifestou

1. Agora, após esta introdução necessária à História Eclesiástica que nos propusemos escrever, comecemos nosso itinerário pela manifestação de nosso Salvador na carne. Invoquemos a Deus, o Pai do Verbo, e aquele a que nos referimos, o próprio Jesus Cristo, nosso Salvador e Senhor, o Verbo celeste de Deus, a fim de nos prestarem auxílio e concurso na explanação da verdade.

2. No quadragésimo segundo ano do império de Augusto, no vigésimo oitavo da sujeição do Egito e da morte de Antônio e de Cleópatra, extinta a dinastia dos Ptolomeus no Egito, por ocasião do primeiro recenseamento, quando Quirino governava a Síria (cf. Lc 2,2), nasceu nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, de acordo com as profecias, em Belém da Judéia (Mq 5,2).

3. O recenseamento realizado sob Quirino é também mencionado pelo mais célebre dos historiadores judaicos, Flávio Josefo, ao narrar outro episódio, a insurreição dos galileus que sucedeu nesta época, da qual faz menção, entre nós igualmente, Lucas nos Atos, nesses termos: “Depois dele, na época do recenseamento, apareceu Judas, o galileu, que sublevou muita gente em sua seqüela. Pereceu ele também, e os que se haviam aliado a ele foram dispersos”(At 5,37).

4. Conseqüentemente, o autor mencionado, no décimo oitavo livro das *Antiguidades*, adita estas palavras: “Quirino, membro do Senado, depois de ocupar outros cargos, e tê-los preenchido de tal forma que se tornou cônsul, conservando a melhor reputação, veio para a Síria, acompanhado de alguns homens enviados por César, a fim de ser juiz do povo e censor dos bens”.²⁵

5. Logo em seguida acrescenta: “Judas, gaulonita, de uma cidade chamada Gamala, tomou consigo o fariseu Sadoc e suscitou uma revolta. Alegavam eles que o recenseamento não tinha outra finalidade senão introduzir diretamente a escravidão e excitavam o povo a defender sua liberdade”.

6. No segundo livro das *Histórias da guerra judaica*, ele escreve ainda sobre o mesmo: “Então um galileu, chamado Judas, incitava seus compatriotas à revolta, criticando-os por pagarem imposto aos romanos e se submeterem não a Deus, mas a senhores mortais”.

No seu tempo, não corresponderam os chefes de seu povo

1. Nesta ocasião, Herodes, o primeiro de raça estrangeira, assumiu a realeza da nação judaica e cumpriu-se a profecia de Moisés, que prenunciava: “O cetro não se afastará de Judá, nem faltará um príncipe de sua raça, até que venha aquele a quem está reservado” (Gn 49,10) e que aparece como a expectativa das nações.

2. O oráculo não foi cumprido enquanto foi lícito aos judeus viverem sob chefes da própria raça; isso teve início outrora pelo próprio Moisés e foi descendo até o império de Augusto, em cuja época o primeiro estrangeiro, Herodes, governou os judeus, sob a autoridade dos romanos. Segundo diz Josefo, ele era idumeu por parte do pai, e árabe por parte da mãe; conforme o Africano,²⁶ porém, igualmente historiador e homem invulgar, os que escreveram acuradamente afirmam ter sido Antípatro, pai de Herodes, filho de certo Herodes de Ascalon, um dos sacerdotes sagrados do templo de Apolo.

3. Antípatro foi capturado quando muito criança por salteadores idumeus, e viveu entre eles, porque o pai, sendo pobre, não podia resgatá-lo; foi educado conforme os costumes daquele povo. Enfim, mais tarde, conseguiu a amizade de Hircano, sumo sacerdote dos judeus. Dele nasceu Herodes, no tempo de nosso Salvador.

4. Tendo, pois, a realeza dos judeus passado a suas mãos, já se encontrava às portas a realização da expectativa das nações, conforme a profecia, pois desde então começaram a faltar os chefes e os príncipes que se haviam sucedido entre os judeus desde Moisés.

5. Antes do cativeiro e do exílio em Babilônia, os judeus tiveram reis, desde Saul, que foi o primeiro; em seguida, Davi. Antes desses reis, foram governados por chefes, denominados juizes, advindos após Moisés e seu sucessor, Josué.

6. Após a volta de Babilônia, não cessaram de ter um governo aristocrático e oligárquico — de fato, os sacerdotes decidiam as questões — até que Pompeu, general dos romanos, sitiou e tomou à força Jerusalém, profanou os lugares santos, penetrou até no santo dos santos, enviou cativo para Roma com seus filhos aquele que até então era rei e sumo sacerdote, chamado Aristóbulo, e por fim entregou o sumo pontificado ao irmão dele, Hircano, submetendo toda a nação judaica a pagar tributo aos romanos.

7. Ora, Hircano, no qual se extinguiu a sucessão dos sumos sacerdotes, foi aprisionado pelos partas; e, como foi dito, Herodes foi o primeiro estrangeiro que, sob a autoridade do Senado romano e do imperador Augusto, tomou em mãos a nação judaica.

8. Nesta época evidentemente se realizou o advento de Cristo, seguido da esperada salvação e vocação dos gentios, segundo a profecia. Pois, desde esta ocasião, começaram a faltar o chefe e os príncipes saídos de Judá, isto é, oriundos do povo judaico, e simultaneamente sofreu alterações o sumo sacerdócio, que passava de forma regular dos ancestrais aos descendentes imediatos, segundo as gerações.

9. Fidedigna garantia de tudo isso é Josefo. Ele conta que Herodes, após ter recebido dos romanos a realeza, não instituiu sumos sacerdotes da antiga raça, mas confiou esta honra a homens obscuros. De modo semelhante a Herodes, seu filho Arquelau portou-se na instituição de sacerdotes; e depois dele, o mesmo fizeram os romanos que tiveram o domínio sobre os judeus.

10. Josefo narra ainda ter sido Herodes o primeiro a guardar sob chaves, com seu próprio selo, a veste

sagrada do sumo pontífice e não permitir mais aos sumos pontífices tê-la à sua disposição. Em seguida, Arquelau, e logo os romanos seguiram seu exemplo.

11. Se narramos estas coisas é por querermos provar a validade de outra profecia relativa à manifestação de nosso Salvador Jesus Cristo e então realizada. No livro de Daniel, pois, a Escritura, depois de ter claramente estabelecido o número exato de semanas até Cristo chefe (Dn 9,24-27), como o mostramos em outra passagem, anuncia que uma vez terminadas estas semanas, entre os judeus desaparecerá a unção. Vê-se com evidência que isso se realizou na época do nascimento de nosso Salvador Jesus Cristo. No momento, importa marcar primeiro essas coisas para estabelecer a verdade dos tempos.

CAPÍTULO 7

A divergência dos evangelhos a respeito da geração de Cristo

1. Os evangelistas Mateus e Lucas nos transmitiram diferentes genealogias de Cristo (Mt 1,1-17). Muitos pensam que eles se contradizem. Cada um dos fiéis, na ignorância da verdade, se empenha em descobrir o sentido destas passagens.

Reproduzamos, portanto, a narrativa que sobre o assunto chegou até nós numa carta endereçada a Aristides por Africano, mencionado um pouco mais acima, acerca do acordo existente entre as genealogias nos evangelhos. Primeiro ele refuta as opiniões dos outros como sendo forçadas ou errôneas. Em seguida relata a história que ele recolheu, nesses termos:

2. “Em Israel, os nomes das gerações eram computados segundo a natureza ou segundo a lei. Segundo a natureza, pela sucessão das filiações carnis; segundo a lei, quando alguém gerava filhos sob o nome de um irmão, falecido sem filhos. Com efeito, a esperança da ressurreição ainda não fora claramente enunciada e esta ressurreição de um mortal figurava a prometida no futuro, pois perdurava o nome do defunto.

3. Por isso, dentre os mencionados nesta genealogia, uns sucederam genuinamente a seus pais; outros, gerados por uns, receberam nomes de outros. Em ambos os casos, mencionam-se tanto os que geraram realmente, quanto os que geraram por substituição.

4. Assim, nenhum dos evangelhos se engana, pois enumera segundo a natureza ou segundo a lei. A estirpe de Salomão e a de Natã se misturam, por causa de pseudo-ressurreições de alguns que morreram sem filhos, através de segundas núpcias, que lhes atribuíam uma prole. Deste modo, os mesmos descendentes são precisamente considerados como oriundos, embora de maneiras diferentes, ora de pais adotivos, ora de pais efetivos. Assim, ambas as narrações são inteiramente verdadeiras, e terminam em José, de uma forma complicada, mas exata.

5. No intuito de tornar mais claro o que afirmo, descreverei o entrecruzamento dos descendentes. Na antepenúltima geração (cf. Mt 1,15-16), ao se enumerar as gerações desde Davi, por Salomão, encontra-se Matã, que gerou Jacó, pai de José. Segundo Lucas, de Natã, filho de Davi, igualmente o antepenúltimo é Melqui, pois José é filho de Heli, filho de Melqui (cf. Lc 3,23-24).

6. Uma vez que José é o alvo que visamos, faz-se mister mostrar como um e outro é apresentado como seu pai: Jacó, oriundo de Salomão e Heli, proveniente de Natã. E ainda, em primeiro lugar, como os dois, Jacó e Heli eram irmãos, e por que, antes deles, seus respectivos pais, Matã e Melqui, embora de proveniências diversas, são ditos avós de José.

7. Efetivamente, Matã e Melqui, tendo desposado sucessivamente a mesma mulher, tiveram filhos que

eram irmãos, por parte de mãe, pois a lei não proibia que uma repudiada, ou viúva, desposasse um outro.

8. Desta mulher, Estha (assim a tradição a denomina) Matã, o primeiro descendente de Salomão, gerou Jacó. Depois, tendo morrido Matã, Melqui, proveniente de Natã, desposou a viúva e dela teve um filho, Heli. Ele era da mesma tribo, mas de outra família, conforme mencionei mais acima.

9. Assim descobriremos que Jacó e Heli embora de ascendência diversa, eram, no entanto irmãos por parte de mãe. Em terceiro lugar, tendo Heli morrido sem filhos, o outro, seu irmão, desposou a viúva, e em seguida, dela gerou a José, seu filho por natureza (conforme está escrito: Jacó gerou José) (Mt 1,16) mas legalmente filho de Heli, pois seu irmão Jacó lhe suscitou um descendente.

10. Por conseguinte, a respectiva genealogia não deve ser tida por inexata. O evangelista Mateus assim a formula: “Jacó gerou José”, enquanto Lucas narra: “Era, conforme se supunha (de fato, ele acrescenta esta observação) filho de José, filho de Heli, filho de Melqui” (Lc 3,23-24). Impossível assinalar mais claramente a filiação legal. Lucas evitou até o fim a palavra : “gerou”, a fim de designar todas essas gerações e prossegue a enumeração até Adão, filho de Deus (Lc 3,38).

11. Tais afirmações não são gratuitas nem infundadas. Com efeito, os consangüíneos do Salvador para se vangloriarem, ou simplesmente para narrarem, mas seja como for, verídicos, transmitiram o seguinte: Salteadores idumeus, sobrevivendo a Ascalon, cidade palestina, arrebataram do templo de Apolo, construído perto das muralhas, o menino Antípatro, filho de um sacerdote sagrado, Herodes, com outros despojos e o conservaram como prisioneiro. Como o sacerdote não podia pagar o resgate do filho, Antípatro foi educado conforme os costumes idumeus e obteve mais tarde a amizade de Hircano, sumo sacerdote da Judéia.

12. Depois Hircano o enviou em embaixada a Pompeu, e obteve a liberdade do reino, roubada por Aristóbulo, seu irmão. Teve a sorte de ser nomeado comissário da Palestina. Tendo sido morto Antípatro, numa emboscada, devido à inveja ocasionada por sua sorte, sucedeu-lhe o filho, Herodes. E este, mais tarde, foi chamado por Antônio e Augusto, segundo um decreto do Senado, a reinar sobre os judeus. Foram seus filhos Herodes e os outros tetrarcas. Estes fatos são narrados igualmente nas histórias dos gregos.

13. Até então nos arquivos achavam-se transcritas as genealogias dos hebreus genuínos e dos prosélitos por origem, como o amonita Aquior (Jt 14,10), a moabita Rute (Rt 4,19-22), e alguns mestiços de egípcios com hebreus (cf. Ex 12,38; Dt 23,8). Herodes, que em nada se interessava pela raça israelita e um tanto embaraçado, porque ciente de sua origem obscura, mandou queimar os registros das genealogias, julgando que passaria por nobre se ninguém pudesse por meio dos registros públicos remontar a própria origem aos patriarcas ou a prosélitos, ou a mestiços de estrangeiros e hebreus, denominados “georos”.

14. Alguns, mais cuidadosos, preservaram as próprias genealogias, quer relembrando os nomes, quer por meio de cópias, vangloriando-se de haver salvaguardado a memória de sua nobreza. Entre esses achavam-se os supramencionados, denominados *desposynos*, por causa de seu parentesco com o Salvador. Oriundos das aldeias judaicas de Nazaré e Kochaba, haviam se espalhado pelo restante do país e haviam elaborado, à medida do possível, a mencionada genealogia, de acordo com o *Livro dos dias*.

15. Quer seja realmente assim, ou não, ao menos na minha opinião e segundo o parecer dos que têm

bom senso, não há explicação mais satisfatória. Apesar de não atestada, tenhamos-la por suficiente, uma vez que não existe melhor ou mais verdadeira a apresentar. Aliás, o evangelho é inteiramente veraz.”

16. No final da mesma carta, Africano acrescenta: “Matã, descendente de Salomão, gerou Jacó. Após a morte de Matã, Melqui, descendente de Natã, gerou da mesma mulher a Heli. Heli e Jacó, portanto, eram irmãos por parte de mãe. Como Heli morreu sem deixar filhos, Jacó lhe suscitou um descendente e gerou José, seu filho por natureza, mas filho de Heli segundo a Lei. Desta forma, José era filho de um e outro”. Assim se exprime Africano.

17. Deste modo elaborada a genealogia de José, Maria forçosamente devia ser da mesma tribo, pois, segundo a lei de Moisés, não era lícito a alguém casar-se com membro de outra tribo. Foi preceituado, de fato, o matrimônio com um membro do mesmo povo e da mesma tribo, de tal forma que a herança de uma tribo não passasse de uma tribo a outra (Nm 36,8-9). Sobre a questão, é suficiente.

CAPÍTULO 8

Assassínio dos inocentes por Herodes

1. Tendo Cristo, segundo as profecias, nascido em Belém da Judéia, no tempo que indicamos, Herodes foi interpelado por uns magos, vindos do Oriente, que lhe perguntaram onde estava o recém-nascido rei dos judeus; pois eles haviam visto uma estrela que lhes ocasionara tão longa viagem e tinham pressa em adorar o menino, como um Deus. Herodes ficou muito abalado com esta questão que, em sua opinião, fazia periclitar seu poder; e tendo perguntado aos doutores da lei dentre o povo, onde se daria o nascimento de Cristo, desde que tomou conhecimento da profecia de Miquéias que designava Belém (Mq 5,2), proclamou um edito de serem mortos, em Belém e cercanias, as criancinhas de peito, de dois anos para baixo, segundo o tempo exato indicado pelos magos. Julgava que certamente Jesus partilharia a sorte infeliz de seus coetâneos.

2. Mas o menino antecipou-se e escapou desse plano, sendo levado para o Egito, pois, através da aparição de um anjo, os pais haviam conhecido de antemão o futuro. Ora, tais informações encontram-se também na sagrada narrativa do Evangelho (cf. Mt 2,1-7.13-15).

3. Além disso, convém verificar quais os castigos da ousadia de Herodes contra Cristo e os meninos de sua idade. Imediatamente, sem o menor aviso, a justiça divina o alcançou, preludiando quando ele estava ainda em vida, o que haveria de receber depois da partida dessa terra.

4. Quando tudo parecia correr bem no seu reino, ele empanou a glória de sua casa com sucessivas desgraças, pelo assassinato da mulher, dos filhos e dos consangüíneos mais próximos e dos mais amigos. Não é possível descrever agora esses eventos que deixam na sombra todas as tragédias e foram referidos por Josefo no decurso das *Histórias* a ele atinentes.

5. Logo após o crime contra o Salvador e as crianças, um flagelo enviado por Deus atacou Herodes e levou-o à morte. Vem a propósito ouvir o historiador desses crimes, que descreve sua morte em termos adequados no décimo sétimo livro das *Antiguidades judaicas*: “A doença de Herodes mais o amargurava porque a justiça de Deus o castigava por seus crimes.

6. De fato, uma febre branda não demonstrava ao tato a inflamação tão grave quanto maligna que havia na parte interna do corpo. Sentia fome insaciável e não era possível socorrê-lo, devido a uma úlcera intestinal e sobretudo violentas dores nas entranhas. Os pés, inchados e úmidos, supuravam.

- 7.** O ventre achava-se igualmente em mau estado; o órgão viril em podridão e cheio de vermes. A respiração ofegante exalava um cheiro insuportável devido à expiração pesada e às ânsias. Os membros todos convulsionados com insuportável violência.
- 8.** Os adivinhos e os que interpretam acontecimentos tais, afirmavam castigar Deus deste modo as numerosas impiedades do rei”. Eis o que diz o mencionado historiador no livro de que falamos.
- 9.** No segundo livro das *Histórias*, ele transmite narrativas semelhantes acerca do mesmo Herodes, escrevendo o seguinte: “Em seguida, a doença se propagou pelo corpo inteiro e multiplicaram-se-lhe os sofrimentos. Tinha, de fato, uma febre lenta, uma irritação insuportável em toda a superfície do corpo, dores intestinais contínuas, edemas nos pés, como um hidrópico; inchação do ventre, putrefação do órgão viril, onde nasciam vermes; além disso, respiração asmática e penosa; contrações de todos os membros, de tal sorte que os adivinhos diziam serem punição todos esses males.
- 10.** Mas, lutando contra os padecimentos, apegava-se à vida, esperava cura e procurava remédios. Atravessou, pois, o Jordão e usou as águas termais de Callirhoé. Elas desembocam no lago Asfaltite e sua doçura até as transforma em potáveis.
- 11.** Ali os médicos julgaram conveniente fomentar o corpo enfraquecido em óleo, mergulhando-o numa banheira cheia de óleo aquecido. Mas ele desmaiou e, exausto, virou os olhos. Os enfermeiros lançaram gritos e ele voltou a si. Mas, enfim, reconhecendo ser impossível a cura, mandou distribuir a cada um dos soldados cinquenta dracmas, e grandes somas aos chefes e amigos.
- 12.** Então, retornou a Jericó, de humor sombrio, pronto a enfrentar a morte, mas planejando uma ação abominável. Então, reuniu os homens mais importantes de cada aldeia da Judéia, e prendeu-os no lugar chamado hipódromo.
- 13.** Depois, chamou sua irmã Salomé e seu esposo Alexas e disselhes: ‘Sei que os judeus festejarão minha morte; mas posso ser pranteado e ter exéquias brilhantes, se quiserdes obedecer às minhas ordens. A esses homens aprisionados, logo que eu expirar, cercai-os de soldados e executai-os depressa. Assim toda a Judéia e toda casa, embora a contragosto, chorará por minha causa’.”
- 14.** Um pouco mais adiante, diz Josefo: “Logo, porém, foi atormentado pela falta de alimento e pela tosse espasmódica. Sob a pressão das dores, decidiu antecipar a morte a que estava destinado. Tomou uma fruta e pediu uma faca, pois costumava cortar o que ia comer; depois, olhando se não havia quem o impedisse, levantou a direita para se ferir”.
- 15.** O mesmo historiador narra ainda que antes do último momento de vida, mandou matar o terceiro de seus filhos, além dos dois que já matara; e de repente terminou a vida em meio a grandes sofrimentos.²⁷
- 16.** Tal foi o termo da vida de Herodes, com justo castigo pela morte das crianças que massacrara nas cercanias de Belém, ao planejar a morte de nosso Salvador. Depois disso, um anjo apareceu em sonhos a José, que estava no Egito e mandou-lhe que reconduzisse à Judéia o menino e sua mãe, revelando-lhe que estavam mortos os que procuravam eliminar a vida do menino. A isto, acrescenta o evangelista: “Mas, ouvindo que Arquelau era rei da Judéia em lugar de seu pai Herodes, teve medo de ir para lá. Tendo recebido um aviso em sonho, partiu para o distrito da Galiléia” (Mt 2,22).
- 9(1.)** O historiador supramencionado está de acordo com o evangelista acerca da subida ao poder de Arquelau após Herodes, e descreve como ele recebeu por sucessão a realeza sobre os judeus, segundo

o testamento de seu pai Herodes e a decisão de César Augusto. Em seguida, narra que Arquelau perdeu o poder após dez anos, e seus irmãos, Filipe e Herodes, o Jovem, obtiveram tetrarquias, simultaneamente com Lisânias.

CAPÍTULO 9

Os tempos de Pilatos

2. O mesmo Josefo, no décimo oitavo livro das *Antiguidades*, mostra que no duodécimo ano do império de Tibério (este havia sucedido no poder supremo a Augusto, imperador durante cinquenta e sete anos), Pôncio Pila-tos começara a governar a Judéia, aí permanecendo durante dez anos completos, quase até a morte de Tibério.

3. Deste modo, evidencia-se a falsidade das *Memórias* divulgadas recentemente contra nosso Salvador. Em primeiro lugar, o tempo assinalado no título por si só acusa a falsidade desta ficção.

4. Ora, elas situam sob o quarto consulado de Tibério, que equivale ao sétimo ano de seu império, as audaciosas ações dos judeus para infligir sofrimentos ao Salvador. Nesta época, contudo, Pilatos ainda não era procurador da Judéia, ao menos conforme o testemunho de Josefo, que assinala com clareza, no escrito supramencionado, ter sido Pilatos estabelecido por Tibério como procurador da Judéia no duodécimo ano de seu reinado.

10(1.) Naquele tempo, portanto, segundo o evangelista, no décimo quinto ano de Tibério César (Lc 3,1-3), no quarto de Pôncio Pilatos como procurador, e sendo tetrarcas do restante da Judéia Herodes, Lisânias e Filipe, o nosso Salvador e Senhor, Jesus, o Cristo de Deus, com mais ou menos trinta anos de idade (Lc 3,23), veio receber o batismo de João, realizando-se então as primícias do anúncio do Evangelho.

CAPÍTULO 10

Os sumos sacerdotes em cujo tempo Jesus pregou

2. Afirma a Escritura divina que todo o tempo de seu ensinamento decorreu sob o pontificado de Anás e Caifás, mostrando desta sorte que a duração de seu magistério se limita aos anos do exercício das funções destes pontífices. Começou, pois, sob o pontificado de Anás, durando até o de Caifás, o que não perfaz um intervalo de quatro anos.

3. Com efeito, as regras estabelecidas pela lei de algum modo já não eram observadas naquela ocasião; tinham-se abolido as normas segundo as quais o múnus referente ao culto de Deus era vitalício e transmitido por sucessão ancestral. Os governadores romanos confiavam o sumo sacerdócio ora a um, ora a outro, e ninguém nele se mantinha por mais de um ano.

4. Josefo enumera, de fato, quatro sumos sacerdotes, que se sucederam de Anás até Caifás, declarando no mesmo livro das *Antiguidades*: “Valério Grato, tendo deposto do sacerdócio a Anás, nomeou sumo sacerdote a Ismael, filho de Fabi; pouco tempo depois, igualmente o depôs, e designou para sumo sacerdote a Eleazar, filho do sumo sacerdote Anás.

5. No fim de um ano, depôs ainda a este e entregou o sumo sacerdócio a Simão, filho de Camith. Este também não exerceu suas funções por mais de um ano e teve como sucessor José, denominado também Caifás.

6. Assim, evidencia-se não ter o magistério de nosso Salvador durado totalmente quatro anos inteiros,

visto que foram quatro os sumos sacerdotes, desde Anás até a instalação de Caifás, que ocuparam em quatro anos este cargo anual. A Escritura, no Evangelho, assinala que Caifás foi realmente o sumo sacerdote no ano em que se consumou a paixão do Salvador (Mt 26,3-57; Jo 11,49; 18,13.24.28). Por meio deste e da observação precedente marca-se o tempo do magistério de Cristo.

7. Além disso, nosso Salvador e Senhor, pouco tempo após o começo de sua pregação, chamou os doze Apóstolos, únicos entre os demais discípulos que, por privilégio especial, denominou apóstolos (Mt 10,1; Mc 3,14s; Lc 6,13; 9,1s). “Depois disso, designou outros setenta e dois e enviou-os, dois a dois, à sua frente a toda cidade e lugar aonde ele próprio devia ir” (Lc 10,1).

CAPÍTULO 11

João Batista dá testemunho do Cristo

1. O livro divino dos Evangelhos relata também que, algum tempo depois, Herodes, o Jovem, mandou cortar a cabeça de João Batista (Mt 14,1-12; Mc 6,14-19; Lc 3,19-20; 9,7-9), e José igualmente conta, ao rememorar pelo nome Herodíades, que Herodes a desposou, embora fosse a esposa de seu irmão; ele, portanto, repudiou sua primeira mulher, que desposara legalmente (era filha de Aretas, rei de Petra) e separou Herodíades de seu marido, ainda vivo; por causa dela, após ter assassinado a João Batista, guerreou contra Aretas, cuja filha rejeitara.

2. Nesta guerra, travado o combate, ele perdeu todo o seu exército; sofreu tal derrota devido a sua crueldade contra João.

3. O mesmo Josefo atesta ter sido João um dos homens mais justos e que ele batizava, estando de acordo com o que está escrito sobre João nos Evangelhos. Narra também que Herodes perdeu a realeza, por causa da mesma Herodíades, com a qual foi exilado e condenado a viver na cidade de Vienne, na Gália.

4. E isto encontra-se descrito no décimo oitavo livro das *Antiguidades*, onde está escrito verbalmente acerca de João: “Pensaram alguns judeus ter sido o exército de Herodes aniquilado por castigo de Deus, que vingava com plena justiça a morte de João, o Batista.

5. Herodes, efetivamente, mandara matá-lo, apesar de ser um homem bom que exortava os judeus à prática da virtude, à justiça mútua, bem como à piedade para com Deus e à recepção do batismo. Parecia-lhe que o batismo era recomendável não em vista da remissão de determinadas faltas, mas para a purificação corporal, depois de purificada previamente a alma por meio da justiça.

6. Como se congregavam outros em torno dele (estimulados pela audição de suas palavras), Herodes teve medo da força persuasiva dele perante os homens e de que ele os induzisse a um levante (pois pareciam atender em tudo a seus conselhos). Preferiu, antes que surgisse alguma novidade, tomar a iniciativa de matá-lo, arrependendo-se, em face de uma revolução, por ter incidido numa situação difícil. Por motivo dessa suspeita de Herodes, João foi preso e levado a Maqueronte, a prisão acima referida e lá foi morto”.

7. Tais as notícias de Josefo sobre João. Igualmente faz memória de nosso Salvador, no decurso da mesma obra, como segue: “Nesta época, viveu Jesus, um homem sábio, se convém dar-lhe a denominação de homem. Realizou obras espantosas e foi mestre dos homens que aceitavam de bom grado a verdade; atraiu numerosos judeus e também muitos gregos.

8. Ele era o Cristo, mas os primeiros dos nossos acusaram-no perante Pilatos, que o condenou à morte

de cruz. Mas, os que o haviam amado anteriormente, não cessaram de amá-lo. Ao terceiro dia, porém, ele lhes apareceu, redivivo; os divinos profetas haviam predito estas e outras mil maravilhas a seu respeito. Ainda hoje, a raça dos cristãos, cujo nome dele deriva, não desapareceu”.

9. Se um historiador, dentre os próprios judeus, transmite desde os primórdios, em seus escritos, tais informações sobre João Batista e sobre nosso Salvador, que escapatória restará, a fim de não ficarem confundidos, aos que inventaram as *Memórias* relativas a eles? Mas, sobre o assunto, basta.

CAPÍTULO 12

Os discípulos do Salvador

1. São geralmente conhecidos, através dos Evangelhos, os nomes dos apóstolos do Salvador. Ao invés, em parte alguma se encontra a lista dos setenta discípulos. Diz-se, todavia, que era um deles Barnabé, de quem fazem memória excelente os *Atos dos Apóstolos* (At 4,36; 11,22-25; 13,2s; 15,37-39), e ainda Paulo, escrevendo aos Gálatas (Gl 2,1-9.13). Afirma-se que também entre eles se achava Sóstenes, que dirige, com Paulo, uma carta aos Coríntios (1Cor 1,1).

2. Clemente, no quinto livro das *Hipostyposis*, afirma que Cefas, do qual escreve Paulo: “Mas quando Cefas veio a Antioquia, eu o enfrentei abertamente” (Gl 2,11), era um dos setenta discípulos, homônimo do apóstolo Pedro.

3. Conta-se também que Matias (cf. At 1,26), eleito para entrar no número dos Apóstolos, em lugar de Judas, bem como o outro, juntamente com ele honrado por igual sufrágio (At 1,23), tinha sido considerado digno do mesmo chamado entre os setenta discípulos. Diz-se ainda que foi um deles Tadeu (Mt 10,3; Mc 3,18), sobre o qual vou logo relatar a narrativa que chegou até nós.

4. Pensando bem, descobriremos que houve mais de setenta discípulos do Salvador, conforme o testemunho de Paulo. Ele assegura que, após a ressurreição dentre os mortos, o Salvador apareceu primeiro a Cefas, e depois aos doze. Em seguida, a mais de quinhentos irmãos de uma vez e enquanto alguns deles, acrescenta, haviam adormecido, a maioria, porém, ainda vivia na ocasião em que ele compunha a epístola (1Cor 15,5-7).

5. Posteriormente, apareceu a Tiago, um dos denominados irmãos do Salvador. Além disso, como havia ainda, à imitação dos doze, um grande número de apóstolos, entre os quais se colocava o próprio Paulo, ele acrescenta: “Depois, a todos os apóstolos”. A respeito deles, tenho dito.

CAPÍTULO 13

Narrativa acerca do rei de Edessa

1. Quanto à história de Tadeu, é a seguinte. Tendo sido anunciada a todos os homens a divindade de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, seu poder de fazer milagres atraiu multidões, mesmo de regiões estrangeiras muito afastadas da Judéia, devido à esperança de cura de doenças e sofrimentos de toda espécie.

2. O rei Abgar, que reinava dignamente sobre as nações além do Eufrates, achava-se consumido por terríveis sofrimentos corporais, incuráveis ao menos diante das possibilidades humanas. Como ouvisse falar muito do nome de Jesus e de seus milagres unanimemente atestados por todos, enviou-lhe uma carta em que suplicava que o livrasse daquela doença.

3. Jesus não atendeu ao chamado, mas honrou-o com uma carta particular, prometendo mandar-lhe um

dos discípulos para curá-lo e simultaneamente salvá-lo junto com todos os seus súditos.

4. A promessa foi cumprida, pouco tempo depois. Ora, depois que Jesus ressuscitou dos mortos e subiu aos céus, Tomé, um dos doze apóstolos, inspirado por Deus, enviou a Edessa Tadeu, um do número dos setenta discípulos de Cristo, como arauto e evangelista da doutrina acerca de Cristo. Por meio dele, todas as promessas de nosso Salvador se realizaram.

5. Deste fato existe um testemunho escrito, extraído dos arquivos de Edessa, então cidade real. De fato, nos documentos públicos do país, que contêm as atas antigas e as do tempo de Abgar, é que se encontra conservada essa narração, desde então até o presente. Nada de melhor do que tomar conhecimento dessas mesmas cartas, extraídas por nós dos arquivos e traduzidas literalmente do siríaco, nesses termos: CÓPIA DA CARTA ESCRITA PELO GOVERNADOR ABGAR A JESUS, E ENVIADA POR INTERMÉDIO DE ANANIAS, MENSAGEIRO DO CORREIO, A JERUSALÉM.

6. “Abgar, filho de Ouchama, governador, a Jesus, bom Salvador, que se manifestou na região de Jerusalém. Saudações. Ouvi falar de ti e das curas que operas, sem remédios, nem plantas medicinais. Conta-se que fazes os cegos recobrem a visão e andarem os coxos; purificas os leprosos (Mt 11,5) e expulsas os espíritos impuros e os demônios, curas os atormentados por longas doenças (cf. Lc 7,21), e ressuscitas os mortos (cf. Mt 11,5; Lc 7,22).

7. Tendo ouvido tudo isso a teu respeito, cheguei à conclusão que de duas uma: ou és Deus que desceste do céu e fazes estas maravilhas, ou és filho de Deus que opera tais coisas.

8. É por este motivo, pois, que agora te escrevo, e peço-te que te dês ao trabalho de vir ver-me e curar-me da doença de que sofro. Ouvi ainda que os judeus murmuram contra ti e querem fazer-te mal. Minha cidade é muito pequenina, mas digna, e bastará para nós dois” (cf. Ecl 9,14).²⁸

[Tal é a carta escrita por Abgar. Vale a pena ler a carta que Jesus lhe escreveu e que lhe foi entregue pelo mesmo mensageiro, curta sem dúvida, mas plena de sentido. Eis o texto:²⁹]

RESPOSTA DE JESUS POR MEIO DE ANANIAS, MENSAGEIRO DO CORREIO, AO GOVERNADOR ABGAR.

10. “Bem-aventurado és tu que acreditaste em mim, sem me ter visto (cf. Jo 20,29). Efetivamente, de mim está escrito que não acreditarão em mim os que me viram, a fim de crerem e viverem os que não me viram (cf. Is 6,9-10; Mt 13,14; Jo 12,39-40; At 28,25). Quanto ao que me escreveste, convidando-me a visitar-te, devo realizar aqui toda a minha missão (cf. Mt 3,15) e, após seu cumprimento, voltar àquele que me enviou. Mas, quando eu tiver sido elevado (cf. Jo 12,32), enviar-te-ei um de meus discípulos a fim de te curar de teus padecimentos e dar-te vida, a ti e aos que te acompanham”.

11. Anexo a estas cartas havia o seguinte, em siríaco: “Após a ascensão de Jesus, Judas, também chamado Tomé, enviou a Abgar o apóstolo Tadeu, um dos setenta discípulos. Tendo lá chegado, este se hospedou em casa de Tobias, filho de Tobias. Logo que se propagou a notícia de sua vinda, foi indicado a Abgar que ali se encontrava um apóstolo de Jesus, conforme a promessa que lhe fora feita.

12. Tadeu começou, então, pelo poder de Deus (cf. Mt 4,23; 9,35; 10,1), a curar doenças e enfermidades, de sorte que todos se admiravam. Ao ouvir Abgar as maravilhas e milagres operados por ele, as curas que realizava, teve a suspeita de se tratar daquele sobre o qual Jesus lhe havia escrito: ‘Quando eu tiver sido elevado, enviar-te-ei um de meus discípulos a fim de te curar de teus padecimentos’.

13. Então, mandou chamar Tobias, em cuja casa estava o apóstolo e disse-lhe: ‘Ouvi dizer que um homem poderoso veio hospedar-se em tua casa. Traze-mo’. Tobias, tendo voltado para junto de Tadeu,

disse-lhe: ‘O governador Abgar chamou-me e disse-me que te levasse para junto dele a fim de o curares. Tadeu respondeu: ‘Irei, pois fui enviado com poderes em seu favor’.

14. Por isso, no dia seguinte, bem cedo, Tobias tomou consigo Tadeu e levou-o a Abgar. Quando chegou, os homens mais importantes da região estavam de pé, ao redor do governador. Logo que ele entrou, Abgar teve de repente grandiosa visão em torno da fisionomia do apóstolo Tadeu; por esta razão, Abgar prostrou-se perante Tadeu, para espanto de todos os assistentes que não haviam visto o espectáculo, presenciado somente por Abgar (cf. At 9,7).

15. Este perguntou a Tadeu: ‘És de fato, discípulo de Jesus, o filho de Deus, que me disse: ‘Enviar-te-ei um de meus discípulos a fim de te curar e dar-te vida?’ Tadeu respondeu: ‘Fui enviado para junto de ti, porque acreditaste firmemente naquele que me enviou. E agora, se crês nele, os desejos de teu coração serão realizados, conforme acreditaste’ (cf. Mc 9,23).

16. Abgar lhe replicou: ‘Acreditei nele a tal ponto que com um exército queria desbaratar os judeus que o crucificaram, se não fosse o império romano’. Tadeu respondeu: ‘Nosso Senhor cumpriu a vontade de seu Pai. E após tê-la realizado, voltou para junto do Pai’.

17. Abgar lhe disse: ‘Também eu acreditei nele e em seu Pai’. Respondeu Tadeu: ‘Por esta razão, imponho-te a mão em seu nome’. E logo que o fez, o rei foi curado da doença e dos sofrimentos que o afligiam.

18. Admirou-se Abgar por ter experimentado o que ouvira acerca de Jesus, por intermédio de Tadeu, discípulo dele. Fora curado sem remédios, nem plantas medicinais. Mas, não somente ele. Igualmente Abdo, filho de Abdo, que sofria de podagra. Este viera, prostrara-se aos pés de Tadeu. Obteve suas orações e foi curado por suas mãos. Tadeu curou ainda muitos outros de seus concidadãos. Operou grandes milagres e anunciou a palavra de Deus.

19. Depois disso, Abgar disse: ‘Tu , Tadeu, operas essas coisas pelo poder de Deus, e nós ficamos muito admirados. Por conseguinte, eu te suplico, fala-nos sobre a vinda de Jesus: Como se realizou, de seu poder, e em virtude de quem fez tudo o que ouvi contar’ (cf. Mt 21,23).

20. Tadeu respondeu-lhe: ‘No momento, quero calar-me. Mas, como fui enviado a fim de anunciar a palavra, reúne amanhã todos os teus concidadãos. Vou anunciar-lhes a palavra da vida, semeá-la (cf. Mt 13,19; Lc 8,12). Direi como se realizou a vinda de Jesus, a missão para a qual foi enviado pelo Pai, seu poder e suas obras, os mistérios que ensinou no mundo, em virtude de quem ele assim agia, a novidade de sua mensagem, sua fraqueza, sua humilhação, como humilhou-se a si mesmo (cf. Fl 2,8), despojou-se e esvaziou-se da sua divindade, como foi crucificado, desceu à região dos mortos, rompeu a barreira que jamais havia sido quebrada, ressuscitou os mortos, e tendo descido sozinho, subiu novamente com uma grande multidão para junto de seu Pai’ (cf. 1Pd 3,19).

21. Abgar ordenou, então, que desde a aurora se reunissem seus concidadãos para escutarem a pregação de Tadeu. Depois, ordenou que lhe dessem ouro, em moedas e barras. Este recusou nesses termos: ‘Se renunciarmos a nossos próprios bens, como aceitaríamos os dos outros?’ Isso se deu no ano 340”.*

22. Tudo isso, traduzido literalmente do siríaco, pareceu-me útil e oportuno relatar aqui.

¹⁹ *Economia*. O termo grego *oikonomía* que os latinos traduziram por *dispositio*, *dispensatio* e *administratio*, designa, de modo geral, na linguagem patrística, a atividade exterior do Verbo encarnado, ou o desígnio de Deus, realizado em Cristo, de restaurar todas as coisas, quando então se fala da “economia da salvação”. Quando os Padres se ocupavam do mistério de Deus pela reflexão, pela contemplação, faziam “teologia”, quando se ocupavam do plano ou do desígnio divino em relação à criatura, faziam “economia”. Obs.: Todas as notas desta obra são fundamentadas nos volumes 31, 41 e 55 da Coleção Sources Chrétiennes.

[20](#) Teófilo de Antioquia, Hipólito, Júlio Africano, Hegesipo, estão entre os que tentaram estabelecer os sincronismos entre os fatos da história profana e os da história judaico-cristã. Contudo, ninguém havia, ainda, empreendido elaborar uma história completa do cristianismo. Esta é uma das novidades da iniciativa de Eusébio.

[21](#) A demora da encarnação e a universalização da revelação, isto é, por que a revelação não foi dada a todos os povos desde o início, permaneciam como objeções permanentes a que os apologistas não cessavam de tentar responder.

[22](#) Estas narrativas das origens e desvios da humanidade encontram-se também nas tradições mitológicas, literárias e filosóficas como em Hesíodo, em *Os trabalhos e os dias*, no livro V de *Sobre a natureza das coisas* de Lucrécio e na *Odisséia* de Homero.

[23](#) Aplicando interpretação tipológica aos textos, aos fatos e pessoas bíblicos, os Padres são unânimes em ver em Josué o “tipo” de Jesus.

[24](#) Para rebater a acusação de que a religião cristã não tinha tradição, era novidade inventada recentemente, os apologistas apelavam para a antiguidade do judaísmo, mostrando como a religião cristã estava enraizada nele e o aperfeiçoava.

[25](#) No *Antiguidades judaicas* XVIII, 1, o historiador Flávio Josefo diz que o recenseamento de Quirino se deu no 37º ano depois da batalha de Ócio, o que corresponderia ao 7º ano depois do nascimento de Jesus, segundo as tradições que deram origem aos evangelhos.

[26](#) Júlio Africano viveu no século III. Nasceu em Jerusalém e escreveu a primeira *Crônica universal cristã*, recolhendo as tradições anteriores, particularmente nas memórias de Hegesipo. Segundo ele, a existência do mundo é de 7 semanas de anos. Cada uma tem mil anos. Cristo nasceu, segundo ele, no ano 5.500. O sétimo milenário será o do Reino prometido, que durará mil anos.

[27](#) Herodes morreu aos 70 anos, pelos fins de março ou começo de abril do ano 750 da fundação de Roma. Jesus teria 4 anos, segundo a tradição evangélica, 11 anos segundo a cronologia de Flávio Josefo. Cf. Eusébio, *Crônica do ano 46 de Augusto*, p. 170.

[28](#) Abgar, o Negro, teria reinado em Edessa de 4 a.C. a 7 d.C. e teria voltado ao trono de 13 a 50 d.C. A lenda confunde com Abgar IX, que reinou de 179 a 216 d.C. e que foi o primeiro rei cristão de Edessa. Já o nome de Tadeu tem como finalidade dar à lenda dimensão apostólica.

[29](#) Em vários manuscritos de Eusébio, encontra-se esta passagem, omitida pelas traduções siríaca e latina e por outros manuscritos, o que lhe dá o ar de interpolação.

LIVRO SEGUNDO

Redigimos este livro de acordo com Clemente, Tertuliano, Josefo e Fílon

1. Expusemos em resumo no livro precedente, à guisa de Prefácio à História Eclesiástica, o que convinha tratar sobre a divindade do Verbo Salvador, a antiguidade dos dogmas de nossa doutrina, o antiquíssimo teor de vida evangélica dos cristãos, mas sobretudo as referências à recente manifestação de Cristo, os eventos antecedentes à paixão de Cristo e a escolha dos Apóstolos.³⁰
2. Agora, no presente livro, examinemos também os acontecimentos após a ascensão, de um lado narrando os fatos de acordo com as divinas Escrituras, e de outro, segundo os documentos profanos, que mencionaremos conforme as circunstâncias.

CAPÍTULO 1

A atitude dos apóstolos após a ascensão

1. Em primeiro lugar, por sorte foi designado Matias, que havia sido, conforme se mostrou, um dos discípulos do Senhor para o apostolado, em vez de Judas, o traidor. Além disso, foram estabelecidos, através da oração e imposição das mãos dos Apóstolos, alguns diáconos para o serviço da comunidade, homens probos, em número de sete, que se agruparam em torno de Estêvão (At 6,1-6). Ele foi o primeiro após o Senhor que foi morto logo que recebera a imposição das mãos, como se houvesse sido assinalado justamente para isso. Foi apedrejado por aqueles que mataram o Senhor e assim foi o primeiro a alcançar a coroa, cujo nome trazia, das vitoriosas testemunhas de Cristo (At 7,58-59).
2. Então, Tiago, chamado irmão do Senhor (Gl 1,19), — tinha também ele o nome de filho de José;³¹ José era pai de Cristo, pois a Virgem era comprometida em casamento com ele, mas antes que coabitassem, ela concebeu do Espírito Santo (Mt 1,18), conforme ensinam as Sagradas Escrituras, no Evangelho — esse Tiago, a quem os antigos davam o sobrenome de justo, devido a suas excelentes virtudes, diz-se ter sido o primeiro a ser instalado no trono episcopal da cidade de Jerusalém.
3. Clemente, no sexto livro das *Hipotyses*, o declara. Afirma, de fato: “Após a ascensão do Salvador, Pedro, Tiago e João, apesar de particularmente distinguidos pelo Salvador, não disputaram a honra de bispo de Jerusalém, mas escolheram Tiago, o justo, para este múnus”.
4. O mesmo autor, no sétimo livro da mesma obra, narra ainda a seu respeito: “A Tiago, o justo, a João e a Pedro o Senhor concedeu a gnose, após a sua ressurreição. Eles a transmitiram aos demais apóstolos e os restantes apóstolos, por sua vez, a transmitiram aos setenta, um dos quais era Barnabé.
5. Havia dois apóstolos com o nome de Tiago: um, o justo, que tendo sido precipitado do pináculo do templo, foi batido com o bastão de um pisoeiro até morrer, e o outro que foi decapitado”. É também o justo que é mencionado por Paulo, ao escrever: “Não vi nenhum outro apóstolo, mas somente Tiago, o irmão do Senhor” (Gl 1,19).
6. Naquele tempo cumpriram-se as promessas de nosso Salvador ao rei dos osroenos. Tomé, com efeito, inspirado por Deus, enviou Tadeu a Edessa, como arauto e evangelista da doutrina relativa a

Cristo, conforme contamos um pouco mais acima, segundo o escrito ali encontrado.

7. Nesta região, ele curou a Abgar, pela palavra de Cristo, e causou pasmo aos habitantes do lugar com espantosos milagres. Suas obras deixaram-nos bem dispostos. Induziu-os a venerarem o poder de Cristo e deles fez discípulos da doutrina da salvação. Desde então até agora, a cidade de Edessa se dedicou ao nome de Cristo, prova extraordinária da benevolência de nosso Salvador para com seus habitantes.

8. Tudo o que foi dito provém de antiga narrativa. Retornemos logo à Escritura divina. Por ocasião do martírio de Estêvão, os judeus desencadearam a primeira e grande perseguição contra a Igreja de Jerusalém e os discípulos, exceto os Doze, se dispersaram através da Judéia e Samaria (At 8,1). Alguns, diz a divina Escritura, tendo chegado à Fenícia, a Chipre e Antioquia, não ousavam ainda transmitir aos gentios a palavra da fé e anunciavam-na somente aos judeus (At 11,19).

9. Paulo também devastava até então a Igreja; entrava na casa dos fiéis, arrastava homens e mulheres e metia-os na prisão (At 8,1-3).

10. Entretanto Filipe (At 8,5-13), um dos eleitos juntamente com Estêvão para o ministério (At 6,5), e estava entre os dispersos, veio à Samaria. Com o poder de Deus, iniciou a pregação da palavra aos habitantes do lugar. Acompanhou-o tamanha graça divina que até Simão, o mago, sentiu-se atraído por suas palavras, junto com uma grande multidão.

11. Naquele tempo, Simão era muito célebre e dominava inteiramente por seus prestígios os que enganara, a ponto de ser considerado o grande poder de Deus. Então, ele também, impressionado com as ações maravilhosas operadas por Filipe, graças a uma força divina, insinuou-se perto dele e fingiu ter fé em Cristo; inclusive recebeu o batismo.

12. Espantoso é o que se produz até hoje nos participantes da seita impura, criada por ele. Seguindo o método de seu antepassado, insinuam-se na Igreja qual peste ou lepra e causam os maiores danos àqueles nos quais conseguem inocular o veneno oculto, difícil de curar e violento. Aliás, a maioria deles já fora expulsa ao se lhe descobrir a malícia e o próprio Simão, surpreendido por Pedro, recebeu o merecido castigo (At 8,14-24).

13. Todavia, o anúncio da salvação ia progredindo diariamente.

Dispôs Deus trazer da terra dos etíopes um oficial da rainha deste país (At 8,26-38). Segundo antigo costume, até hoje, este país é governado por uma mulher.³² Foi este oficial, primícias dos fiéis do universo, o primeiro dentre os gentios a se tornar por meio de Filipe, graças a uma manifestação divina, participante dos mistérios do Verbo divino. Conta a tradição que, regressando ao país natal, foi o primeiro a anunciar o conhecimento do Deus do universo e a habitação vivificante do Salvador entre os homens. Por meio dele se cumpriu a profecia: “A Etiópia estenderá as mãos para Deus” (Sl 67,32).

14. Então, manifestou-se como apóstolo Paulo, o vaso de eleição (At 9,15), “não da parte dos homens, nem por intermédio de um homem, mas por Jesus Cristo e Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos” (Gl 1,1); uma visão e a revelação (At 9,3-6) de uma voz celeste proclamaram-no digno da vocação.

CAPÍTULO 2

Pilatos comunica a Tibério o que concerne a Jesus

1. Já se propagara a fama da maravilhosa ressurreição de nosso Salvador e de sua ascensão aos céus.

Ora, Pilatos, segundo o antigo costume de que o governador das províncias transmitisse as novidades ocorridas nelas ao detentor do poder real, a fim de que este ficasse bem informado de tudo, comunicou ao imperador Tibério as notícias que circulavam na Palestina inteira sobre a ressurreição dentre os mortos de nosso Salvador Jesus. Tivera conhecimento dos outros milagres e de que, depois da paixão e da ressurreição dentre os mortos de Jesus, o povo acreditava que ele era Deus.

2. Conta-se ter Tibério relatado a questão ao Senado, o qual, contudo, rejeitou a proposta, talvez porque não a houvesse previamente examinado. Uma antiga lei estabelecia que, entre os romanos, ninguém fosse divinizado, senão através de votos e decreto do Senado.³³ Na verdade, porém, assim aconteceu porque o ensinamento salvífico da mensagem divina não carecia de assentimento e recomendação humana.

3. O Senado romano rejeitou desta forma o projeto que lhe fora apresentado acerca de nosso Salvador, mas Tibério manteve sua opinião anterior e não planejou prejudicar a doutrina de Cristo.

4. Tertuliano, homem perito nas leis romanas, aliás ilustre e dos mais célebres em Roma, narra tais coisas em sua *Apologia em favor dos cristãos*, exarada em latim e vertida para o grego. Assim literalmente se expressa:

5. “Relativamente à origem de tais leis, havia um antigo decreto com a determinação de que ninguém fosse divinizado pelo Imperador, sem prévia aprovação do Senado. Marco Emílio procedeu deste modo relativamente a certo ídolo, Alburno. Depõe a favor de nossa causa o fato de que entre vós a divindade derive de atribuição por parte dos homens. Não é tido por Deus quem não agrada ao homem. Por isso, segundo essa opinião, compete ao homem ser propício a Deus.

6. Tibério, portanto, sob cujo governo surgiu no mundo o nome de cristãos, tendo recebido da Palestina, donde é originária, notícias sobre esta doutrina, comunicou-as ao Senado, mostrando que ela era de seu agrado. Mas o Senado rejeitou-a, porque não opinara a seu respeito. Ele, contudo, manteve seu parecer e ameaçou de morte os acusadores dos cristãos”. A Providência celeste em seus desígnios havia-lhe inculcado tal disposição, a fim de que a palavra do Evangelho nos primórdios não encontrasse obstáculos e se difundisse por toda a terra.

CAPÍTULO 3

Divulga-se rapidamente a doutrina concernente a Jesus

1. Assim sucedeu que, sem dúvida por meio de uma força e ajuda do céu, a doutrina da salvação, qual raio de sol, iluminou de repente a terra inteira. Logo, segundo as Escrituras divinas, em toda a terra ressoou a voz dos divinos evangelistas e apóstolos, e “até os confins do mundo a sua linguagem” (Sl 18,5).

2. Efetivamente, em todas as cidades e aldeias, como numa eira repleta (cf. Mt 3,12; Lc 3,17), estabeleciam-se grandes Igrejas de milhares de homens e cheias de fiéis. Aqueles, porém, que devido à tradição de seus maiores e a um antigo erro, prendiam-se à doença inveterada de uma superstição idolátrica, foram libertados de certo modo de cruéis senhores e viram-se livres de pesadas cadeias, por virtude de Cristo, bem como através da doutrina e simultaneamente dos milagres de seus discípulos; rejeitaram qualquer politeísmo diabólico; confessaram existir um só Deus, único, Criador de todas as coisas, e honraram-no segundo as normas da verdadeira piedade, por meio do culto divino e racional que nosso Salvador difundiu no gênero humano.

3. De fato, a graça divina já se espalhara por outras nações e, em primeiro lugar, em Cesaréia na Palestina (At 10,1-48), Cornélio com toda a sua casa recebia a fé em Cristo por intermédio duma manifestação divina e do ministério de Pedro. Então, em Antioquia, também acreditou grande número de outros gregos, aos quais haviam pregado os fiéis dispersos por ocasião da perseguição contra Estêvão. Depressa a igreja de Antioquia tornou-se florescente e cresceu em número; então achavam-se nela muitos profetas de Jerusalém, entre os quais Barnabé e Paulo, além de uma multidão de irmãos. Foi ali que, pela primeira vez, o nome de cristão brotou, como de uma fonte fértil e copiosa (At 11,19-26).

4. E sucedeu que Agabo, um dos profetas que ali se achava, predizia uma futura fome; por isso Paulo e Barnabé receberam a missão de ir a Jerusalém, para um serviço aos irmãos (At 11,27-30).

CAPÍTULO 4

Caio estabelece Agripa rei dos judeus

1. Tibério, após um império de mais ou menos vinte e dois anos, morreu, e Caio assumiu o poder. Logo, ele conferiu a Agripa o diadema e o poder sobre os judeus e estabeleceu-o rei das tetrarquias de Filipe e Lisânias, às quais, pouco tempo após, acrescentou a tetrarquia de Herodes — o Herodes do tempo da paixão do Senhor (cf. Lc 23,6-12) —, que ele condenou a exílio perpétuo, com sua mulher Herodíades, por causa de seus inúmeros crimes. Também Josefo o atesta.

2. Sob Caio, celebrizou-se Fílon, ilustre não somente entre os nossos, mas também entre os conhecedores de disciplinas estrangeiras. Era hebreu, de antiga cepa, em nada inferior aos mais notáveis em Alexandria.

3. São bem notórias a grandeza e a qualidade do trabalho que executou relativamente às ciências divinas de sua pátria. Ocioso declarar quem era, no atinente à filosofia e às artes liberais dos gregos, quando se afirma que ele havia estudado a doutrina de Platão e de Pitágoras com tanto zelo que superava todos os coetâneos.

CAPÍTULO 5

Fílon nomeado embaixador de judeus perante Caio

1. Cinco livros de Fílon transmitem-nos os acontecimentos ocorridos entre os judeus sob Caio. Igualmente refere a loucura de Caio, que se proclamou deus e cometeu em seu governo mil excessos, as desgraças dos judeus sob seu reinado, bem como a embaixada de que foi incumbido, tendo sido enviado à cidade de Roma em favor de seus compatriotas de Alexandria. Declara que, ao defender diante de Caio as leis pátrias, nada conseguiu senão escárnio e derrisão, pouco faltando para incorrer em perigo de vida.

2. Josefo relembra também estes eventos no livro décimo oitavo das *Antiguidades*, onde escreve textualmente: “Tendo surgido em Alexandria uma dissensão entre os judeus ali residentes e os gregos, foram escolhidos de cada partido três membros como embaixadores, que compareceram perante Caio.

3. Um dos embaixadores dos alexandrinos era Apião, que falou muito mal dos judeus, afirmando entre outras coisas que eles efetivamente menosprezavam as honras devidas a César, enquanto os súditos do poder romano elevavam altares e templos a Caio, tratando-o em tudo como aos deuses. Os judeus eram os únicos a julgarem indigno honrá-lo com estátuas e jurar por seu nome.

4. Apião proferiu muitas e graves acusações, com as quais contava provavelmente excitar Caio. Fílon, o principal dos embaixadores judeus, homem ilustre, irmão do magistrado supremo Alexandre e perito filósofo, era bem capaz de vencer as acusações com seus argumentos.

5. Caio, porém, fechou-lhe a boca e ordenou que fosse em-bora. Muito irritado, evidentemente dispunha-se a tratar com rigor os judeus. Ultrajado, Fílon saiu, mas declarou aos judeus, seus companheiros, que tivessem confiança, pois, se Caio se achava encolerizado contra eles, estava provocando contra si um castigo de Deus.” É o que diz Josefo.

6. O próprio Fílon, no livro intitulado *A embaixada*, narra com pormenores e acuradamente suas ações naquela ocasião. Omito a maior parte do escrito, lembrando apenas fatos que evidenciarão aos leitores as desgraças sobrevindas aos judeus nesta oportunidade e pouco depois, por causa de seus intentos contra Cristo.

7. Em primeiro lugar, Fílon relata que, sob Tibério, Sejano, então muito influente junto do imperador, empenhava-se com zelo pela extinção completa do povo judeu na cidade de Roma. De outro lado, na Judéia, Pilatos, em cujo governo se perpetraram os crimes contra o Salvador, praticou contra o Templo de Jerusalém, ainda de pé, ações proibidas aos judeus, causando enorme agitação.

CAPÍTULO 6

Males que tocam aos judeus após sua ação contra Jesus

1. Morto Tibério, Caio assumiu o poder. Cometeu inúmeros excessos, mas principalmente causou grandes danos a todo o povo judeu. Em suma, depreende-se o fato das palavras textuais de Fílon:

2. “O procedimento de Caio em geral era anômalo, mas especialmente para com a raça judaica, que perseguiu com ódio implacável. Apossou-se dos lugares destinados à oração (At 16,13) em todas as cidades, começando por Alexandria. Enchia-os de imagens e estátuas de sua própria efígie, pois ao permitir a exposição delas, era por seu poder que as erigia. Quanto ao Templo da cidade santa, que ainda se achava intacto e usufruía de pleno direito de asilo, ele o modificou e transformou em santuário a si dedicado, denominando-o santuário do novo Zeus Epifânio Caio”.

3. Em segunda obra, intitulada *As virtudes*, o mesmo autor enumera mil outras calamidades, acima de qualquer descrição, sobrevindas aos judeus em Alexandria, sob o mesmo Caio. Josefo concorda com ele, e mostra igualmente que foi desde o tempo de Pilatos e dos intentos ousados contra o Salvador que começaram as desgraças atinentes a todo o povo.

4. Escuta, portanto, o relato de Josefo no segundo livro das *Guerras judaicas*, onde se exprime nesses termos: “Pilatos, enviado à Judéia por Tibério como procurador, à noite introduziu sornateiramente em Jerusalém imagens veladas de César, chamadas insígnias. Mas, ao chegar o dia, houve enorme tumulto entre os judeus. Com efeito, ao se aproximarem, ficaram estupefatos diante do que viam. Suas leis, que interdizem introduzir na cidade qualquer imagem, haviam sido conculcadas”.

5. De uma comparação com o que está escrito nos evangelhos deduz-se que em muito pouco tempo reverteu contra eles próprios a exclamação diante de Pilatos de não terem outro rei senão César (Jo 19,15).

6. Em seguida, o mesmo escritor conta outra infelicidade que os atingiu, nesses termos: “Depois disso, Pilatos provocou outros tumultos, apossando-se do tesouro sagrado, denominado *corban*, para construir um aqueduto. A água distava dali trezentos estádios. Tal ação irritou a plebe.

7. Estando Pilatos em Jerusalém, viu-se cercado de clamores. Mas ele previra o tumulto, e havia espalhado no meio da multidão soldados armados, à paisana, proibindo que utilizassem espadas, mas ferissem com bastonadas os que gritassem. Depois, de sua sede, fez-lhes um sinal. Entre os judeus feridos, uns pereceram sob os golpes; muitos outros massacraram-se mutuamente, durante a fuga. A multidão, porém, sob o impacto da infeliz sorte dos que pereceram, emudeceu.”

8. O mesmo autor revela que, muitos outros tumultos além desse ocorreram em Jerusalém. Informa que, desde então, jamais sedições, guerras e males sucessivos abandonaram a cidade e a Judéia inteira, até os acontecimentos no fim do cerco, sob Vespasiano. Tal o efeito da justiça divina sobre os judeus por causa do que ousaram fazer a Cristo.

CAPÍTULO 7

Pilatos suicida-se

Conforme consta, convém saber que Pilatos, contemporâneo do Salvador, sob Caio, cuja época descrevemos, incidiu em tal desfavor que, coagido, fez-se assassino e carrasco de si mesmo. Sem dúvida, a justiça divina não o poupou por muito tempo. Assim anotaram os gregos, que assinalam as Olimpíadas com os acontecimentos ocorridos durante cada uma delas.

CAPÍTULO 8

A fome sob Cláudio

1. Caio, porém, não exerceu o poder por quatro anos inteiros. Sucedeu-lhe o imperador Cláudio. Sob este último, uma fome devastou a terra inteira. Até os historiadores alheios a nossa doutrina transmitiram essa notícia em suas obras. Assim se cumpriu a predição do profeta Agabo, que consta dos *Atos dos Apóstolos*, a respeito da fome vindoura, sobre toda a terra.

2. Lucas refere nos *Atos* a fome ocorrida sob Cláudio, e que, por intermédio de Paulo e Barnabé, os irmãos de Antioquia enviaram aos da Judéia aquilo de que dispunha cada um, proporcionalmente a seus meios (At 11,27-30); e acrescenta:

CAPÍTULO 9

Martírio de Tiago

1. “Naquele mesmo tempo — sem dúvida sob Cláudio — começou o rei Herodes a maltratar alguns membros da igreja. Mandou matar à espada Tiago, irmão de João” (At 12,1-2).

2. A respeito desse Tiago, Clemente traz, no sétimo livro das *Hypotyposes*, uma história memorável, conforme recebera da tradição de seus antecessores. Declara que aquele que o conduzira ao tribunal ficou comovido vendo-o testemunhar e confessou ser também ele cristão.

3. “Ambos, diz ele, foram levados ao suplício, e ao longo do caminho o delator pediu a Tiago que o perdoasse. Tiago refletiu um pouco e lhe disse: ‘A paz esteja contigo’; e beijou-o. Os dois foram simultaneamente decapitados.”

4. Então também, segundo afirma a divina Escritura, Herodes, vendo que com a morte de Tiago agradara aos judeus, atacou igualmente a Pedro e o pôs em cadeias. Pouco faltou para matá-lo, se não fosse a intervenção de Deus. À noite, apareceu um anjo a Pedro e miraculosamente o livrou das cadeias. Foi libertado para o ministério do anúncio da palavra (cf. At 12,3-17). Tal foi o desígnio divino relativamente a Pedro.

Agripa experimenta a vingança divina

1. As conseqüências das ações do rei contra os apóstolos não se fizeram esperar, mas o ministro vingador da justiça divina logo o perseguiu. Imediatamente após as insídias contra os Apóstolos, conforme o livro dos *Atos*, partiu para Cesaréia e lá, numa solenidade, ornado da veste real, discursou para o povo do alto de uma tribuna. O povo inteiro aplaudiu-o, como se houvesse falado um deus e não um homem. De repente, diz a Escritura, um anjo do Senhor o feriu e ele morreu, devorado por vermes (cf. At 12,21-23).

2. Admirável é a concordância a respeito deste portentoso entre a Escritura divina e a história de Josefo. Evidentemente ele deu testemunho da verdade no tomo dezenove de *Antiguidades*, onde relata o prodígio nestes termos:

3. “Ele completara o terceiro ano de reinado sobre toda a Judéia e fora à cidade de Cesaréia, outrora denominada Torre de Straton. Fez celebrar ali jogos em honra e pela saúde de César. Achava-se reunida uma multidão, magistrados e principais dignitários da Província.

4. No segundo dia dos jogos, revestido de um manto inteiramente de prata, de maravilhoso tecido, compareceu ao teatro ao raiar do dia. Então a prata, iluminada pelos primeiros raios do sol, resplandeceu de forma extraordinária, faiscando tremendamente e apavorando os que a fitavam.

5. Imediatamente os adutores começaram, cada qual a seu modo, a dirigir-lhe aclamações, em nada favoráveis, dando-lhe o título de deus e acrescentando: ‘Sê-nos propício. Até agora nós te tememos enquanto homem; doravante confessaremos seres, por natureza, superior aos mortais’.

6. O rei não os repreendeu, nem rejeitou as ímpias lisonjas. Pouco depois, ergueu os olhos e viu um anjo acima de sua cabeça. Logo compreendeu que lhe seria causa de males, assim como anteriormente lhe outorgara benefícios e sentiu íntima dor.

7. Assaltaram-no dores violentas nas entranhas, já inicialmente intensas. Levantando os olhos para seus amigos, disse: ‘Sou um deus diante de vocês, mas já recebo ordens de deixar a vida. O destino logo lhes desmente as palavras enganosas. Vocês me chamam imortal, mas encaminho-me para a morte. Forçoso é acolher a sorte de acordo com o que Deus quer. Efetivamente, jamais tivemos vida infeliz; ao invés, foi longa e feliz’. Ao se exprimir deste modo, atormentavam-no pungentes sofrimentos.

8. Às pressas, foi transportado para o palácio e espalhou-se a notícia de que ele estava à morte. A multidão, com as mulheres e as crianças, assentou-se logo em sacos, segundo o costume local, suplicando a Deus em favor do rei. Ouviam-se por toda a parte queixumes e lamentos. O rei, acamado no andar superior, lacrimejante, olhava para baixo e via-os curvados, prostrados.

9. Durante cinco dias, atormentavam-no as dores intestinais. Terminou a vida no quinquagésimo quarto ano de idade e sétimo de reinado. De fato, havia reinado quatro anos sob Caio César, governando durante três anos a tetrarquia de Filipe e no quarto, de acréscimo, a de Herodes. E sob o imperador Cláudio César, reinou ainda três anos.”

10. É digno de nota que tanto aqui como em outras passagens, Josefo está em consonância com as divinas Escrituras. Se julgam alguns haver discordância quanto ao nome do rei, ao menos o tempo e os fatos demonstram tratar-se do mesmo, quer se tenha trocado o nome por erro de transcrição, quer o

mesmo rei tenha tido dois nomes, como no caso de muitos outros.

CAPÍTULO 11

O mago Teudas

1. Uma vez que Lucas, nos *Atos*, refere ter Gamaliel, na discussão sobre os apóstolos, feito referência a Teudas, que se sublevara nesta ocasião (At 5,34-36), proclamando ser alguém, mas foi morto na companhia de todos os que lhe deram crédito, rememoremos também o que escreve Josefo sobre tal assunto. Efetivamente, na obra que acabamos de citar, narra ainda textualmente:

2. “Quando Fado era procurador da Judéia, um mago chamado Teudas persuadiu uma multidão a segui-lo, com todos os seus bens, pelas margens do rio Jordão. Dizia-se profeta e que por uma ordem dividiria o rio, permitindo-lhes fácil travessia. Com tais palavras seduziu a muitos.

3. Fado, porém, não consentiu que tirassem proveito desta loucura. Enviou uma tropa da cavalaria, que incidiu de repente sobre eles, matou a muitos, apanhou vivos outros tantos, capturou o próprio Teudas, decapitou-o e mandou sua cabeça para Jerusalém.” Prossegue Josefo, rememorando a fome que sobreveio sob Cláudio, nos seguintes termos:

CAPÍTULO 12

A rainha Helena de Adiabene

1. “Nesta ocasião, houve na Judéia a grande fome, durante a qual a rainha Helena despendeu grande soma na compra de trigo no Egito e distribuiu-o aos necessitados.”³⁴

2. Verifica-se também aqui seu acordo com as declarações dos *Atos dos Apóstolos*, de como os discípulos de Antioquia, cada qual segundo os meios de que dispunha, determinaram uma quantia a enviar em ajuda aos habitantes da Judéia. Fizeram-no, enviando-a aos anciãos, pelas mãos de Barnabé e Paulo (At 11,29-30).

3. Desta Helena, de que faz memória o historiador, mostram-se ainda hoje colunas notáveis nas cercanias da cidade chamada Aélia. Diz-se ter ela reinado sobre o povo dos adiabenos.

CAPÍTULO 13

O mago Simão

1. Mas, a fé em nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo já se difundira entre todos os homens; então, o inimigo da salvação dos homens procurou antecipadamente prevalecer na cidade imperial. Levou para lá o supracitado Simão, e por meio dos artifícios mágicos deste colaborador arrastou ao erro muitos dos habitantes de Roma.

2. Demonstra-o Justino, que viveu pouco tempo depois dos Apóstolos e distinguiu-se na defesa de nossa doutrina.

Falarei sobre ele o que for oportuno, no devido tempo. Na primeira *Apologia*, em prol de nossa doutrina e endereçada a Antonino, expressa-se da seguinte forma:

3. “Após a ascensão do Senhor aos céus, os demônios incitaram a certos homens a proclamarem-se deuses. Não os perseguistes, mas até os cobristes de honras. Em primeiro lugar, Simão, samaritano da cidade denominada Giton, que, sob Cláudio César, realizou na cidade imperial de Roma prodígios

mágicos, por artifício dos demônios que agiam através dele; foi tido por deus e na qualidade de deus, honrado com uma estátua às margens do Tibre, entre as duas pontes, com esta inscrição latina: *Simoni deo sancto*, isto é, *A Simão, deus santo*.³⁵

4. Quase todos os samaritanos e uns poucos de outras nações adoram-no, como se fosse o primeiro dos deuses. Afirma-se consistir seu primeiro pensamento determinada Helena, então sua companheira por toda a parte, mas anteriormente prostituta em Tiro na Fenícia.”

5. Tais as declarações de Justino. Ireneu concorda com ele. No primeiro livro de sua obra *Contra as Heresias*, também alude a este homem e a sua doutrina ímpia e sacrílega. No momento, seria ocioso referi-lo, pois a qualquer que desejar conhecer com pormenores os inícios dos heresiarcas que o seguiram, são acessíveis a vida, a exposição de suas falsas doutrinas e as obras de todos eles. Tudo isso é acuradamente tratado na obra citada de Ireneu.

6. Tivemos conhecimento de ter sido Simão o primeiro chefe de todas as heresias. Serviu de ponto de partida e até hoje os sequazes de sua heresia fingem adotar a filosofia cristã, moderada e famosa pela pureza de vida, mas não tardam a recair na superstição dos ídolos, a que aparentemente haviam renunciado. Prostram-se diante de livros e imagens do próprio Simão e de sua supramencionada companheira, Helena, cultuando-os com incensações, sacrifícios e libações.

7. Quanto a suas ações mais secretas, impressionantes (segundo dizem) e que deixam estupefactos, conforme o termo que empregam, aqueles que pela primeira vez ouvem tal relato, são de fato espantosas, cheias de alienação e de loucura. Não apenas é impossível transmiti-las por escrito, mas os homens honestos não conseguem proferi-las com seus lábios, a tal ponto são obscenas e indignas de se repetir.

8. Esta abominável heresia ultrapassa tudo o que se possa imaginar de mais vergonhoso e sórdido, pois abusam de miseráveis mulheres, carregadas de toda espécie de pecado (cf. 2Tm 3,6).

14(1.) Pai e artífice destes males foi Simão, que, nessa ocasião, o poder maligno, inimigo de todo bem, hostil à salvação dos homens, suscitou qual ingente adversário dos grandes e divinos apóstolos de nosso Salvador.

CAPÍTULO 14

Pedro prega em Roma

2. A graça divina e supraceleste, porém, veio em auxílio de seus ministros, extinguindo rapidamente, desde o momento de sua aparição e de sua presença, as chamas do maligno; humilhou e destruiu por intermédio deles todo poder ativo que se levantasse contra o conhecimento de Deus (2Cor 10,5).

3. Por isso, todas as insídias de Simão, ou de qualquer de seus coetâneos, não vingaram na época apostólica. O fulgor da verdade tudo vencia e dominava de modo geral, assim como o próprio Verbo divino que de data recente brilhara divinamente diante dos homens, florescia na terra e habitava nos próprios apóstolos.³⁶

4. Logo depois, o supracitado mágico, com os olhos do es-pírito impressionados por uma luz divina e extraordinária, após ter sido convencido de suas insídias (cf. At 8,18-23) pelo apóstolo Pedro, na Judéia, empreendeu uma longa viagem além-mar. Fugiu do Oriente para o Ocidente, julgando que, somente ali, poderia viver de acordo com suas convicções.

5. Veio para Roma, onde foi bastante coadjuvado pela potência ali bem estabelecida (cf. Ap 17), e em

pouco tempo suas iniciativas tiveram êxito, pois foi honrado como um deus pelo povo da região, com a ereção de uma estátua. Mas estas coisas pouco duraram.

6. Imediatamente depois, ainda no começo do império de Cláudio, a Providência universal, boníssima e cheia de amor aos homens, conduziu pela mão a Roma, qual adversário deste destruidor da vida, o valoroso e grande apóstolo Pedro, o primeiro dentre todos pela virtude. Autêntico general de Deus, munido de armas divinas (Ef 6,14-17; 1Ts 5,8), trazia do Oriente ao Ocidente a preciosa mercadoria da luz inteligível, e anunciava, como a própria luz (cf. Jo 1,9) e palavra de salvação para as almas, a boa nova do reino dos céus.

CAPÍTULO 15

O evangelho segundo Marcos

1. Deste modo, a palavra divina se difundira entre os romanos e o poder de Simão se extinguiu e logo com ele desapareceu.

De outro lado, o fulgor da piedade brilhou de tal modo diante dos ouvintes de Pedro que eles não se satisfaziam de ouvi-lo uma só vez, nem de ter recebido o anúncio oral da doutrina, mas insistiam de todos os modos, suplicando a Marcos, cujo evangelho chegou até nós, e que era o companheiro de Pedro, lhes deixasse um monumento escrito da palavra transmitida oralmente. Não desistiram de suas preces, enquanto não o coagiram e assim deram ocasião a que fosse escrito o evangelho “segundo Marcos”.

2. Diz-se que o apóstolo conheceu o fato por uma revelação do Espírito. Alegrou-se com o desejo deles e aprovou o livro por meio de leitura nas assembléias. Clemente, no sexto livro das *Hypotyposes* conta essa história e a confirma com seu testemunho o bispo de Hierápolis, chamado Papias. Pedro menciona Marcos na sua primeira carta que, diz-se, ele mesmo compôs em Roma, assinalando-a com o nome simbólico de Babilônia, no seguinte trecho: “A que está em Babilônia, eleita como vós, vos saúda, como também Marcos, o meu filho” (1Pd 5,13).

CAPÍTULO 16

Marcos, primeiro pregador do evangelho no Egito

1. Narra-se ter sido este Marcos o primeiro a ser enviado ao Egito, onde pregou o Evangelho que havia escrito. Estabeleceu Igrejas, a primeira das quais na própria cidade de Alexandria.³⁷

CAPÍTULO 17

Fílon fala dos ascetas do Egito

16(2.) Tão grande foi, desde os primeiros empreendimentos, a multidão de fiéis, homens e mulheres neste país, sua ascese mostrou-se tão zelosa e de acordo com a sabedoria, que Fílon julgou ser justo descrever seus exercícios, suas assembléias, suas refeições em comum e todo o restante de seu estilo de vida.

17(1.) Segundo se conta, sob Cláudio, Fílon em Roma relacionou-se com Pedro, que então pregava aos seus habitantes. Isto é verossímil, visto que o escrito a que nos referimos, exarado por ele muito mais tarde, encerra evidentemente normas da Igreja, agora ainda observadas entre nós.

2. Além disso, ao descrever da forma mais exata possível a vida de nossos ascetas, demonstra claramente não somente conhecer, mas também aceitar, divinizar, venerar os homens apostólicos seus

contemporâneos. Eram provavelmente de origem hebraica, e por conseguinte observavam ainda à maneira judaica a maioria dos antigos costumes.

3. Em primeiro lugar, no livro intitulado *A vida contemplativa* ou *Os orantes*, Fílon assevera que nada haveria de aditar além da verdade ou inventar no que estava para narrar. Diz-se que eles se chamam “terapeutas” e as mulheres com que convivem, “terapêutidas”. Depois declara os motivos de tal denominação. Deriva do fato de que eles tratam das almas daqueles que os procuram e as curam, livrando-as, à semelhança dos médicos, dos sofrimentos provenientes da maldade. Ou então porque prestam à divindade adoração e culto castos e puros.

4. Ademais, quer tenha ele próprio lhes dado este nome, muito adequado ao modo de vida desses homens, quer realmente assim tenham sido designados desde o início, quando o nome de cristãos não estava em uso em todos os lugares, torna-se ocioso estender-se sobre o assunto.

5. Fílon dá testemunho, portanto, em primeiro lugar, da renúncia que praticam de seus bens e declara que no começo desta vida filosófica deixavam os próprios bens aos parentes. Em seguida, desembaraçados de todas as solitudes da vida, iam para fora dos muros e passavam a vida nos campos isolados e em jardins, convencidos de que a companhia de homens de vida diferente ser-lhes-ia inútil e nociva. Ao agirem então de forma conveniente, com fé corajosa e muito viva, exercitavam-se em imitar a vida dos profetas.

6. De fato, relatam os *Atos dos Apóstolos*, livro tido por autêntico, que todos os discípulos dos apóstolos vendiam suas riquezas e seus bens e distribuíam-nos por todos, segundo as necessidades de cada um (At 2,45), de tal forma que não havia indigente entre eles. Todos os que possuíam campos e casas, conforme diz a Escritura, vendiam-nos, traziam o preço da venda e depositavam-no aos pés dos Apóstolos, de tal sorte que se distribuía a cada um segundo a necessidade (At 4,34-35).

7. Coisa semelhante atesta Fílon acerca daqueles de que falamos e acrescenta textualmente: “Esta espécie de homens existe em muitas regiões da terra, pois era necessário que a Grécia e os países bárbaros participassem do bem perfeito; mas foi no Egito que ela se multiplicou, em cada uma das partes denominadas “nomos”, e sobretudo perto de Alexandria.

8. De toda parte, os melhores são enviados como colonos à pátria dos terapeutas, a uma região bem apropriada, situada além do lago Mareote, sobre uma colina pouco elevada, lugar muito adequado devido à segurança e à salubridade do ar.

9. Continua Fílon descrevendo suas habitações. Diz o seguinte sobre as igrejas da região: “Em cada casa, há um recinto sagrado, com o nome de oratório ou mosteiro, aonde se retiram os terapeutas a fim de celebrarem os mistérios da vida religiosa. Nada levam consigo, nem bebida, nem alimento, nem o indispensável para as necessidades corporais. Apenas as leis, os oráculos dos profetas, os hinos e outros escritos destinados a aumentar e aperfeiçoar a ciência e a piedade”. Mais adiante prossegue:

10. “O intervalo entre a aurora e a tarde é todo ocupado pela ascese. Efetivamente, lêem as santas Letras e refletem sobre a sabedoria dos antigos, empregando a alegoria, pois pensam que as palavras são símbolos da natureza oculta que se descobre nas interpretações alegóricas.

11. Possuem também escritos dos antigos, primeiros guias de sua seita, que deixaram numerosos monumentos de sua doutrina sob forma alegórica. Utilizam-nas como modelos de comportamento a imitar.”

12. Parecem todos esses constituírem dizeres de alguém que os ouviu explicando as santas Escrituras.

Talvez os livros que ele aponta como sendo entre eles os livros dos antigos sejam os evangelhos e os escritos dos apóstolos e provavelmente algumas interpretações dos antigos profetas, tais os contidos na carta aos Hebreus e numerosas outras cartas de Paulo.

13. Em seguida, a respeito dos novos salmos por eles compostos, Fílon escreve ainda: “Não se limitam a contemplar, mas ainda compõem cânticos e hinos a Deus, em metros e melodias variadas, embora necessariamente utilizem ritmos graves” (Ef 5,14; 1Tm 3,16; Cl 3,16).

14. Na mesma obra, Fílon registra ainda muitas outras coisas sobre o assunto, mas pareceu-me necessário escolher as mais características no tocante ao estilo de vida na Igreja.

15. Se opinar alguém que essas referências não são peculiares à vida segundo o evangelho, mas podem convir também a outros além dos supramencionados, deixe-se persuadir pelas subseqüentes palavras de Fílon. Se for um espírito reto, ficará convencido por seu testemunho. De fato, assim escreve:

16. “Lançam na alma o fundamento da continência, e em seguida sobre ele edificam as outras virtudes. Nenhum deles toma alimento ou bebida antes do pôr-do-sol, pois consideram a filosofia adequada à luz, e que as necessidades corporais estão em consonância com as trevas. Conseqüentemente, reservam o dia a uma, e às outras, uma pequena parte da noite.

17. Alguns nem se lembram do alimento a não ser de três em três dias. São os que mais anelam pela ciência. Outros ficam de tal modo alegres e satisfeitos de se nutrirem da sabedoria, a apresentar-lhes fartos e incomensuráveis ensinamentos, que jejuam durante o dobro deste tempo e mal degustam do alimento necessário cada seis dias. A isto se habituaram.” Julgamos que tais palavras de Fílon aplicam-se de modo claro e indiscutível aos nossos.

18. Mas, se algum contraditor aferra-se a seu parecer sobre o assunto, desista da incredulidade e convença-se com provas tais que evidentemente se encontram apenas na religião cristã segundo o evangelho.

19. Pois, diz-se que no meio daqueles que citamos existem também mulheres, a maioria das quais conservam-se virgens até a velhice. Guardaram a castidade, não por necessidade como certas sacerdotisas gregas, mas por livre vontade, pelo zelo e desejo da sabedoria, com a qual se empenham por viver, renunciando aos prazeres do corpo. Não desejam descendentes mortais, mas filhos imortais, os quais somente pode gerar por si mesma uma alma cheia do amor de Deus.

20. Mais adiante faz uma exposição mais clara: “A exegese das Sagradas Letras se faz entre eles por figuras ou alegorias. Pois toda a legislação assemelha-se para eles a um ser vivo. Corpo seria a disposição das palavras, alma, o sentido invisível oculto sob os termos, que eles querem contemplar mais que tudo, para ver como no espelho das palavras a maravilhosa beleza das idéias que ali se manifesta”.

21. Faz-se mister ainda acrescentar as reuniões num mesmo lugar, as ocupações peculiares aos homens e às mulheres separadamente, a ascese habitual até hoje praticada por nós que costumamos, sobretudo por ocasião da festa da paixão do Senhor, praticar jejuns, vigílias noturnas e meditação da palavra de Deus.

22. O autor supramencionado assinalou com precisão tudo isso. O escrito que ele transmitiu está de acordo com os usos que somos os únicos a observar ainda hoje: as vigílias integrais da grande festa, os exercícios de ascese que praticamos, os hinos que costumamos cantar, quando um só salmodia

harmoniosamente com ritmo e os outros escutam em silêncio, recitando com ele somente as últimas palavras dos hinos. Nestes dias, deitamo-nos no chão sobre esteiras; não bebemos vinho absolutamente, conforme escreve Fílon expressamente, não comemos carne, a água é a única bebida e no pão colocamos apenas sal e hissopo.

23. Ademais, Fílon expõe a ordem de precedência nas liturgias da Igreja, as funções do diácono, a presidência do bispo que ocupa a sede mais elevada. Quem quiser estudar cuidadosamente tais questões, poderá informar-se na obra citada deste escritor.

24. Mas, evidencia-se ter Fílon escrito tudo isso aludindo aos primeiros arautos da doutrina evangélica e aos usos transmitidos pelos apóstolos desde os primórdios.

CAPÍTULO 18

Escritos de Fílon chegados até nós

1. Grandiloqüente, largo em seus conceitos, elevado e sublime na contemplação das divinas Escrituras, Fílon faz exegese variada e múltipla das palavras sagradas. Em primeiro lugar, percorre seguida e ordenadamente os acontecimentos narrados no *Gênesis* na obra intitulada *Alegorias das sagradas Leis*; depois, explicou separadamente alguns capítulos, propondo as questões e as soluções das dificuldades apresentadas pelas Escrituras; em conseqüência, intitulou a obra *Problemas e soluções do Gênesis e do Êxodo*.

2. Além disso, existem dele tratados particularmente elaborados sobre algumas questões. Tais são os dois livros *A agricultura*, outros tantos sobre *A embriaguez*, e outros com vários títulos e segundo o assunto, por exemplo, *Objetos desejáveis ou detestáveis para um espírito sóbrio*; *A confusão das línguas*; *A fuga e o encontro*; *Reuniões instrutivas*; *O herdeiro das coisas divinas*, ou *Divisão em partes iguais e desiguais*; *Três virtudes, entre outras, descritas por Moisés*.

3. Acrescente-se a obra *Mudanças de nomes e causas das trocas*, na qual declara ter ainda elaborado *Os Testamentos*, livros I e II.

4. São também de sua autoria: *A emigração*; *A vida do sábio perfeito segundo a justiça e Leis não escritas*; e ainda: *Os gigantes* ou *A imutabilidade divina*; *Os sonhos, segundo Moisés, são enviados por Deus*, livros I, II, III, IV, V.

5. Tais são as obras que chegaram até nós, entre aquelas relativas ao *Gênesis*. Sobre o *Êxodo*, conhecemos de sua autoria: *Problemas e soluções*, livros I, II, III, IV, V; *O tabernáculo*, *O Decálogo*; *Leis particulares concordantes com os pontos principais dos dez mandamentos*, livros I, II, III, IV; *Os animais dos sacrifícios e espécies de sacrifícios*; *Declarações da Lei relativas às recompensas dos bons, os castigos e as maldições dos maus*.

6. Em acréscimo, registram-se dele obras de um só livro, como: *A Providência*; o discurso composto por ele sobre *Os judeus*; e também *Alexandre* ou *Os animais mudos possuem a razão*; e ainda o tratado *Todo pecador é escravo*, e sua continuação *Todo homem virtuoso é livre*.

7. Após essas obras, ele compôs *A vida contemplativa* ou *Os orantes*, em consonância com a qual expusemos o que se relaciona com a vida dos homens apostólicos; as *Interpretações dos nomes hebraicos constantes da Lei e os profetas* são também atribuídas a ele.

8. Fílon, tendo ido a Roma sob Caio, trata das impiedades deste príncipe na obra intitulada, com finura

e ironia, *As virtudes*. Conta-se que, sob Cláudio, ele leu sua obra em pleno Senado romano e ela foi tão admirada que seus livros foram considerados dignos de figurar nas bibliotecas.³⁸

CAPÍTULO 19

Males advenientes aos judeus no dia da Páscoa

18(9.) Nesta ocasião, como Paulo terminava sua viagem circular de Jerusalém até o Ilírico (Rm 15,19), Cláudio expulsou de Roma os judeus (At 18,2). Áquila e Priscila, expulsos de Roma com os outros judeus, desembarcaram na Ásia e lá viveram em companhia do apóstolo Paulo, que corroborava os fundamentos, recentemente por ele lançados, das Igrejas nesta região (At 18,18-19.23). Assim nos informa o livro sagrado dos *Atos*.

19(1.) Cláudio ainda regia o império quando, por ocasião da festa da Páscoa, houve tamanha sedição e tumulto em Jerusalém que apenas dos judeus a se precipitarem violentamente para sair do Templo trinta mil morreram, massacrando-se mutuamente. Deste modo, a festa transformou-se em luto para toda a nação e em lamentações para cada casa. Assim narra textualmente Josefo.

2. Cláudio nomeou rei dos judeus a Agripa, filho de Agripa (cf. At 25,13.24.26; 26,2) e enviou Félix como procurador de toda a Samaria e Galiléia, além da região chamada Peréia. Cláudio morreu, após ter exercido o poder durante treze anos e oito meses, deixando Nero como sucessor.

CAPÍTULO 20

O que aconteceu a Jerusalém sob Nero

1. Sob Nero, quando Félix era procurador da Judéia, os sacerdotes se dividiram em partidos, conforme escreve também Josefo, no vigésimo livro das *Antiguidades*, nesses termos:

2. “Os sumos sacerdotes suscitaram tumultos contra os sacerdotes e os principais do povo em Jerusalém. Cada um deles colocou-se à frente de uma tropa dos homens mais atrevidos e sediciosos. Ao se encontrarem, atacavam-se mutuamente, com insultos e pedradas. Não havia quem conseguisse impor-se a eles, mas como em cidade indefesa, cada qual agia a seu bel-prazer.

3. Tamanha a impudência e audácia dos sumos sacerdotes que mandavam os servos às granjas para recolherem os dízimos que cabiam aos sacerdotes. Houve até sacerdotes pobres que morreram de fome. Assim a violência dos revoltosos desafiava qualquer direito.”

4. O mesmo autor ainda conta que nesta ocasião apareceu em Jerusalém certa espécie de assaltantes que, como se dizia, em plena luz do dia e no meio da cidade matava os que encontrasse.

5. Sobretudo nos dias festivos, misturados à multidão e tendo sob as vestes escondidas pequenas espadas, matavam os dissidentes.³⁹ Quando eles caíam, os assassinos aderiam aos protestos contra estas mortes, e aparentando serem inteiramente dignos de confiança, ficavam por completo ocultos.

6. Em primeiro lugar, foi sacrificado o sumo sacerdote Jônatas e em seguida, diariamente muitos eram mortos. O medo tornou-se pior que o mal, pois, como em guerra, esperava-se a morte a qualquer momento.

CAPÍTULO 21

O egípcio mencionado nos Atos

1. Em seguida, após outros fatos, prosseguiu Josefo: “O falso profeta egípcio infligiu aos judeus ferida

mais profunda ainda. Pois, chegou ao país a título de mágico e divulgou para si a fama de profeta. Por sedução, reuniu cerca de trinta mil. Conduziu-os do deserto até o monte das Oliveiras, mostrando-se disposto a invadir Jerusalém, tomar a cidade violentamente e reduzir a guarnição romana e o povo de modo tirânico, utilizando para tal os seus subordinados bem munidos.

2. Félix, contudo, antecipou-se ao ataque e foi ao seu encontro com os soldados romanos da infantaria. Todo o povo colaborou na defesa, de sorte que, travado o combate, fugiu o egípcio em companhia de poucos. A maioria dos seus foi morta ou capturada.”

3. Assim se exprime Josefo no segundo livro das *Histórias*. Compare-se o que se diz aqui a respeito do egípcio com o que registram os *Atos dos Apóstolos*, na passagem em que o tribuno que estava em Jerusalém, sob Félix, pergunta a Paulo, ao se amotinar contra ele a multidão dos judeus: “Não és o egípcio que se suble-
vou aqui há algum tempo e que levou ao deserto quatro mil sicários?” (At 21,38) Tais os eventos que se deram sob Félix.

CAPÍTULO 22

Paulo, prisioneiro, justifica-se em Roma

1. Para sucessor de Félix, Nero designou Festo, sob cujo governo Paulo, após sua defesa (At 25,8-12) foi enviado cativo para Roma (At 27,1). Acompanhou-o Aristarco, que ele justamente denomina num trecho de suas cartas, companheiro de cativo (At 27,2; Cl 4,10). Lucas, que nos transmitiu por escrito os *Atos dos Apóstolos*, termina aqui a obra, observando que Paulo passou em liberdade dois anos inteiros em Roma e anunciou sem entraves a palavra de Deus (At 28,30-31).

2. Depois, tendo defendido sua causa, o Apóstolo empreendeu nova viagem para o ministério da pregação; após o que, retornou à mesma cidade e consumou a vida pelo martírio. Neste cativo escreveu a segunda carta a Timóteo, em que assinala simultaneamente a anterior defesa e seu fim iminente.

3. Eis seu próprio testemunho sobre o assunto: “Na primeira vez em que apresentei a minha defesa, ninguém me assistiu, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja imputado, mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, a fim de que por mim a mensagem fosse plenamente proclamada e ouvida pelas nações. E eu fui libertado da boca do leão” (2Tm 4,16-17).

4. Evidentemente Paulo declara que na primeira vez, a fim de que ele completasse o anúncio do evangelho, escapou da boca do leão, certamente designando Nero, por causa de sua crueldade. Ao invés, na continuação, não acrescenta algo que se assemelhe à locução: ele me libertará da boca do leão, pois via no Espírito que seu fim não tardaria.

5. Por isso adita à afirmação: Eu fui libertado da boca do leão, as palavras: “O Senhor me libertará de toda obra maligna e me levará salvo para o seu reino celeste” (2Tm 4,18), aludindo a seu próximo martírio, que ele anuncia com maior clareza na mesma carta, nesses termos: “Quanto a mim, já fui oferecido em libação, e chegou o tempo da minha partida” (2Tm 4,6).

6. Paulo declara que, ao escrever a segunda carta a Timóteo, somente Lucas estava com ele (2Tm 4,11.16), ao passo que na primeira defesa até ele se ausentara. Por conseguinte, é provável que Lucas tenha terminado os *Atos dos Apóstolos* nesta ocasião, abrangendo sua narrativa apenas o tempo em que convivera com Paulo.

7. Concluído nosso relato, observamos que o martírio de Paulo não sucedeu no período de sua permanência em Roma, descrita por Lucas.

8. Provavelmente Nero no início do reinado era mais brando e acolheu mais facilmente a defesa de Paulo em prol da doutrina. Mas, aumentaram suas audácias sacrílegas e com os demais, e os apóstolos foram vitimados por sua crueldade.

CAPÍTULO 23

Testemunho de Tiago, irmão do Senhor

1. Paulo apelou a César e foi enviado por Festo para a cidade de Roma (At 25,11-12; 27,1). Os judeus, vendo frustrada a esperança de êxito de sua conjuração (At 23,13-15; 25,3), voltaram-se contra Tiago, o irmão do Senhor, a quem os apóstolos haviam confiado a sede episcopal de Jerusalém. Ousaram tramar o seguinte contra ele:

2. Fizeram-no comparecer no meio deles e procuravam fazer com que renegasse a fé em Cristo diante de todo o povo. Contra suas expectativas, Tiago diante de toda a multidão falou abertamente, com liberdade, e confessou que nosso Salvador e Senhor Jesus era o Filho de Deus. Foram incapazes de suportar o testemunho de tal homem, visto gozar da reputação de ser muito justo, através da superioridade baseada numa vida sábia e piedosa. Mataram-no, aproveitando a oportunidade da falta de um governante, porque Festo falecera na Judéia e a anarquia e desordem se haviam instalado na província.

3. As circunstâncias da morte de Tiago já foram assinaladas, numa citação de Clemente, que diz ter sido ele precipitado do pináculo do templo e morto com bastonadas. Hegesipo, da primeira geração depois dos apóstolos, registra cuidadosamente tudo o que toca a Tiago no quinto livro das suas *Memórias*, nos seguintes termos:

4. “O irmão do Senhor, Tiago, com os apóstolos governou a Igreja. Desde o tempo do Senhor até nós, todos lhe davam o apelativo de Justo, visto serem muitos do mesmo nome.

5. Ele foi santificado desde o seio materno; não bebia vinho, nem bebida inebriante; nada ingeria do reino animal (Lv 10,9; Nm 6,3; cf. Lc 1,15; Jz 14,4; 1Sm 1,11); a tesoura não passara por sua cabeça; não se ungia com óleo, não se banhava (Nm 6,5).

6. Somente ele tinha acesso ao santuário. Não usava vestes de lã e sim de linho (Ex 29,39; 28,27). Entrava sozinho no templo e mantinha-se de joelhos, suplicando perdão para o povo, de tal modo que seus joelhos se calejaram, assemelhando-se ao couro dos camelos, porque se prostrava sempre de joelhos, adorando a Deus e pedindo perdão pelo povo.

7. Devido a sua eminente justiça era apelidado: o Justo e Oblias (em vernáculo: fortaleza do povo e justiça) segundo o designavam os profetas (cf. Is 3,10).

8. Alguns sequazes das sete seitas existentes no meio do povo, supramencionadas (nas *Memórias*), perguntaram-lhe qual era a porta de Jesus e ele respondeu-lhes que ele era o Salvador (cf. Jo 10,7.9).

9. Alguns deles acreditaram que Jesus é o Cristo. As seitas acima não creram na ressurreição, nem em sua vinda para retribuir a cada um de acordo com as próprias obras (cf. Rm 2,6; Sl 61,13; Pr 24,12; Mt 26,27). No entanto, quantos acreditaram, creram por intermédio de Tiago.

10. Mas tendo muitos crido, mesmo dos chefes, houve um tumulto entre os judeus, os escribas e os

fariseus, que comentavam: ‘O povo corre o risco de confiar em Jesus Cristo’ (cf. Jo 12,19). Foram juntos procurar Tiago e disseram-lhe: ‘Viemos pedir-te que retenhas o povo, porque ele se ilude a respeito de Jesus, como se fosse o Cristo. Rogamos-te, portanto, que esclareças a todos os que vêm para a festa da Páscoa sobre Jesus, pois todos têm confiança em ti. De fato, atestam com o povo que és justo e não fazes acepção de pessoas (Lc 20,21).

11. Por conseguinte, persuade o povo, a fim de que não se iluda acerca de Jesus. Pois, o povo e todos nós confiamos em ti. Coloca-te, portanto, no pináculo do Templo, a fim de que lá em cima todos te possam ver e tuas palavras sejam ouvidas por todo o povo. Com efeito, por causa da Páscoa reuniram-se todas as tribos e até alguns gentios.’

12. Os supramencionados escribas e fariseus colocaram a Tiago no pináculo do Templo e gritaram-lhe: ‘Ó Justo, em quem devemos todos confiar, tendo em conta que o povo se ilude na seqüela de Jesus, o crucificado, anuncia-nos qual é a porta de Jesus.’

13. Respondeu-lhes em alta voz: ‘Por que me interrogas sobre o Filho do homem? (cf. At 7,56) Ele está sentado no céu à direita do Supremo poder e virá sobre as nuvens do céu’ (cf. Mt 26,64; Mc 14,62).

14. Muitos, inteiramente convictos, exaltavam o testemunho de Tiago, com as seguintes palavras: ‘Hosana ao Filho de Davi’ (Mt 21,9). Então, por sua vez, os escribas e fariseus diziam uns aos outros: ‘Fizemos mal ao provocarmos tal testemunho em favor de Jesus. Subamos, pois, e joguemo-lo para baixo, a fim de que os outros se intimidem e não creiam nele’.

15. E exclamaram: ‘Oh! Oh! Até o justo enganou-se’. E realizaram a profecia de Isaías: ‘Eliminemos o justo, porque nos incomoda. Colherá o fruto do seu procedimento’ (Sb 2,12; Is 3,10). Então subiram e jogaram o Justo para baixo.

16. E diziam uns aos outros: ‘Apedrejemos a Tiago, o Justo’. E começaram a apedrejá-lo, porque Tiago não morrera ao ser jogado para baixo. Mas este voltou-se, pôs-se de joelhos e disse: ‘Suplico-te, Senhor, Deus Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem’ (Lc 23,34; At 7,59-60).

17. Enquanto assim o apedrejavam, um dos sacerdotes, dos filhos de Recab, filho de Recabim, acerca dos quais dá testemunho o profeta Jeremias, gritava: ‘Parai! O que fazeis? O Justo reza por vós’ (Jr 35,2ss).

18. Então, um deles, um pisoeiro, tomou o bastão com o qual batia os tecidos, golpeou a cabeça do Justo, que assim completou o martírio. Foi sepultado no mesmo lugar, junto ao Templo, e até hoje seu túmulo se vê perto do Templo. Foi verdadeira testemunha diante de judeus e gentios de que Jesus é o Cristo. E, logo, Vespasiano os sitiou.”

19. Tudo isso consta da longa descrição de Hegesipo, em consonância com a de Clemente. Tiago era, de fato, admirável e tão afamado entre todos os outros por sua justiça que até os judeus prudentes acreditaram ter sido o seu martírio causa do imediato cerco de Jerusalém, o qual, em sua opinião, não tivera outro motivo a não ser o sacrilégio perpetrado contra ele.⁴⁰

20. Josefo não hesitou em testemunhar esses fatos por escrito, referindo textualmente: “Estas coisas, porém, sucederam aos judeus em castigo do crime contra Tiago, o Justo, irmão de Jesus, apelidado o Cristo, pois os judeus o mataram, apesar de ser um homem muito justo”.

21. Anota igualmente esta morte no vigésimo livro das *Antiguidades*, com as seguintes palavras:

“César, tendo notícia da morte de Festo, enviou Albino à Judéia, como procurador. Ora, Ananos, o Jovem, de cuja elevação ao sumo pontificado já falamos, era de maneiras arrogantes e em extremo ousadas. Além disso, pertencia ao partido dos saduceus, que, conforme mostramos, são os mais cruéis de todos os judeus nos julgamentos.

22. Com tais disposições de ânimo, Ananos julgou ser a morte de Festo boa oportunidade para realizar seu plano. Enquanto Albino estava ainda de viagem, convocou o sinédrio e fez com que comparecesse perante ele o irmão de Jesus, denominado o Cristo — Tiago era seu nome — e outros mais. Acusou-os de transgressores da Lei, condenando-os à lapidação.

23. Os que eram, sem dúvida, os mais prudentes da cidade, e mais observantes da Lei, não aceitaram passivamente tal sentença e enviaram em sigilo mensageiros ao rei, suplicando que proibisse a Ananos agir desta forma, pois até então não procedera corretamente. Alguns dentre eles foram mesmo ao encontro de Albino, que chegava a Alexandria, sugerindo-lhe não ser lícito a Ananos convocar o sinédrio sem o consentimento de sua parte.

24. Albino, persuadido por essas palavras, escreveu irado a Ananos, ameaçando puni-lo. Quanto ao rei Agripa, retirou-lhe por isso o sumo pontificado que ele exercera por três meses e substituiu-o por Jesus, filho de Dameu.” São estas as notícias sobre Tiago, ao qual se atribui a primeira das chamadas cartas Católicas.

25. Convém notar que ela não é autêntica. Efetivamente, não são muitos dos antigos que a citam, bem como a chamada carta de Judas, também ela uma das sete ditas Católicas. Temos, porém, conhecimento de que essas cartas são lidas publicamente entre as demais, em grande número de Igrejas.

CAPÍTULO 24

Aniano, primeiro bispo de Alexandria

1. No oitavo ano do reinado de Nero, Aniano foi o primeiro, após o evangelista Marcos, a assumir o múnus da Igreja de Alexandria.

CAPÍTULO 25

A perseguição sob Nero

1. Quando Nero viu consolidado seu poder, começou a empreender ações ímpias e muniu-se contra o culto do Deus do universo. Não constitui, porém, nosso objetivo no momento registrar a perversidade de que ele foi capaz.

2. Uma vez que foram muitos os que divulgaram a versão de seus atos, quem o desejar, poderá depreender a crueldade e a loucura deste insensato, que sem motivo acumulou milhares de assassinios. A sede de sangue nele chegou a tal ponto que não poupou nem parentes, nem amigos. Igualmente tratou a mãe, os irmãos, a esposa e inúmeros consangüíneos quais inimigos particulares e públicos, eliminando-os por variados gêneros de morte.

3. Debite-se-lhe ainda o fato de ter sido o primeiro dos imperadores a mostrar-se contra a piedade para com Deus.

4. É ainda o romano Tertuliano quem o rememora, nos seguintes termos: “Pesquisai vossos arquivos. Verificareis ter sido o primeiro dentre os imperadores a perseguir esta doutrina, principalmente quando, subjogado todo o Oriente, mostrou-se cruel para com todos em Roma. A condenação por parte

de tal chefe constitui para nós motivo de orgulho. Qualquer que o conheça, sabe que Nero não condenaria algo que não fosse um bem singular”.

5. Foi também ele, o primeiro de todos os figadais inimigos de Deus, que teve a presunção de matar os apóstolos. Com efeito, conta-se que sob seu reinado Paulo foi decapitado em Roma. E ali igualmente Pedro foi crucificado (cf. Jo 21,18-19; 2Pd 1,14). Confirmam tal asserção os nomes de Pedro e de Paulo, até hoje atribuídos aos cemitérios da cidade.

6. De igual modo assegura-o um eclesiástico, de nome Caio, que viveu no tempo de Zeferino, bispo de Roma. Ao discutir por escrito com Probo, chefe da seita dos catafrígios, fala acerca dos lugares onde foram depositados os despojos sagrados dos citados apóstolos, o seguinte:

7. “Eu, porém, posso mostrar o troféu dos Apóstolos. Se, pois, queres ir ao Vaticano ou à Via Ostiense, encontrarás os troféus dos fundadores desta Igreja.”⁴¹

8. Dionísio, bispo de Corinto, declara aos romanos que ambos simultaneamente sofreram o martírio, escrevendo: “Numa só memória, unistes o que plantaram Pedro e Paulo, em Roma e em Corinto. Efetivamente, ambos plantaram em nossa cidade de Corinto e de modo semelhante nos instruíram; e também após terem juntos ensinado na Itália, sofreram o martírio na mesma ocasião”. Fiz menção de tudo isso em abono de minha narração.

CAPÍTULO 26

Os judeus declaram guerra aos romanos

1. Ademais, Josefo anota inúmeros pormenores a respeito das calamidades que se abateram sobre o povo judaico. Entre outras coisas, diz textualmente que muitos judeus de projeção, por ordem de Floro, sofreram a afronta da flagelação e na própria cidade de Jerusalém foram crucificados. Floro era procurador da Judéia quando novamente estalou a guerra, no décimo segundo ano do império de Nero.

2. Diz, em seguida, que em toda a Síria, após o levante dos judeus, houve terrível tumulto. Em toda a parte, gente do povo foi massacrada pelos habitantes de cada cidade, como se fossem inimigos, de tal sorte que se viam corpos insepultos, cadáveres de velhos a jazer com os das crianças, as cidades cheias de corpos de mulheres desnudas. Toda a província repleta de indizíveis desgraças; e a ameaça de futuros males, maiores ainda que as crueldades diárias. Até aqui, literalmente, é o que diz Josefo. Assim foi o que sucedeu aos judeus.

³⁰ A *História Eclesiástica* começa propriamente aqui. O primeiro livro é, antes, uma longa introdução. Eusébio inicia este livro indicando suas fontes. Na verdade, utilizará abundantemente as informações de F. Josefo.

³¹ Clemente e Orígenes têm Tiago como filho de José. Devem esta opinião, certamente, aos apócrifos, o Evangelho de Pedro e o proto-evangelho de Tiago.

³² Plínio, na *Hist. nat.* VI, 35, conta que na ilha de Meroe reinava uma mulher chamada Candace. At 8,26 fala do eunuco, alto funcionário de Candace, rainha da Etiópia.

³³ O decreto em questão proíbe somente consagrar templo ou altar sem a permissão do Senado ou dos tribunos da plebe. Cf. Tertuliano, *Apologético* V, 2; Tito Lívio, *História* IX, XVI.

³⁴ Trata-se da mãe do rei de Adiabene, Izatis. Convertidos ao judaísmo, mãe e filho, Helena tinha um palácio em Jerusalém, onde foi sepultada. Cumulou de bens e favores os judeus. Cf. F. Josefo, *Antiguidades judaicas* XX, 2-4.6; 101.

³⁵ Cf. A. GREIMER, *As religiões etruscas e romanas*, Paris, 1948, p. 123. A inscrição era consagrada a um velho deus latino: SEMO SANCUS. O nome completo do deus era SEMO SANCUS DIUS FIDIUS. O termo SEMO é antiga palavra equivalente de númen ou gênio e remonta à mesma raiz do verbo *sancire*, garantir. Deste deus seria, portanto, a garantia da palavra dada, a guarda da propriedade e da moral. Justino, que é a fonte informante de Eusébio, enganou-se sobre a leitura e o sentido da inscrição. Cf. I Apologia 26,1-3, em *Justino de Roma, I e II Apologias. Diálogo com Trifão*, São Paulo, Paulus, 1995 (Col. Patrística), p. 42.

³⁶ Animado pelo triunfo do cristianismo, Eusébio embelezou o passado, transmitiu uma imagem idílica dos primeiros tempos

cristãos. Na verdade, havia muita dissensão, divisões e contendas entre as Igrejas.

[37](#) Dionísio de Alexandria fala de João chamado Marcos, contudo, não se sabe onde Eusébio teria encontrado a menção de uma evangelização do Egito e de Alexandria.

[38](#) A lista de Eusébio não é completa. Talvez tenha se baseado nos manuscritos conservados na Biblioteca de Cesaréia. A narração é lendária.

[39](#) Tratava-se dos sicários, que devem seu nome à pequena espada, sica, punhal que levavam sob as vestes. No latim clássico, sicário serve para designar toda espécie de assassinos. Uma lei datada do tempo de Silas se intitulava *Lex Cornelia de Sicariis*. Entre os judeus, os *sicár* eram zelotas particularmente fanáticos e suas vítimas eram os que se aliavam aos romanos.

[40](#) Cf. J. CHAINE, *A Epístola de são Tiago*, Paris, 1927, p. XXXIX: “A narração da morte de são Tiago é inverossímil. Como os escribas, os fariseus poderiam acreditar que Tiago falaria em público contra seu mestre? Ele não entrava no santuário, no Santo dos santos, mas rezava sobre o pavimento como todos os outros israelitas. Encontrava-se em presença de um procedimento da hagiografia popular. O velho Simeão é também elevado à dignidade de sumo sacerdote no Evangelho de Nicodemos. Os desenvolvimentos lendários sobre o pontificado e a morte de Tiago tornam mais ou menos suspeita toda a narrativa. De acordo com os Atos, não parece que Tiago tenha vivido de maneira tão original e que tenha sido nazareno”.

[41](#) “Os trofeus”... A palavra comporta a idéia de vitória. Na época de Caio, o trofeu de são Pedro se encontrava certamente entre os túmulos e o sacerdote romano queria falar dos túmulos dos apóstolos ou de suas relíquias. cf. P. MONCEANA, “O apostolado de Pedro em Roma”, em *Revista da história e da literatura religiosa*, 1910, pp. 216-240; J. ZEILLER, em A. FLICHER e V. MARTIN, *História da Igreja*, t. I. Paris, 1935, pp. 227-236.

LIVRO TERCEIRO

CAPÍTULO 1

Regiões da terra nas quais os apóstolos pregaram

1. Tal era então a situação dos judeus. Entretanto, os santos apóstolos e os discípulos de nosso Salvador achavam-se dispersos pela terra inteira. Tomé, porém, conforme a Tradição, recebera por sorte a Partia, André a Scítia, João a Ásia, onde viveu, tendo morrido em Éfeso.
2. Pedro, contudo, parece ter pregado aos judeus da Diáspora, no Ponto, na Galácia, na Bitínia, na Capadócia e na Ásia (cf. 1Pd 1,1), e finalmente foi para Roma, onde foi crucificado de cabeça para baixo, conforme ele mesmo desejara sofrer.
3. Que dizer de Paulo, o qual de Jerusalém ao Ilírico (Rm 15,19) propagou o Evangelho de Cristo e por fim em Roma foi martirizado sob Nero? É o que conta literalmente Orígenes, no terceiro livro dos *Comentários ao Gênesis*.

CAPÍTULO 2

O primeiro presidente da Igreja de Roma

Depois do martírio de Pedro e Paulo, o primeiro a obter o episcopado na Igreja de Roma foi Lino. Paulo, ao escrever de Roma a Timóteo, cita-o na saudação final da carta (2Tm 4,21).

CAPÍTULO 3

Cartas dos apóstolos

1. Com efeito, de Pedro apenas uma carta, classificada como primeira, é reconhecida por autêntica e os próprios antigos presbíteros utilizaram-na, citando-a em seus escritos como sendo genuína. Quanto àquela enumerada como segunda, tivemos notícia de que não é testamentária, todavia muitos a consideraram útil e foi tomada em consideração com as demais Escrituras.⁴²
2. Relativamente aos *Atos* que trazem seu nome, ao *Evangelho* dito *segundo Pedro*, ao *Kerygma* e ao suposto *Apocalipse de Pedro*, sabemos que não foram de modo algum transmitidos entre os escritos católicos e que nenhum escritor eclesiástico, nem dentre os antigos, nem dos atuais, utilizou testemunhos tirados destas obras.
3. Na continuação desta *História*, seria significativo rememorar os sucessores, lembrar quais os escritores eclesiásticos que em seu tempo empregaram escritos contestados, quais desses escritos foram utilizados, o que disseram, quer das Escrituras testamentárias e geralmente recebidas, ou não.
4. Dos escritos atribuídos a Pedro, conheço apenas uma carta reconhecida pelos antigos presbíteros como autêntica. E é só.
5. No tocante a Paulo evidentemente dele provêm as catorze cartas. Não seria justo deixar de reconhecer que alguns, no entanto, rejeitam a carta aos Hebreus, assegurando não ser recebida pela Igreja de Roma, por não ser da autoria de Paulo. Sobre o assunto, explanarei oportunamente o que disseram meus predecessores. De outro lado, os *Atos* que trazem seu nome, não os aceito entre os

livros autênticos.

6. Visto que o mesmo apóstolo, nas saudações finais da carta aos Romanos entre outros, menciona Hermas (Rm 16,14), a quem se atribui o livro intitulado *Pastor*, é bom saber que também este é contestado por alguns que não o colocam entre as obras recebidas, enquanto outros julgam-no muito útil, principalmente para os necessitados de iniciação elementar. Estamos agora cientes de que é lido publicamente nas Igrejas e verifiquei ter sido empregado por alguns dos autores mais antigos.

7. Tenho dito. Visei expôr quais as Escrituras divinas incontestadas e quais as que não são reconhecidas por todos.

CAPÍTULO 4

Primeira sucessão dos apóstolos

1. Evidencia-se através das próprias palavras de Paulo e do que Lucas contou nos *Atos* ter ele pregado aos gentios e lançado os fundamentos das Igrejas, desde Jerusalém e cercanias até o Ilírico (Rm 15,19).

2. Entretanto, as palavras de Pedro indicam também em que províncias ele próprio anunciou Cristo e transmitiu a doutrina do Novo Testamento aos circuncisos (cf. Gl 2,7-10). Esclarece-o igualmente a carta que afirmamos ser tida por autêntica, dirigida aos hebreus da Dispersão do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia (1Pd 1,1).

3. Não é fácil dizer quantos discípulos houve e quais se tornaram verdadeiramente zelosos a ponto de serem considerados capazes, depois de comprovados, de apascentar as Igrejas fundadas pelos apóstolos, exceto aqueles cujos nomes é possível recolher dos escritos de Paulo.

4. Houve em grande número colaboradores de Paulo, por ele denominados companheiros de armas (Fm 2,24; Fl 2,25). A muitos ele considera dignos de memória imortal e presta-lhes contínuo testemunho nas cartas. Além disso, Lucas nos *Atos* relembra esses discípulos nominalmente.

5. Relata-se ter sido Timóteo o primeiro a exercer o episcopado na Igreja de Éfeso (1Tm 1,3), enquanto o primeiro nas Igrejas de Creta foi Tito (Tt 1,5).

6. Lucas, porém, de origem antioquena, e médico de profissão (cf. Cl 4,14), viveu por longo tempo em companhia de Paulo e no restante conviveu, não de passagem, com os outros Apóstolos. Deles aprendeu a cura das almas, conforme comprovou nos dois livros inspirados por Deus, o *Evangelho* que ele atesta ter composto conforme lhe transmitiram os que foram desde o início testemunhas oculares e ministros da palavra e aos quais seguiu desde o começo (Lc 1,2-3) e os *Atos dos Apóstolos*, que não redigiu de acordo com o que ouviu, mas ao invés com o que viu com os próprios olhos.

7. Diz-se costumar Paulo fazer referência ao evangelho segundo Lucas, todas as vezes que escreve, como se falasse de um evangelho que lhe fosse peculiar, usando a expressão: “Segundo o meu evangelho” (Rm 2,16; 16,25; 2Tm 2,8).

8. No atinente a seus outros companheiros, Paulo testemunha ter sido Clemente enviado às Gálias (2Tm 4,10); quanto a Lino, cuja presença junto dele em Roma foi registrada na 2ª carta a Timóteo (2Tm 4,21), depois de Pedro foi o primeiro a obter ali o episcopado, conforme mencionamos mais acima.

9. Entretanto, Paulo atesta que Clemente, igualmente seu cooperador e companheiro de lutas (Fl 4,3), foi o terceiro bispo de Roma.

10. Acrescente-se que acerca do areopagita, de nome Dionísio, do qual afirma Lucas nos *Atos* que, em seguida ao discurso de Paulo aos atenienses no Areópago, foi o primeiro a crer (At 17,34), outro Dionísio, um ancião, pastor da Igreja de Corinto, assevera que ele se tornou o primeiro bispo da Igreja de Atenas.

11. À medida, porém, que avançarmos no curso da narração, em lugar oportuno e segundo a época, tratarei da sucessão dos apóstolos. Agora, passemos à continuação da História.

CAPÍTULO 5

Último assédio dos judeus

1. Depois dos treze anos de império de Nero, Galba e Óton, os dois juntos, apenas ficaram no poder um ano e seis meses. Vespasiano, que se distinguira nas lutas contra os judeus, ainda na própria Judéia foi designado rei e proclamado imperador pelas legiões ali acampadas. Logo tomou o caminho de Roma e confiou o comando da guerra contra os judeus a seu filho Tito.

2. Ora, após a ascensão de nosso Salvador, os judeus, além do que haviam ousado contra ele, armaram contra os apóstolos quantas ciladas puderam. Em primeiro lugar, Estêvão foi morto a pedradas (At 7,58-60); depois dele, Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João, foi decapitado (At 12,2) e sobretudo Tiago, o primeiro após a ascensão de nosso Salvador a ocupar a sé episcopal de Jerusalém, foi morto do modo acima descrito. Os outros apóstolos sofreram mil embustes, que visavam a matá-los. Expulsos da Judéia, começaram a se espalhar por todas as nações, no intuito de ensinar-lhes a mensagem, com a força de Cristo, que lhes dissera: “Ide e ensinai a todas as nações em meu nome” (cf. Mt 28,19).

3. Ora, os membros da Igreja de Jerusalém, através de uma profecia proveniente de uma revelação feita aos fiéis mais ilustres da cidade, receberam a ordem de deixar a cidade antes da guerra e transferir-se para uma cidade da Peréia, chamada Pela. Para lá fugiram de Jerusalém os fiéis de Cristo, de sorte que os santos varões abandonaram totalmente a régia capital dos judeus e toda a terra da Judéia. Então a justiça de Deus atingiu os judeus que haviam praticado tais iniquidades contra Cristo e os apóstolos e esta geração de ímpios desapareceu inteiramente do meio dos homens.

4. Quantos e quais os males que de toda parte se abateram sobre o povo inteiro; como especialmente aos habitantes da Judéia sobrevieram as maiores desgraças; quantos milhares de jovens, bem como de mulheres e crianças, tomaram pela espada, fome e inúmeros gêneros de morte; quantas e quais as cidades judaicas sitiadas; além disso, quais os males terríveis e mais que terríveis presenciados pelos refugiados, enquanto em metrópole bem fortificada, na própria Jerusalém; o modo como se desenvolveu a guerra e quais os acontecimentos peculiares; de que modo, enfim, a abominação da desolação prenunciada pelos profetas (Dn 9,27; 12,11; cf. Mt 24,15; Mc 13,14) se instalou no Templo de Deus, outrora célebre e ao qual estava reservada a ruína completa e a destruição final pelo fogo — tudo isso, quem o quiser, encontrará com a maior exatidão na *História* exarada por Josefo.

5. No entanto, forçoso é reproduzir, em seus próprios termos, o relato deste historiador sobre a multidão de cerca de três milhões, vinda da Judéia inteira, aglomerada nos dias da festa de Páscoa e encurralada em Jerusalém.

6. Convinha, de fato, que nos dias em que os judeus haviam infligido a paixão ao Salvador e benfeitor de todos, o Cristo de Deus, eles fossem metidos de certo modo numa prisão a fim de sofrerem a ruína originada da justiça divina.

7. Omitindo, porém, os pormenores dos eventos, e quanto contra eles se empreendeu por meio da espada ou de qualquer outra forma, julgo necessário expor apenas as tribulações ocasionadas pela fome, a fim de que os leitores possam parcialmente saber de que modo sobreveio-lhes sem demora o castigo divino, por causa do crime cometido contra o Cristo de Deus.

CAPÍTULO 6

A fome que os arrasou

1. Retomemos agora entre as mãos o quinto livro das *Histórias* de Josefo e leiamos os trágicos acontecimentos daquela época. Diz o historiador: “Quanto aos ricos, só o fato de ficarem na cidade acarretava-lhes a morte. Sob pretexto de que pretendiam desertar, eram mortos, na realidade por causa de sua fortuna. Além disso, a loucura das revoltas crescia com a fome e diariamente aumentavam essas duas calamidades.

2. Em parte alguma, achava-se trigo. Então, as casas eram invadidas e completamente devassadas. Se houvesse trigo, maltratavam-se os moradores por terem negado; se não houvesse, eram torturados sob pretexto de o haverem cuidadosamente escondido. Sinal de terem ou não terem trigo era o corpo desses infelizes. Os que ainda estavam de pé pareciam estar fartos, e os já esgotados, eram deixados sossegados porque não era razoável matar os que já morriam à míngua.

3. Muitos às ocultas permutavam seus bens por uma medida de trigo se eram ricos, por uma medida de cevada se eram pobres. Depois, trancavam-se no fundo da casa. Alguns, porém, em extrema penúria, comiam o trigo sem preparo, outros faziam o pão conforme permitiam o medo e a necessidade.

4. Em parte alguma punha-se a mesa. Os alimentos ainda crus eram retirados do fogo e repartidos. Miserável o alimento e era espectáculo de arrancar lágrimas assistir aos mais fortes abocanhar mais que os outros, enquanto os mais fracos gemiam.

5. A fome supera todas as dores. Elimina sobretudo o senso do pudor, pois torna desprezível o que em outras circunstâncias é digno de respeito. As mulheres arrancavam os alimentos da boca dos maridos, as crianças da boca dos pais, e o que é mais lamentável, as mães da boca das criancinhas. E enquanto definhavam em seus braços os que elas mais amavam, não se coravam de subtrair-lhes o pequeno bocado que as fariam subsistir.

6. Mesmo os que comiam deste modo, não conseguiam ficar ocultos. De todos os lados apareciam os revoltosos para pilhar essas migalhas. Pois, casa fechada tornava-se sinal de que os moradores estavam prestes a comer. Logo eles arrombavam as portas, irrompiam dentro de casa e quase arrancavam da garganta os pedaços para arrebatá-los.

7. Eram surrados os velhos que não largavam a comida. Arrancavam-se os cabelos das mulheres que escondiam o que tinham nas mãos. Não se tinha piedade das cãs, nem das criancinhas. Suspendiam-se as crianças que prendiam a comida na boca e eram jogadas no chão. Aqueles que, pressentindo a invasão dos ladrões, engoliam o que lhes seria roubado, eram tratados com crueldade maior, sob pretexto de terem praticado uma injustiça.

8. Os rebeldes inventavam suplícios terríveis, no intuito de descobrir os alimentos. Obstruíam com ervilhaca o canal da uretra desses infelizes; e com paus pontudos examinavam o reto. Impingiam-se assim tormentos horríveis, que nem se podem dizer, para que confessassem onde havia um só pão, ou denunciassem o esconderijo de um punhado de cevada apenas.

9. Os algozes, porém, não passavam fome. Teria sido menor a crueldade se provocada pela necessidade; era apenas para exibirem um orgulho louco e reservar provisões para dias melhores.

10. Iam ao encalço dos que à noite se infiltravam entre os postos avançados dos romanos para colher legumes campestres e ervas. Quando pensavam estes ter escapado aos inimigos, era-lhes arrebatado o que traziam. Muitas vezes eles suplicavam, invocando o terrível nome de Deus que lhes devolvessem uma parte do que traziam, após terem enfrentado tantos perigos. Nada lhes era devolvido e podiam ainda considerar-se felizes de não serem mortos depois de roubados!”

11. Mais adiante, Josefo acrescenta: “Para os judeus, desaparecera qualquer esperança de salvação, com a impossibilidade de sair da cidade e a fome cada vez mais profunda devastava o povo, casa por casa, família por família. Os terraços estavam cobertos de mulheres e criancinhas mortas; as ruas, de cadáveres de velhos.

12. Meninos e jovens, inchados, vagavam como fantasmas pelas praças e tombavam onde os surpreendiam os padecimentos. Os enfermos não tinham forças para enterrar os parentes e os que as teriam, desistiam diante da quantidade de mortos e da incerteza de sua própria morte. Com efeito, muitos caíam mortos sobre aqueles que iam enterrar e muitos outros iam para os sepulcros antes que deles precisassem.

13. No meio dessas tribulações, não se ouviam lamentos, nem gemidos; mas a fome lhes tirara a sensibilidade. Os agonizantes olhavam, sem lacrimejar, os que os precediam no repouso. Na cidade reinava profundo silêncio e escuridão mortal.

14. Mais miseráveis que todos eram os bandidos. Com efeito, eles pilhavam as casas transformadas em sepulcros, despojavam os mortos, saíam com escárnio depois de retirar as mortalhas dos cadáveres, experimentavam nos corpos a ponta das espadas e às vezes traspassavam os abandonados ainda vivos para provar o gume. Destes últimos, alguns pediam a ajuda de suas mãos e de suas espadas, mas eles com desprezo deixavam-nos entregues à fome. Então, cada agonizante voltava o olhar fixo para o Templo, que ainda deixava com vida os revoltosos.

15. Os revoltosos, no início, mandavam enterrar os mortos, a expensas do tesouro público, por ser insuportável o mau odor. Mas depois, sem recursos suficientes, do alto das muralhas jogavam-nos pelas escarpas. Percorrendo-as, Tito viu-as repletas de cadáveres e, erguendo as mãos, tomou a Deus por testemunha de que tal calamidade não era obra sua.”

16. Após ter narrado outros fatos, mais adiante prossegue Josefo: “Não hesitarei em manifestar o que me ordena o sofrimento. A meu ver, se os romanos tivessem retardado a punição dos criminosos, a cidade teria sido soterrada por um terremoto ou submersa num cataclismo, ou os raios de Sodoma a teriam destruído, pois continha uma geração muito mais atéia do que aquelas que suportaram esses males. O povo todo pereceu com eles, por causa da insensatez que demonstraram”.

17. No sexto livro, escreve ainda Josefo o seguinte: “Ilimitado foi o número dos famintos que sucumbiram na cidade; indizíveis eram os sofrimentos. Em cada casa, se em alguma parte se visse uma sombra de alimento, havia verdadeira guerra. Aqueles que mais se amavam pelejavam para arrancarem-se mutuamente os miseráveis meios de subsistência. Mesmo relativamente aos moribundos, não se dava crédito a seu despojamento.

18. Efetivamente, os salteadores davam buscas até nos que mal respiravam, suspeitando fingirem estar à morte, mas conservarem os alimentos nas dobras do manto. Sob o efeito da fome, muitos

cambaleavam, com a boca aberta como cães danados, tropeçavam, esbarravam nas portas como ébrios, e iam duas ou três vezes por hora às mesmas casas. A necessidade forçava-os a comerem de tudo.

19. Recolhia-se até o que os mais vis dos irracionais não teriam tomado para comer. Não se abstinham dos cintos e das sandálias; enfim, arrancavam o couro dos escudos para roê-los. Até pó de ferro velho era alimento para alguns. Muitos colhiam fibras vegetais e vendiam uma pequena quantidade delas por quatro dracmas.

20. Mas, por que falar da impudência provocada pela fome, no tocante a seres inanimados? Vou referir um episódio, ocasionado pela fome, de tal espécie que nada de semelhante se conta entre os gregos, nem entre os bárbaros. É horripilante de se narrar, incrível de se ouvir! No que me toca — que não aparente inventar fábulas para os pósteros — teria de bom grado silenciado essa calamidade, se não houvesse entre os contemporâneos inúmeras testemunhas. De resto, prestaria à pátria mísero favor se silenciasse males que ela verdadeiramente suportou.

21. Havia, entre os habitantes da Transjordânia, uma mulher, chamada Maria, filha de Eleazar, da aldeia de Bathezor (termo que significa: casa do hissopo), distinta por nascimento e riqueza. Refugiara-se em Jerusalém, com o restante da multidão, e lá também suportava o cerco.

22. Os tiranos haviam lhe arrebatado todos os bens que ela coligira e transportara da Peréia à cidade. Homens armados invadiam-lhe diariamente a casa e apossavam-se do resto de sua fortuna, e dos alimentos que conseguia obter. Uma intensa cólera apoderou-se da mulher, que a todo instante insultava e maldizia os assaltantes, excitando-os contra si.

23. Como ninguém a matava, nem por cólera, nem por piedade, cansada de obter para outrem alimentos que em parte alguma era possível encontrar, e como a fome também traspassava-lhe as entranhas e a medula dos ossos e o coração ardia-lhe mais que a fome, seguiu a sugestão da ira e da penúria e agiu contra a própria natureza. Tinha um filho, ainda lactente. Ela o tomou e disse:

24. ‘Infeliz de ti, criancinha! De que serve conservar-te em vida durante a guerra, a fome, a revolta? Se ainda vivermos sob o domínio dos romanos, será a escravidão; a fome, aliás, antes da escravidão, e os revoltosos são mais terríveis que uma e outra. Vamos! Serás para mim alimento, maldição para os sediciosos, mito para a humanidade, a única desgraça que ainda faltava aos judeus.’

25. Assim falando, matou o filho, e após cozê-lo, comeu a metade; e guardou escondido o restante. Logo os revoltosos chegaram e percebendo o cheiro desta crueldade ímpia, ameaçaram a mulher de imediatamente estrangulá-la se não apresentasse a comida preparada. Mas ela respondeu que reservara para eles uma boa parte e mostrou-lhes os restos da criança.

26. Eles ficaram logo assombrados e apavorados, imóveis diante deste espetáculo. Mas ela lhes disse: ‘É meu pró-prio filho. Eu mesma fiz isto. Comei, pois eu também comi. Não sejais mais delicados que uma mulher, nem mais sensíveis que uma mãe. Se sois compassivos e rejeitais meu sacrifício, o que comi foi por vós; o resto fique para mim.’

27. Então, trêmulos, eles saíram. Por uma vez ao menos tiveram pavor e penalizados deixaram à mãe tal alimento. Mas, pela cidade inteira propagou-se a horrorosa notícia. Cada um, pondo diante dos olhos esse crime como se ele próprio o houvesse perpetrado, estremecia de horror.

28. Havia entre os famintos uma espécie de anelo pela morte e eram tidos por felizes os que haviam perecido antes de ver e ouvir males tão horrendos.”

Predições de Cristo

Tal foi o castigo sofrido pelos judeus por causa da injustiça e da impiedade relativamente ao Cristo de Deus.

1. Convém acrescentar ao que precede também a infalível predição de nosso Salvador, a fim de manifestar como tudo isso já fora profetizado: “Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando naqueles dias! Pedi que vossa fuga não aconteça em inverno ou num sábado. Pois naquele tempo haverá uma grande tribulação, como não houve desde o princípio do mundo até agora, nem tornará a haver jamais” (Mt 24,19-21).

2. Calculando o número global dos mortos, o historiador anota terem perecido pela fome e pela espada um milhão e cem mil homens;⁴³ diz que os sediciosos e salteadores sobreviventes denunciaram-se mutuamente após a queda da cidade e foram executados; os jovens das camadas mais elevadas e que se destacavam pela beleza corporal foram reservados para o triunfo. Quanto ao restante da multidão, os maiores de dezessete anos foram algemados e enviados para os trabalhos no Egito; os outros, em maior número, foram distribuídos pelas províncias, a fim de serem mortos nos teatros pelo ferro ou animais ferozes. Os menores de dezessete anos foram levados prisioneiros a fim de serem vendidos. Somente desses últimos, contaram-se mais ou menos noventa mil homens.

3. Esses acontecimentos se deram no segundo ano do império de Vespasiano, e de acordo com os oráculos proféticos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo que, por virtude divina, previra-os como se fossem já presentes, tinha chorado e soluçado; e segundo os escritos dos santos evangelistas, que registraram as próprias palavras do Senhor, proferidas então, como se falasse de algum modo à própria Jerusalém:

4. “Se nesse dia ao menos conhecesses a mensagem de paz! Agora, porém, isso está escondido a teus olhos! Pois dias virão sobre ti, e os teus inimigos te cercarão de trincheiras, te rodearão e te apertarão de todos os lados. Deitarão por terra a ti e aos teus filhos” (Lc 19,42-44).

5. Em seguida, a respeito do povo: “Com efeito, haverá uma grande angústia na terra e cólera sobre este povo. E cairão ao fio da espada, levados cativos por todas as nações, e Jerusalém será pisada por nações, até que se cumpram os tempos das nações” (Lc 21,23-24). E ainda: “Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabeis que está próxima a sua desolação” (Lc 21,20).

6. Quem comparar as palavras de nosso Salvador com os demais relatos do historiador sobre toda a guerra, como não haverá de se admirar e confessar como divinas, verdadeiras e sobrenaturalmente extraordinárias a presciência e a predição de nosso Salvador?

7. Acerca do que sucedeu a toda a nação, após a paixão do Salvador, e depois dos clamores com os quais a multidão dos judeus salvou da morte um ladrão e um assassino, enquanto pedia fosse tirado do meio deles o príncipe da vida (Lc 23,18-19; Jo 18,40; At 3,14-15), é ocioso acrescentar seja o que for às histórias.

8. Justo seria, contudo, salientar traços que demonstram o amor e total bondade da Providência relativamente aos homens. Esperou quarenta anos inteiros, após o audacioso crime contra Cristo para eliminar os réus. Nesse prazo de tempo, a maioria dos apóstolos e discípulos e o próprio Tiago, o primeiro bispo da cidade, denominado irmão do Senhor, ainda viviam e moravam na própria cidade de

Jerusalém, fortaleza poderosamente munida.

9. A supervisão divina havia pacientemente agido até então; eles talvez se arrependessem do que haviam perpetrado e obtivessem perdão e salvação. Além de tão grande longanimidade, houve sinais extraordinários da parte de Deus sobre o que lhes aconteceria se não se arrependessem. Esses fatos foram também tidos por memoráveis pelo supracitado historiador. Nada de melhor do que transcrevê-los para os leitores.

CAPÍTULO 8

Sinais antes da guerra

1. Tomai e lede a exposição do livro sexto das *Histórias*: “Impostores, que falsamente invocavam a Deus por testemunha, iludiam este infeliz povo, descuidado e descrente dos sinais precursores que claramente anunciavam a devastação futura; mas como que fulminados por um raio e privados dos olhos e da razão não atendiam às mensagens de Deus.

2. Em primeiro lugar, um astro em forma de espada pairou acima da cidade e um cometa permaneceu visível no céu durante um ano. Em seguida, antes da revolta e dos movimentos preparatórios para a guerra, quando o povo estava reunido para a festa dos ázimos, no dia oito do mês de abril, cerca da nona hora da noite, uma luz, intensa como a solar, iluminou o altar e o santuário, durante uma meia hora. Os ignorantes pensaram que era um bom presságio, mas os escribas interpretaram o caso previamente com exatidão.

3. Durante a festa, uma vaca que o sumo sacerdote conduzia para o sacrifício, pariu um cordeiro, no meio do Templo.

4. A porta oriental do adro interior era de bronze e tão maciça que, à tarde, vinte homens mal conseguiam fechá-la. Tinha barras de ferro e trincos fincados firmemente no chão e resistentes. À sexta hora da noite, abriu-se automaticamente.

5. Poucos dias depois da festa, no dia vinte e um do mês de maio, houve uma aparição extraordinária, de tamanho incrível. Portentoso ainda o que vai ser narrado, se não fosse contado por testemunhas oculares, e se as desgraças subseqüentes não fossem proporcionais a estes sinais. Efetivamente, antes do pôr-do-sol viram-se em toda a região nos ares carros de guerra e falanges armadas que se projetavam através das nuvens e cercavam as cidades.

6. Por ocasião da festa denominada Pentecostes, durante a noite, os sacerdotes, ao entrarem no santuário como de costume para o serviço do culto, disseram ter ouvido antes agitação e alaridos, depois vozes que exclamavam em uníssono: ‘Saíamos daqui’.

7. Mais terrível ainda é o seguinte: Um homem, chamado Jesus, filho de Ananias, homem simples, rude camponês, quatro anos antes da guerra, quando a cidade fruía de paz profunda e prosperidade, veio à festa em que é costume geral levantar tendas em honra de Deus, e de repente começou a clamar no Templo: ‘Voz do Oriente, voz do Ocidente, voz dos quatro ventos, voz contra Jerusalém e o Templo; voz contra os esposos e as esposas, voz contra todo o povo’. Dia e noite ele percorria as ruas, repetindo esses gritos.

8. Alguns cidadãos de destaque indignaram-se com tais maldições, prenderam-no e maltrataram-no com muitos golpes. Mas ele, que não falava por si mesmo, nem em próprio nome, continuava a gritar as mesmas palavras diante dos presentes.

9. Os chefes pensaram que estava sendo movido, como de fato estava, por um poder sobrenatural. Conduziram-no perante o procurador romano. O flagelo dilacerou-o até os ossos. Não proferiu uma súplica, não derramou uma lágrima, mas quanto podia, com voz lúgubre, a cada golpe repetia: ‘Ai de ti, ai de ti, Jerusalém.’ ”

10. O mesmo historiador conta um fato mais extraordinário, referindo que nas Sagradas Letras se encontrou um oráculo, segundo o qual, naquele tempo da região sairia alguém para comandar a terra habitada. Ele julga que este oráculo se cumpriu em Vespasiano.

11. Mas, este não dominou toda a terra e sim apenas as regiões sob o domínio romano. Seria mais justo aplicar esta profecia a Cristo, a quem foram dirigidas pelo Pai as seguintes palavras: “Pede, e eu te darei as nações como herança e os confins da terra como propriedade” (Sl 2,8). Ora, nesta mesma época, a voz dos Apóstolos “atingiu toda a terra e até os confins do mundo a sua linguagem” (Sl 18,5; cf. Rm 10,18).

CAPÍTULO 9

Os escritos que Josefo deixou

1. Após todos esses eventos, seria conveniente conhecer mais de perto este Josefo, que de tal forma contribuiu para a história que temos entre as mãos. Onde era? De que família? Ele próprio no-lo declara nos seguintes termos: “Josefo, filho de Matias, sacerdote de Jerusalém, também ele, no princípio combateu contra os romanos; mais tarde, porém, coagido pela necessidade, aproximou-se deles”.

2. Naquela época, foi o mais ilustre dos judeus, não somente entre os compatriotas, mas também ao lado dos romanos, de tal sorte que, na cidade de Roma, teve uma estátua erguida em sua honra e suas obras foram tidas por dignas de figurar nas bibliotecas.

3. Descreve toda a antiguidade judaica em vinte livros ao todo e a história da *Guerra romana* contemporânea, em sete livros.

Ele próprio atesta ter escrito estas obras não apenas em grego, mas ainda na língua vernácula e é fidedigno.

4. Dele possuímos ainda dois livros dignos de estudo sobre a antiguidade dos judeus, em réplica ao gramático Apião, que compusera uma obra contra os judeus e a outros que tentavam igualmente difundir calúnias contra os usos pátrios do povo judeu.

5. No primeiro livro estabelece o número dos escritos canônicos, que se chamam Antigo Testamento e quais são recebidos como autênticos pelos hebreus, segundo antiga tradição, nesses termos:

CAPÍTULO 10

Como ele chama os livros divinos

1. “Não existem entre nós milhares de livros, contraditórios e opostos entre si. Há somente vinte e dois livros que contêm a história do passado e com justeza são tidos por divinos.

2. Destes, cinco são de Moisés e abrangem as leis e a tradição sobre a criação do homem até a morte do autor. Compreendem pouco menos de três mil anos.

3. Da morte de Moisés até a de Artaxerxes, rei dos persas, sucessor de Xerxes, os profetas posteriores

a Moisés registraram os eventos de sua época em treze livros. Os quatro livros restantes encerram hinos a Deus e normas de vida para os homens.

4. De Artaxerxes até o presente, tudo foi registrado, mas esses livros não foram tidos por fidedignos como os anteriores, porque a sucessão dos profetas é inexata.

5. Os fatos manifestam nossa atitude diante de nossas próprias Escrituras, pois embora sejam de data remota, ninguém ousou aditar, retirar ou alterar seja o que for, mas todos os judeus, desde a primeira infância, acham natural considerá-los quais ensinamentos de Deus e continuamente, a eles aderir, e se necessário, por eles de bom grado morrer.”

6. É proveitoso lembrar essas observações do historiador. Ele elaborou ainda outra obra digna de si, *A razão soberana*, que alguns intitulam *Macchabaicon*, por conter os combates dos hebreus, mencionados nos livros denominados dos Macabeus, os quais foram travados virilmente em prol da piedade para com Deus.

7. Pelo final do vigésimo livro das *Antiguidades*, o mesmo autor indica que pretende escrever quatro livros, conforme as crenças pátrias dos judeus, sobre Deus e sua essência, sobre as leis, os motivos por que algumas coisas são permitidas e outras proibidas. Afirma ainda, em suas próprias obras que se ocupou de outros assuntos.

8. Além disso, é de bom alvitre citar as palavras finais das *Antiguidades*, que confirmam o testemunho sobre a contribuição tirada deste autor. Ele incrimina redondamente Justo de Tiberíades, que tentou narrar, imitando-o, os eventos da mesma época, de não ter falado a verdade; adita ainda muitas outras acusações contra ele, e conclui com estas palavras:

9. “Quanto a mim, não receio igual juízo sobre meus escritos. Apresentei meus livros aos imperadores, quando ainda se verificavam os fatos. Tinha consciência de ter mantido a transmissão da verdade. Confiei que obteria seu beneplácito e não me enganei.

10. Mostrei minha narração a muitos outros, alguns dos quais haviam participado da guerra, como o rei Agripa e alguns de seus parentes.

11. Com efeito, o próprio imperador Tito quis fosse transmitido o conhecimento desses fatos apenas através destas obras e ordenou, assinando a ordem com suas próprias mãos, que fossem publicados os meus livros. Quanto ao rei Agripa, escreveu-me sessenta e duas cartas, atestando a transmissão da verdade.” Destas cartas, Josefo chega a citar duas. Mas, a respeito desse autor, basta. Prossigamos a narrativa.

CAPÍTULO 11

Depois de Tiago, Simão dirige a Igreja de Jerusalém

Após o martírio de Tiago e a destruição de Jerusalém, ocorrida logo depois, conta-se que os sobreviventes dos Apóstolos e dos discípulos do Senhor vindos de todas as partes se congregaram e com os consangüíneos do Senhor — havia um grande número deles ainda vivos — reuniram-se em conselho para verificar quem julgariam digno de suceder a Tiago. Todos unanimemente consideraram idôneo para ocupar a sede desta Igreja Simeão, filho de Cléofas, de quem se faz memória no livro do Evangelho (Lc 24,18; Jo 19,25). Diz-se que era primo do Salvador. Efetivamente, Hegesipo declara que Cléofas era irmão de José.

CAPÍTULO 12

Vespasiano procura descendentes de Davi

Além disso, Vespasiano, após a tomada de Jerusalém, ordenou uma busca de todos os descendentes de Davi, a fim de que não restasse entre os judeus ninguém de estirpe real. Esta ordem desencadeou novamente violenta perseguição aos judeus.

CAPÍTULO 13

Anacleto, segundo bispo de Roma

A Vespasiano, depois de ter reinado 10 anos, sucedeu Tito, seu filho, como imperador. No segundo ano de seu reinado, o bispo Lino, depois de ter exercido durante doze anos o ministério da Igreja de Roma, transmitiu-o a Anacleto.⁴⁴ A Tito, que reinou dois anos e dois meses, sucedeu Domiciano, seu irmão.

CAPÍTULO 14

Abílio, segundo a dirigir os alexandrinos

No quarto ano de Domiciano, Aniano, o primeiro bispo da Igreja de Alexandria, após vinte e dois anos completos de episcopado, morreu. Seu sucessor, como segundo bispo, foi Abílio.

CAPÍTULO 15

Depois dele Clemente é o terceiro

No décimo segundo ano do mesmo império, Anacleto, que foi bispo da Igreja de Roma durante doze anos, foi substituído por Clemente, que o Apóstolo, na carta aos Filipenses, informa ter sido seu colaborador, nesses termos: “Em companhia de Clemente e dos demais auxiliares meus, cujos nomes estão no livro da vida” (Fl 4,3).

CAPÍTULO 16

Cartas de Clemente

Com efeito, deste último existe uma carta tida por autêntica, significativa e admirável. Ele a redigiu, da parte da Igreja de Roma para a Igreja de Corinto, em consequência de uma divisão que sucedera em Corinto.⁴⁵ Sabemos que em grande número de Igrejas lia-se outrora esta carta, e ainda hoje é lida. Hegesipo é fidedigna testemunha de que sob o mesmo imperador, houve perturbação em Corinto, causada por uma sedição.

CAPÍTULO 17

A perseguição sob Domiciano

Domiciano demonstrou grande crueldade em relação a muitos. Mandou matar considerável número de patrícios e importantes personagens de Roma, sem processo regular. Inúmeros outros homens ilustres foram condenados ao exílio, além dos limites do império, e à confiscação dos bens, sem motivo algum. Finalmente, mostrou-se êmulo de Nero no ódio a Deus e na luta contra ele. Foi, sem dúvida, o segundo a mover perseguição contra nós, embora seu pai, Vespasiano, jamais houvesse concebido planos malvados contra nós.

CAPÍTULO 18

João e o Apocalipse

1. Nesta ocasião, conforme se refere, o apóstolo e evangelista João, que ainda vivia, por causa do testemunho acerca do verbo divino, fora condenado ao exílio na ilha de Patmos.
2. Ireneu, ao escrever, no quinto livro de sua obra *Contra as heresias*, a propósito do algarismo significativo do nome do Anticristo, indicado no *Apocalipse* (Ap 13,18) atribuído a João, assevera textualmente a respeito de João:
3. “Se fosse oportuno revelar hoje abertamente o nome do Anticristo, tê-lo-ia proclamado o vidente do *Apocalipse*. Não faz muito tempo que teve a visão; foi quase em nossa geração, pelo fim do governo de Domiciano.”
4. Naquela época, o ensino de nossa fé era de tal modo manifesto que até mesmo os historiadores alheios a nossa doutrina não hesitavam em relatar em suas obras a perseguição e os testemunhos prestados durante ela. Indicaram precisamente suas datas; narram que no décimo quinto ano de Domiciano, Flávia Domitila, filha de uma irmã de Flávio Clemente, um dos cônsules de Roma nesta ocasião, foi também ela, com muitos outros, banida para a ilha Pôncia em punição de seu testemunho prestado a Cristo.

CAPÍTULO 19

Domiciano ordena a morte dos descendentes de Davi

O mesmo Domiciano mandou suprimir os descendentes de Davi. Uma antiga narração informa terem certos hereges denunciado como tais os descendentes de Judas, que era um irmão do Salvador, segundo a carne, pois era da estirpe de Davi e pertencente ao parentesco do próprio Cristo. Mostra-o Hegesipo, que afirma literalmente em determinada passagem:

CAPÍTULO 20

Os parentes do Senhor

1. “Havia ainda, da parentela do Salvador, os netos de Judas, que era denominado irmão dele segundo a carne (Mt 13,55; Mc 6,3). Foram denunciados como membros da estirpe de Davi. O “*evocatus*” fê-los comparecer perante Domiciano César. Este, como Herodes, tinha receio de uma vinda de Cristo.
2. Interrogou-os se eram da estirpe de Davi e eles disseram que sim. Então perguntou-lhes quantas as suas propriedades, quais as riquezas que possuíam. Responderam que os dois juntos tinham somente nove mil denários, metade para cada um, e acrescentaram que nem isso possuíam em dinheiro, mas constituía a avaliação de uma terra de trinta e nove “plethros” sobre a qual pagavam impostos e eles próprios a cultivavam para viver.”
3. Em seguida, mostraram-lhe as mãos, e comprovaram o próprio trabalho com seus músculos enrijecidos e os calos das mãos em consequência do labor contínuo.
4. Interrogados sobre o Cristo e seu reino, sua natureza, o lugar e o tempo de sua manifestação, replicaram que seu reino não era deste mundo, nem da terra, mas celeste e angélico e que chegaria na consumação dos séculos, quando Cristo viria na glória a julgar os vivos e os mortos e a retribuir a cada um conforme as suas obras (Mt 16,27; At 10,42; Rm 2,6; 2Tm 4,1).
5. Diante disso, Domiciano não os condenou a coisa alguma. Desprezou-os, enquanto homens simples,

soltou-os e fez cessar por um edito a perseguição contra a Igreja.

6. Uma vez libertados, dirigiram Igrejas, enquanto mártires e como parentes do Senhor,⁴⁶ e estabelecida a paz, viveram até o tempo de Trajano.

7. Até aqui, Hegesipo. Dele não difere Tertuliano, que faz menção semelhante de Domiciano: “Domiciano tentara agir como Nero, enquanto partícipe de sua crueldade. Mas, a meu ver, tinha algum entendimento, e logo desistiu deste procedimento, tendo chamado novamente à pátria aqueles que exilara”.

8. Domiciano governou durante quinze anos. Sucedeu-lhe no poder Nerva. Foram abolidos os títulos honoríficos de Domiciano; o Senado romano decretou que retornassem do exílio os que foram injustamente banidos por ele e seus bens lhes fossem restituídos. Assim contam os que transmitiram por escrito os acontecimentos desta época.

9. Então também o apóstolo João saiu do exílio na ilha e retomou seu modo de viver em Éfeso, conforme transmitiram nossos anciãos.

CAPÍTULO 21

Cerdão é o terceiro a presidir a Igreja de Alexandria

Nerva reinou pouco mais de um ano e Trajano lhe sucedeu. No decurso de seu primeiro ano, Abílio, tendo dirigido por treze anos a Igreja de Alexandria, foi substituído por Cerdão. Se contarmos desde o primeiro, Aniano, este foi o terceiro chefe. Nesta ocasião, Clemente estava à frente da Igreja de Roma e foi o terceiro a ocupar a sé episcopal, depois de Paulo e de Pedro. Lino foi o primeiro, e em seguida Anacleto.

CAPÍTULO 22

Inácio, segundo chefe de Antioquia

Evódio foi o primeiro bispo estabelecido em Antioquia; depois ilustrou-se o segundo, Inácio, nessa mesma ocasião. Simeão foi igualmente o segundo, após o irmão de nosso Salvador, a obter o múnus episcopal na Igreja de Jerusalém.

CAPÍTULO 23

Narrativa concernente ao apóstolo João

1. Naquele tempo, ainda vivia na Ásia o discípulo que Jesus amava (cf. Jo 13,23; 19,26; 20,2; 21,7-20), João, Apóstolo e evangelista, que governava as Igrejas desta região, depois de ter regressado, por ocasião da morte de Domiciano, da ilha para onde fora exilado.

2. Em confirmação do fato de que ele continuava vivo até essa ocasião, bastam duas testemunhas fidedignas, que ocupam o primeiro lugar entre os defensores da fé ortodoxa na Igreja, se existem tais, isto é, Ireneu e Clemente de Alexandria.

3. O primeiro, no segundo livro da obra *Contra as heresias*, escreve textualmente: “E todos os presbíteros que se encontraram na Ásia com João, o discípulo do Senhor, atestam que João assim transmitia a palavra. De fato, ele permaneceu no meio deles até o tempo de Trajano”.

4. E no terceiro livro da mesma obra, Ireneu mostra o mesmo, nos seguintes termos: “Mas a Igreja de

Éfeso, fundada por Paulo e onde João permaneceu até o tempo de Trajano, é também testemunha genuína da tradição dos Apóstolos”.

5. Quanto a Clemente, também assinala este tempo e acrescenta uma narrativa muito útil a quantos apreciam ouvir coisas belas e proveitosas, na obra intitulada: “*Que rico se salva?*” Tomai e lede esta história, tal como foi escrita:

6. “Escutai uma fábula, que não é propriamente uma fábula, mas verdadeira história, transmitida pela tradição e guardada na memória, a respeito do apóstolo João: Depois que morreu o tirano, João foi da ilha de Patmos para Éfeso. Ia, ao ser convidado, às regiões vizinhas dos gentios, ora para estabelecer bispos, ora para organizar Igrejas inteiras, ora para escolher como clérigo um dos designados pelo Espírito.

7. Indo certa vez a uma das cidades pouco afastadas, cujo nome alguns conhecem, primeiro consolou os irmãos. Depois, olhou para o bispo desta Igreja, e vendo um jovem esbelto, de agradável aspecto e de espírito ardente, disse-lhe: ‘Confio-te este jovem, com todo empenho, diante da Igreja e de Cristo, como testemunhas’. O bispo recebeu-o e prometeu tudo cumprir. O apóstolo repetiu as palavras, invocando as mesmas testemunhas.

8. Depois partiu para Éfeso. O presbítero, por sua vez, recebeu em sua casa o jovem que lhe fora confiado, cuidou de sua subsistência, protegeu-o, cercou-o de afeição e por fim batizou-o.

Mas depois disso, afrouxou os múltiplos cuidados e a vigilância, sob pretexto de que estava munido de perfeita proteção, o sigilo do Senhor.

9. O jovem, vendo-se de posse de prematura liberdade, deixou-se corromper por companheiros de sua idade, preguiçosos, dissolutos, de maus costumes. No início, levaram-no a esplêndidos festins; depois, arrastaram-no a saídas noturnas para roubar; logo julgaram-no capaz de cometer crimes maiores.

10. Ele ia se habituando aos poucos e em conseqüência de sua natureza ardente saiu do caminho reto, qual indômito e vigoroso cavalo, que rompe os freios e lança-se com ímpeto nos precipícios.

11. Tendo, por fim, perdido a esperança da salvação divina, não se limitou mais a pequenos planos, mas considerando-se perdido uma vez por todas, quis fazer algo de grande e julgou bom proceder como os outros. Reuniu, portanto, e organizou uma súcia de bandidos, da qual era o chefe mais indicado, por ser o mais violento, o mais homicida, o mais duro.

12. E o tempo foi passando. Sobrevindo um caso, João foi chamado. Após ter regulamentado as questões em vista das quais viera, disse: ‘Vamos, ó bispo, devolve-nos o depósito que eu e também Cristo te confiamos diante da Igreja a que presides e que nos serve de testemunha’.

13. O bispo, no princípio, ficou estupefato, pensando numa soma de dinheiro que ele não recebera, e por cuja causa fora caluniosamente acusado. Não podia julgar possuir um dinheiro que não possuía, nem deixar de acreditar em João, que prosseguiu: ‘O dinheiro que reclamo de ti é o jovem, a alma de teu irmão’. O velho deu profundo suspiro e chorou. Disse: ‘Ele morreu’. — ‘Como e de que espécie de morte?’ — ‘Ele morreu para Deus. Partiu para longe. É um malvado, um perdido, e para dizer tudo, é um bandido. E agora ocupa a montanha defronte da igreja, com uma tropa que se lhe assemelha’.

14. O Apóstolo rasgou as vestes e com um profundo gemido, batendo na cabeça, disse: ‘Deixei um bom guarda da alma de seu irmão. Mas, traga-me imediatamente um cavalo e alguém para guiar-me no caminho’. E saiu logo da igreja, como estava.

- 15.** Tendo chegado ao lugar, foi preso pelos bandidos da vanguarda e não tentou fugir. Nada pediu, mas exclamou: ‘Foi para isso que vim. Levai-me ao vosso chefe’.
- 16.** Este, contudo, aguardava-o armado. Ao reconhecer João, que caminhava ao seu encontro, teve vergonha e fugiu. Mas João reuniu suas forças, sem cogitar de sua idade, e foi atrás dele, clamando:
- 17.** ‘Meu filho, por que foges de mim? De mim, teu pai, desarmado e velho? Tem piedade de mim, meu filho, não tenhas medo. Resta-te ainda esperança de vida. Eu prestarei contas em teu lugar a Cristo. Se for preciso, aceitarei de bom grado morrer por ti, como o Senhor morreu por nós. Darei a minha vida pela tua. Pára. Tem confiança. Foi Cristo que me enviou’.
- 18.** Ao ouvir tais palavras, o jovem no começo se deteve, com os olhos cravados no chão; depois jogou para longe as armas; em seguida, tremendo, chorou amargamente. Abraçou o velho que se adiantava gemendo, pediu perdão como podia, batizado pela segunda vez nas lágrimas. No entanto, escondia a mão direita.
- 19.** João lhe assegurou, prometeu sob juramento, que obtivera a remissão em seu favor junto do Senhor. Suplicante, ele pôs-se de joelhos, beijando-lhe a direita e asseverando que ela havia sido purificada pelo arrependimento. Depois levou-o à igreja e intercedeu por ele com abundantes preces, ajudou-o a lutar por jejuns prolongados, animou-o com o encanto variado de suas palavras. Conta-se que não partiu antes de vê-lo reintegrado na Igreja, dando seguras provas de verdadeira penitência, um grande exemplo de renascimento, um troféu de visível ressurreição.” Este episódio narrado por Clemente fique registrado aqui para informação e utilidade dos leitores.⁴⁷

CAPÍTULO 24

A ordem dos evangelhos

- 1.** E agora, assinalemos os escritos provindos incontestavelmente deste apóstolo.
- 2.** Em primeiro lugar, sem dúvida, há de ser recebido o *Evangelho segundo João*, reconhecido por todas as Igrejas debaixo do céu. Com razão, os antigos colocam-no em quarto lugar, após os três outros, como se evidencia pelo seguinte:
- 3.** Os autores inspirados e verdadeiramente dignos de Deus, isto é, os apóstolos de Cristo em grau extraordinário purificaram suas vidas e ornaram suas almas com todas as virtudes. Tinham, contudo, conhecimento elementar da língua (cf. At 4,13; 2Cor 11,6; 1Cor 2,1). Encheram-se, porém, de coragem, por ação da força divina e miraculosa, que lhes outorgara o Salvador. Não sabiam transmitir os ensinamentos do Mestre, nem tentaram realizar isto pela persuasão e a arte de argumentar. Somente utilizavam a manifestação do Espírito divino que com eles colaborava e o poder taumatúrgico de Cristo a operar através deles (1Cor 2,4). Anunciaram o reino dos céus a todo o orbe habitado, sem a menor preocupação de escrever livros.
- 4.** Assim procediam porque lhes cabia prestar um serviço maior e sobre-humano. Até Paulo, o mais potente de todos na preparação dos discursos, o mais dotado relativamente aos conceitos, só transmitiu por escrito breves cartas, apesar de ter realidades inumeráveis e inefáveis para contar, uma vez que chegou às visões do terceiro céu e foi arrebatado até o paraíso de Deus, onde foi considerado digno de ouvir palavras inefáveis (2Cor 12,2-4).
- 5.** Os outros seguidores de nosso Salvador, os primeiros Apóstolos, os setenta discípulos e mil outros mais não eram inexperientes das mesmas realidades. Entretanto, dentre eles todos, somente Mateus e

João deixaram memória dos entretenimentos do Salvador. E a tradição refere que estes escreveram forçados pela necessidade.

6. Mateus, de fato, pregou primeiro aos hebreus. Como devia também partir para anunciar a palavra a outros, deixou por escrito na língua pátria o evangelho, suprindo a falta de sua presença por meio dos escritos junto daqueles dos quais se apartava.

7. Já Marcos e Lucas tinham publicado os respectivos evangelhos. Quanto a João, diz-se que sempre utilizava o anúncio oral. Por fim, também ele pôs-se a escrever pelo seguinte motivo. Quando os três evangelhos precedentes já se haviam propagado entre todos os fiéis e chegaram até ele, recebeu-os, atestando sua veracidade. Somente careciam da história das primeiras ações de Cristo e do anúncio primordial da palavra.

8. E trata-se de verdadeiro motivo. De fato, é possível verificar terem os três primeiros evangelistas escrito somente as obras do Salvador desde a prisão e encarceramento de João Batista, durante um ano apenas. Este fato foi assinalado no começo da sua narração.

9. Ora, foi depois do jejum de quarenta dias e a subsequente tentação que Mateus marca o tempo de sua narrativa, nesses termos: “Ao ouvir que João tinha sido preso, ele voltou” da Judéia “para a Galiléia” (Mt 4,12).

10. Marcos faz idêntica afirmação: “Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galiléia” (Mc 1,14). E Lucas, antes de iniciar a narrativa das atividades de Jesus, faz mais ou menos a mesma observação, asseverando ter Herodes acrescido o número das más ações que praticara com a seguinte: “*Pôs João na prisão*” (Lc 3,19-20).

11. Ora, diz-se que por esta razão foi pedido ao Apóstolo João que transmitisse em seu evangelho os eventos que os evangelistas precedentes haviam omitido e as ações do Salvador nesse espaço de tempo, isto é, antes da prisão do Batista. Ele próprio o assinala, seja ao declarar: “Este foi o início dos sinais que Jesus fez” (Jo 2,11), seja ao recordar que entre as atividades de Jesus, o Batista estava ainda batizando em Enon, perto de Salim. Manifesta-o claramente com a expressão: “João ainda não fora encarcerado” (Jo 3,23-24).

12. Assim, portanto, João, no evangelho, registra as ações de Cristo quando o Batista ainda não fora encarcerado; os três outros evangelistas, ao invés, citam os eventos após a prisão e encarceramento do Batista.

13. Os que observam esses fatos, de forma alguma opinarão haver discordância entre os evangelhos, porque o evangelho segundo João abrange as ações iniciais de Cristo e os outros contêm os acontecimentos do final de sua vida. Provavelmente João omitiu a genealogia do Salvador segundo a carne porque Mateus e Lucas anteriormente a haviam elaborado, mas começou por sua divindade, assunto a ele reservado, porquanto fosse o melhor deles.⁴⁸

14. Temos dito o que teríamos a dizer sobre a redação do *Evangelho segundo João*. O motivo da composição do *Evangelho segundo Marcos* foi explanada mais acima.

15. Relativamente a Lucas, ele próprio no começo de sua obra adianta quais as razões pelas quais o redigiu. Indica que muitos outros exararam rapidamente fatos de que ele próprio teve conhecimento com exatidão. Por conseguinte, julga necessário livrar-nos das suposições incertas apresentadas pelos outros e transmitir-nos em seu próprio evangelho a descrição garantida dos fatos de que ele apreendeu

com segurança a veracidade (Lc 1,1-4), pela convivência e conversas com Paulo e pelo diálogo com os outros apóstolos.

16. Temos dito o que devíamos dizer sobre os evangelhos. Tentaremos destacar mais precisamente, segundo a oportunidade e de acordo com as exposições dos anciãos, o que foi dito por outros sobre estes mesmos evangelhos.

17. Dos escritos de João além do evangelho, a primeira das e cartas não sofre contestação nem da parte de nossos contemporâneos, nem dos antigos. As duas outras são contestadas.

18. Quanto ao *Apocalipse*, sua autenticidade é ainda discutível para muitos. De novo há de ser ponderada, a seu tempo, segundo o testemunho dos antigos.

CAPÍTULO 25

As divinas Escrituras reconhecidas e as que não o são

1. A esta altura, parece-nos oportuno recapitular os escritos do Novo Testamento a que nos referimos. Sem dúvida, importa pôr em primeiro lugar o sagrado quarternário dos *Evangelhos*, seguido do livro dos *Atos dos Apóstolos*.

2. Em seguida, sejam mencionadas as *Cartas* de Paulo, na continuação das quais seja sancionada a primeira atribuída a João e igualmente a primeira carta de Pedro. No prosseguimento destas obras, colocar-se-á, se conveniente, o *Apocalipse* de João, a respeito do qual explanaremos alguns pareceres, quando oportuno.

3. Tais são os livros recebidos. Entre os contestados, mas apesar disso recebidos pela maioria, existe a carta atribuída a Tiago, a de Judas, a segunda carta de Pedro e as cartas enumeradas como segunda e terceira de João, quer sejam do evangelista ou de outro, com idêntico nome.

4. Entre os apócrifos, ponham-se o livro dos *Atos de Paulo*, a obra intitulada *O Pastor*, o *Apocalipse de Pedro*, e além disso a *Carta* atribuída a *Barnabé*, o escrito chamado *A doutrina dos Apóstolos*, depois como já disse, o *Apocalipse de João*, se parecer bem. Alguns, conforme já declarei, o rejeitam, mas outros o inserem entre os livros recebidos.

5. Entre esses mesmos livros, alguns ainda puseram o *Evangelho segundo os Hebreus*, que agrada sobretudo aos hebreus que aderiram a Cristo. Todos esses livros estão no número dos escritos contestados.

6. Achamos necessário fazer igualmente o catálogo dessas últimas obras, separando-as das Escrituras que, segundo a tradição da Igreja, são verdadeiras, autênticas e reconhecidas, dos livros que, ao invés, não são testamentários, mas contestados, apesar de serem conhecidos pela maior parte dos escritores eclesiásticos. Assim, poderemos conhecer esses livros e os que, entre os hereges, são apresentados sob o nome dos apóstolos, quer se trate dos *Evangelhos de Pedro, de Tomé, de Matias* etc., ou dos *Atos de André, de João* e dos outros apóstolos. Jamais entre os escritores eclesiásticos que se sucederam, houve quem julgasse conveniente lembrá-los.

7. Aliás, o estilo se aparta do costumeiro modo de falar dos apóstolos; o pensamento e a doutrina que encerram acham-se quanto possível em contraste com a verdadeira ortodoxia. Prova evidente de que esses livros são produtos heréticos. Em consequência, não merecem nem mesmo ser colocados entre os apócrifos, mas sejam rejeitados como inteiramente absurdos e ímpios. E agora, continuemos a

O mago Menandro

1. Menandro, sucessor de Simão, o Mago, comportou-se qual segundo instrumento de ação diabólica, não inferior ao primeiro. Também ele era samaritano. Atingiu não menos que seu mestre o cume da magia e ultrapassou-o por prodígios maiores. Afirmava ser o Salvador enviado outrora do alto, desde os séculos invisíveis, para a salvação dos homens.
2. Ensinava ainda que alguém só se tornaria superior aos próprios anjos criadores se tivera previamente experiência mágica, transmitida por ele, e recebido o batismo que ele administrava. Uma vez julgados dignos deste batismo, participariam já nesta vida da imortalidade eterna. Não morreriam, permaneceriam em perpétua juventude, seriam imortais. A leitura desses fatos é acessível, pelos livros de Ireneu.
3. Justino também, ao tratar de Simão, dá notícia dele, nos seguintes termos: “Certo Menandro, também ele samaritano, vindo a Antioquia, da aldeia de Caparatéia, tornou-se discípulo de Simão. Estamos cientes de que igualmente estimulado pelo demônio, veio a Antioquia e iludiu a muitos pela arte mágica. Persuadiu a seus sequazes de que não morreriam. Ainda agora, existem os que garantem isso, apoiados em suas pretensões” (I Apol. 26,4).
4. Ação diabólica era, certamente, aquele empenho em caluniar por meio desses mágicos, encobertos com o nome de cristãos, o grande mistério da piedade (1Tm 3,16), declarando-o magia, e dilacerar, por meio deles, os dogmas da Igreja sobre a imortalidade da alma e a ressurreição dos mortos. Mas, subscrever os ditos desses salvadores é decair, perder a verdadeira esperança.

A heresia ebionita

1. A alguns, que o maligno demônio não pôde apartar do amor do Cristo de Deus, ele os prendeu, tendo acesso por outra parte. Desde o início foram eles a justo título chamados ebionitas, porque tinham de Cristo conceitos pobres e acanhados.⁴⁹
2. Consideravam-no, de fato, simples, vulgar, apenas homem, justificado pelo progresso na virtude, gerado pela união de um homem e Maria. Julgavam dever absolutamente observar a Lei porque, em sua opinião, não se salvariam somente pela fé em Cristo e uma vida de acordo com a mesma fé.
3. Além destes, porém, existiam outros, com a mesma denominação, mas isentos da supramencionada loucura estranha. Não negavam que o Senhor nascera de uma virgem e do Espírito Santo; no entanto, à semelhança dos primeiros, não confessavam que fosse preexistente, embora fosse Deus, Verbo e Sabedoria. Deste modo aliavam-se à impiedade deles, tanto mais que igualmente punham todo zelo em cumprir rigorosamente as prescrições carnis da Lei.
4. Julgavam ter de rejeitar inteiramente as *Cartas* do Apóstolo, a quem davam o nome de apóstata da Lei. Usavam apenas o chamado *Evangelho segundo os Hebreus*, dando pouca importância aos outros.
5. Guardavam o sábado e seguiam outras observâncias judaicas, como os primeiros, mas também celebravam os domingos, mais ou menos como nós, em memória da ressurreição do Senhor.
6. Em conseqüência de tal posição, receberam o nome de ebionitas, que acentua a pobreza de sua

inteligência. É o termo empregado entre os hebreus para designar os pobres.

CAPÍTULO 28

A heresia de Cerinto

1. Tivemos notícia de que na época supracitada Cerinto tornou-se o chefe de outra heresia.⁵⁰ Caio, cujas palavras mais acima referimos, escreve a respeito dele, em sua *Pesquisa*:
2. “Mas também Cerinto apresenta-nos dolosamente, como revelação escrita da parte de um grande apóstolo, narrações de coisas maravilhosas, que lhe teriam sido mostradas por intermédio de anjos (Ap 1,1; 22,8). Assegurava que após a ressurreição o reino de Cristo será terrestre e que a carne, vivendo novamente em Jerusalém, será escrava das paixões e dos prazeres. E como era inimigo das Escrituras de Deus, afirmava, no intuito de enganar, que haverá mil anos de festa nupcial.”
3. Dionísio, porém, que em nossos dias obteve o episcopado na Igreja de Alexandria, no segundo livro das *Promessas* refere acerca do *Apocalipse* de João coisas que diz ter recebido de antiga tradição e menciona Cerinto nos seguintes termos:
4. “Cerinto, autor da heresia chamada cerentiana, nome derivado do seu, quis pôr sua obra sob o patrocínio de um nome fidedigno. O essencial de seu ensinamento é este: O reino de Cristo será terrestre.
5. E como ele era sensual e completamente carnal, sonhava que este reino consistiria no que ele ambicionava: satisfação do ventre e da parte inferior, isto é, alimento, bebida, prazer carnal e também realidades que dariam aspecto mais honroso a estes prazeres: festas, sacrifícios, imolação de vítimas.”
6. Essas as explanações de Dionísio. Ireneu, porém, no primeiro livro de *Contra as heresias*, assinala certas opiniões horríveis do mesmo Cerinto. E no terceiro, deixa por escrito uma narrativa memorável, recebida, diz ele, por tradição de Policarpo. O apóstolo João entrou uma vez no balneário para se lavar. Sabendo que Cerinto lá se encontrava, afastou-se e fugiu para a porta, evitando permanecer com ele sob o mesmo teto. E aconselhou que fizessem o mesmo aqueles que estavam com ele, dizendo: “Fujamos daqui, para que o balneário não desabe. Aí se encontra Cerinto, o inimigo da verdade”.

CAPÍTULO 29

Nicolau e os que lhe devem seu nome

1. Nesta ocasião, surgiu também a heresia dita dos nicolaítas,⁵¹ que durou pouco tempo e igualmente é mencionada no *Apocalipse* de João (Ap 2,6.15). Eles pretendiam que Nicolau era um dos diáconos, companheiros de Estêvão, escolhidos pelos Apóstolos para serviço dos indigentes. Ora, Clemente de Alexandria, no terceiro dos *Stromata* diz textualmente a seu respeito:
2. “Conta-se que sua esposa estava na flor da idade. Após a ascensão do Salvador, os apóstolos censuraram-no de ser ciumento. Então ele levou sua mulher ao meio da assembléia e deixou-a a quem quisesse desposá-la. Dizia-se ser uma ação conforme ao dito: Deve-se menosprezar a carne. E os sequazes desta heresia, ao imitarem sua ação e suas palavras simplesmente e sem critério, prostituem-se de maneira vergonhosa.
3. Quanto a mim, ouvi dizer que Nicolau jamais teve outra mulher que aquela que desposara e que, de seus filhos, as jovens envelheceram na virgindade, e o filho permaneceu casto.

Sendo assim, o fato de ter abandonado a mulher, objeto de ciúme, no meio dos apóstolos, constituía

uma renúncia à paixão, e a continência relativa a prazeres procurados com empenho ensinava a fazer pouco caso da carne. Ele não queria, de fato, a meu ver, de acordo com o mandamento do Salvador, servir a dois senhores (Mt 6,24; Lc 16,13), o prazer e o Senhor.

4. Diz-se igualmente que Matias ensinou o mesmo, a combater a carne, a menosprezá-la, a não fazer concessões em vista do prazer, e a fazer a alma progredir pela fé e o conhecimento.” Tudo isso seja dito a respeito dos que, na época a que nos referimos, tentaram agir contra a verdade e desapareceram completamente mais depressa do que se pode dizer.

CAPÍTULO 30

Os apóstolos que viveram no matrimônio

1. Clemente, contudo, cujas palavras acabamos de ler, enumera, na continuação do que foi dito, os apóstolos que foram casados, por causa dos que condenam as núpcias. “Por acaso eles reprovam também os apóstolos? Efetivamente, Pedro (Mc 1,30; 1Cor 9,5) e também Filipe tiveram filhos. Filipe até deu as filhas em casamento.⁵² Igualmente Paulo não hesita em certa carta em saudar sua companheira (Fl 4,3) que ele não levara consigo (1Cor 9,5.12), para o bem de seu ministério.

2. Uma vez que relembramos estes fatos, apraz-nos referir um episódio memorável, proveniente do mesmo autor. Ele o explana no sétimo dos *Stromata*, da seguinte forma: “Diz-se que o bem-aventurado Pedro, ao ver a esposa conduzida à morte, regozijou-se por causa da graça da vocação e do retorno à própria casa. Encorajava-a e consolava-a; chamava-a pelo nome e dizia-lhe: ‘Fulana, lembra-te do Senhor!’ Assim era o casamento dos bem-aventurados e as disposições perfeitas daqueles que mais se amavam.” Essa narrativa corresponde a meu plano atual, por isso inseri-a no lugar adequado.

CAPÍTULO 31

Morte de João e de Filipe

1. O tempo e a espécie de morte de Paulo e de Pedro, e além disso o lugar onde foram depositados seus corpos após seu êxodo desta vida, foram por nós anteriormente indicados.

2. Quanto a João, já dissemos o tocante ao tempo de sua morte; o lugar de sua sepultura é apontado na carta que Policrato, bispo da Igreja de Éfeso, escreveu a Vítor, bispo de Roma. Faz menção também do Apóstolo Filipe e de suas filhas nesses termos:

3. “Na Ásia, efetivamente, descambaram no poente vários astros que surgirão novamente no último dia, na parusia do Senhor, quando ele vier do céu na glória e procurar todos os santos: Filipe, um dos doze apóstolos que repousa em Hierápolis, assim como duas de suas filhas, virgens até a velhice, e outra que, depois de ter vivido segundo os impulsos do Espírito Santo, foi sepultada em Éfeso. Igualmente João, que reclinou sobre o peito do Senhor, foi sacerdote e usou a lâmina de ouro (*pétalon*), foi mártir e mestre; seu corpo repousa em Éfeso.” São essas as notícias sobre a morte deles.

4. No *Diálogo* de Caio, que citamos mais acima, Proclo, com quem ele disputa, está de acordo com o que acabamos de expor a respeito da morte de Filipe e de suas filhas, quando afirma: “Depois dele, houve quatro profetisas, filhas de Filipe, em Hierápolis na Ásia, onde se acha seu sepulcro e também o de seu pai.” São suas as expressões.

5. Quanto a Lucas, nos *Atos dos Apóstolos*, evoca as filhas de Filipe que então viviam em Cesaréia da Judéia, juntamente com o pai e que eram dotadas do carisma profético. Diz textualmente: “Partimos

para Cesaréia e, entrando em casa do evangelista Filipe, que era um dos sete, lá ficamos. Ele tinha quatro filhas virgens que profetizavam” (At 21,8-9).

6. Nas linhas precedentes explanamos o que veio a nosso conhecimento acerca dos apóstolos e dos tempos apostólicos, dos escritos sagrados que eles nos deixaram, dos livros contestados embora sejam lidos publicamente por muitos em grande número de Igrejas, os que são inteiramente apócrifos e alheios à ortodoxia apostólica. Prossigamos nossa narração.

CAPÍTULO 32

Testemunho de Simão, bispo de Jerusalém

1. Após Nero e Domiciano, sob aquele imperador, cuja época examinamos agora, surgiu uma perseguição contra nós, conforme refere a tradição, parcialmente e em algumas cidades, em consequência de uma insurreição do povo. Durante essa perseguição, Simeão, filho de Cléofas, que apontamos como tendo sido constituído, em segundo lugar, bispo da Igreja de Jerusalém, consumou a vida pelo martírio, conforme nos foi noticiado.

2. Atesta-o aquele mesmo Hegesipo, do qual recolhemos diversas passagens. Ao falar de certos hereges, adita ter Simeão naquele tempo sofrido uma acusação da parte deles. Pelo fato de ser cristão, foi torturado de vários modos durante alguns dias e depois de ter deixado admirados o juiz e os assessores, teve um fim semelhante à paixão do Senhor.

3. Aliás, nada de melhor do que ouvir o historiador que narra os eventos literalmente: “Alguns desses hereges, sem dúvida, acusaram Simeão, filho de Cléofas, como sendo da raça de Davi e cristão. Foi assim que ele deu testemunho, na idade de cento e vinte anos, sob o império de Trajano César e o consular Ático”.

4. O mesmo autor diz ainda que aconteceu a seus acusadores, durante a busca aos membros da estirpe real dos judeus, serem presos como pertencentes a ela. Pode-se concluir ter sido Simeão um daqueles que viram e ouviram diretamente o Senhor, tomando por base a longa duração de sua vida e a menção, no livro dos Evangelhos, de Maria, mulher de Cléofas (Jo 19,25), de quem ele era filho, segundo demonstramos acima.

5. O mesmo historiador fala também que outros descendentes de um daqueles denominados irmãos do Salvador, de nome Judas, viveu até o reinado de Trajano, após ter dado testemunho, sob Domiciano, da fé em Cristo, conforme já relatado. Eis o que escreve:

6. “Eles vêm, portanto, e dirigem toda a Igreja, na qualidade de mártires e parentes do Senhor. Reinando paz profunda em toda a Igreja, eles viveram até o tempo de Trajano César. Nesta ocasião, o primo do Senhor, Simeão, filho de Cléofas, acima referido, foi denunciado por hereges e uns e outros foram julgados, pelo mesmo motivo, sob o consular Ático. Foi torturado durante vários dias. Deu testemunho de forma a deixar todos admirados, inclusive o consular, de como um homem de cento e vinte anos podia suportar tais suplícios. Foi condenado a ser crucificado.”

7. Em seguida, o mesmo Hegesipo, descrevendo os acontecimentos desta época, acrescenta que, até então, a Igreja permaneceu uma virgem pura e incorrupta. Era em tenebrosa sombra, escondidos numa espécie de covil, que até então certos homens, se existiam tais, empenhavam-se em corromper a norma sadia da pregação do Salvador.

8. Mas, quando o coro sagrado dos Apóstolos alcançou o fim da vida de vários modos, e tinha

desaparecido a geração dos que tinham sido julgados dignos de escutar com os próprios ouvidos a sabedoria divina, então começou a se estabelecer o erro ateu por sedução dos mestres da mentira. Estes, uma vez que não restava apóstolo algum, esforçaram-se por contrapor de frente descoberta a pseudognose à pregação da verdade.

CAPÍTULO 33

Trajano começa a procurar os cristãos

1. Ora, em muitas regiões, a perseguição contra nós aumentou de tal modo que Plínio Segundo (o Jovem),⁵³ muito ilustre entre os governadores, impressionado com a multidão dos mártires, escreveu ao imperador a respeito da quantidade dos que sofriam a morte pela fé. Simultaneamente, informou que nada encontrara em suas ações de ímpio ou de oposto às leis. Somente, eles se levantavam antes do amanhecer para cantar hinos a Cristo, como a um Deus. Rejeitavam o adultério, o homicídio e os crimes odiosos da mesma espécie, e tudo faziam de acordo com as leis.

2. Então, Trajano promulgou um edito proibindo procurar a raça dos cristãos, mas castigá-los se fossem descobertos. Assim extinguiu-se a ameaça da perseguição, que atingira o grau sumo. Só restavam pretextos aos que nos queriam fazer mal. Às vezes era o povo, outras vezes também os chefes regionais que armavam ciladas contra nós, de tal modo que, sem haver perseguição aberta, nas províncias havia perseguições parciais, e grande número de fiéis teve de enfrentar a luta de várias espécies de martírio.

3. Esta descrição é tirada da *Apologia* latina de Tertuliano, supramencionada. A tradução do texto é a seguinte: “Todavia, encontramos que foi proibido procurar-nos. Efetivamente, Plínio Segundo (o Jovem), governador de uma província, depois de ter condenado alguns cristãos e ter-lhe retirado suas dignidades, ficou impressionado pela multidão dos fiéis e não soube mais o que fazer. Escreveu ao imperador Trajano, declarando que exceto a recusa de adorar os ídolos, nada encontrara neles de criminoso. Acrescentava ainda que os cristãos se levantavam antes do amanhecer e cantavam hinos a Cristo como a um Deus e que, entre as observâncias de seus ensinamentos, era-lhes proibido matar, cometer adultério, ser injusto, roubar e outros atos semelhantes. Trajano, por isso, respondeu que não se procurasse a raça dos cristãos, mas se descobertos, fossem castigados”. Assim acontecia naquele tempo.

CAPÍTULO 34

Evaristo, quarto dirigente da Igreja de Roma

Relativamente aos bispos de Roma, no terceiro ano do reinado do supracitado imperador, Clemente terminou a vida, passando seu múnus a Evaristo. No total, durante nove anos exercera o magistério da palavra de Deus.

CAPÍTULO 35

Justo, terceiro dirigente da Igreja de Jerusalém

Por sua vez, tendo Simeão morrido segundo relatamos, um judeu, chamado Justo, ocupou em Jerusalém a sé episcopal. Havia um grande número de circuncisos que acreditavam em Cristo e ele era deste número.

CAPÍTULO 36

Inácio e suas cartas

1. Naquele tempo distinguiu-se na Ásia um companheiro dos apóstolos, Policarpo, que fora estabelecido bispo da Igreja de Esmirna por testemunhas e servos do Senhor.
2. Simultaneamente eram de igual modo conhecidos Papias, bispo também ele, da Igreja de Hierápolis, e Inácio, até hoje afamado, e que obtivera, como segundo sucessor de Pedro, o episcopado em Antioquia.
3. Conta-se que foi enviado da Síria à cidade de Roma, para se tornar alimento das feras, por causa do testemunho prestado a Cristo.
4. Enquanto fazia a viagem através da Ásia, sob a maior vigilância dos guardas, fortalecia as Igrejas por meio de sermões e exortações, em todas as cidades por onde passava. Em primeiro lugar, acautelava-as contra as heresias que começavam a pulular; incitava-as a conservar firmemente a tradição dos apóstolos que, por segurança, julgou necessário fixar ainda por escrito. Estava já prestes a ser martirizado.
5. Assim, de Esmirna, onde se achava Policarpo, escreveu uma carta à Igreja de Éfeso, onde relembra seu pastor, Onésimo. Outra, à Igreja de Magnésia, às margens do Meandro, na qual cita também o bispo Damas. Outra, à Igreja de Trales, da qual se refere que tinha então Políbio por bispo.
6. Além destas, escreveu também à Igreja de Roma, na qual a exorta a não tomar providências em vista de privá-lo do martírio, sua esperança e seu anelo. Destas cartas, é oportuno citar trechos, embora breves, para demonstrar o que se acaba de dizer. Escreve literalmente Inácio:
7. “Da Síria até Roma, luto contra feras, por terra e por mar, noite e dia, preso a dez leopardos, isto é, uma escolta de soldados que se tornam piores quando bem tratados; mas sujeito a essas injustiças, torno-me cada vez mais discípulo; contudo, nem por isso sou justificado (1Cor 4,4).
8. Possa fruir das feras que me estão preparadas. Faço votos de encontrá-las bem alertas. Eu as acariciarei para que me devorem rapidamente e não me façam como a alguns que elas hesitaram em tocar. Se não o quiserem, eu as forçarei.
9. Perdoai-me; sei o que me é vantajoso. Agora começo a ser discípulo. Nada mais desejo das coisas visíveis e invisíveis, a fim de alcançar a Jesus Cristo: fogo, cruz, ataques das feras, ossos desconjuntados, membros amputados, corpo inteiramente esmigalhado, suplícios do diabo, tudo isso me sobrevenha contanto que obtenha a Jesus Cristo.”
10. Foi o que escreveu da cidade de que falamos às Igrejas indicadas. Depois, já estando longe de Esmirna, de Trôades dirigiu-se por escrito aos de Filadélfia e à Igreja de Esmirna e particularmente a seu chefe Policarpo, que ele reconhecia ser inteiramente varão apostólico e a quem confiou seu rebanho de Antioquia, como a um verdadeiro e bom pastor, pedindo-lhe se dignasse ocupar-se dele zelosamente.
11. Ele próprio, ao escrever aos esmirneus, emprega um dito cuja proveniência ignoro, afirmando a respeito de Cristo o seguinte: “Quanto a mim, eu sei e creio que mesmo após a ressurreição, ele estava na carne. E aproximando-se de Pedro e dos que estavam com ele, disse-lhes: ‘Pegai, tocai-me e vede que não sou um espírito incorpóreo’; e logo eles o tocaram e acreditaram” (cf. Lc 24,39).
12. Ireneu também conheceu o martírio dele e menciona-o em suas cartas, nesses termos: “Conforme disse um dos nossos, condenado às feras pelo testemunho prestado a Deus: ‘Eu sou o trigo de Deus e

sou moído pelos dentes das feras, para me tornar um pão puro' ”.

13. Policarpo igualmente relembra o mesmo, na carta aos Filipenses, exprimindo-se da seguinte forma: “Eu vos exorto, a todos vós, a obedecerdes e vos exercitardes em toda paciência, conforme vistes com vossos olhos, não somente nos bem-aventurados Inácio, Rufo e Zózimo, mas também em outros dentre vós, no próprio Paulo e nos outros Apóstolos. Persuadi-vos que todos eles não correram em vão (Fl 2,16), mas na fé e na justiça, e estão no lugar que lhes compete junto do Senhor, por causa dos sofrimentos de que participaram. Pois não amaram o século presente (2Tm 4,10), e sim Aquele que morreu por nós e que, por nós, Deus ressuscitou”. E acrescenta logo:

14. “Vós também me escreveste, assim como Inácio, a fim de que se alguém for à Síria, leve vossas cartas. Eu o farei, se encontrar ocasião propícia, quer vá eu mesmo ou envie alguém que vos sirva de mensageiro.

15. “Quanto às cartas de Inácio, as que ele nos enviou e as outras que pudermos ter aqui, nós vo-las enviamos como pedistes. Vão anexas. Podereis retirar delas grande utilidade. Pois encerram fé, paciência e toda espécie de edificação relativas a nosso Senhor.” Eis o que se refere a Inácio. Após, Heros foi seu sucessor no episcopado em Antioquia.

CAPÍTULO 37

Os evangelistas que se distinguem

1. Entre os que se ilustraram naquele tempo, achava-se também Quadrato, que possuía, como as filhas de Filipe, o carisma da profecia. Muitos outros ainda, além destes, se celebrizaram nesta época e ocupavam as primeiras fileiras na sucessão dos Apóstolos. Excelentes discípulos destes, edificavam sobre os fundamentos (1Cor 3,10) das Igrejas que os Apóstolos haviam começado a estabelecer em todos os lugares; propagavam cada vez mais a pregação e espalhavam as sementes salutares do reino dos céus em toda a extensão da terra habitada.

2. De fato, um grande número de discípulos de então, com a alma pelo Verbo divino modelada em amor muito intenso à filosofia,⁵⁴ cumpriam primeiro o conselho do Senhor, distribuindo seus bens aos necessitados (cf. Mc 10,21); depois, deixando a pátria, realizavam a obra de evangelistas (cf. 2Tm 4,5), com o desejo de pregar aos que nada ainda haviam ouvido a palavra da fé e transmitir os livros dos evangelhos de Deus (Rm 15,20-21).

3. Lançavam somente os fundamentos da fé em alguns lugares estrangeiros (Ef 2,19-20); depois, estabeleciam aí pastores e confiavam-lhes a solicitude do cultivo dos que eles acabavam de iniciar. Em seguida, partiam novamente para outros países e outras nações com a graça e o auxílio de Deus, pois ainda então as numerosas e maravilhosas forças do Espírito divino operavam por meio deles. Assim, desde a primeira audição, as multidões em bloco, como um só homem, acolhia espiritualmente de bom grado a piedade para com o Criador de todas as coisas.

4. Impossível enumerar nominalmente todos os que então, desde a primeira sucessão dos Apóstolos, tornaram-se pastores ou evangelistas nas Igrejas pelo mundo. Nominalmente confiamos a um escrito apenas a lembrança daqueles cujas obras ainda agora representam a tradição da doutrina apostólica.

CAPÍTULO 38

Cartas de Clemente e falsos escritos a ele atribuídos

1. Entre eles, sem dúvida, está Inácio, cujas cartas assinalamos, e Clemente, pela carta, por todos recebida, que ele endereçou em nome da Igreja de Roma à Igreja de Corinto. Nesta carta, ele repete muitos conceitos da *Carta aos Hebreus* e até usa, com idênticas expressões, empréstimos dela. Assim demonstra, de modo evidente, que a obra não era nova.
2. Em seguida, é com razão talvez que ela foi classificada entre as outras cartas do Apóstolo. Paulo, com efeito, tendo-se dirigido por escrito aos hebreus na língua materna, asseguram alguns ter sido o evangelista Lucas, outros, o próprio supramencionado Clemente, o tradutor da carta.
3. Esta última hipótese parece preferível à primeira, devido às semelhanças de estilo entre a carta de Clemente e a carta aos Hebreus e porque nos dois escritos os pensamentos são afins.
4. Convém ainda saber que há notícia de segunda carta de Clemente; estamos, porém, cientes de não ser reconhecida como a primeira, pois não se verifica que os antigos a tenham utilizado.
5. Outros escritos, prolixos e longos, recentemente foram apresentados como seus. Contêm os diálogos de Pedro e Apião, dos quais não há memória entre os antigos, nem preservam o caráter puro da ortodoxia apostólica. Com isso destaca-se a carta de Clemente reconhecida por autêntica. Tratou-se igualmente das cartas de Inácio e Policarpo.

CAPÍTULO 39

Escritos de Papias

1. Das obras de Papias conhecem-se livros intitulados *Exegeses das palavras do Senhor*, em número de cinco. Ireneu os menciona como constituindo os únicos escritos de Papias, nesses termos: “Papias, ancião, também ele ouvinte de João e companheiro de Policarpo, atestou por escrito no quarto de seus livros. De fato, existem cinco livros elaborados por ele”. Assim fala Ireneu.
2. Entretanto, Papias, no prefácio de seus livros, não se apresenta jamais como ouvinte ou espectador dos santos apóstolos, mas informa ter recebido os ensinamentos relativos à fé por meio dos que os haviam conhecido. Diz textualmente:
3. “Em teu favor, não hesitarei em aditar às minhas explanações o que aprendi outrora dos presbíteros e cuja lembrança guardei fielmente, a fim de corroborar a manifestação da verdade. Efetivamente, não aprecio os que falam muito, como acontece à maioria dos homens, e sim os que ensinam a verdade; nem junto dos que relembram preceitos estranhos, e sim junto dos que comemoram os mandamentos do Senhor impostos aos fiéis e nascidos da própria verdade.
4. No entanto, se vinha a determinado lugar algum dos companheiros dos presbíteros, informava-me sobre as palavras dos presbíteros: o que dissera André ou Pedro, ou Filipe, ou Tomé, ou Tiago, ou João, ou Mateus, ou qualquer outro dos discípulos do Senhor; o que dizem Aristion e o presbítero João, discípulos do Senhor. Não pensava serem tão úteis os ditos provenientes dos livros quanto o que deriva de uma palavra viva e permanente.”
5. Neste ponto, seria oportuno notar que Papias enumera duas vezes o nome de João, a primeira das quais entre Pedro, Tiago, Mateus e os outros apóstolos, e indica evidentemente o evangelista; quanto ao outro João, ele interrompe a enumeração e entre outros coloca-o, fora do número dos apóstolos. Aristion o precede e ele é designado claramente como presbítero.
6. Por conseguinte, as próprias palavras demonstram ser verdadeira a opinião de ter havido na Ásia dois homens com este nome, e existem, efetivamente, em Éfeso, dois túmulos que ainda agora são

ditos túmulos de João. Importa dar atenção ao fato, pois é verossímil ter sido o segundo João, se não se quiser admitir que foi o primeiro, o vidente da revelação transmitida sob o nome de João.

7. Papias, de quem nos ocupamos agora, reconhece ter recebido as palavras dos apóstolos por meio dos que com eles conviveram; declara, além disso, ter sido ele mesmo ouvinte de Aristion e do presbítero João. De fato, cita-os com frequência nominalmente em seus escritos, referindo as palavras que transmitiram.⁵⁵

8. Não foi ocioso ter dito tais coisas. É justo acrescentar às palavras supramencionadas de Papias umas narrações ainda de fatos extraordinários e outras que chegaram até ele por meio da tradição.

9. Precedentemente foi lembrado que o apóstolo Filipe tinha vivido em Hierápolis com suas filhas. Agora assinalemos que refere Papias, seu coetâneo, ter ouvido uma história maravilhosa acerca das filhas de Filipe. Conta a ressurreição de um morto que sucedeu em seu tempo; e ainda outro fato extraordinário acerca de Justo, apelidado Barsabas, que teria bebido um veneno mortal sem ter sofrido, por graça do Senhor, dano algum.

10. Foi esse Justo que, após a ascensão do Salvador, os santos apóstolos apresentaram com Matias em vista da substituição do traidor Judas, e depois rezaram a fim de que por sorte se completasse o seu número. O livro dos Atos narra-o nesses termos: “Apresentaram dois homens, José, chamado Barsabas, e cognominado o Justo, e Matias. Então, fizeram esta oração...” (At 1,23-24).

11. O mesmo Papias, contudo, acrescenta outras coisas que lhe teriam sido transmitidas por tradição oral, certas parábolas estranhas atribuídas ao Salvador, determinados ensinamentos esquisitos e outras coisas um tanto fabulosas.

12. Afirma, por exemplo, que haverá mil anos após a ressurreição dos mortos e que o reino de Cristo se realizará materialmente aqui na terra. Penso que assim opinou por ter entendido erroneamente as narrações dos Apóstolos, e não ter apreendido o que eles disseram figurada e simbolicamente.

13. Na verdade, ele parece ter tido pouca inteligência, como é possível constatar por seus livros; contudo, foi causa de que grande número de escritores eclesiásticos posteriores tenham adotado suas opiniões, fiados em sua antiguidade. Isso aconteceu a Ireneu e a outros que tiveram idêntico parecer.

14. Em sua obra ele ainda transmite outras explicações de Aristion de que falamos acima e das tradições do presbítero João. A ela remetemos os que gostam de se instruir. No momento, às palavras que precedentemente referimos, acrescentemos a tradição sobre o evangelista Marcos, explanada nesses termos:

15. “O presbítero dizia o seguinte: Marcos, intérprete de Pedro, escreveu cuidadosa, não porém ordenadamente, as recordações das palavras ou ações do Senhor. Efetivamente, ele jamais ouvira, ou seguiu o Senhor. Mas, conforme disse, mais tarde ele conviveu com Pedro, que pregava segundo a necessidade dos ouvintes, mas não elaborou uma síntese das palavras do Senhor. Assim, ao escrever Marcos de acordo com suas lembranças, não cometeu erros. Tivera o único propósito de nada omitir do que ouvira, nem impingir algo de falso.” É isto o que Papias narra acerca de Marcos.

16. A respeito de Mateus assevera o seguinte: “Mateus escreveu os oráculos divinos na língua hebraica; cada qual os interpretou como pôde”.

17. O próprio Papias usa os testemunhos extraídos da primeira carta de João e da primeira carta de Pedro. Narra também outra história a respeito da mulher acusada de muitos pecados diante do Senhor,

contida no *Evangelho segundo os Hebreus*. Era necessário anexar ainda isso ao que fora dito.

[42](#) Cf. abaixo, 4,14.9 o testemunho de Policarpo sobre a 1Pd. Cf. J. CHAINE, *As epístolas católicas*, Paris, 1939, pp. 1-12 e M.J. LAGRANGE, *História antiga do cânone do Novo Testamento*, Paris, 1933, pp. 108-110.

[43](#) O número é absolutamente inverossímil, embora a cidade no começo do bloqueio tenha sido superpopulosa por causa do grande número de judeus vindos da Diáspora. Não há comparação com a densidade demográfica da época e Tácito, *Historia* V, 13 dá o número de 600 mil judeus cercados em Jerusalém. Cf. F. Josefo, *A guerra judaica*, VI, 420, 417-418.

[44](#) A ordem de sucessão dos bispos romanos seguida por Eusébio vem-lhe de Hegesipo e de Ireneu. Prefere-se o nome de Anacleto ao de Cleto.

[45](#) Primeira Carta de Clemente aos Coríntios, em *Padres Apostólicos*. Col. Patrística, 1. São Paulo: Paulus, 1977, pp. 13-70. Segundo Dionísio de Corinto, a Carta de Clemente figura nos manuscritos alexandrinos (séc. V) da Bíblia, como prova de sua difusão.

[46](#) Em 1Cor 9,5, Paulo cita os irmãos do Senhor como autoridade, ao lado dos outros apóstolos e de Cefas. Um pouco mais acima, III, 11, vimos que os parentes de Jesus tinham sido chamados, juntamente com os apóstolos e os discípulos, a tomar parte na eleição de Simeão, segundo bispo de Jerusalém.

[47](#) A mais importante das questões que se salienta é relativa à penitência. Apesar de seus crimes, o jovem recebe de João o perdão completo, segundo batismo, nas lágrimas, no momento que ele testemunhou seu arrependimento e a sinceridade de sua conversão. O bispo não intervém de nenhuma maneira. Tudo se passa entre João e o discípulo, e João não pronuncia nenhuma fórmula de absolvição. As preces asseguram o perdão de Deus. João é apóstolo e goza de autoridade pessoal que os bispos não possuem mais.

[48](#) Já no tempo de Orígenes, as divergências entre os princípios dos sinóticos e os de João opunham-se à verdade e à inspiração dos evangelistas e Orígenes conclui: “Não recuso reconhecer que eles transpuseram, de acordo com o interesse de um fim místico o que se tinha passado de outra maneira segundo a história” (*In Ioan. comment. X, 24*). Eusébio, contudo, não diz nada da exegese alegórica, mas julga João mais completo. Cf. H. de LUBAC, *História do Espírito: inteligência da Escritura de acordo com Orígenes*, Paris, 1950, pp. 190ss.

[49](#) Cf. R. FRANGIOTTI, *História das Heresias* (séc. I-VII). *Conflitos ideológicos dentro do cristianismo*, São Paulo: Paulus, 2ª ed., 1977, pp. 19-22.

[50](#) *Ibidem*, pp. 15-16.

[51](#) *Ibidem*, pp. 12-14.

[52](#) Clemente confunde, sem dúvida, o apóstolo Filipe e o diácono do mesmo nome. Este tinha 4 filhas, cf. At 21,9. Elas eram virgens e profetisas. A confusão com o apóstolo e o diácono já acontecera com Vitorino, cf. abaixo 31,4 (o acordo de Proclo e de Policrato é parcial, pois segundo Proclo são 4 as filhas de Filipe que estão enterradas em Hierápolis...).

[53](#) Foi governador da Bitúnia em 111-112. Fez a entrada na província no dia 17 de setembro de 111.

[54](#) A “Filosofia” da qual se trata aqui, como também mais à frente no livro VI, 3, 6, é a vida cristã, mais especialmente a vida ascética. Não indica, portanto, a cultura de homens versados, instruídos no filosofar. Já de longo tempo, sobretudo entre os estóicos e os cínicos, o termo perdera seu valor intelectual para tomar significação prática e designar um gênero de vida. No vocabulário cristão, é este último sentido o predominante. Cf. Gustave BARDY, *Recherches sur saint Lucien d’Antioche et son école*. Paris, 1936, pp. 135-136; “Philos et Philosophes”, dans le vocabulaire chrétien des premières siècles, em *Melanges Viller*, Toulouse, 1949, pp. 1-2.

[55](#) Papias não diz quem foi o discípulo do apóstolo João e santo Ireneu engana-se quando o pretende. Cf. *Contra as heresias*, Paulus, 1995.

LIVRO QUARTO

CAPÍTULO 1

Bispo de Roma e de Alexandria sob Trajano

Cerca do duodécimo ano do reinado de Trajano,⁵⁶ o bispo de Alexandria, de que falamos um pouco mais acima,⁵⁷ deixou a presente vida. Primo foi o quarto, depois dos apóstolos, a assumir o múnus da Igreja de Alexandria. Nessa época, tendo igualmente Evaristo completado seu oitavo ano, Alexandre recebeu o episcopado em Roma, sendo o quinto na sucessão de Pedro e Paulo.

CAPÍTULO 2

Sofrimentos dos judeus nesta época

1. Enquanto a doutrina e a Igreja de nosso Salvador floresciam e obtinham os maiores progressos, a infelicidade dos judeus crescia por males que eles mesmos provocavam mutuamente uns contra os outros. De fato, já no décimo oitavo ano do imperador Trajano, surgiu nova revolta dos judeus, que fez perecer grande número deles.

2. Pois, em Alexandria, no restante do Egito e também perto de Cirene, pareciam arrastados por um espírito terrível de revolta e sublevaram-se contra os gregos com os quais conviviam. A sedição propagou-se notavelmente e no ano seguinte, sendo Lupo governador de todo o Egito, travou-se grande guerra.

3. Efetivamente, no primeiro combate, aconteceu que os judeus suplantaram os gregos; estes fugiram para Alexandria, andaram à caça dos judeus habitantes da cidade e os mataram. Os judeus de Cirene, sem o socorro com que contavam, puseram-se a pilhar o país do Egito e a devastar os distritos, sob as ordens de Lucua. Contra eles o imperador enviou Márcio Turbon, com regimentos de infantaria, cavalaria e força naval.

4. Márcio prosseguiu duramente a guerra contra eles em numerosos e prolongados combates. Matou muitos milhares de judeus, não somente de Cirene, mas também do Egito, que se haviam sublevado com Lucua, seu rei.

5. Ademais, o imperador suspeitando que os judeus da Mesopotâmia atacavam também os habitantes da região, ordenou a Luzio Quietos extirpá-los da província. Este fez as tropas avançarem contra eles e massacraram uma grande multidão. Em consequência desse feito, o imperador nomeou-o governador da Judéia. Tudo isso foi anotado literalmente pelos gregos que registraram os acontecimentos daquela época.

CAPÍTULO 3

Apologistas da fé sob Trajano

1. Tendo Trajano exercido o poder durante vinte anos menos seis meses, Aélis Adriano recebeu em sucessão o poder. A este último, Quadrato enviou um discurso que lhe dedicara.⁵⁸ Havia elaborado esta apologia em prol de nossa religião, porque alguns malvados se empenhavam em perturbar os

nossos. Essa obra ainda se encontra agora em poder de muitos de nossos irmãos e conosco. Nela se verificam provas brilhantes da inteligência do autor e de sua exatidão apostólica.

2. O autor manifesta sua antiguidade por aquilo que refere: “As obras de nosso Salvador eram sempre evidentes, porque verdadeiras. Os que ele curou, os que ressuscitou dos mortos não foram vistos apenas no momento em que foram curados e ressuscitados, mas continuaram presentes. E isso, não apenas enquanto o Salvador vivia na terra, mas ainda após a sua morte. Ficaram na terra durante longo tempo, de sorte que alguns deles chegaram até os nossos dias”.

3. Assim se exprime Quadrato. Aristides, igualmente fiel de nossa religião, deixou como Quadrato, em prol da fé, uma apologia dirigida a Adriano. Sua obra, de igual maneira foi conservada até o presente em poder de grande número.

CAPÍTULO 4

Bispos de Alexandria e de Roma sob Adriano

No terceiro ano do mesmo governo, Alexandre, bispo de Roma morreu, tendo completado o décimo ano de sua administração. Teve Xisto como sucessor. Quase ao mesmo tempo, na Igreja de Alexandria, Primo morreu no décimo ano em que a presidia e sucedeu-lhe Justo.

CAPÍTULO 5

Bispos de Jerusalém desde o Senhor à época de que tratamos

1. Relativamente aos bispos de Jerusalém, não encontrei em parte alguma por escrito suas respectivas datas. É certo, pela tradição, que tiveram vida muito curta.

2. Certifiquei-me, contudo, por documentos escritos, que, até o assédio dos judeus sob Adriano, sucederam-se em Jerusalém quinze bispos. Diz-se que eram todos hebreus por origem e terem acolhido genuinamente o conhecimento de Cristo. Em conseqüência, aqueles que ali podiam decidir, julgaram-nos dignos do múnus episcopal. Com efeito, a Igreja toda de Jerusalém se compunha então de hebreus fiéis. Assim sucedeu desde o tempo dos apóstolos até o cerco que sofreram então, quando os judeus se contrapuseram aos romanos e foram aniquilados em fortes guerras.

3. Uma vez que terminaram nessa ocasião os bispos oriundos da circuncisão, convém levantar agora sua lista, desde o primeiro. Com efeito, o primeiro foi Tiago, denominado irmão do Senhor; depois dele, o segundo foi Si-meão; o terceiro, Justo; o quarto, Zaqueu; o quinto, Tobias; o sexto, Benjamim; o sétimo, João; o oitavo, Matias; o nono, Filipe; o décimo, Sêneca; o undécimo, Justo; o duodécimo, Levi; o décimo terceiro, Efrém; o décimo quarto, José; finalmente, o décimo quinto, Judas.

4. Estes foram os bispos da cidade de Jerusalém, desde os apóstolos até o tempo a que nos referimos. Todos dentre os circuncisos.

5. Ao atingir o império de Adriano já o duodécimo ano, Xisto, tendo completado o décimo ano de episcopado em Roma, teve Telésforo por sucessor, o sétimo depois dos apóstolos. Decorridos um ano e alguns meses, Eumenes teve a presidência na Igreja de Alexandria, em sexto lugar. Seu predecessor permaneceu durante onze anos.

CAPÍTULO 6

Último assédio de Jerusalém sob Adriano

1. Nessa ocasião a revolta dos judeus aumentou e propagou-se novamente. Rufo, governador da Judéia, tendo o imperador lhe enviado reforço em soldados, aproveitou-se sem compaixão desta insensatez e marchou contra eles. Matou indistintamente milhares de homens, mulheres e crianças e, de acordo com as leis da guerra, reduziu o país à escravidão.
2. Um homem, chamado Bar-Kochba,⁵⁹ estava então à frente dos judeus. Esse nome significa estrela. Quanto ao mais, era assassino e salteador, mas por seu nome impunha-se a escravos, como se fosse uma luz vinda do céu em seu favor e destinada prodigiosamente a iluminá-los em sua infelicidade.
3. A guerra atingiu o auge no décimo oitavo ano do império de Adriano, nas cercanias de Bethera, cidadezinha bem fortificada, não muito longe de Jerusalém. Como durasse muito o cerco, dirigido de fora, os revoltosos chegaram com a fome e a sede à extrema ruína. Aquele que ocasionou esta loucura recebeu o justo castigo. Desde então, por força da lei e por ordens de Adriano, todo o povo foi absolutamente proibido até de se aproximar das cercanias de Jerusalém, de sorte que ele interditou aos judeus contemplarem, mesmo de longe, o solo pátrio. Assim narra Ariston de Pela.
4. Desta forma, a cidade foi reduzida a ser totalmente desertada pelo povo judeu e a perder seus habitantes de outrora. Foi povoada por uma raça estrangeira. A cidade romana que a substituiu recebeu outro nome, e foi denominada Aélia, em honra do imperador Aélio Adriano. A Igreja da cidade foi composta também de gentios, e após os da circuncisão o primeiro dos bispos a receber o múnus foi Marcos.

CAPÍTULO 7

Chefes da pseudognose neste tempo

1. Então as Igrejas, astros fulgurantes, já brilhavam no universo, e através de todo o gênero humano a fé em nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo estava em plena floração. Mas, o demônio inimigo do bem, sempre em oposição à verdade e adversário figadal da salvação dos homens, dirigiu todas as suas maquinacões contra a Igreja. Outrora, opunha contra ela as perseguições oriundas de fora.
2. Uma vez encerradas estas, serviu-se de homens malvados e de magos quais instrumentos aptos a arruinar as almas e ministros de perdição. Combateu com outros métodos, inventando toda espécie de recursos. Os magos e enganadores, sob o manto de confissão da fé, de um lado podiam prender alguns fiéis, arrastando-os ao abismo da perdição, de outro, por sua influência, podiam desviar talvez os ignorantes relativamente à fé do caminho que conduz à palavra da salvação.
3. Menandro, pois, que mais acima afirmamos ter sido o sucessor de Simão, teve um dinamismo, qual serpente de duas bocas e duas cabeças, que produziu os chefes de duas heresias distintas: Saturnino, oriundo de Antioquia, e Basíledes de Alexandria. O primeiro estabeleceu na Síria e outro no Egito, respectivamente, uma escola de heresias atéias.
4. Ireneu revela que Saturnino repetia na maioria das vezes mentiras idênticas às de Menandro, e que Basíledes, sob pretexto de mistérios inefáveis, propagava sem fim suas invenções, plasmando mitos monstruosos de ímpia heresia.
5. Nesta ocasião, muitos homens da Igreja lutaram em prol da verdade com eloqüência e defenderam as proposições apostólicas e eclesiásticas. Alguns até, com seus escritos, deixaram aos pósteros uma profilaxia contra as heresias que acabamos de citar.
6. Desses escritos chegou até nós a bem elaborada refutação a Basíledes, da autoria de Agripa Castor,

então escritor de renome. Ele patenteia a perigosa magia do herege.

7. Agripa descobre, efetivamente, os mistérios ocultos de Basíledes e assinala que ele havia composto vinte e quatro livros sobre o evangelho e inventara a existência de profetas chamados Barcabbas e Barkoph e mais outros fictícios, aos quais impunha nomes bárbaros para impressionar os admiradores de tais elucubrações. Ensinava ainda ser indiferente comer das carnes oferecidas as ídolos e abjurar a fé, sem restrições, em tempo de perseguição. À imitação de Pitágoras, impunha aos discípulos um silêncio de cinco anos.

8. O mesmo autor anota ainda, a respeito de Basíledes, outras opiniões semelhantes a essas e admiravelmente lança luz sobre o erro desta heresia.

9. Ireneu ainda escreve que um coetâneo destes, Carpócrates, foi o pai de outra heresia, a dos chamados gnósticos. Não era secretamente, mas abertamente, que adotava as ações mágicas de Simão. Chegavam ao ponto de venerar as beberagens mágicas que compunham cuidadosamente, os demônios causadores dos sonhos e assessores dos homens e outras coisas da mesma espécie, como se fossem de importância. Conseqüentemente ensinavam aos que queriam chegar ao extremo desta mistagogia, ou antes infâmia, que deviam praticar até os atos mais vergonhosos, porque não escapariam, diziam eles, aos príncipes deste mundo, conforme os denominavam, a não ser que cedessem às exigências de todos eles, por meio de ações infames.

10. Indubitavelmente, o demônio, que se compraz no mal, serviu-se destes ministros, a fim de reduzir à escravidão, para sua própria perda, os que ele miseravelmente seduzira, ou para dar oportunidade às nações infiéis de difamar a palavra divina, pois a reputação deles se difundia, acarretando calúnias para todo o povo cristão.

11. Foi principalmente desta forma que, em grande parte, espalhou-se entre os não-crentes a suspeita ímpia, e inteiramente descabida, de que mantínhamos abomináveis uniões com nossas mães e irmãs e ingeríamos alimentos infames.

12. O demônio, porém, não tirou daí largo proveito, porque a verdade se impôs por si mesma e com o correr do tempo emitiu grande luz.

13. Extinguiram-se, pois, rapidamente as maquinações dos inimigos, confundidas pela atuação da verdade. As heresias, umas após outras, apresentavam inovações; as mais antigas continuamente desvaneciam e desvirtuavam-se, de diferentes modos, para dar lugar a idéias diversas e variadas. Ao invés, ia aumentando e crescendo o brilho da única verdadeira Igreja católica, sempre com a mesma identidade, e irradiando sobre gregos e bárbaros o que há de respeitável, puro, livre, sábio, casto em sua divina conduta e filosofia.

14. No decurso do tempo sumiram, portanto, as calúnias a nossos ensinamentos e, vencedora, apenas a doutrina cristã subsistiu. Reconheceu-se que ela superava de muito a todas, em respeitabilidade e prudência, e por sua doutrina divina e filosófica. Assim, ninguém ousa agora intentar contra nossa fé acusações vergonhosas, nem calúnias semelhantes às que outrora gostavam de difundir os que se haviam aliado contra nós.

15. Além do mais, na época de que tratamos, a verdade podia apresentar numerosos defensores, em luta contra as heresias atéias, não somente através de refutações orais, mas também por meio de demonstrações escritas.

1. Neste tempo celebrizou-se Hegesipo, cujas palavras já utilizamos, várias vezes, a fim de apresentar, por aquilo que transmitiu, alguns fatos do tempo dos apóstolos.
2. Com efeito, em cinco livros de suas *Memórias*, exaradas em estilo muito simples, transcreve sem erros a pregação apostólica. Assinala o tempo em que ela se propagava. Escreve sobre os que no começo erguiam ídolos, o seguinte: “Eles erigiam-lhes cenotáfios e templos, como se fez até hoje também a Antínoo, escravo de Adriano César; os jogos instituídos em sua honra, em nossos dias, chamam-se Antinoenos. De fato, Adriano também construiu uma cidade à qual deu o nome de Antínous e aí es-tabeleceu profetas”.
3. Na mesma ocasião, Justino, autêntico amante da verdadeira filosofia, e que se exercitara nas obras dos gregos, também indica esta época, ao escrever na *Apologia a Antonino*: “Não consideramos despropositado lembrar aqui Antínoo, contemporâneo nosso, a quem todos, por temor, eram obrigados a venerar como deus, apesar de saber quem ele era e donde provinha”.
4. O mesmo autor, ao lembrar a guerra realizada então contra os judeus, inclui também o seguinte: “Efetivamente, na atual guerra aos judeus, Bar-Kochba, o chefe da revolta dos judeus, mandou submeter somente os cristãos a terríveis suplícios, se não renegassem a Jesus Cristo e não blasfemassem contra ele”.
5. Na mesma obra, ao tratar de sua conversão da filosofia grega à religião de Deus, demonstra não ter procedido sem reflexão, mas com discernimento. Assim escreve: “Também a mim, de fato, apraziam-me os ensinamentos de Platão. Mas ouvindo contestações contra os cristãos e vendo-os destemidos diante da morte e de tudo o que se considera um horror, concluí ser impossível que levassem vida má e entregue ao amor do prazer. Como, efetivamente o amigo do prazer, o intemperante, o que aprova a antropofagia, poderia saudar com alegria a morte, se o privaria do objeto de seus desejos? Não se esforçaria, ao contrário, por todos os meios, por viver sempre aqui na terra e escapar aos magistrados, ao invés de denunciar a si mesmo para ser morto?”
6. O mesmo autor conta ainda que Adriano recebeu do ilustre governador, Serênio Graniano, uma carta concernente aos cristãos, dizendo não ser justo que em atenção ao clamor popular fossem mortos, sem nenhuma acusação e julgamento. O imperador respondeu a Minúcio Fundano, procônsul da Ásia, ordenando que não se julgasse ninguém sem queixa e acusação bem fundamentada.
7. Justino traz uma cópia da carta, conserva o texto latino tal qual, mas antepõe estas palavras: “Apoiados numa carta do grande e ilustre César Adriano, vosso pai, poderíamos pedir que ordeneis se realize prévio julgamento, conforme nos parece conveniente. Conveniente, não por causa da ordem de Adriano, mas por sabermos que se trata de justa reivindicação. Em anexo, uma cópia da carta de Adriano, a fim de notificar que também nisso falamos de acordo com a verdade. Ei-la:”
8. O autor que citamos acrescenta o rescrito em latim. Nós o traduzimos, como pudemos, para o grego, da seguinte forma.

CAPÍTULO 9

Carta de Adriano ordenando que os cristãos não fossem perseguidos sem julgamento prévio

1. “A Minúcio Fundano. Recebi uma carta escrita pelo ilustríssimo Serênio Graniano, teu predecessor. Efetivamente, não me apraz deixar a questão sem investigação, não suceda que sejam molestados os

inocentes e aos delatores se dê apoio para exercerem a maldade.

2. Se, pois, os provincianos podem manifestamente manter essa petição contra os cristãos, pleiteando-a perante o tribunal, empreguem apenas este trâmite, e não petições nem somente gritos. É preferível, se alguém quer incriminar, que tu mesmo tomes conhecimento da causa.

3. Se, portanto, alguém os acusar e provar que fazem algo de contrário às leis, decide conforme a gravidade da culpa. Mas, por Hércules! se alguém a alega por delação, condena este procedimento criminoso e cuide de puni-lo.” Tal o rescrito de Adriano.

CAPÍTULO 10

Bispos de Roma e de Alexandria sob Antonino

Tendo ele cumprido sua incumbência, após vinte e um anos de reinado, sucedeu-lhe no governo do império romano Antonino, o Pio. No primeiro ano deste, Telésforo deixou a presente vida, no undécimo ano de seu múnus e coube a Higino a herança do episcopado em Roma.

CAPÍTULO 11

Heresiarcas desta época

Ireneu relata que Telésforo ilustrou o termo de sua vida pelo martírio. Na mesma passagem, ele observa que no tempo de Higino, o bispo de Roma de que acabamos de falar, eram muito conhecidos, em Roma, Valentino, autor da heresia de seu nome, e Cerdão, chefe do erro marcionita. Assim ele escreve:

1. “De fato, Valentino veio a Roma, no episcopado de Higino; atingiu o apogeu sob Pio e permaneceu aí até Aniceto. Quanto a Cerdão, o predecessor de Marcião, viveu também sob Higino, o nono bispo de Roma. Tendo vindo à igreja, fez penitência. Mas continuou a agir assim: Ora ensinava secretamente, ora fazia novamente penitência, ora convencia-se do que ensinava de errado e retirava-se da assembléia dos irmãos.”

2. Eis o que diz Ireneu no terceiro livro de *Contra as heresias*. Efetivamente, no primeiro, diz ainda a respeito de Cerdão: “Certo Cerdão, oriundo do círculo dos discípulos de Simão, e que residiu em Roma sob Higino, nono sucessor dos bispos, desde os apóstolos, ensinou que o Deus anunciado pela Lei e os profetas não se identifica com o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, pois um é conhecido e o outro desconhecido, um é justo e o outro é bom. Marcião, o Pôntico, foi seu sucessor e desenvolveu a escola, blasfemando despidoradamente”.

3. O mesmo Ireneu explanou longamente o abismo ilimitado da matéria repleta de erros de Valentino e revelou sua maldade oculta e sub-reptícia, qual serpente escondida numa toca.

4. Além disso, refere que outro, chamado Marcos, foi então perito em artifícios mágicos; anota igualmente suas iniciações vãs e suas mistagogias miseráveis, manifestando-as com estas palavras:

5. “Entre eles, alguns preparam um tálamo e realizam uma mistagogia com certas fórmulas sobre os iniciados; dizem que se trata de um casamento espiritual, na forma das uniões celestes. Outros conduzem-nos às águas, e batizam-nos, pronunciando sobre eles as palavras: ‘Em nome do Pai de todos os seres, o desconhecido; da Verdade, mãe de todas as coisas; e daquele que desceu sobre Jesus. Outros proferem nomes hebraicos, para impressionar mais os iniciados.”

6. Tendo Higino falecido após o quarto ano de episcopado, Pio tomou em mãos o ministério em Roma.

Por sua vez, em Alexandria, Marcos foi nomeado pastor, depois que Eumênio completou treze anos; e tendo Marcos morrido após dez anos de ministério, Celadião assumiu o múnus da Igreja de Alexandria.

7. E na cidade de Roma, tendo morrido Pio no décimo quinto ano de episcopado, Aniceto presidiu aos fiéis desta cidade. Hegesipo conta que veio para Roma em seu tempo, e aí permaneceu até o episcopado de Eleutério.

8. Foi principalmente nessa ocasião que Justino atingiu o apogeu de sua carreira. Revestido do manto de filósofo, anunciava a palavra de Deus e combatia com as obras em prol da fé. Ele escreveu contra Marcião uma obra, e relembra que, enquanto ele a elaborava, este último ainda vivia. Assim se pronuncia:

9. “Certo pântico, Marcião, anda insinuando a seus sequazes a crença de haver um Deus maior que o Criador. Ajudado pelos demônios, induziu um grande número, em todas as raças humanas, a blasfemar, a negar que o Criador do mundo é o Pai do Cristo, e a confessar que além dele existe outro maior. E conforme dissemos acima, todos os seus sequazes são chamados cristãos, da mesma forma que o nome de filosofia é comum a todos os filósofos, embora suas opiniões não sejam concordes”.

10. Ademais, acrescenta: “Elaboramos ainda um tratado contra todas as heresias. Nós vo-lo daremos, se o quiserdes”.

CAPÍTULO 12

Justino dirige sua apologia a Antonino

11(11.) Esse mesmo Justino fez excelente trabalho, destinado aos gregos.⁶⁰ Elaborou outras obras que encerram uma apologia em defesa da fé, e dirigiu-a ao imperador Antonino, o Pio, e ao Senado romano, pois ele morava em Roma. Ele próprio manifesta quem é e donde provém, na Apologia, com as seguintes palavras:

12(1.) “Ao imperador Tito Aélio Adriano Antonino Pio César Augusto; ao filósofo Veríssimo, seu filho; e a Lúcio, filho genuíno do César filósofo, e filho adotivo de Pio, amante do saber; ao sacro Senado e a todo o povo romano. Em prol de homens de toda raça, injustamente odiados e caluniados, eu, Justino, filho de Prisco, filho de Baqueio, natural de Flávia Neápolis na Síria Palestina, um dentre eles, compus este discurso e esta petição.”

CAPÍTULO 13

Carta de Antonino ao Conselho da Ásia

Ao mesmo imperador, rogado ainda por outros irmãos da Ásia, sujeitos a violências de toda espécie pelos habitantes desta província, aprovou dirigir à assembléia da Ásia o seguinte rescrito:

1. “O imperador César Marco Aurélio Antonino Augusto, Armênio, soberano pontífice, tribuno do povo pela décima quinta vez, cônsul pela terceira vez, à assembléia da Ásia, saudações.
2. Estou bem ciente de que os próprios deuses cuidam de que tais homens não escapem ao castigo, pois a eles, e não a vós, compete punir os que recusam adorá-los.
3. Fortificais as opiniões daqueles que inquietais, acusando-os de ateísmo. Denunciados, preferem visivelmente morrer por seu próprio Deus a viver. Assim são vitoriosos, ao sacrificar a vida antes que

obedecer ao que deles quereis exigir.

4. Quanto aos terremotos, passados ou presentes, vem a propósito admoestar-vos a vós, desencorajados quando eles sobrevêm, que compareis vossa situação a deles.

5. Eles, de fato, aumentam sua grande confiança em Deus; quanto a vós, durante todo o tempo em que evidentemente permaneceis na ignorância, não cuidais dos outros deuses, nem da adoração devida ao Deus imortal, adorado pelos cristãos que expulsais e perseguis mortalmente.

6. Em defesa destes, muitos governadores de províncias já haviam escrito a nosso divino pai, e este lhes respondeu que não fossem molestados, a menos que mostrassem estar planejando algo contra a hegemonia romana. A mim também muitos se dirigiram, a respeito deles, e respondi-lhes de acordo com o parecer de meu pai.

7. Se alguém, portanto, continua a pleitear contra um cristão enquanto tal, o acusado seja libertado da incriminação, mesmo se evidentemente for cristão; quanto ao acusador, seja réu de punição. Promulgado em Éfeso, na assembléia da Ásia.”

8. Atesta Melitão, bispo da Igreja de Sardes, então bem conhecido, que assim sucedeu. É questão manifesta, segundo a apologia dirigida ao imperador Vero em defesa de nossa doutrina.

CAPÍTULO 14

Memória feliz de Policarpo

1. Nesta época Aniceto governava a Igreja de Roma. Policarpo, ainda em vida, veio a Roma a fim de tratar com Aniceto de certa questão relativa ao dia de Páscoa, segundo Ireneu.⁶¹

2. O mesmo escritor nos transmite ainda outra narrativa sobre Policarpo, que importa acrescentar ao já relatado sobre ele. É o seguinte:

3. “Policarpo, não somente foi discípulo dos apóstolos e conviveu com muitos dos que haviam visto o Senhor, mas ainda foi estabelecido pelos apóstolos bispo da Igreja de Esmirna, na Ásia. Nós o vimos na infância.

4. Ele viveu longamente e atingiu idade avançada, morrendo num glorioso e brilhante martírio. Sempre ensinou o que aprendera dos apóstolos, o que a Igreja transmite, somente a verdade.

5. Atestam-no todas as Igrejas da Ásia e todos os que até hoje sucederam a Policarpo, o qual foi testemunha da verdade mais fidedigna e mais segura que Valentino, Marcião e os restantes de espírito pervertido. Tendo ido a Roma, sob Aniceto, reconduziu muitos dos supramencionados hereges à Igreja de Deus, anunciando ter recebido dos apóstolos uma só e única verdade, aquela transmitida pela Igreja.

6. Alguns também ouviram-no contar que João, o discípulo do Senhor, tendo ido a Éfeso, quis banhar-se; mas vendo ali Cerinto, saiu do balneário, sem se banhar, dizendo: ‘Fujamos daqui, para que o balneário não desabe. Aí se encontra Cerinto, o inimigo da verdade’.

7. O próprio Policarpo um dia viu Marcião, que veio ao seu encontro e lhe disse: ‘Reconhece-nos’. Ele lhe respondeu: ‘Eu te conheço. Conheço-te, primogênito de Satanás’. Tal era a prudência dos apóstolos e de seus discípulos que não mantinham relação alguma, nem mesmo conversavam com os falsificadores da verdade, segundo diz Paulo: ‘Depois de uma primeira e de uma segunda admoestação, nada mais tens a fazer com um herege, pois é sabido que um homem assim se perverteu

e se entregou ao pecado, condenando-se a si mesmo' (Tt 3,10-11).

8. Existe ainda de Policarpo uma carta muito importante, endereçada aos filipenses. Nessa carta os que quiserem, e são solícitos com a própria salvação, podem reconhecer as características da fé e a pregação da verdade.”

9. Até aqui, Ireneu. Policarpo, porém, na supramencionada carta aos filipenses, conservada até hoje, emprega determinados testemunhos da primeira carta de Pedro.

CAPÍTULO 15

Testemunho de Policarpo e outros sob Vero

14(10.) Tendo Antonino, o Pio, completado o vigésimo segundo ano de reinado, Marco Aurélio Vero, também denominado Antonino, seu filho, sucedeu-lhe com Lúcio, seu irmão.

15(1.) Foi então, quando grandes perseguições agitavam a Ásia, que Policarpo morreu mártir. Julgo absolutamente necessário inserir aqui, nessa história, para memória dos pósteros, a descrição de seu fim, ainda conservada por escrito.

2. Com efeito, existe uma carta em nome da Igreja à qual ele presidia, dirigida às Igrejas do Ponto, e que assim expõe o que a ele se refere:

3. “À Igreja de Deus, peregrina em Esmirna, à Igreja de Deus, peregrina em Filomélio e às comunidades da santa Igreja católica, espalhadas por toda a parte. A misericórdia, a paz e o amor de Deus Pai e nosso Senhor Jesus Cristo superabundem entre vós! Irmãos, nós vos escrevemos as notícias sobre os mártires e o bem-aventurado Policarpo, que, por seu martírio, de certo modo pôs um selo à perseguição e fê-la cessar.”

4. Na continuação, antes de narrar os fatos atinentes a Policarpo, anota a carta referências aos outros mártires e registra a resistência que demonstraram diante dos suplícios. Diz-se, efetivamente, que os circunstantes ficaram atônitos vendo-os ora dilacerados pelos flagelos até ficarem à vista as veias e artérias mais entranhadas, e visíveis as vísceras e os membros mais profundamente secretos dos corpos; ora estendidos sobre conchas marinhas e pontas agudas; e depois de todas as espécies de torturas e suplícios, expostos finalmente às feras para serem devorados.

5. Conta-se ter se destacado sobretudo Germânico, cheio de nobreza, que superou o temor natural da morte corporal, pela graça de Deus. O procônsul tentou persuadi-lo, aludindo à sua idade, e implorando, visto ser ainda muito jovem e na flor da idade; portanto, tivesse piedade de si mesmo. Ele não hesitou. Corajosamente atçou o animal feroz, de certa forma o atacou e excitou, a fim de que mais depressa o tirasse desta vida injusta e iníqua.

6. A multidão inteira, admirada diante desta morte notável, e vendo a atitude valente do piedoso mártir e a virtude de todo o gênero dos cristãos, pôs-se a gritar com voz unânime: ‘Abaixo os ateus! Traga-se Policarpo’.

7. Esses gritos provocaram grande tumulto. Um frígio, chamado Quinto, recém-vindo da Frígia, vendo as feras e os tormentos que o ameaçavam, ficou apavorado, foi tomado de fraqueza e renegou a salvação final.

8. O texto da carta que citamos mostra que ele se apresentara ao tribunal com outros irrefletida e imprudentemente. Sua queda representa, por conseguinte, um exemplo manifesto para os demais, comprovando que não convém expor-se a tão grandes perigos temerariamente e sem temor de Deus.

Foi este o fim destes homens.

9. Policarpo, porém, tão admirável, ao ter as primeiras notícias desses acontecimentos, permaneceu calmo, conservou-se tranqüilo e imperturbável e até queria permanecer na cidade. Atendeu, no entanto, às súplicas e exortações dos companheiros para que fugisse; então retirou-se com alguns a uma propriedade rural não muito distante da cidade. Noite e dia não fazia outra coisa senão perseverar em preces ao Senhor. Não cessava de pedir, de suplicar a paz para as Igrejas de todo o mundo. Com efeito, tal foi sempre seu costume.

10. E enquanto rezava, três dias antes de ser aprisionado, teve à noite um sonho. Viu o travesseiro sob sua cabeça pegar fogo de repente e se consumir. Despertou, e logo explicou aos presentes a visão e predisse-lhes o que ia acontecer, anunciando claramente aos que estavam a seu redor que devia dar a vida por Cristo, na fogueira.

11. Era procurado com grande empenho. Diz-se que de novo impelido pela afeição e carinho dos irmãos, passou a outra propriedade. Acabava de chegar quando vieram os perseguidores, que apanharam ali dois escravos. Torturaram a um deles, que denunciou o esconderijo de Policarpo.

12. Tendo chegado tardiamente, encontraram-no repousando num quarto de cima, donde podia ainda fugir para outra casa, mas não quis e disse: ‘Seja feita a vontade de Deus’ (At 21,14).

13. Conta-se que, informado da presença deles, desceu e falou-lhes com uma fisionomia radiante e muito suave, de sorte que aqueles homens que não o conheciam acreditaram ter uma visão, ao contemplá-lo, carregado de anos, de porte venerável e tranqüilo, e admiravam-se de que se tivesse tanto empenho em se aposar de tal ancião.

14. Ele, contudo, mandou imediatamente pôr a mesa, e convidou-os a farta refeição. Pediu apenas uma hora para rezar livremente. Eles consentiram. Tendo-se levantado, Policarpo rezou, repleto da graça do Senhor. Os presentes, ao ouvi-lo rezar, ficaram emocionados e vários deles logo se arrependeram de estarem a ponto de tirar a vida a um ancião tão venerando e piedoso.”

15. A carta acerca dele prossegue nestes termos: “Terminada a oração, na qual havia rememorado todos os que alguma vez encontrara, pequenos e grandes, ilustres e obscuros, e a Igreja católica, espalhada por toda a terra, e tendo chegado a hora de partir, montaram-no num asno e levaram-no à cidade. Era um dia de grande sábado. O irenarca Herodes e seu pai, Nicetas, foram ao seu encontro. Fizeram-no subir a seu carro, e sentados a seu lado, esforçaram-se por persuadi-lo, com essas palavras: ‘Que há de mal em dizer: César é Senhor, sacrificar e salvar a vida?’

16. No começo, ele não respondeu. Mas, como insistissem, replicou: ‘Não farei o que me aconselhais’. Visto que não conseguiram persuadi-lo, injuriaram-no e fizeram-no descer tão depressa do carro que na descida feriu a parte dianteira da perna. Ele, contudo, não deu atenção a isso, como se nada tivesse sofrido, e avançou voluntária e rapidamente, enquanto o levavam ao estádio.

17. No estádio, o tumulto era tão grande que mal se escutavam as palavras. Ao entrar Policarpo no estádio, veio uma voz do céu: ‘Sê forte, Policarpo, sê homem’ (cf. Js 1,9). Ninguém viu quem falava, mas muitos dos nossos ouviram a voz (cf. At 9,7).

18. Ora, enquanto o conduziam, houve grande tumulto da parte dos que ouviram dizer ter sido preso Policarpo. Ele adiantou-se e então o procônsul perguntou se ele era, de fato, Policarpo. Ao obter resposta afirmativa, exortou-o a renegar, dizendo: ‘Tem pena de tua idade!’, e frases semelhantes, conforme se costuma dizer. Acrescentou: ‘Jura pela fortuna de César! Muda de opinião e dize:

‘Abaixo os ateus!’

19. Então, Policarpo, fitando severamente a multidão presente no estádio, estendeu a mão contra eles, suspirou, olhou para o céu e disse: Abaixo os ateus!’

20. Insistiu o procônsul, dizendo: ‘Jura e eu te liberto. Amaldiçoa a Cristo.’ Policarpo disse: ‘Há oitenta e seis anos que o sirvo e ele jamais me fez mal. Como posso blasfemar a meu rei, meu salvador?’

21. “O procônsul insistiu ainda e disse: ‘Jura pela fortuna de César!’ Policarpo replicou: ‘Se esperas em vão que hei de jurar pela fortuna de César, como dizes, e finges ignorar quem sou eu, escuta, falo com franqueza: Sou cristão. Se queres aprender a doutrina do cristianismo, dá-me o prazo de um dia e escuta’.

22. O procônsul disse: ‘Convence o povo’. Policarpo respondeu: ‘Considero-te digno de explicação, pois aprendemos a tributar aos magistrados e às autoridades estabelecidas por Deus a honra que lhes compete, contanto que não nos prejudique (cf. Rm 13,1). Quanto a estes, não os julgo dignos de me defender diante deles’.

23. O procônsul retomou: ‘Tenho feras. Lançar-te-ei a elas, se não mudares de opinião’. Policarpo respondeu: ‘Chama-as. Nós não mudamos de opinião, indo do melhor ao pior; no entanto, é bom passar do mal à justiça’.

24. O procônsul ainda disse: ‘Hei de te domar pelo fogo, se desprezas as feras, a menos que mudes de parecer’. Policarpo retrucou: ‘Tu me ameaças com um fogo que queima durante uma hora e em pouco tempo se extingue. Ignoras, contudo, o fogo do julgamento futuro e do castigo eterno reservado aos ímpios. Mas, por que tardar? Traze o que queres’.

25. Proferindo essas e muitas outras palavras, cheio de coragem e de alegria, tinha o rosto repleto de graça, de sorte que não somente não se deixou abalar pelas ameaças, mas ao contrário, o procônsul ficou espantado. Mandou o arauto proclamar no meio do estádio: ‘Três vezes Policarpo se declarou cristão’.

26. A esta declaração do arauto, enfurecida, a multidão de pagãos e judeus, habitantes de Esmirna, clamou em altos brados: ‘Eis o mestre da Ásia, o pai dos cristãos, o destrutor de nossos deuses; ensina a muitos a não sacrificar e a não adorar’.

27. Assim falando, gritavam ainda e pediam ao asiarca Filipe que soltasse um leão sobre Policarpo; mas ele respondeu que isso não era lícito, porque os combates de feras haviam acabado. Então, unânimes começaram a gritar que Policarpo fosse queimado vivo.

28. Era, de fato, preciso se cumprisse a visão que tivera, quando em oração viu o travesseiro a arder, e voltando-se para os fiéis ao seu redor, prenunciara profeticamente: ‘Devo ser queimado vivo’.

29. Fez-se isso mais rapidamente do que fora dito. A multidão trouxe, imediatamente, das oficinas e dos balneários lenha e gravetos; sobretudo os judeus, conforme seu costume, colaboravam.

30. Pronta a fogueira, Policarpo por si mesmo despiu-se, e desamarrou o cinto; tentou tirar os calçados, o que antes não fazia, porque sempre os fiéis se apressavam para lhe tocar o corpo; em tudo, por causa da sua vida eminente, fora honrado mesmo antes de lhe aparecerem as cãs.

31. Logo em volta dele foram dispostos os materiais adequados para a fogueira. Como se preparavam

para fixá-lo, pregando-o, disse : ‘Deixai-me assim, pois aquele que me concedeu aguardar com firmeza o fogo, conceder-me-á ainda, sem a garantia de vossos pregos, ficar imóvel na fogueira. Por isso, não foi pregado, e sim amarrado.

32. Amarrado, com as mãos às costas, parecia um cordeiro escolhido, tirado de grande rebanho, para se tornar um holocausto agradável a Deus onipotente (cf. Sb 3,6).

33. Então, disse: ‘Pai de teu filho bem-amado e bendito Jesus Cristo, por meio do qual adquirimos o conhecimento de ti, Deus dos anjos, das potestades, e de toda a criação, da geração dos justos que vivem diante de ti, eu te bendigo porque me julgaste digno deste dia e desta hora; de participar do número dos mártires, do cálice de teu Cristo, para a ressurreição da vida eterna, do corpo e da alma, na incorruptibilidade do Espírito Santo.

34. Seja recebido entre eles diante de ti, hoje, num sacrifício gordo e aceitável, conforme preparaste e manifestaste previamente, e que consumaste, Deus sem mentira e verdadeiro.

35. Por isso e por todas as outras coisas, eu te louvo, te bendigo, te glorifico, pelo eterno e sumo sacerdote, Jesus Cristo, teu filho bem amado, por quem a ti, com ele, no Espírito Santo, glória seja dada agora e nos séculos futuros. Amém.

36. Tendo proferido o Amém final da oração, os encarregados da fogueira acenderam o fogo e enquanto brilhava uma grande chama, vimos um prodígio, nós a quem foi dado ver, e que fomos preservados para anunciar aos pósteros estes eventos.

37. Ora, o fogo tomou o aspecto de uma abóbada, como uma vela de navio enfunada pelo vento, e envolveu em círculo o corpo do mártir. Ele, no meio, não se assemelhava a carne queimada, mas era qual ouro e prata purificados no crisol (cf. Sb 3,6). E aspirávamos um perfume tão forte como incenso ou outro aroma precioso.

38. Finalmente, os malvados, vendo que o corpo não podia ser consumido pelo fogo, ordenaram ao *carrasco* que se aproximasse e o atravessasse com o punhal.

39. Ele o fez e jorrou tal quantidade de sangue que o fogo se apagou. A multidão ficou admirada da grande diferença entre os incrédulos e os eleitos, aos quais pertencia também este admirável varão, em nosso tempo mestre apostólico e profético, o bispo da Igreja católica de Esmirna. Toda palavra proferida por sua boca, efetivamente, cumpriu-se e haverá de se cumprir.

40. O maligno, invejoso e ciumento, adversário dos justos, vendo a grandeza de seu martírio, a vida irrepreensível que levava desde o início, a coroa de incorruptibilidade que o ornara, o prêmio inegável que obtivera, cuidou de que nem mesmo o cadáver fosse recolhido por nós, apesar de muitos terem desejado possuí-lo e ter uma porção das relíquias.

41. Alguns sugeriram, então, a Nicetas, pai de Herodes e irmão de Alces, fosse pedir ao governador que não doasse o corpo, receosos, disseram, de que o povo abandonasse o crucificado e começasse a adorá-lo. Assim falaram, por instigação e insistência dos judeus, que nos espreitavam até para não retirarmos o cadáver do fogo. Eles ignoravam que jamais poderíamos abandonar a Cristo, que sofreu pela salvação dos redimidos do mundo inteiro, e a nenhum outro haveríamos de adorar.

42. Com efeito, nós o adoramos, por ser Filho de Deus. Quanto aos mártires, nós os amamos com razão enquanto discípulos e imitadores do Senhor, por causa de seu invencível amor ao próprio rei e mestre. Possamos também nós obter o privilégio de nos tornarmos seus companheiros e

condiscípulos!

43. O centurião, ao verificar a animosidade dos judeus, colocou o corpo no meio, segundo o costume romano, e o queimou. Deste modo, mais tarde recolhemos seus ossos, mais preciosos que pedras de grande valor e mais valiosos que o ouro e depositamo-los em lugar adequado.

44. Quando o Senhor nos permitir e for possível, ali nós nos reuniremos, com regozijo e alegria, a fim de celebrarmos o natalício de seu martírio, em memória dos que nos precederam na luta e em exercício e preparação dos que haverão de combater mais tarde.

45. Eis aí a história do bem-aventurado Policarpo. Com os irmãos originários de Filadélfia, foi o duodécimo a sofrer o martírio em Esmirna. Mas goza entre todos de peculiar lembrança e até os pagãos por toda parte tecem-lhe comentários.”

46. Tal o termo que mereceu o admirável e apostólico Policarpo. Esta narrativa provém dos irmãos da Igreja de Esmirna, na carta supramencionada. No escrito a ele atinente, encontram-se ainda outras descrições de martírios que se deram igualmente na cidade de Esmirna, no mesmo período que o de Policarpo. Entre os mártires, estava também Metrodoro, ao que parece, sacerdote que aderira ao erro de Marcião e morreu entregue às chamas.

47. Então se destacou entre eles o tão célebre Piônio. Suas peculiares confissões, a linguagem cheia de franqueza, as apologias em prol da fé diante do povo e dos magistrados, os ensinamentos e discursos ao povo e ainda os encorajamentos aos que haviam sucumbido na prova da perseguição, as exortações na prisão aos irmãos que o visitavam, os sofrimentos depois suportados, os suplícios em acréscimo a esses, as chagas causadas pelas unhas de ferro, a coragem na fogueira, a morte após todos esses feitos extraordinários, tudo isso se encontra de modo completo na obra que lhe é dedicada e enviaremos aos que a desejarem. Está incluída no resumo que elaboramos sobre os antigos mártires.

48. Existem ainda as atas de outros mártires que sofreram em Pérgamo, cidade da Ásia, Carpo, Papilo, uma mulher, Agatonice, que terminaram gloriosamente a vida após inúmeras e notáveis confissões.

CAPÍTULO 16

Martírio do filósofo Justino

1. Nessa época, Justino, mencionado um pouco mais acima, depois de ter apresentado aos mencionados imperadores segundo livro a respeito de nossa doutrina, foi ornado com a coroa de glorioso martírio, pois o filósofo Crescente — émulo da vida e do comportamento dos que mercedamente possuem o nome de cínicos — armou ciladas contra ele. Justino, no entanto, depois de tê-lo refutado várias vezes em discussões assistidas por ouvintes, alcançou finalmente o prêmio da vitória por causa da verdade que havia pregado, através do martírio.

2. Este martírio, ele próprio, verdadeiramente amigo da sabedoria, o havia renunciado claramente na *Apologia*, que citamos. Indica o modo como tudo isso devia lhe suceder, nesses termos:

3. “Por isso, eu também estou à espera de sofrer ciladas e ser posto no cepo por alguns dos que nomeei e talvez por Crescente, de forma alguma filósofo, e sim amante de exibição. Pois não é justo denominar filósofo a homem que, ao falar do que não conhece, acusa publicamente os cristãos de ateísmo e impiedade, e assim age para dar gosto e prazer à multidão, que vive no erro.

4. Pois, se jamais leu os ensinamentos de Cristo antes de nos atacar, é completamente malvado e muito pior que os ignorantes, os quais em geral evitam discutir e afirmar falsamente acerca do que

desconhecem. E se os leu, não entendeu a grandeza que têm em si, ou ainda, se após ter compreendido, age deste modo para não se tornar suspeito de ser cristão, é ainda mais covarde e malvado do que muitos, porque vencido por opinião ignorante e desarrazoada e por medo.

5. E, com efeito, propus-lhe determinadas perguntas sobre esses assuntos e o interroguei. Quero que saibais que concluí, após tê-lo convencido, que ele na verdade não sabe coisa alguma. Digo a verdade e se essas discussões não vos foram relatadas, estou pronto a reiterar minhas perguntas mesmo diante de vós. Esta questão é digna de interesse até por parte do imperador.

6. Cientes de nossas respectivas perguntas e respostas, verificareis que ele nada conhece destes problemas. Ou se conhece alguma coisa, não ousa declará-lo por causa dos ouvintes, conforme foi dito mais acima. Não se apresenta como amigo da filosofia, e sim de opiniões e não sabe respeitar de forma alguma a belíssima palavra de Sócrates.”

7. Tais são as palavras de Justino. Segundo sua predição, morreu em conseqüência das ciladas de Crescente. Taciano⁶² que, desde muito jovem, foi instruído nas disciplinas helênicas e que por meio delas adquiriu grande reputação e além disso deixou em seus escritos numerosos monumentos de sua ciência, o relata no seu *Discurso aos gregos*, com as seguintes palavras: “E o admirável Justino afirmou com justeza que os que acabo de citar assemelham-se a ladrões”.

8. Depois de anexar umas palavras sobre os filósofos, continua da seguinte forma: “Crescente, pois, que se aninhou na grande cidade, ultrapassava a todos em pederastia, inteiramente propenso ao amor ao dinheiro.

9. Embora aconselhasse a desprezar a morte, ele mesmo a temia tanto que se empenhou, como se constituísse grande mal, em causar a morte de Justino, porque ele, ao pregar a verdade, havia provado que os filósofos são ávidos e enganadores.” Foi a causa do martírio de Justino.

CAPÍTULO 17

Mártires mencionados por Justino

1. O próprio Justino, antes de seu combate, em sua primeira *Apologia* relembra mártires precedentes. Apresenta a narração em forma proveitosa a nosso assunto.

2. Assim escreve:

“Certa mulher possuía um marido dissoluto, e no começo ela mesma era licenciosa. No entanto, logo que conheceu os ensinamentos de Cristo, corrigiu-se e tentou convencer o marido a se corrigir igualmente. Ela lhe expôs esses ensinamentos e anunciou-lhe que havia um fogo eterno destinado a punir os que não viviam honestamente e de acordo com a reta razão.

3. Ele, contudo, continuou na mesma dissolução e por sua conduta distanciou-se da esposa. A mulher, de fato, julgou coisa ímpia partilhar ainda o leito de um homem que procurava todas as oportunidades de prazer contrário à lei natural e à justiça e resolveu separar-se dele.

4. Mas depois, diante dos pedidos dos parentes, que a aconselhavam a ficar ainda junto do marido, na esperança de que um dia viesse a se converter, contra a própria vontade ela ficou.

5. Tendo, porém, o marido partido para Alexandria, ela teve notícia de um comportamento pior ainda, e para não se tornar cúmplice de suas injustiças e impiedades, mantendo o casamento e partilhando a mesa e o leito, abandonou-o por meio do que entre vós se chama *libelo de repúdio*.

6. Este homem perfeitamente honesto devia regozijar-se com o fato de que a mulher, anteriormente sem pudor relativamente a escravos e mercenários, comprazendo-se na embriaguez e em toda maldade, havia renunciado a essas ações e queria levá-lo também à renúncia. Mas, como ela o deixara sem o seu consentimento, acusou-a, declarando que era cristã.

7. E ela apresentou a ti, ó imperador, um libelo, suplicando permissão de primeiro regular seus negócios e em seguida defender-se da acusação, quando tivesse resolvido todos os problemas. Tu lho permitiste.

8. Então o marido que no momento nada mais podia fazer contra ela, voltou-se contra certo Ptolomeu, que Urbício condenou porque fora o mestre desta mulher na doutrina cristã, da seguinte maneira:

9. Ele persuadiu a um centurião, seu amigo, que prendesse, detivesse Ptolomeu e só lhe perguntasse se era cristão. E Ptolomeu, amante da verdade, e inimigo do dolo e da mentira, confessou ser cristão. O centurião o acorrentou e torturou no cárcere por muito tempo.

10. Enfim, ao comparecer diante de Urbício, foi interrogado somente se era cristão. E novamente, cômico de ter recebido da doutrina de Cristo o bem que possuía, confessou qual a escola da virtude divina.

11. Com efeito, quem nega alguma coisa, ou a renega porque a condena ou recusa a confissão por estar ciente de ser indigno dela e alheio à questão. Nada disso convém ao verdadeiro cristão.

12. Urbício mandou que fosse conduzido ao suplício. Certo Lúcio, também ele cristão, diante de sentença tão oposta à razão, disse a Urbício: ‘Por que motivo tu condenas um homem que não é adúltero, nem fornicador, nem assassino, nem salteador, nem ladrão, que numa palavra não é réu de injustiça alguma, mas apenas confessou ter o nome de cristão? Tu não estás, Urbício, julgando de maneira conveniente ao imperador Pio, nem ao filósofo, filho de César, nem ao sacro Senado’.

13. Este não deu resposta. Disse, porém, a Lúcio: ‘Parece-me que tu também és cristão’. E como Lúcio replicasse: ‘Perfeitamente’, ele mandou que fosse igualmente conduzido ao suplício. Lúcio declarou-lhe estar muito agradecido. Afirmou que seria libertado de senhores muito malvados e partiria para junto de Deus, bom pai e bom rei. E sobreveio um terceiro cristão, que foi condenado também à pena capital.”

A esta narrativa Justino acrescenta, de modo razoável e conseqüente, as palavras supramencionadas: “Por isso, eu também estou à espera de sofrer ciladas de alguns dos que nomeei etc.”

CAPÍTULO 18

Escritos de Justino chegados até nós

1. Justino deixou-nos grande número de obras muito úteis, que demonstram um espírito culto e zeloso pelas coisas divinas. A estas remetemos os que têm gosto de aprender, e por isso citamos para um bom proveito aquelas de que tivemos conhecimento.

2. Em primeiro lugar, o discurso dirigido a Antonino, o Pio, e a seu filho, bem como ao Senado romano, em prol de nossa doutrina; em segundo lugar, que engloba a segunda *Apologia* em defesa de nossa fé, ao sucessor homônimo do imperador supramencionado, Antonino Vero, em cuja época se deram os acontecimentos há pouco descritos.

3. Ainda outra obra, o *Discurso aos gregos*, em que o autor, após longa exposição da maioria dos problemas que nós e os filósofos gregos propomos, faz uma explanação sobre a natureza dos demônios. Mas não importa referi-los no momento.
4. Chegou até nós outra obra contra os gregos, intitulada pelo autor *Refutação*; em seguida, além destas, outra, *A monarquia de Deus*, que ele explana não somente segundo as nossas Escrituras, mas ainda conforme os livros dos gregos.
5. Ademais, o escrito intitulado *Psalmes* e um manual: *A alma*, onde, tratando de diferentes pontos sobre proposição do problema, inclui as opiniões dos filósofos gregos. Propõe-se discuti-las e expor sua própria opinião em outro trabalho.
6. Compôs ainda o *Diálogo com os judeus*, travado na cidade de Éfeso, com Trifão, o mais famoso dos hebreus daquele tempo. Neste diálogo, revela de que modo a graça divina o impeliu à doutrina da fé, o zelo que anteriormente empregara por conhecer as disciplinas filosóficas, e a busca ardorosa da verdade a que se dera.
7. Notícia ainda, na mesma obra sobre os judeus, que eles armaram ciladas contra o magistério de Cristo e manifesta seu modo de pensar a Trifão, nesses termos: “Não apenas não vos arrependestes do mal que fizestes, mas naquele tempo enviastes de Jerusalém elementos de escol a toda a terra, para propagarem a notícia de que surgira uma heresia atéia, a saber, os cristãos, e a fim de reiterarem informações difundidas contra nós pelos que ignoram o que somos. Assim, não somente sois culpados de injustiça contra nós, mas ainda de modo absoluto contra os demais homens”.
8. Escreve também que, até sua época, brilhavam carismas proféticos na Igreja, e relembra o *Apocalipse* de João, asseverando claramente que provém do apóstolo. Rememora igualmente algumas palavras dos profetas e convence Trifão de que os judeus se apartaram das Escrituras. Grande número de outros frutos do labor do mesmo ainda se acham de posse de muitos irmãos.
9. Seus escritos pareceram aos antigos tão dignos de atenção que Ireneu⁶³ menciona suas palavras. Em primeiro lugar, no quarto livro de *Contra as heresias*, nesses termos: “Com razão, Justino, em sua obra *Contra Marcião*, assegura que nem o próprio Senhor o convenceria, se lhe anunciasse outro Deus que o demiurgo”. Em segundo lugar, no quinto livro da mesma obra, assim ele se exprime: “É com razão que Justino afirma que antes da vinda do Senhor, Satanás jamais ousara blasfemar contra Deus, porque desconhecia ainda sua própria condenação”.
10. Forçoso declarar tudo isso a fim de animar os amantes do estudo a lerem com assiduidade e zelo as obras deste autor. Isso, em referência a Justino.

CAPÍTULO 19

Presidentes das Igrejas de Roma e de Alexandria sob Vero

Já atingira o oitavo ano o império de que tratamos, quando Sotero sucedeu a Aniceto, que completara onze anos de episcopado na Igreja de Roma. Na Igreja de Alexandria, depois que Celadião a presidira durante catorze anos, Agripino assumiu a sucessão.⁶⁴

CAPÍTULO 20

Os que presidiram a Igreja de Antioquia

É sabido que, na Igreja de Antioquia, Teófilo foi o sexto bispo a contar dos apóstolos, pois Cornélio foi instalado como o quarto depois de Herão, nesta cidade, e após, em quinto lugar, Eros recebeu o episcopado.

CAPÍTULO 21

Escritores eclesiásticos ilustres deste tempo

Floresciam nesta época na Igreja, Hegesipo, já conhecido pelas narrações precedentes; Dionísio, bispo de Corinto; Pintos, bispo de Creta. Além disso, Filipe, Apolinário, Melitão, Musano e Modesto, e sobretudo Ireneu.⁶⁵ Através de todos eles, chegou até nós por escrito a ortodoxia da tradição apostólica, a verdadeira fé.

CAPÍTULO 22

Hegesipo e os por ele citados

1. Hegesipo, porém, nos cinco livros das *Memórias*, que ainda temos, deixou um documento muito completo de seu modo de pensar. Mostra-se relacionado com grande número de bispos; foi até Roma, e deles todos recebeu idêntica doutrina. É oportuno ouvir essa informação, depois das atinentes à da carta de Clemente aos Coríntios:

2. “E a Igreja de Corinto permaneceu na ortodoxia até que Primo se tornou bispo em Corinto. Quando naveguei para Roma, estive entre os coríntios e ali passei determinado número de dias, durante os quais fomos reconfortados à vista de sua ortodoxia.

3. Uma vez em Roma, fixamos a sucessão até Aniceto, que tinha Eleutério por diácono. Sotero sucedeu a Aniceto, e depois dele veio Eleutério. Em cada sucessão e em cada cidade, acontece conforme pregam a Lei, os profetas e o Senhor.”

4. O mesmo autor descreve o início das heresias de seu tempo da forma seguinte: “Depois do martírio de Tiago, o Justo, em imitação ao do Senhor e em prol da mesma doutrina, seu primo, Simeão, filho de Cléofas, foi estabelecido bispo. Todos o preferiram, como segundo bispo, porque era primo do Senhor. A Igreja era então denominada virgem, porque não fora maculada por vãos discursos.

5. Foi Tebutis, contrariado por não se ter tornado bispo, quem começou no meio do povo a manchá-la com as sete seitas, das quais ele próprio era membro. Destas seitas saíram Simão, do qual se originaram os simonianos (cf. At 8,18); Cleóbio, do qual vieram os cleobinianos; Dositeu, origem dos dositeanos; Gorteu, do qual são provenientes os gorteanos, e os masboteus. Destes são oriundos os menandrianitas, os marcionitas, os carpocratianos, os valentianos, os basilidianos, os saturnilianos. Cada um deles, de modo particular e diversificado introduziram a própria opinião.

6. Destes também originaram-se pseudocristos, pseudoprofetos, pseudo-apóstolos, que romperam a unidade da Igreja com discursos corruptores contra Deus e o seu Cristo.”

7. O próprio Hegesipo ainda faz menção das seitas outrora existentes entre os judeus, dizendo: “Havia diversas opiniões entre os circuncisos filhos de Israel contra a tribo de Judá e contra Cristo. São as seguintes: essênios, galileus, hemerobatas, masboteus, samaritanos, saduceus, fariseus”.

8. Anotou ainda muitos outros fatos, já mencionados parcialmente mais acima, e relatados quando oportunos. Propõe alguns eventos do *Evangelho segundo os hebreus*, do evangelho siríaco, e

especialmente da língua hebraica, manifestando deste modo que aderira à fé, vindo do judaísmo. Ainda rememora outros pormenores oriundos de tradição judaica oral.

9. Não somente ele, mas também Ireneu, e todo o coro dos antigos que denominavam *Sabedoria repleta de todas as virtudes* os Provérbios de Salomão. Quanto aos chamados apócrifos, declara terem sido alguns deles elaborados em sua época por hereges. Mas já devemos passar a outros assuntos.

CAPÍTULO 23

Dionísio, bispo de Corinto

1. Em primeiro lugar, importa falar acerca de Dionísio, que ocupou a sé episcopal da Igreja de Corinto e partilhou sem emulação seus divinos esforços não apenas com os seus súditos, mas ainda com os fiéis de regiões estrangeiras. Tornou-se muito útil a todos pelas cartas católicas que compôs para todas as Igrejas.

2. Entre estas, a carta aos lacedemônios é uma catequese de ortodoxia, e visa à paz e à unidade. A carta aos atenienses é exortação à fé e a uma vida de acordo com o evangelho. Censura-lhes o descuido e o desleixo, por mínimo que seja, acerca da palavra de Deus, desde que seu chefe Públio foi martirizado nas perseguições de então.

3. Relembra ter sido Quadrato nomeado seu bispo depois do martírio de Públio, e atesta que este empregou todo zelo em novamente reuni-los e em inflamar-lhes a fé. Mostra que além disso Dionísio, o Areopagita, depois de se ter convertido à fé por intermédio do apóstolo Paulo, conforme narram os *Atos* (At 17,34), foi o primeiro bispo de Atenas.

4. Existe outra carta dele aos habitantes de Nicomédia, na qual ataca a heresia de Marcião e os reconduz à regra da verdade.

5. Ao escrever ainda à Igreja que peregrina em Gortina e simultaneamente às outras Igrejas de Creta, louva seu bispo Filipe, porque a Igreja que governa deu testemunho através de muitas boas ações; lembra ser necessária a cautela contra a perversão dos hereges.

6. Ao se dirigir também à Igreja que peregrina em Amastris, e simultaneamente às Igrejas do Ponto, relembra que Baquilides e Elpistes convenceram-no de que devia escrever. Apresenta explicações sobre as Escrituras divinas e assinala que seu bispo se chamava Palmas. Dá-lhes vários conselhos sobre o casamento e a continência, e ordena-lhes que recebam os que se arrependem de qualquer espécie de pecado, quer se trate de falta por negligência, quer até mesmo do pecado de heresia.

7. Adite-se a estas, uma carta aos fiéis de Knosos, na qual Dionísio exorta o bispo da Igreja, Pinitos (cf. Mt 11,30), que não imponha aos irmãos, de forma obrigatória o fardo pesado da continência, mas leve em consideração a fraqueza da maioria.

8. Pinitos respondeu a Dionísio, com admiração e elogios. Exorta-o, por sua vez, a oferecer alimento mais sólido, por meio de escritos mais bem acabados, ao povo subalimentado que ele dirige, para evitar que os fiéis, nutridos só de leite, não percebam que envelhecem com um comportamento de criancinhas (cf. 1Cor 3,1-2; Hb 5,12-14). Esta carta, quadro bem executado, manifesta em Pinitos fé ortodoxa, solicitude pelo bem dos fiéis, erudição e inteligência das coisas divinas.

9. De Dionísio temos ainda uma carta aos romanos, endereçada a Sotero, então seu bispo. Nada de

melhor que citar as expressões do autor, aprovando o uso romano, mantido até a perseguição de nossos dias. Assim escreve:

10. “Desde o início, tendes o costume de beneficiar de várias maneiras a todos os irmãos e enviar auxílios a muitas Igrejas em cada cidade. Aliviais assim a penúria dos necessitados, sustentais os irmãos que trabalham nas minas por meio de recursos enviados desde o começo. Romanos como sois, mantendes o uso tradicional dos romanos. Vosso bem-aventurado bispo Sotero não somente o conserva, mas estimula, enviando abundantes esmolas aos santos, e consolando com felizes expressões os irmãos que o procuram, conforme um pai ternamente amoroso age para com os filhos.”

11. Na mesma carta, recorda a carta de Clemente aos Coríntios, e assinala que há muito tempo, segundo antigo costume, é lida nas Igrejas. Diz, efetivamente: “Hoje, portanto, celebramos o santo dia do Senhor, no qual lemos vossa carta; nós a guardaremos sempre para lê-la qual advertência, e igualmente a primeira carta que nos escreveu Clemente”.

12. O mesmo autor diz o seguinte, acerca de suas próprias cartas, as quais foram falsificadas: “Escrevi cartas a alguns irmãos, em atenção a um pedido. Mas, os apóstolos do diabo a elas misturaram o joio (cf. Mt 13,25), cortes ou acréscimos, atraindo maldição (cf. Ap 22,18-19) sobre si. Não é de admirar que alguns tenham tentado alterar até as Escrituras do Senhor, se atacam até os escritos mais insignificantes”.

13. Além dessas, existe outra carta de Dionísio, a Crisófora, irmã muito fiel, sobre coisas bem adaptadas a sua situação e ministra-lhe o alimento espiritual adequado (cf. 2Pd 2,2). São estas as informações sobre Dionísio.

CAPÍTULO 24

Teófilo, bispo de Antioquia

De Teófilo,⁶⁶ já mencionado enquanto bispo de Antioquia, possuímos três livros elementares: *A Autólico*; outra obra intitulada: *Contra a heresia de Hermógenes*, na qual emprega testemunhos extraídos do *Apocalipse* de João, e mais alguns livros catequéticos. Nesta ocasião, porém, os hereges, à guisa de joio, corrompiam a pura semente da doutrina apostólica. Por toda a parte os pastores das Igrejas apartavam esses feros animais das ovelhas de Cristo, afastando-os através de advertências e exortações aos irmãos, ou abertamente confrontando-os e lutando contra eles por meio de questões e refutações orais, ou impugnando-lhes as opiniões através de provas cabais, em memoriais. Teófilo combateu, juntamente com outros, contra os hereges, como o atesta um trabalho de grande valor, composto por ele, *Contra Marcião*, obra conservada até hoje com os outros livros a que aludimos. Maximino, o sétimo a contar dos Apóstolos, sucedeu a Teófilo à frente da Igreja de Antioquia.

CAPÍTULO 25

Filipe e Modesto

Filipe, a respeito do qual fomos informados através das palavras de Dionísio, que foi bispo da Igreja de Gortina, exarou também ele uma obra com ardoroso zelo contra Marcião. O mesmo fizeram Ireneu e Modesto. Este último superou os demais ao denunciar a todos o erro deste herege, refutado por muitos. Seus trabalhos ainda hoje acham-se em poder de muitos irmãos.

CAPÍTULO 26

Melitão e os seus mencionados

- 1.** Nesta época, Melitão, bispo da Igreja de Sardes, e Apolinário, bispo de Hierápolis, se destacaram notavelmente. Dirigiram, cada qual por si, apologias em favor da fé ao imperador de Roma, de que falamos na devida época.
- 2.** A nosso conhecimento, chegaram as obras subseqüentes: de Melitão, os dois livros: *A Páscoa*; o livro: *Da maneira de viver e das profecias*; depois: *A Igreja*; outro: *O domingo*; os livros: *A fé do homem, A criação*; ainda: *A obediência dos sentidos à fé*; além disso: *A alma e o corpo* ou *Aquele que é um*; os livros: *O batismo e A verdade, a fé e o nascimento de Cristo*; um livro sobre: *A sua profecia (a alma e o corpo)*; e os livros: *A hospitalidade e a chave* e *O diabo*; o: *Apocalipse de João* e o livro sobre: *O Deus encarnado*, e sobretudo o opúsculo: *A Antonino*.
- 3.** No livro: *A Páscoa*, Melitão já no início indica o tempo da composição dele, nesses termos: “Sob Servílio Paulo, procônsul da Ásia, por ocasião do martírio de Sagaris, houve grande discussão em Laodicéia a respeito da Páscoa que caía naqueles dias, e foi escrito o seguinte”.
- 4.** Clemente de Alexandria cita esta obra em sua própria obra sobre: *A Páscoa*, que ele declara ter elaborado por causa do escrito de Melitão. No livro dirigido ao imperador, Melitão refere que, sob seu império, contra nós sucedeu o seguinte:
- 5.** “Coisa que jamais aconteceu, agora é perseguida a categoria dos adoradores de Deus na Ásia, em conseqüência de novos editos. Caluniadores despudorados, ambiciosos dos bens alheios, sob o pretexto desses mandamentos, abertamente roubam e pilham, noite e dia, a homens inocentes.”
- 6.** Mais adiante, declara: “Se assim acontece por tua ordem, está bem! Pois um imperador justo jamais emitiria ordens injustas, e acolhemos de boa mente a honra de tal morte. Todavia, nós te apresentamos apenas o pedido de tomares conhecimento primeiramente de quais são os invejosos e sentencias de acordo com o direito se eles são merecedores de morte e suplício ou de salvação e tranqüilidade. Se, porém, de ti não se originam essa decisão e esse novo edito, que nem mesmo conviriam contra bárbaros inimigos, postulamos com a maior insistência que não nos deixes entregues a essa pública rapina”.
- 7.** Ainda acrescenta o seguinte: “Pois, a nossa filosofia floresceu primitivamente entre os bárbaros; depois expandiu-se entre tuas províncias, sob o grande império de Augusto, teu predecessor, e tornou-se principalmente em teu reinado um bem apetecível. Com efeito, desde então, o poder dos romanos cresceu de forma grandiosa e ilustre. Herdeiro desejado deste poder, hás de nele permanecer com teu filho, se mantiveres a filosofia que foi nutrida com o império, e que tendo principiado sob Augusto, por teus antepassados foi honrada ao lado de outras religiões.
- 8.** Grande prova da excelência de nossa doutrina consiste no fato de ter florescido simultaneamente com os felizes primórdios do império e nada de calamitoso tenha sucedido desde o reinado de Augusto, mas, ao invés, tudo tenha sido ilustre e glorioso, secundando os votos de todos.
- 9.** Entre os demais, somente Nero e Domiciano, por insinuação de homens maléficis, quiseram submeter nossa doutrina a acusações; em seguida, por um costume infundado de calúnia, a mentira contra nós se difundiu.
- 10.** Mas, teus piedosos antepassados corrigiram tal ignorância; freqüentemente escreveram a muitos, censurando os que haviam ousado inovar medidas relativas aos cristãos. Ora, entre eles, sem dúvida, teu avô Adriano escreveu a outros e ao procônsul Fundano, governador da Ásia. Teu pai, que então

decidia todas as questões conjuntamente com ele, a fim de que nada se inovasse em relação a nós, escreveu a algumas cidades, entre as quais às de Larissa, Tessalônica, Atenas e aos gregos, em geral.

11. E quanto a ti, que acerca dos cristãos possuis idêntico parecer, e de certo modo ainda mais inspirado por sentimentos humanitários e pela filosofia, estamos seguros de que farás tudo o que te rogamos.”

12. Esta a exposição apresentada pela obra que citamos. Nas *Éclogas* por ele exaradas, o mesmo autor, já no início do prefácio, cataloga os livros recebidos do Antigo Testamento. É oportuno reproduzi-lo aqui. Assim escreve:

13. “Melitão a Onésimo, seu irmão. Saudações. Visto que muitas vezes manifestaste o desejo, inspirado pelo zelo relativamente à doutrina, de possuir extratos da Lei e dos profetas sobre o Salvador e o conjunto de nossa fé, e ainda quiseste conhecer com exatidão o número dos antigos livros e a ordem que seguem, dediquei-me a tal tarefa, uma vez que conheço teu zelo pela fé e tua aplicação ao estudo da doutrina. O amor de Deus sobretudo faz com que o aprecies, enquanto lutas tendo em mira a salvação eterna.

14. Tendo ido, portanto, ao Oriente e tendo estado até mesmo no lugar onde a Escritura foi anunciada e cumprida,⁶⁷ tive exato conhecimento acerca dos livros do antigo Testamento. Levantei uma lista, que te envio. São os seguintes os seus nomes: de Moisés cinco livros: *Gênesis, Êxodo, Números, Levítico, Deuteronômio*; *Jesus Navé, Juízes, Ruth*; quatro livros dos *Reis*, dois dos *Paralipômenos*; *Salmos de Davi, Provérbios* ou *Sabedoria* de Salomão; *Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Jó*; profetas: *Isaiás, Jeremias* e os Doze num só livro; *Daniel, Ezequiel, Esdras*. Destas obras extraí alguns trechos, que distribuí por seis livros.” Tais as palavras de Melitão.

CAPÍTULO 27

Apolinário

Em poder de muitos foram conservados livros em grande número de Apolinário. Chegaram até nós os seguintes: *O Discurso* ao imperador de que falei; cinco livros *Aos gregos, A verdade I e II; Aos judeus I e II*; depois os que compôs mais tarde contra a heresia dos frígios, que divulgou suas novidades um pouco mais tarde, mas que desde então começara de algum modo a brotar da terra: Montano e suas pseudoprofetisas apresentavam seus ensaios no erro.

CAPÍTULO 28

Musano

Mais acima foi mencionado Musano. Conta-se ter ele escrito uma obra muito austera, destinada a irmãos propensos à heresia chamada dos encratitas, então nos seus primórdios, e que introduzia na vida opiniões falsas, estranhas e nocivas.

CAPÍTULO 29

Heresia de Taciano

1. Diz-se que o chefe deste erro foi Taciano, cujas palavras a respeito do admirável Justino transcrevemos mais acima, e de quem afirmamos ter sido discípulo do mártir. Revela-o Ireneu no primeiro livro de *Contra as heresias*, onde escreve simultaneamente sobre Taciano e a heresia que criou:

2. “Oriundos de Saturnino e de Marcião, os chamados encratitas pregaram a abstenção do matrimônio, rejeitando a primitiva instituição divina e acusando tacitamente aquele que fez o homem e a mulher ordenados à finalidade da procriação; introduziram a abstinência da carne dos seres que, em sua opinião, são animados, mostrando-se ingratos para com Deus criador de todas as coisas, e recusaram aceitar a salvação do primeiro homem.
3. Inventaram tudo isso, mas foi certo Taciano o introdutor desta blasfêmia. Ele fora ouvinte de Justino. Enquanto esteve em sua companhia, nada disso manifestou; mas, após o martírio dele, separou-se da Igreja, exaltou-se com a presunção de ser mestre, e orgulhou-se, considerando-se diferente dos demais; imprimiu um caráter peculiar a sua escola e imaginou *eons* invisíveis, à semelhança dos discípulos de Valentino; declarou que o matrimônio era corrupção e luxúria, em concordância com Marcião e Saturnino; e, só por si, negou a idéia da salvação de Adão.”
4. Assim se exprimiu então Ireneu. Um pouco mais tarde, certo Severo deu mais força à dita heresia, o que ocasionou a seus sequazes receberem a denominação de severianos.
5. Eles utilizam, no entanto, a Lei, os profetas e os evangelhos, interpretando de maneira peculiar os pensamentos das Escrituras sagradas. Mas blasfemam contra o apóstolo Paulo, cujas cartas rejeitam e igualmente não aceitam os *Atos dos Apóstolos*.
6. Seu primeiro chefe, Taciano, elaborou uma compilação e um compêndio, não sei como, dos evangelhos, e deu-lhe o nome de *Diatessaron*. Alguns ainda o possuem. Afirma-se que ousou mudar determinadas expressões do Apóstolo, sob pretexto de corrigir a sintaxe.
7. Deixou numerosos escritos, entre os quais muitos mencionam especialmente o célebre discurso *Aos gregos*, em que rememora os tempos antigos e mostra que Moisés e os profetas dos hebreus são anteriores a todos os mais famosos autores gregos. Esse discurso aparenta ser o mais belo e útil de seus escritos. Tais as referências sobre esses homens.

CAPÍTULO 30

Bardesanes, o Sírio, e seus escritos

1. Durante o mesmo reinado, as heresias se multiplicaram na Mesopotâmia. Um homem muito capaz e bom dialético no idioma dos sírios, Bardesanes, compôs os *Diálogos* contra os marcionitas e alguns outros chefes de diversas doutrinas. Escreveu-os em sua língua e escrita materna, e ainda muitas outras obras. Esses diálogos foram traduzidos do siríaco para o grego por seus discípulos. Estes eram numerosos, porque ele possuía grande eloquência.
2. Entre seus livros encontram-se o diálogo muito hábil sobre *O destino*, dedicado a Antonino, e todos os outros escritos, exarados por ocasião da perseguição contemporânea.
3. No início, pertencera à escola de Valentino, mas depois desprezou-a e refutou a maior parte de seus mitos. Ele próprio julgou ter adotado uma visão mais ortodoxa. Não conseguiu, porém, libertar-se completamente da mácula da antiga heresia. Nesta ocasião morreu Sotero, bispo de Roma.

[56](#) Refere-se ao ano 109 d.C.

[57](#) Cf. abaixo livro 3,21. Trata-se de Cerdão.

[58](#) Não foi encontrada, até hoje, esta apologia. Alguns a identificam com a *Carta a Diogneto*. Sobre esta apologia e todas as outras do século II, cf. *Padres Apologistas: Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo de Antioquia e Hérmiás*. Col. Patrística 2; 2ª ed., São Paulo: Paulus, 1999.

[59](#) Em Nm 26,17, Balaão profetiza que uma estrela sairá de Jacó. Bar-Kachba interpretou este oráculo como se realizando em sua

pessoa. Em 132, deu início e liderou a revolta que só terminaria em 135 com o massacre dos judeus e a destruição de Jerusalém. Para maiores informações sobre este assunto cf. M.J. LAGRANGE, *O messianismo entre os judeus*, Paris, 1909, pp. 309-325.

[60](#) Sobre Justino e suas obras, cf. *Justino de Roma. I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 2ª ed., Col. Patrística 3, São Paulo, Paulus, 1995.

[61](#) Cf. Ireneu, *Contra as heresias*, V, 24.16. Sobre Policarpo, sua vida e suas obras cf. *Padres Apostólicos*, 2ª ed., op. cit., pp. 129-157.

[62](#) Sobre Taciano, seus escritos e sua adesão ao encratismo, cf. *Padres Apologistas*, op. cit., pp. 57-109.

[63](#) Ireneu de Lião, *Contra as heresias*, Col. Patrística 4. São Paulo, Paulus, 1995, 4,18,1-9; 5,26,2.

[64](#) A sucessão dos bispos de Alexandria tem muitas lacunas. Trata-se do governo de Marco Aurélio, que começou seu reinado em 7/3/161.

[65](#) Nos capítulos seguintes, Eusébio retomará todas essas personagens e dará informações sobre cada uma.

[66](#) Cf. Teófilo de Antioquia, em *Padres Apostólicos*, op. cit., pp. 205-300.

[67](#) Melitão teria sido, na opinião de muitos, o mais antigo peregrino cristão na Terra Santa.

LIVRO QUINTO

1. Sotero, bispo da Igreja de Roma, chegou ao termo de sua vida no decurso do oitavo ano de episcopado. Sucedeu-lhe Eleutério, o décimo segundo a contar dos Apóstolos, no décimo sétimo ano do imperador Antonino Vero; nessa ocasião, em determinadas regiões da terra, mais intensamente reacendeu-se contra nós a perseguição. Em consequência de violências do povo de cada cidade, milhares de mártires se distinguiram, conforme é possível conjeturar por aquilo que sucedeu numa só nação, fatos esses que mereceram ser transmitidos por escrito aos pósteros, porque verdadeiramente dignos de memória imorredoura.
2. Inserimos o escrito com o relato completo desses acontecimentos no *Compêndio sobre os mártires*, que abrange não apenas a parte histórica, mas ainda uma explanação doutrinal. Quanto o permitir a presente obra, pretendo anexar aqui alguns extratos.
3. Os demais historiadores se limitaram a transmitir por escrito as vitórias nas guerras, os troféus conquistados dos inimigos, o valor dos generais, a coragem dos soldados, manchados de sangue e de milhares de homicídios em prol dos filhos, da pátria e de outros interesses.
4. Nós, porém, expomos nesta obra a conduta agradável a Deus, a saber, as guerras inteiramente pacíficas, atinentes apenas à paz da alma; e serão inscritos em colunas eternas os nomes daqueles que tiveram a coragem de combater mais em prol da verdade do que pela pátria, antes em favor da religião do que pelos entes mais amados. Igualmente, a resistência dos atletas da religião, a coragem demonstrada em tantas provações, os troféus conquistados contra os demônios, as vitórias alcançadas sobre inimigos invisíveis, as coroas definitivamente obtidas para eterna memória.

CAPÍTULO 1

Os que combateram, sob Vero, na Gália

1. Com efeito, na Gália achava-se o estádio em que se deram esses eventos. Superam as demais da região suas metrópoles ilustres, denominadas Lião e Vienne, ambas atravessadas pelo rio Ródano, cujas águas muito copiosas correm através de todo o país.
2. As ilustres Igrejas destas cidades enviaram um relatório acerca de seus mártires às Igrejas da Ásia e da Frigia, registrando do seguinte modo os eventos nelas ocorridos.
3. Reproduzirei textualmente suas palavras. “Os servos de Cristo, peregrinos em Vienne e Lião na Gália, aos irmãos da Ásia e da Frígia, possuidores, como nós, da mesma fé e idêntica esperança na redenção. Paz, graça e glória, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.”
4. Em seguida, após algumas palavras de introdução, iniciam a narração da maneira seguinte: “Não somos capazes de traduzir exatamente, nem é possível expressar por escrito a enorme tribulação que nos adveio, a veemente cólera dos pagãos contra os santos, os sofrimentos todos a que foram submetidos os bem-aventurados mártires.
5. Efetivamente, com todas as forças, o adversário nos atacou, preludiando seguramente sua futura vinda. Atravessou todas as partes, preparando os seus e exercitando-os de antemão contra os servos de

Deus. Deste modo, não somente nos expulsaram das casas, das termas, da praça pública.

6. Mas ainda proibiram-nos inteiramente de comparecer em qualquer lugar. Entretanto, a graça de Deus nos conduzia ao combate. Afastava primeiro os fracos, e depois erguia perante o inimigo “colunas e sustentáculos” (1Tm 3,15), capazes pela perseverança de atrair sobre si toda a cólera do maligno (cf. Hb 10,33). Eles foram, portanto, ao seu encontro, suportando toda espécie de ultrajes e castigos. Considerando tudo isso de pouca monta, apressavam-se a ir para junto de Cristo, e demonstravam verdadeiramente que ‘os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós’ (Rm 8,18).

7. Em primeiro lugar, toleravam com generosidade as inúmeras crueldades que a multidão inteira lhes infligia. Foram insultados, batidos, arrastados pelo chão, pilhados, apedrejados, encarcerados juntos. Suportaram tudo o que uma multidão enfurecida costuma aplicar a adversários particulares e a inimigos públicos.

8. E logo foram conduzidos ao fórum pelo tribuno e magistrados da cidade. Interrogados diante de todo o povo, e tendo confessado a fé, foram em seguida encarcerados até a chegada do legado.

9. Mais tarde, foram levados à presença do governador, que empregou a habitual crueldade contra nós. Ora, um dos irmãos, Vécio Epargato possuía caridade perfeita para com Deus e o próximo. De conduta exemplar, apesar de tão jovem, merecia o testemunho prestado ao velho sacerdote Zacarias, pois de modo irrepreensível, seguia todos os mandamentos e observâncias do Senhor (cf. Lc 1,6); sempre disposto a servir o próximo, era muito zeloso por Deus e fervoroso no Espírito. Por este motivo, não tolerou tão desarrazoado processo contra nós; vivamente exasperado, reclamou o direito de ser também ouvido em favor dos irmãos, a fim de demonstrar não sermos de forma alguma ateus nem ímpios.

10. Os circunstantes gritavam contra ele no tribunal, por ser figura de projeção. O legado não aturou a justa defesa que ele assim apresentava. Limitou-se a interrogá-lo se era também cristão. Tendo confessado a fé com voz vibrante, Vécio foi também elevado à fileira dos mártires, sendo apelidado de advogado dos cristãos. Possuía o Paráclito, o Espírito de Zacarias. Manifestou a plenitude do amor, comprazendo-se em defender os irmãos, com risco da própria vida (cf. 1Jo 3,16; 1Ts 2,8). Era, de fato, e ainda é, autêntico discípulo de Cristo. Segue o Cordeiro aonde quer que ele vá (cf. Ap 14,4).

11. Desde esse momento, houve uma distinção entre os demais. Achavam-se evidentemente preparados para dar testemunho os que prestaram com entusiasmo a confissão do martírio. Houve, contudo, outros despreparados, não exercitados, ainda fracos e incapazes de sustentar a tensão de um forte combate. Destes, mais ou menos dez caíram. Causaram-nos grande dor e desmedida tristeza. Quebrantaram também a coragem dos que não tinham sido presos e que, apesar de apavorados, davam, porém, assistência aos mártires e não os abandonavam.

12. Todos nós estávamos assustados, na incerteza a respeito de sua confissão. Não por temor dos suplícios, mas, na perspectiva do final, receávamos que algum sucumbisse.

13. Entretanto, diariamente eram aprisionados os que eram dignos, para se completar o número dos mártires, de sorte que foram presos dentre os fiéis das duas Igrejas os mais zelosos e responsáveis por aquilo que ali sucedia.

14. Até alguns pagãos, escravos dos nossos, foram presos, porque o governador oficialmente ordenara que todos nós fôssemos procurados. Estes, por astúcia de Satanás, ficaram apavorados à vista dos

suplícios que suportavam os santos. Instigados pelos soldados, falsamente nos acusaram de festins de Tiestes e incestos de Édipo, e de ações de que não nos é lícito falar, ou até mesmo imaginar, nem cremos jamais terem sido praticadas por homem algum.

15. Tais boatos, no entanto, difundiram-se e todos conceberam contra nós uma cólera feroz, de tal forma que alguns, anteriormente moderados devido a convivência conosco, tornaram-se violentamente hostis e rangiam os dentes contra nós (cf. At 7,54). Cumpriam a predição de nosso Senhor: ‘Virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar um ato de culto a Deus’ (Jo 16,2).

16. Só restava, por isso, aos santos mártires suportar torturas indescritíveis, enquanto Satanás tentava induzi-los a proferir alguma blasfêmia.

17. A cólera da plebe, do governador e dos soldados concentrou-se de forma desmesurada em Sancto, o diácono de Vienne, e em Maturo, neófito, mas nobre atleta; em Átalo, oriundo de Pérgamo, que sempre fora coluna e sustentáculo (cf. 1Tm 3,15) de todos os daqui; e enfim, Blandina. Através desta última, Cristo demonstrou que aquilo que parece aos homens simples, vulgar, inteiramente desprezível, junto de Deus é digno de grande glória, por causa do amor a ele, revelado pela virtude desprovida de orgulho por causa do exterior.

18. Todos nós, com sua senhora segundo a carne, também ela combatente entre os mártires, temíamos que Blandina não tivesse coragem de confessar a fé, devido à fraqueza corporal. Mas Blandina mostrou-se repleta de tal força que cansou e desanimou os que se alternavam para torturá-la, de manhã à tarde. Confessaram-se vencidos e nada mais podiam infligir-lhe. Espantavam-se de que ainda respirasse, tendo o corpo todo dilacerado e em feridas. Atestavam que uma só espécie desses suplícios bastaria para que expirasse, sem tantas e tamanhas torturas.

19. A bem-aventurada, contudo, qual nobre atleta, revigorava-se por meio da confissão. Constituíam-se-lhe reconforto, repouso, insensibilidade nos sofrimentos a declaração: ‘Sou cristã. Nada de mal praticamos’.

20. Por sua vez, Sancto superava tudo e suportava mais generosamente que todos os maus-tratos da parte dos homens. Os malvados (cf. 1Cor 9,21; Rm 2,12) esperavam que, devido à duração e intensidade dos tormentos, ouviriam dele palavras inconvenientes; mas ele lhes opôs tamanha constância que não declinou o próprio nome, nem o de seu país, nem o da cidade donde provinha, nem se era escravo ou livre, mas a todas as perguntas respondia em latim: ‘Sou cristão’. Isso confessava em vez do nome, da cidade, da raça, de tudo mais; nenhuma outra palavra os pagãos ouviram de sua boca.

21. Por isso, grande foi a emulação entre o governador e os algozes contra ele, de tal modo que, sem saber o que mais fazer, acabaram por aplicar-lhe chapas de cobre aquecidas ao fogo nos membros mais delicados do corpo.

22. Elas queimavam, enquanto ele permanecia inflexível, inabalável, firme na confissão, com o refrigério e a força provenientes da fonte celeste da água vivificante que sai do lado de Cristo (cf. Jo 7,38; 19,34).

23. Seu pobre corpo atestava o que lhe sucedera. Era uma só chaga e ferida; estava contraído, sem forma exterior humana (cf. Is 53,2.5). Cristo, que nele sofria, realizava grandes prodígios. Esmagava o adversário, e aos demais servia de exemplo (cf. 1Tm 1,16), mostrando que nada há de terrível onde está o amor ao Pai, nada de doloroso onde está a glória de Cristo.

24. Dias depois, os malvados, de fato, começaram a torturar o mártir. Pensavam que, tendo o corpo inchado e queimado, ele seria finalmente vencido se fossem renovadas as mesmas torturas, pois não suportava nem o contato das mãos. Ou, se expirasse nos suplícios, sua morte assustaria os outros. Nada disso, porém, aconteceu. Mas, contra toda previsão humana, o corpúsculo de Sancto se refez e se fortificou nos suplícios subseqüentes. Recuperou a primitiva forma e o uso dos membros, de sorte que a segunda tortura, pela graça de Cristo, não lhe serviu de castigo, e sim de cura.

25. Quanto a Biblida, uma das renegadas, parecia que o diabo já a havia devorado. Mas, quis ainda condená-la como blasfema. Conduziu-a à tortura a fim de forçá-la a proferir impiedades contra nós, pois havia sido fraca e pusilânime.

26. Mas, nas torturas, ela sacudiu o torpor e por assim dizer acordou de um profundo sono. A dor efêmera lembrou-lhe o tormento eterno na geena e fê-la replicar aos caluniadores: ‘Como eles comeriam criancinhas, se nem mesmo lhes é lícito beber o sangue dos irracionais?’, (cf. At 15,29). Em seguida declarou-se cristã e foi agregada à fileira dos mártires.

27. Mas, se Cristo tornou vãos os tormentos tirânicos, através da paciência dos bem-aventurados, o diabo⁶⁸ excogitou outros artifícios: a prisão coletiva nas trevas de duríssimo cárcere, o deslocamento dos pés nos cepos até o quinto buraco e todos os outros tormentos que costumam infligir aos prisioneiros os subalternos furiosos e possessos do diabo. Assim, a maioria foi asfixiada na prisão, ao menos aqueles que o Senhor quis que morressem deste modo a fim de manifestar a sua glória.

28. Alguns, com efeito, que haviam sido cruelmente torturados, a ponto de parecer impossível que apesar de todos os cuidados dispensados continuassem a viver, subsistiram na prisão; privados de todo socorro humano, mas fortificados pelo Senhor, recuperaram o vigor corporal e espiritual e se fizeram consoladores e sustentáculo dos demais. Outros, ao contrário, ainda jovens e presos recentemente, cujos corpos não haviam sido previamente torturados, não suportaram o fardo do aprisionamento coletivo e morreram na cadeia.

29. O bem-aventurado Fotino, a quem fora confiado o múnus episcopal em Lião, tendo mais de noventa anos, corporalmente muito enfraquecido, mal podia respirar devido à aludida fraqueza física, mas sentia-se fortificado pelo impulso do Espírito e pelo grande desejo do martírio. Também ele foi arrastado ao tribunal. O corpo desfalecia pela velhice e a doença, mas retinha em si o espírito, a fim de que por meio dele Cristo triunfasse (cf. 2Cor 2,14).

30. Foi conduzido ao tribunal pelos soldados, seguido pelos magistrados da cidade e o povo, que lançava gritos variados, como se ele fosse o próprio Cristo. Ele, contudo, prestou belo testemunho (cf. 1Tm 6,13).

31. Interrogado pelo governador quem era o Deus dos cristãos, respondeu: ‘Se fores digno dele, tu o conhecerás’. Por isso, foi arrastado impiedosamente e suportou toda espécie de golpes. Os que estavam mais perto, ultrajaram-no de mãos e pés de todos os modos, sem nenhum respeito por sua idade. Os que estavam longe, jogavam-lhe em cima tudo o que tinham ao alcance das mãos. Consideravam-se todos grandes criminosos e ímpios, se não o tratassem de forma grosseira. Pensavam desta forma vingar os deuses. Mal respirava ao ser lançado no cárcere; após dois dias, expirou.

32. Então, houve grande intervenção de Deus e manifestou-se a misericórdia incomensurável de Jesus, tal como raramente sucede em nossa comunidade fraterna, mas bem adequada ao modo de agir de Cristo.

33. Ora, os que haviam apostatado, por ocasião do primeiro aprisionamento, achavam-se também detidos, e participavam das terríveis provações dos outros, pois, desta vez, a apostasia de nada lhes servira. Os que haviam confessado o que eram, estavam presos como cristãos, sem nenhum outro motivo de acusação. Os outros, ao contrário, estavam retidos enquanto homicidas e impudicos, e eram supliciados duas vezes mais que os fiéis.

34. Estes, de fato, sentiam-se aliviados pela alegria do martírio, a esperança das recompensas prometidas, o amor a Cristo e o Espírito do Pai. Os outros, ao contrário, eram gravemente atormentados pela consciência, de tal forma que entre os demais, seu aspecto os tornava reconhecíveis ao passarem.

35. Pois, uns avançavam sorridentes; glória e graça misturavam-se-lhes no rosto, de sorte que até mesmo os liames cercavam-nos de decente ornato, quais enfeites de franjas e bordados a ouro (Sl 44,14) de uma esposa; simultaneamente exalavam o bom odor de Cristo (2Cor 2,15) e alguns acreditavam que eles se haviam ungido com um perfume terreno. Os outros, ao invés, passavam de olhos baixos, humilhados, de aspecto triste, cheios de confusão; ainda mais, os próprios pagãos os insultavam, tratando-os de covardes e medrosos; eram acusados de homicídio, e haviam perdido a denominação cheia de honra, de glória e de vida. Ao presenciarem isso, os outros foram corroborados e os que eram aprisionados não hesitavam em confessar, sem mesmo cogitar de um raciocínio diabólico.”

36. Depois de alguns acréscimos, prossegue: “Além disso, o testemunho de sua morte tomou os mais variados aspectos. Com flores variegadas e de toda espécie, eles teceram a coroa a oferecer ao Pai. Convinha, de fato, que esses generosos atletas sustentassem diferentes combates e depois de obterem grande vitória, recebessem a preciosa coroa da incorruptibilidade.

37. Maturo, Sancto, Blandina e Átalo foram, portanto, lançados às feras publicamente para representarem um espectáculo comum dos sentimentos desumanos dos pagãos. Era justamente o dia de se realizarem pelos nossos os combates às feras.

38. Maturo e Sancto sofreram de novo no anfiteatro todas as espécies de tormentos, como se nada houvessem padecido anteriormente, ou antes já houvessem vencido o adversário por várias vezes, e só lhes restasse lutar a fim de alcançar a coroa. Novamente passaram como de costume pelos açoites, foram arrastados pelas feras, entregues a tudo o que um povo em delírio exigia por seus clamores, cada qual gritando por sua vez, sobretudo a cadeira de ferro, na qual os corpos exalavam cheiro de gordura queimada.

39. Os pagãos, mesmo assim, não se saciaram; cada vez mais furiosos, queriam vencer a constância dos mártires. De Sancto, não ouviram outra palavra a não ser a que tinha o hábito de repetir para confessar a fé, desde o começo.

40. Os mártires, portanto, visto que sua vida se prolongava ainda após longo combate, foram finalmente estrangulados. Naquele dia, substituindo os diversos combates singulares, eles tinham sido dados em espectáculo ao mundo (cf. 1Cor 4,9; Hb 10,33).

41. Quanto a Blandina, suspensa a um poste, estava exposta a ser devorada pelas feras, lançadas contra ela. Ao vê-la suspensa numa espécie de cruz, rezando em alta voz, os lutadores aumentavam sua coragem. Neste combate, contemplavam com os olhos corporais, em sua irmã, aquele que fora por eles crucificado. Era um modo de persuadir aos fiéis que têm parte eternamente com o Deus vivo os que sofrem pela glorificação de Cristo.

42. Naquele dia, nenhuma fera a tocou; desatada do poste, foi reconduzida à prisão e reservada para outro combate, a fim de que através de muitas vitórias confirmasse a irrevogável condenação da serpente sinuosa (Is 27,1) e servisse de exortação aos irmãos ela, a pequena, fraca, desprezível, mas revestida de Cristo (cf. Rm 13,14; Gl 3,27), grande e invencível atleta, que triunfara do adversário em muitos confrontos e através da luta obtivera a coroa da incorruptibilidade.

43. A plebe reclamava também com grandes clamores a presença de Átalo, pois era muito conhecido. Ele entrou na arena, como um lutador bem preparado para o combate, devido a uma consciência em paz; de fato, sinceramente se exercitara na disciplina cristã e sempre fora entre nós testemunha da verdade.

44. Fizeram-no dar uma volta pelo anfiteatro, precedido duma tabuleta com a inscrição latina: ‘Este é Átalo, o cristão’.⁶⁹ O povo estava extremamente irado contra ele. Mas o governador, informado de que era romano, ordenou que fosse reconduzido com os outros prisioneiros ao cárcere e escreveu sobre eles a César, ficando na expectativa da resposta.

45. As delongas não foram inúteis nem estéreis (2Pd 1,8). A paciência deles manifestou a incomensurável misericórdia de Cristo. Os vivos eram causa de vivificação dos mortos e os mártires comunicavam a graça aos que não eram mártires (cf. 2Cor 2,7; Cl 3,13). Foi grande alegria para a virgem mãe novamente acolher vivos os que rejeitara como mortos.

46. Por seu intermédio, os apóstatas na maioria reanimaram-se; de novo concebidos e reconfortados, aprenderam a confessar a fé. Sob suave influxo de Deus, que não quer a morte do pecador (cf. Ez 18,23; 33,11), mas é indulgente diante do arrependimento, vivos e corroborados, apresentaram-se ao tribunal, para mais um interrogatório do governador.

47. Entretanto, César respondeu que uns fossem submetidos à tortura, e que, ao invés, os que renegassem fossem libertados. Começara ali a festa solene, muito freqüentada por gente de todas as nações. O governador fez com que os bem-aventurados comparecessem ao tribunal de modo teatral, a fim de dá-los em espetáculo à multidão. Interrogou-os novamente. A quantos pareciam ter a cidadania romana, mandou cortar a cabeça; aos outros, entregou-os às feras.

48. Cristo foi magnificamente exaltado pelos que anteriormente haviam renegado. Então, a despeito da expectativa dos pagãos, confessavam a fé. Ora, eles eram interrogados à parte, como se devessem recuperar a liberdade. E quando confessavam a fé, eram agregados à porção dos mártires. Foram excluídos os que jamais tiveram o menor vestígio de fé, não estavam cômicos de possuir a veste nupcial (cf. Mt 22,11-13), nem tinham idéia do temor de Deus (cf. Rm 2,24), mas ao retrocederem os que eram filhos da perdição (cf. Jo 17,12), faziam com que se blasfemasse contra ‘o caminho’.

49. Todos os outros agregaram-se à Igreja. Durante o interrogatório, certo Alexandre, da nação frígia, médico de profissão, estabelecido havia anos nas Gálias, geralmente conhecido por seu amor a Deus e ousadia de linguagem (cf. At 4,29-31), e possuidor do carisma apostólico, estava de pé junto do tribunal e por sinais exortava-os à confissão. Aos que cercavam o tribunal ele parecia sentir dores de parto (cf. Gl 4,19).

50. A plebe, enfurecida ao ouvir a confissão de fé dos que anteriormente haviam apostatado, pôs-se a gritar contra Alexandre, como se fosse o responsável pelo fato. O governador mandou que comparecesse e perguntou-lhe quem era. Respondeu: ‘Cristão’. Irritado, o governador o condenou às feras. No dia seguinte, ordenou que entrasse na arena com Átalo; de fato, para agradar ao povo, o

governador havia de novo condenado Átalo às feras.

51. Os dois, passando por todos os instrumentos excogitados para suplício no anfiteatro, sustentaram forte combate e finalmente foram igualmente sacrificados. Alexandre não deixou escapar gemido nem suspiro, mas entretinha-se com Deus em seu coração.

52. Átalo, sentado na cadeira de ferro onde era queimado, enquanto se exalava o odor do corpo assado, disse à multidão em latim: ‘Vede. Devorar homens é o que fazeis. Nós, porém, não somos antropófagos e não praticamos crime algum’. Interrogado ainda sobre o nome de Deus, replicou: ‘Deus não tem nome como os homens’.

53. Em seguida, no último dia dos combates singulares, Blandina foi reconduzida com Pôntico, um rapaz de uns quinze anos. Diariamente, eram levados para assistirem aos suplícios dos outros; tentavam obrigá-los a jurar pelos ídolos dos pagãos. Mas, como se mantinham firmes e menosprezavam tal insistência, a multidão se enfureceu contra eles a ponto de não ter piedade alguma da idade pueril, nem respeito pelo sexo feminino.

54. Fizeram-nos passar por todas as torturas, e percorrer todo o ciclo dos suplícios. Tentaram forçar a um e outro a jurar, mas não conseguiram. Pôntico era exortado por sua irmã, de sorte que os pagãos viam ser ela quem o encorajava e fortificava. Depois de ter generosamente suportado todos os suplícios, exalou o último suspiro.

55. Restava a bem-aventurada Blandina, a última de todos, qual nobre mãe que tivesse exortado os filhos e os houvesse enviado vitoriosos a sua frente para junto do rei (cf. 2Mc 7,21-23; 27-29.41). Percorreu os mesmos combates que os filhos, e apressou-se cheia de alegria e regozijo para a partida, como convidada a um festim de núpcias e não como condenada às feras.

56. Após os açoites, as feras, a grelha, foi finalmente posta numa rede e lançada a um touro. Por muito tempo, foi projetada pelo animal, mas nada sentia do que lhe sucedia, por causa da esperança e da expectativa daquilo em que acreditara, entretendo-se com Cristo. Ela também foi sacrificada e os próprios pagãos declararam que jamais entre eles havia uma mulher sofrido tamanhas e tão numerosas torturas.

57. Mas, nem assim se saciaram o furor e a crueldade dos pagãos contra os santos. Superexcitadas pelo animal feroz, essas tribos selvagens e bárbaras dificilmente se apaziguaram e sua ira tomou peculiar aspecto contra os cadáveres.

58. Sua derrota, portanto, não os fazia baixar os olhos, por estarem privados de razão humana; ao contrário, mais se lhes inflamava a cólera, quais feras. O governador e o povo manifestavam contra nós idêntico e injusto ódio, cumprindo-se a palavra da Escritura: ‘Que o injusto cometa ainda a injustiça e que o justo pratique ainda a justiça’ (Ap 22,11).

59. De fato, jogaram aos cães os corpos dos que foram asfixiados na prisão, e vigiaram cuidadosamente os cadáveres, noite e dia, a fim de que nenhum fosse por nós sepultado. E ainda expuseram as relíquias deixadas pelas feras e pelo fogo, ora dilaceradas, ora carbonizadas; as cabeças e os troncos dos outros, deixados igualmente insepultos, eram guardados com cuidado pelos soldados durante muitos dias.

60. E alguns fremiam de raiva e rangiam os dentes (At 7,54) diante destes restos, procurando ainda maior suplício a lhes infligir; outros riam e zombavam, exaltando simultaneamente seus ídolos aos quais atribuíam os castigos; outros, mais moderados e aparentando compadecer-se comedidamente,

proferiam muitas censuras, dizendo: ‘Onde está seu Deus e que adiantou o culto que eles preferiram à própria vida?’

61. Eram estas as diferentes atitudes dos pagãos. Nós, porém, sentíamos grande pesar por não nos ser possível depositar na terra os seus corpos, pois nem a noite nos ajudava, nem o dinheiro seduzia, nem os pedidos comoviam os guardas. Vigiamos de todos os modos, como se tivessem muito a ganhar se os corpos ficassem insepultos.”

62. Mais adiante, depois de outros assuntos, eles declaram: “Os corpos dos mártires foram, portanto, expostos de todos os modos e abandonados ao ar livre durante seis dias; depois foram queimados e reduzidos a cinzas pelos malvados que as jogaram no rio Ródano, a correr ali perto, a fim de nada restar deles sobre a terra.

63. Assim agiam como se pudessem vencer a Deus e privar os mortos de um renascimento, a fim de que, como eles afirmavam, os mártires ‘não tivessem esperança alguma de ressurreição, pois é devido à crença na ressurreição que eles introduzem um culto estrangeiro e novo e desprezam os suplícios, prontos a enfrentar a morte com alegria. Agora, vejamos se ressurgirão e se seu Deus pode socorrê-los e arrancá-los de nossas mãos.’ ”

CAPÍTULO 2

Os mártires, amigos de Deus, acolhem os lapsos

1. Foram esses os eventos que sobrevieram às Igrejas de Cristo, sob o imperador de que falamos. Em conseqüência, é lícito conjecturar com certa probabilidade o que sucedeu às outras províncias. Convém acrescentar outros trechos do mesmo escrito, em que a moderação e os sentimentos humanitários desses mártires são expressos nos seguintes termos:

2. “Eles se tornaram de tal forma êmulos e imitadores de Cristo, o qual ‘tinha a condição divina e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegou ciosamente (Fl 2,6), que, embora tivessem obtido tal glória e tivessem dado testemunho não só uma ou duas, mas repetidas vezes, e tivessem sido retirados de junto das feras cobertos de queimaduras, de feridas, de chagas, não somente não se proclamavam mártires, mas nem nos permitiam chamá-los por este nome, e se por vezes um de nós, por carta ou oralmente lhes desse o apelativo de mártires, eles o repreendiam amargamente.

3. De bom grado gostavam de reservar o título de mártir a Cristo, o mártir fiel e verdadeiro (Ap 3,14), o primogênito dentre os mortos, ‘o Príncipe da vida’ divina (Cl 1,18; Ap 1,5; At 3,15). Recordavam-se igualmente dos mártires que já haviam partido desta vida e afirmavam: ‘Já são mártires os que Cristo se dignou levar durante sua confissão, após ter gravado neles, pela morte, o selo do martírio. Quanto a nós, somos apenas pequenos e humildes confessores’. E com lágrimas, exortavam os irmãos, pedindo-lhes instantes orações a fim de que pudessem chegar à consumação.

4. E demonstravam a fortaleza do martírio em atos, agindo com a mais completa ousadia de linguagem em relação aos pagãos e revelando pela paciência nobreza de espírito, intrepidez, firmeza. De outro lado, recusavam receber dos irmãos o nome de mártires, pois estavam repletos do temor de Deus.”

5. E pouco mais adiante, ainda declaravam: “Eles se humilhavam sob a poderosa mão, pela qual agora foram devidamente exaltados (1Pd 5,6). Então, defendiam a todos e a ninguém acusavam; desligavam a todos e a ninguém ligavam (cf. Mt 16,19; 18,18); rezavam por aqueles que lhes infligiam suplício, como Estêvão, o mártir perfeito: ‘Senhor, não lhes imputes este pecado’ (At 7,60). Se ele rezou por

aqueles que o apedrejavam, quanto mais não o faria pelos irmãos.”

6. Após outros fatos, dizem ainda: “O maior combate travado contra a besta consistiu em lutar, movidos por autêntica caridade, a fim de que ela, sufocada, rejeitasse aqueles que inicialmente pensara já ter engolido. Por conseguinte, não demonstraram orgulho (cf. Gl 6,4) diante dos lapsos, mas, com os bens superabundantes que possuíam, foram em socorro dos mais necessitados, oferecendo-lhes vísceras maternas; derramando lágrimas copiosas diante do Pai, impetraram vida para eles.

7. E a obtiveram (cf. Sl 20,5). Distribuíram-na entre os próximos. Totalmente vencedores, retornaram para junto de Deus. Sempre amantes da paz, no-la transmitiram. Foram em paz para junto de Deus, e não causaram pesar à mãe, nem perturbação ou luta aos irmãos, mas deixaram-lhes alegria, paz, concórdia, caridade” (cf. Gl 5,22).

8. Era proveitoso citar ainda essa passagem a respeito do amor destes bem-aventurados para com os irmãos lapsos, porque mais tarde foram adotadas disposições desumanas, implacáveis, impiedosas para com alguns membros de Cristo.

CAPÍTULO 3

Aparição em sonho ao mártir Átalo

1. O mencionado escrito sobre os mártires contém ainda outro relato digno de nota, que não oferece risco em ser levado ao conhecimento de futuros leitores. Ei-lo:

2. Certo Alcibíades, que se encontrava entre eles, levava vida muito austera, e anteriormente não tomava outro alimento senão pão e água; mesmo na prisão, experimentou viver deste modo. Átalo, após o primeiro combate no anfiteatro, teve uma revelação de que Alcibíades não fazia bem em não utilizar os bens criados por Deus e servia de escândalo aos demais.

3. Alcibíades convenceu-se disso; tomou sem escrúpulo toda espécie de alimento e deu graças a Deus. Com efeito, aos mártires não faltavam as visitas da graça de Deus e o Espírito Santo era seu conselheiro. Mas, sobre o assunto basta.

4. Montano⁷⁰ e seus discípulos, Alcibíades e Teódoto começavam justamente então, na Frígia, a espalhar entre muitos seu conceito de profecia. Ora, outras inúmeras maravilhas do carisma divino aconteciam até então em diferentes Igrejas e levavam muitos a crer que esses homens também profetizavam. Como surgisse uma dissensão a respeito deles, os irmãos da Gália por sua vez apresentaram seu próprio juízo acerca disso, julgamento prudente e inteiramente ortodoxo, e mostraram várias cartas dos mártires que haviam chegado ao termo de sua carreira entre eles. Esses as haviam escrito quando ainda em cadeias, aos irmãos da Ásia e da Frígia e igualmente a Eleutério, então bispo de Roma, e trataram de obter a paz para as Igrejas.

CAPÍTULO 4

Recomendação epistolar de Ireneu

1. Os mesmos mártires recomendaram também Ireneu, então sacerdote da comunidade de Lião, ao bispo de Roma que acabamos de mencionar, dando a respeito dele muitos testemunhos, conforme demonstram suas próprias palavras:

2. “Suplicamos a Deus que agora e sempre nele te regozijes, pai Eleutério (cf. Ap 1,9). Encarregamos

de entregar-te essas cartas nosso irmão e companheiro, Ireneu, pedindo que o estimes enquanto zelador do testamento de Cristo. Se soubéssemos que a posição social traz justiça para alguém, nós o apresentaríamos primeiro enquanto sacerdote da Igreja, o que de fato ele é.”

3. Ocioso seria transcrever a lista dos mártires inserida no escrito supramencionado: os que morreram decapitados, os que foram expostos às feras para serem devorados, os que adormeceram na prisão, o número dos confessores sobreviventes. A quem o desejar, será fácil conhecer essas listas completas, tomando em mãos a carta por nós incluída no Compêndio dos mártires, segundo minhas referências. Esses eventos, porém, ocorreram sob Antonino.

CAPÍTULO 5

Orações dos nossos em favor de Marco Aurélio são atendidas

1. Conta-se que o irmão deste último, Marco Aurélio César, ao dispor suas tropas em linha de batalha contra germanos e sármatas, viu-se impossibilitado de combater por causa da sede que atormentava os soldados. Ora, os soldados da legião denominada melitena, agindo conforme a fé que os sustentara de então até agora nos combates contra os inimigos, puseram os joelhos em terra, segundo nossa habitual maneira de rezar e dirigiram súplicas a Deus.

2. Diante deste espectáculo os inimigos ficaram espantados. Narra-se, porém, que outro fato mais espantoso surpreendeu-os imediatamente: Uma tempestade violenta pôs em fuga e aniquilou os inimigos, enquanto a chuva reanimava o exército dos que haviam invocado a divindade e que totalmente corria o perigo de morrer de sede.

3. Esta narrativa é registrada mesmo por historiadores estranhos⁷¹ a nossa doutrina, mas que se ocuparam em escrever a respeito dos imperadores de que tratamos; é fato notório também aos nossos.

Os historiadores de fora, contudo, enquanto estranhos à nossa crença, anotam o fato maravilhoso, apesar de não confessarem que foi em consequência da oração dos nossos. Por esses últimos, contudo, amigos como são da verdade, o acontecimento é relatado de modo simples e sem malícia.

4. Entre eles acha-se Apolinário. Afirma que, desde então, a legião que, pela oração, realizara o prodígio, recebera do imperador um apelativo de acordo com o acontecimento; o significado do nome latino é Fulminante.

5. Testemunha fidedigna desses fatos vem a ser também Tertuliano. Numa apologia da fé, dirigida em latim ao Senado, e já anteriormente citada, ele confirma a narrativa por meio de demonstração mais forte e mais comprobatória.

6. Anota, portanto, que em seu tempo existia ainda uma carta de Marco, o imperador mais inteligente, em que ele próprio atesta ter sido seu exército, em perigo de perecer na Germânia, devido à falta de água, salvo por intermédio das preces dos cristãos. Acrescenta que o imperador ameaçou de morte os que tentassem acusar-nos.

7. Adita a essas declarações o mesmo escritor: “De que espécie são, portanto, essas leis, que perseguem somente a nós, ímpias, injustas, cruéis? Vespasiano não as observou, apesar de ter vencido os judeus, Trajano parcialmente as reduziu a nada, proibindo dar busca aos cristãos. Nem Adriano, que se ocupava de todos os pormenores, nem o que tinha o sobrenome de Pio, as aplicaram”. Mas, coloque-se isto onde se quiser.

8. Quanto a nós, passemos à descrição dos acontecimentos subseqüentes. Havendo Potino consumado

sua vida aos 90 anos em companhia dos mártires da Gália, Ireneu recebeu a sucessão no episcopado da comunidade cristã de Lião, que era dirigida por Potino. Tivemos notícia de que na juventude ele foi ouvinte de Policarpo.

9. Ireneu, no terceiro livro de *Contra as heresias*, fornece a lista da sucessão dos bispos de Roma, até Eleutério, de cuja época estudamos os eventos. Tendo elaborado a obra durante o episcopado deste último, é a seguinte a lista que apresenta:

CAPÍTULO 6

Catálogo dos bispos de Roma

1. “Após ter fundado e edificado a Igreja, os bem-aventurados apóstolos entregaram a Lino o múnus episcopal. Lino é mencionado por Paulo em carta a Timóteo (cf. 2Tm 4,21). Sucedeu-lhe Aniceto.

2. Depois dele, o terceiro após os apóstolos que obteve o episcopado foi Clemente, que também vira os bem-aventurados apóstolos e tivera trato com eles. A pregação dos apóstolos ressoava-lhe ainda nos ouvidos e tinha diante dos olhos a doutrina que transmitiram. Não era o único, pois restavam ainda nesta época muitos dos que haviam sido instruídos pelos apóstolos.

3. Ora, sob Clemente, grave divergência surgiu entre os irmãos de Corinto. A Igreja de Roma enviou aos coríntios importante carta, exortando-os à paz e procurando reavivar-lhes a fé, assim como a tradição que, há pouco tempo, ela havia recebido dos apóstolos.” Um pouco mais adiante, ele diz:

4. “A Clemente sucedeu Evaristo; a Evaristo, Alexandre; depois, em sexto lugar desde os apóstolos, foi estabelecido Xisto; logo, Telésforo, que prestou glorioso testemunho; em seguida, Higino; após este, Pio, e depois, Aniceto. Tendo sido Sotero o sucessor de Aniceto, agora detém o múnus episcopal Eleutério, que ocupa o duodécimo lugar na sucessão apostólica.

5. Em idêntica ordem e idêntico ensinamento na Igreja, a tradição proveniente dos apóstolos e o anúncio da verdade chegaram até nós.”

CAPÍTULO 7

Ainda naquela época os fiéis realizam prodígios

1. Em concordância com o que escrevemos precedentemente estão os relatos de Ireneu nos cinco livros intitulados *Refutação e demolição da chamada falsa gnose* (cf. 1Tm 6,20). No segundo livro da mesma obra, ele assinala existirem ainda até então, em determinadas Igrejas, sinais de maravilhoso poder divino, nesses termos:

2. “Longe deles o pensamento de ressuscitar um morto, como fez o Senhor e como obtiveram os apóstolos por meio da oração. Aconteceu, porém, mais de uma vez na comunidade dos irmãos que, em caso de necessidade, toda a Igreja local o pedia com muitos jejuns e súplicas; o espírito do defunto voltava e, atendida a oração dos santos, ele revivia”. Ireneu observa ainda após outras notas:⁷²

3. Se eles assegurarem ainda ter o Senhor só aparentemente operado tais coisas, reportamo-nos aos livros dos profetas; em concordância com estes, demonstrar-lhes-emos que tudo não apenas foi predito desta forma, mas foi exatamente realizado e que só ele é o Filho de Deus. Por esta razão, é também em seu nome que os verdadeiros discípulos, pela graça, praticam a beneficência, segundo o dom que recebeu cada qual (cf. Ef 4,7).

4. Uns, de fato, expulsam os demônios com firmeza e em realidade, de tal modo que muitas vezes os

que se viram livres dos espíritos malignos crêem e permanecem na Igreja. Outros têm presciência do futuro, visões, palavras proféticas, outros curam os doentes por imposição das mãos e restituem-lhes a saúde; ainda no presente, conforme dissemos, até mortos ressuscitam e vivem conosco por bastante tempo. E então?

5. Impossível calcular o número dos carismas que, no mundo inteiro, a Igreja recebe de Deus, em nome de Jesus Cristo, crucificado sob Pôncio Pilatos. Ela os emprega diariamente para beneficiar os gentios, sem defraudar, nem reclamar dinheiro. Recebeu gratuitamente da parte de Deus (Mt 10,8), distribui grátis.”

6. E em outra passagem, escreve o mesmo Ireneu: “Conforme ouvimos, na Igreja muitos irmãos são dotados de carismas proféticos e por ação do Espírito falam todas as línguas; manifestam, quando de proveito, os segredos dos homens e explicam os mistérios de Deus”. Estas as referências sobre a permanência, até a época de que tratamos, dos diferenciados carismas naqueles que eram dignos.

CAPÍTULO 8

Como Ireneu cita as Escrituras

1. Uma vez que, no começo desta, prometemos transcrever oportunamente as palavras dos antigos presbíteros e escritores eclesiásticos, que nos transmitiram por escrito as tradições que receberam sobre as Escrituras canônicas, e Ireneu é um deles, conseqüentemente citaremos suas palavras.

2. E em primeiro lugar as pertencentes aos santos evangelhos. São as seguintes: “Mateus, no entanto, publicou entre os hebreus e em sua própria língua um Evangelho escrito, enquanto Pedro e Paulo anunciavam a boa nova em Roma e lançavam os fundamentos da Igreja.

3. Mas, após a morte deles, Marcos, discípulo e intérprete de Pedro, transmitiu-nos por escrito igualmente o que Pedro pregara. Lucas, porém, companheiro de Paulo, deixou num livro o Evangelho pregado por este último.

4. Enfim, João, o discípulo que reclinou sobre o peito do Senhor (Jo 13,25; 21,20), publicou também ele um evangelho, enquanto residia em Éfeso, na Ásia.”

5. São referências do autor citado, no terceiro livro da mencionada obra. No quinto livro, traz a seguinte explanação acerca do Apocalipse de João e do número do nome do Anticristo (cf. Ap 13,18): “Assim sendo, e estando este número inserido em todas as cópias mais exatas e antigas, como igualmente atestam os que viram a João, com os próprios olhos, a razão nos adverte que o número do nome da besta apresenta-se conforme o modo de calcular dos gregos e as letras deste nome”.

6. Um pouco mais adiante, diz a respeito do mesmo nome: “Não nos arriscamos a um pronunciamento seguro acerca do nome do Anticristo, pois se tivesse sido oportuno proclamá-lo abertamente agora, teria sido declarado pelo vidente do Apocalipse. Efetivamente não há muito se deram as visões, mas aconteceram quase em nossa geração, pelos fins do reinado de Domiciano”.

7. É isto o que Ireneu conta acerca do Apocalipse. Faz igualmente menção da primeira carta de João e inclui sobre ela inúmeros testemunhos. De maneira semelhante, em relação à primeira carta de Pedro. Não apenas conhece, mas ainda acolhe bem o escrito do *Pastor*, dizendo: “É, portanto, de uma bela maneira que diz a Escritura: Primeiro, acredita que há um só Deus; ele tudo criou, tudo ordenou” etc.

8. Emprega ainda certas palavras extraídas do livro da Sabedoria de Salomão, quase literalmente: “A visão de Deus produz a incorruptibilidade, e a incorruptibilidade aproxima de Deus” (Sb 6, 20).

Relembra ainda as *Memórias* de certo presbítero apostólico, cujo nome silencia, e cita suas *Exegeses das Escrituras divinas*.

9. Faz também memória do mártir Justino e de Inácio, e ainda utiliza testemunhos extraídos de seus escritos. Promete também refutar numa obra especial Marcião, analisando suas próprias obras.

10. No tocante à versão das Escrituras inspiradas, elaborada pelos Setenta, ouve o que observa textualmente: “Deus, portanto, fez-se homem e o próprio Senhor nos salvou, dando o sinal da Virgem, mas não como dizem no presente alguns que ousam alterar a tradução da Escritura: ‘Eis que a jovem conceberá e dará à luz um filho’ (Is 7,14). Deste modo traduzem Teodocião de Éfeso e Áquila do Ponto, ambos prosélitos judeus; imitando-os, os ebionitas dizem que Cristo nasceu de José”.

11. Pouco mais adiante, prossegue: “Antes que os romanos tivessem estabelecido o império, e quando os macedônios ainda dominavam a Ásia, Ptolomeu, filho de Lagos, muito desejoso de enriquecer com os melhores escritos dos homens a biblioteca que instituía em Alexandria, pediu aos habitantes de Jerusalém suas Escrituras traduzidas para a língua grega.

12. Estes, naquela época ainda sujeitos aos macedônios, enviaram a Ptolomeu setenta anciãos, dos mais peritos nas Escrituras e no conhecimento das duas línguas e realizou-se desta forma o plano de Deus.

13. Ptolomeu, querendo provar particularmente a perícia de cada um, e a fim de evitar que, por confronto entre si, eles falseassem na tradução a verdade contida nas Escrituras, separou-os uns dos outros e ordenou-lhes que todos escrevessem a tradução do mesmo texto; assim fez relativamente a todos os Livros.

14. Mas, ao se reunirem no mesmo lugar com Ptolomeu, e conferindo as traduções, Deus foi glorificado e as Escrituras foram reconhecidas como realmente divinas, pois todos haviam expressado idéias idênticas com idênticas palavras, idênticos nomes, do começo ao fim. Desta forma, até os pagãos presentes reconheceram terem sido as Escrituras traduzidas sob inspiração de Deus.

15. Não é de admirar tenha Deus agido desta maneira. Efetivamente, perdidas as Escrituras por ocasião do cativo do povo sob Nabucodonosor, e tendo os judeus após setenta anos regressado a seu país, mais adiante, no tempo de Artaxerxes, rei dos persas, ele próprio inspirou ao sacerdote Esdras da tribo de Levi (cf. Esd 9,38-41) relativamente à reconstituição das palavras dos profetas anteriores e à restauração entre o povo da legislação promulgada por Moisés.” Eis o que disse Ireneu.

CAPÍTULO 9

Bispos sob o império de Cômodo

Depois que Antonino esteve dezanove anos no governo, Cômodo obteve o poder. No primeiro ano de seu reinado, Juliano assumiu o episcopado das Igrejas de Alexandria, depois de ter Agripino desempenhado suas funções durante doze anos.

CAPÍTULO 10

O filósofo Panteno

1. Então, um homem muito famoso por sua cultura dirigia a escola dos fiéis da região. Chamava-se Panteno. Segundo antigo costume, havia entre eles uma escola das Letras sagradas. Esta escola perdura até nós e soubemos que se acha em mãos de homens poderosos em palavras e zelosos pelas

coisas de Deus. Conta-se ter sido o mestre de que falamos um dos mais brilhantes da época, oriundo como era da escola filosófica denominada dos estóicos.

2. Diz-se ter ele demonstrado tal ardor e disposições tão corajosas em relação à palavra divina que foi igualmente assinalado como arauto do evangelho de Cristo nas nações do Oriente, tendo ido até as terras das Índias. Havia, de fato, naquele tempo grande número de evangelizadores da palavra, divinamente zelosos e empenhados em imitar os apóstolos, com a meta de propagar e implantar a palavra divina.

3. Destes, foi também Panteno. Afirma-se que alcançou as Índias. Conta-se ainda que precedentemente o evangelho de Mateus chegara a alguns habitantes da região, que já haviam tido conhecimento de Cristo. A esses, Bartolomeu, um dos Apóstolos, teria pregado e lhes haveria deixado, em hebraico, o escrito de Mateus, preservado até a época de que falamos.

4. Entretanto, após diferentes obras boas, Panteno dirigiu por fim a escola de Alexandria, expondo oralmente e por escrito os tesouros da doutrina divina.

CAPÍTULO 11

Clemente de Alexandria

1. Nesta ocasião, em Alexandria, Clemente,⁷³ homônimo do antigo discípulo dos apóstolos que havia dirigido a Igreja de Roma, celebrizou-se, exercitando-se nas Escrituras divinas.

2. Nas *Hypotyposes* por ele elaboradas, relembra nominalmente Panteno, na qualidade de seu mestre, e parece-me que ainda alude a ele no primeiro livro dos *Stromata*, quando, ao designar os membros mais importantes da sucessão apostólica, conforme lhe foi comunicada, afirma o seguinte:

3. Esta obra não é um escrito composto segundo as regras da arte, por ostentação, mas um tesouro de notas para minha velhice, remédios contra o esquecimento, imagem sem artifícios, simples esboço de ensinamentos claros e espirituais que mereci ouvir da boca de homens felizes e eméritos.

4. Um deles, Jônico, morava na Grécia, outros na grande Grécia — um deles era da Celessíria, o segundo do Egito —, outros residentes no Oriente: um era da Assíria, outro da Palestina, hebreu de nascença; junto do último que encontrei — o mais instruído! — me detive. Persegui suas pegadas no Egito, onde ele se escondia.

5. Esses mestres, que guardaram a verdadeira tradição da feliz doutrina recebida, como que transmitida de pai a filho, oriunda imediatamente dos santos Apóstolos Pedro e Tiago, João e Paulo (poucos são, contudo, os filhos semelhantes aos pais), chegaram até nossos dias, por dom de Deus, a fim de lançar as sementes de seus antepassados e dos apóstolos em nossos corações.”⁷⁴

CAPÍTULO 12

Bispos de Jerusalém

1. Nesta época, era famoso o bispo da Igreja de Jerusalém Narciso, até hoje muito conhecido. Foi o décimo quinto sucessor, após a guerra judaica, sob Adriano. Mostramos que, desde então, a Igreja local constava de gentios, substitutos dos membros da circuncisão e que Marcos foi o seu primeiro bispo proveniente dos gentios.

2. Depois dele, as listas dos sucessivos bispos desta região registram Cassiano; em seguida Públio, depois Máximo; após estes, Juliano, e em seguida Caio; depois dele Símaco, outro Caio, e ainda um

Juliano, após Capitão, a seguir Valente e Doliguiano; por fim Narciso, o trigésimo a contar dos apóstolos, na sucessão regular dos bispos.

CAPÍTULO 13

Rodão e as dissensões entre os marcionitas

1. Então, viveu também Rodão, de origem asiática, e segundo o que ele próprio declara, discípulo em Roma de Taciano, que já conhecemos precedentemente. Escreveu vários livros e opôs-se entre outros, à heresia de Marcião. Conta que, em seu tempo, esta se dividia em diversas seitas; enumera as que causaram tal divisão e refuta cuidadosamente as falsas doutrinas que inventou cada uma.
2. Escuta, portanto, suas próprias palavras: “Por isso, estão em desacordo entre si; contrapõem uns aos outros doutrinas inconsistentes. De fato, Apeles, um dos integrantes de seu grupo, estimado pelo estilo de vida e idade avançada, confessa haver um só princípio, mas persuadido pelas afirmações de uma virgem demoníaca, chamada Filomena, diz que os profetas se originam de um espírito hostil.
3. Outros, porém, até o próprio Marcião, o nauta, afirmam haver dois princípios. Entre esses últimos estão Potito e Basílico,
4. sequazes do lobo do Ponto. Não conseguindo, como também ele, encontrar o fundamento da diferenciação das coisas, adotam a solução mais fácil e afirmam simplesmente haver dois princípios, sem nenhuma comprovação. Outros ainda deles se apartaram e apresentaram solução ainda pior. Supõem haver não somente duas, mas três naturezas. Seu chefe e autor é Sineros, conforme o chamam os representantes de sua escola.”
5. O mesmo Rodão descreve seu relacionamento com Apeles, nesses termos: “O velho Apeles, porém, dialogando conosco, foi convencido de que proferia muitos erros. Em conseqüência, começou a dizer que não é absolutamente necessário pesar estritamente as palavras, mas cada qual devia perseverar em suas próprias crenças. Assegurava que todos os que tinham posto sua esperança no crucificado seriam salvos, contanto que se encontrassem em exercício de boas obras. Declarava além disso que para ele a mais obscura das questões era, como acabamos de dizer, a doutrina acerca de Deus. Afirmava, de fato, que há apenas um só princípio, conforme também nós próprios ensinamos.”
6. Após a exposição de todas as opiniões de Apeles, Rodão prossegue: “Quando lhe perguntei: ‘Donde tiras a prova, ou como podes falar de um só princípio? Dize-nos!’, replicou que as profecias contradizem-se, porque nada contêm de verdadeiro. Efetivamente, são discordantes, falsas e opostas entre si. Quanto a saber por que há um só princípio, respondeu ignorar, mas sentir que é assim.
7. Em seguida, porque eu o adjurei a dizer a verdade, jurou ser veraz e que não sabia como havia um só Deus ingênito, mas nisso acreditava. Pus-me, então, a rir, e censurei-o pela pretensão de ser mestre, sem dominar a matéria que ensinava.”
8. No mesmo escrito, dirige-se a Calistião e confessa que ele próprio foi em Roma discípulo de Taciano. Declara que um livro intitulado *Problemas* foi exarado por Taciano, no qual prometia expor as obscuridades e os segredos das Escrituras divinas, enquanto ele próprio, Rodão, anuncia que apresentará numa obra soluções aos problemas de Taciano. Consta ainda que compôs um comentário ao *Hexaemeron*.
9. Apeles, porém, pronunciou mil impiedades contra a lei de Moisés, tendo blasfemado em numerosas obras contra as palavras divinas e, ao menos ao que parece, fez destas palavras crítica e refutação

muito extensa. São essas as notas sobre o assunto.

CAPÍTULO 14

Falsos profetas catafrígios

O inimigo da Igreja de Deus, em grau máximo adversário do bem e amigo do mal, que jamais omitiu qualquer espécie de maquinação contra os homens, operava para ainda produzir heresias alheias contra a Igreja. Alguns dentre os hereges, à maneira de serpentes venenosas, insinuavam-se na Ásia e na Frígia, exaltando Montano, como se fosse o Paráclito, e as duas companheiras suas, Priscila e Maximila, quais profetisas de Montano.⁷⁵

CAPÍTULO 15

Cisma dos seguidores de Blastos em Roma

Os outros medravam em Roma, chefiados por Florino, que abandonara o sacerdócio da Igreja, e por Blasto, que com ele se precipitara em queda semelhante. Arrancavam muitos fiéis da Igreja, e submetiam-nos a seus planos; cada qual se empenhava de modo peculiar em inovações relativamente à verdade.

CAPÍTULO 16

Fatos que ele aponta acerca de Montano

1. Contra a heresia chamada catafrígia, o poder defensivo da verdade suscitou, qual arma forte e invencível, Apolinário de Hierápolis, de que anteriormente fizemos menção, e com ele muitos outros peritos nesta época. Deixaram-nos ampla matéria para nossa narrativa.
2. Um dos supracitados escritores, no começo de uma obra contra esses hereges, assinala ter havido também discussões orais para refutá-los. Começa do seguinte modo:
3. “Caro Arvício Marcelo. Há muito, um espaço de tempo bem ponderável, que me ordenaste escrever contra a heresia dos chamados partidários de Milcíades. Hesitei até agora, não por achar impossível impugnar a mentira e dar testemunho da verdade, mas porque receava e evitava com cuidado parecer de certo modo adicionar ou retirar algo (cf. Ap 22,18-19) à palavra evangélica do Novo Testamento, onde é impossível acréscimo ou corte para quem escolheu proceder de acordo com o próprio evangelho.
4. Recentemente eu estava em Ancira da Galácia e encontrei a Igreja local perturbada pela novidade, não da profecia, conforme eles dizem, mas antes da pseudoprofecia, como será demonstrado. À medida que pude, com o auxílio do Senhor, discutimos em todas as ocasiões a respeito deles e dos argumentos que apresentam, durante vários dias, em comunidade. Assim, a Igreja se alegrou e fortificou na verdade; os adversários foram na oportunidade batidos e nossos inimigos se contristaram.
5. Dignaram-se, então, os presbíteros dali, na presença de nosso co-presbítero Zótico de Otrus, pedir que lhes deixasse um memorial escrito do que fora proferido contra os inimigos da palavra da verdade. Não o fizemos, mas prometemos escrever depois daqui, se Deus o quisesse, e enviar-lhes a obra sem demora.”
6. Após esta declaração e outras mais no início do livro, ele anota deste modo a causa da mencionada

heresia: “A causa de sua oposição atual e da nova heresia que os separa da Igreja é a seguinte:

7. “Diz-se haver na Mísia, nos limites da Frígia, uma aldeia chamada Ardabau e ali, em primeiro lugar, um dos novos crentes, chamado Montano, quando Grato era procônsul da Ásia, deu acesso ao inimigo, levado pela ambição imoderada de ocupar os primeiros lugares. Como um possesso, em falso êxtase, pôs-se a falar em seus excessos, a proferir palavras estranhas e a profetizar de forma inteiramente oposta ao uso tradicional conservado pela antiga tradição da Igreja.

8. Entre os ouvintes destes discursos corruptos, uns, não suportando essa espécie de energúmeno, demoníaco, possesso do espírito do erro, que perturbava as multidões, censuravam-no e impediam-no de falar, lembrados da exposição do Senhor e da advertência sobre a vigilância acerca da vinda dos falsos profetas (Mt 7,15). Outros, ao invés, como que exaltados por causa do Espírito Santo e do carisma profético, sobretudo inchados de orgulho e esquecidos da exortação do Senhor, estimulavam o espírito insensato, lisonjeiro e sedutor do povo, encantados e enganados por ele a ponto de se tornar impossível fazer com que se calasse.

9. Por algum artifício ou antes por tais malefícios, o diabo planejava a perdição dos que não lhe obedeciam e de modo indigno fazia-se cultuar por eles. Excitava e inflamava o espírito deles já entorpecido, longe da verdadeira fé. Suscitou ainda duas mulheres, repletas de um espírito bastardo, que se puseram a falar insensatamente e a contratempo, de modo estranho, semelhante a ele. Este espírito proclamava bem-aventurados os que se alegrassem com ele e dele se glóriassem e ensoberbecia-os através da grandeza de suas promessas. Por vezes também, fazia-lhes censuras muito justas e dignas de crédito, a fim de mostrar-se capaz de repreender; mas poucos eram os frígios que se iludiam. O espírito de arrogância ensinava ainda a blasfemar contra a Igreja católica, difundida sob o céu, porque não honrava sua falsa profecia, que nela nem tinha acesso.

10. Ora, os fiéis da Ásia reuniram-se freqüentemente em muitos lugares por causa disto. Examinaram os novos discursos e consideraram-nos profanos. E condenada a heresia, expulsaram da Igreja seus adeptos, excluindo-os da comunhão.”

11. Eis o que ele conta no início; e no decorrer da obra prossegue a crítica, refutando esse erro. No segundo livro, ao tratar da morte dos supracitados sequazes, anota o seguinte:

12. “Uma vez que eles nos denominavam assassinos de profetas, por não termos acolhido seus loquazes profetas (pois são estes, asseguram, que o Senhor havia prometido enviar ao povo) (Jo 14,26), respondam-nos perante Deus: Existe um só, meus amigos, dentre os que começaram a falar na seqüela de Montano e das mulheres, que os judeus tenham perseguido, ou haja sido morto por malvados? Nenhum. Há um só entre eles que tenha sido preso e crucificado por causa do Nome? Também não. De igual modo, alguma das mulheres foi fustigada nas sinagogas dos judeus ou apedrejada? (cf. Mt 23,34)

13. Absolutamente. Mas foi por outro gênero de morte que Montano e Maximila pereceram. Efetivamente, narra-se que, impelidos pelo espírito de insensatez, ambos se enforcaram, não, porém, simultaneamente; consta por fama persistente sobre as circunstâncias de seu fim que assim morreram, pondo termo à vida à semelhança do traidor Judas.

14. Também há insistência sobre o fato de que o admirável Teódoto, uma espécie de primeiro intendente da pretendida profecia, fora um dia elevado da terra e arrebatado aos céus; entrara em êxtase e confiara-se ao espírito do erro, mas jogado no solo pereceu de modo miserável. Ao menos, propaga-se que assim aconteceu.

15. Mas, uma vez que não o presenciamos, caríssimo, não temos certeza. Talvez seja assim, talvez não, que morreram Montano, Teódoto e a mulher supracitada.”

16. No mesmo livro encontra-se ainda que santos bispos haviam tentado contradizer o espírito que se apossara de Maximila, mas que foram impedidos por outros, certamente cúmplices deste espírito.

17. Escreve o seguinte: “E não diga na mesma obra (de Astério Urbano) o espírito que fala por Maximila: ‘Como lobo fui perseguido, para longe do rebanho. Não sou lobo; sou palavra, espírito, poder’. Mas, evidentemente mostre com evidência a força do espírito. Comprove-a. Pelo espírito obrigue a confessá-lo aqueles que então estavam presentes para examinar o espírito que falava e para discutir com ele: homens experimentados e bispos, Zótico da aldeia de Comana e Juliano de Apaméia, aos quais os companheiros de Temisão fecharam a boca, impedindo que refutassem o espírito mentiroso e sedutor do povo”.

18. No mesmo livro, contrapõe-se ainda às falsas profecias de Maximila e simultaneamente indica a oportunidade em que escrevia, assinalando prognósticos da vidente sobre guerras e catástrofes (cf. Lc 21,9). Demonstra a mentira das predições, nesses termos:

19. “E como não se manifestaria desde agora a mentira? Há mais de treze anos que esta mulher morreu, e guerra alguma, nem parcial nem geral, houve no mundo, mas por misericórdia de Deus os próprios cristãos usufruíram de paz contínua.”

20. Do segundo livro provém tudo isso. Apresentarei pequenos trechos do terceiro livro, onde assim retruca aos que se glorificavam de terem sido, em grande maioria, mártires: “Quando, portanto, confundidos em todas as suas asserções, são reduzidos ao silêncio, tentam refugiar-se junto de seus mártires; afirmam terem muitos, o que constitui prova fiel do poder do espírito que eles chamam profético. Mas, talvez, nada de menos verídico.

21. De fato, existem outras heresias que têm seus mártires em grande número. Certamente não haveremos de estar de acordo com elas nesta questão, nem declarar que possuem a verdade. Em primeiro lugar, os partidários da heresia de Marcião, chamados marcionitas, dizem que têm um grande número de mártires de Cristo, no entanto não confessam a Cristo segundo a verdade.” Um pouco mais adiante, adita:

22. “Por isso, aliás, quando os membros da Igreja são escolhidos para o testemunho da fé segundo a verdade e encontram-se junto a alguns dos chamados mártires da heresia frígia, distinguem-se deles e morrem sem a comunhão com eles, porque não querem dar assentimento ao espírito de Montano e de suas mulheres. Assim é, conforme demonstra com clareza aquilo que sucedeu em nossos dias na Apaméia junto do Meandro, a propósito dos que prestaram testemunho com Caio e Alexandre, oriundos da Eumênia.”

CAPÍTULO 17

Milcíades e os livros que redigiu

1. Nesta obra ele ainda rememora outro escritor, Milcíades, que teria composto também um tratado contra a dita heresia. Após citar alguns trechos desses hereges, continua nesses termos: “Encontrei isso numa obra em que eles atacam o trabalho de Milcíades, nosso irmão, uma demonstração de não ser necessário que um profeta fale em êxtase. Eu a resumi”.

2. Um pouco mais adiante, no mesmo escrito, enumera os profetas do Novo Testamento; e entre eles,

conta certa Amia e Quadrato. Assim se exprime: “Mas o pseudopofeta em êxtase falso, seguido de impudência e temeridade, começa por voluntária ignorância, que se transforma, como se disse, em delírio involuntário da alma.

3. Não poderão indicar profeta algum, nem do Antigo, nem do Novo Testamento, portador do espírito desta forma. Eles não reivindicam para si nem Agabo (At 11,27-30; 21,10-11), nem Judas (At 15,22.27.32), nem Silas (At 15 e 18 passim; 2Cor 1,19; 1Ts 1,1), nem às filhas de Filipe (At 8,5; 21,8-9), nem Amia de Filadélfia, nem Quadrato, nem outros quaisquer, porque não tinham relação alguma com eles.”

4. Um pouco mais adiante, diz ainda o seguinte: “Se, com efeito, conforme pretendem, após Quadrato e Amia de Filadélfia, as mulheres da companhia de Montano receberam em sucessão o carisma profético, que apontem quais o herdaram, dentre os discípulos de Montano e suas mulheres. Pois o apóstolo julga que o carisma profético deve existir na Igreja inteira até a parusia final (cf. Ef 4,11ss; 1Cor 1,7). Mas não teriam quem indicar, pois completam-se agora quatorze anos que Maximila morreu”.

5. São as asserções deste escritor. Milcíades, que ele menciona, deixou-nos outras recordações de seu peculiar zelo sobre os oráculos divinos, nos livros que escreveu contra os gregos e contra os judeus. Tratou de cada um destes assuntos separadamente em dois livros. Elaborou também uma apologia da filosofia⁷⁶ que adotara, dirigida aos príncipes deste mundo.

CAPÍTULO 18

Como Apolônio respondeu aos catafrígios

1. Apolônio, escritor eclesiástico, empreendeu, também ele, escrever uma refutação da heresia denominada catafrígia, que ainda vigorava nesta época na Frígia. Escreveu contra eles uma obra peculiar, onde corrige textualmente as falsas profecias que apresentam e revela a vida dos chefes da heresia. Escuta as próprias palavras proferidas sobre Montano:

2. “Quem é este novo doutor, demonstram-no as obras e os ensinamentos. Ensinou a dissolver os casamentos, legislou sobre o jejum,⁷⁷ deu a Pepuza e a Timião, pequenas cidades da Frígia, o nome de Jerusalém, desejoso de congregar ali gente de toda a parte, estabeleceu cobradores de dinheiro, inventou a coleta de presentes sob o nome de ofertas, determinou salários aos que pregavam a sua doutrina a fim de que, por meio da gula, prevalecesse o ensino desta mesma doutrina.”

3. São estas suas declarações sobre Montano. Relativamente às suas profetisas, mais adiante escreve: “Mostramos, pois, que essas primeiras profetisas, depois que ficaram repletas do espírito, abandonaram os maridos. Como, pois, não mentem ao dar a Priscila o nome de virgem?”

4. Depois, continua: “Não consideras que toda a Escritura proíbe ao profeta receber dons e riquezas? Entretanto vejo a profetisa aceitar ouro, prata e suntuosas vestes. Como não a rejeitaria?”

5. Mais adiante, declara a respeito de um de seus confessores: “Igualmente Temisão recobriu sua ambição com conveniência lucrativa e, incapaz de suportar o sinal da confissão, livrou-se das cadeias por meio de grande soma de dinheiro. Por isso mesmo, devia humilhar-se; mas ousou gabar-se de ser mártir, fingir-se apóstolo e, compondo uma carta católica,⁷⁸ catequizar os que possuem fé mais sólida que a sua, entrar no combate por meio de discursos desprovidos de sentido, e blasfemar contra o Senhor, os apóstolos e a santa Igreja”.

- 6.** Ainda, acerca de um dos que são honrados entre eles como mártires, escreve: “Para não falarmos da maioria, fale-nos certa profetisa acerca de Alexandre, que pretende ser mártir, com quem ela própria se banqueteia; e é venerado por muitos. Seria ocioso assinalar os assaltos e outros crimes pelos quais foi punido. O ‘opisthodomus’⁷⁹ contém arquivadas as provas.
- 7.** Qual dos dois perdoa os pecados do outro? É o profeta que perdoa ao mártir os seus roubos? Ou o mártir que perdoa ao profeta sua cobiça? Ora, o Senhor disse: ‘Não leveis ouro, nem prata, nem duas túnicas’ (Mt 10,9-10). Eles, ao invés, transgridem essa proibição, possuindo essas coisas. Por isso, mostraremos que os chamados entre eles profetas e mártires tiram dinheiro não somente dos ricos, mas ainda dos pobres, dos órfãos e das viúvas.
- 8.** E se têm confiança em sua causa, levantem-se aqui, e apresentem explicações, a fim de que, se forem confundidos, ao menos doravante cessem de transgredir. É, portanto, necessário examinar a qualidade dos frutos do profeta.
- 9.** Pois, ‘é pelo fruto que se conhece a árvore’ (Mt 7,17; 12,33). No intuito de que possam, os que quiserem, conhecer as ações de Alexandre, note-se que não foi julgado por Emílio Fontino, procônsul de Éfeso, por causa do nome de cristão, mas devido aos roubos que ousou cometer, quando já delinqüente. Em seguida, mentindo que isto sucedeu por causa do nome do Senhor, enganou os fiéis do lugar, e foi libertado. Mas, a própria comunidade donde se originava, não o recebeu porque era ladrão. Para os que quiserem ter conhecimento dos respectivos fatos existem os arquivos oficiais da Ásia.
- 10.** O profeta, contudo, não conhecia aquele com quem conviveu por muitos anos! Ao desmascará-lo, acusamos igualmente a natureza do profeta. E podemos demonstrar coisas semelhantes a propósito de muitos. Se ousarem, submetam-se à prova!”
- 11.** E ainda, em outra passagem da obra, acrescenta a respeito dos profetas de que eles se gabam: “Se negam terem seus profetas recebido presentes, confessem o seguinte: Se forem convencidos de os haverem recebido, não são profetas. Apresentaremos mil provas do fato. Mas é necessário examinar todos os frutos de um profeta. Dize-me: Um profeta freqüenta os banhos? Um profeta pinta-se com antimônio? Um profeta se enfeita? Um profeta joga às mesas e com dados? Um profeta empresta a juros? Confessem-nos se estas coisas são permitidas ou não; e eu mostrarei o que acontece entre eles”.
- 12.** Apolinário declara no mesmo escrito que escrevia no quadragésimo ano do empreendimento da pseudoprofecia de Montano.
- 13.** Diz ainda que Zótico, citado pelo escritor precedente, sobrevindo quando Maximila simulava profetizar em Pepuza, tentou confundir o espírito nela atuante, mas pelos sequazes desta viu-se impedido.
- 14.** Rememora também certo Traseas, um dos mártires de então. Afirma ainda, como se pertencesse à tradição, que o Senhor ordenara aos apóstolos não se afastarem de Jerusalém durante doze anos. Emprega também testemunhos extraídos do *Apocalipse* de João e conta que o próprio João ressuscitou um morto em Éfeso, pelo poder de Deus. Faz outras declarações ainda, impugnando de maneira adequada e muito completa a heresia supracitada. Estas coisas, afirma-as também Apolônio.

1. Diz-se que Serapião, bispo da Igreja de Antioquia depois de Maximino, na época de que tratamos, cita obras de Apolinário contra a supradita heresia. Relembra-o numa carta particular dirigida a Cárco e a Pôncio em que, contestando também ele a mesma heresia, adita o seguinte:
2. “A fim de que venha a vosso conhecimento ainda que a atividade desta sociedade enganosa, denominada Nova Profecia, causa horror à comunidade de irmãos, espalhada por toda a terra, mando anexas as obras de Cláudio Apolinário, o bem-aventurado bispo de Hierápolis na Ásia.”
3. A carta de Serapião vem assinada por diversos bispos. Um deles apõe a assinatura da seguinte forma: “Eu, Aurélio Quirino, mártir, desejo que estejais bem”. Outro escreve nesses termos: “Aélio Públio Júlio, bispo de Debelte, colônia da Trácia. Pelo Deus vivo, que está nos céus, o bem-aventurado Sotas de Aquiale quis expulsar o demônio que se apossara de Priscila, e os hipócritas não lho permitiram”.
4. Nos escritos supracitados há ainda as assinaturas autógrafas de numerosos outros bispos, que concordam com eles. São fatos esses atinentes a tais hereges.

CAPÍTULO 20

Explicação escrita de Ireneu

1. Em contraposição àqueles que, em Roma, falsificavam a sã estrutura da Igreja, Ireneu compôs diferentes cartas. Uma delas se intitula: *A Blastos, a respeito do cisma*. Outra: *A Florino, sobre a monarquia, ou que Deus não é autor do mal*. Este último, de fato, parecia sustentar tal doutrina, e visto que ainda se deixara arrastar pelo erro de Valentim, Ireneu elaborou um tratado: *A Ogdoade*, em que afirma ter ele pertencido à primeira sucessão dos apóstolos.
2. Pelo final da obra, encontramos uma belíssima anotação, que não podemos deixar de transcrever. Assim reza: “Eu te conjuro, tu que copiarás este livro, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo e de sua gloriosa parusia, quando virá a julgar os vivos e os mortos, confere o que copiares e corrige-o de acordo com o exemplar de onde o tiraste, com grande cuidado; copiarás também esta adjuração, anexando-a à tua cópia.”⁸⁰
3. Foi útil essa anotação e devemos transcrevê-la a fim de considerarmos esses homens da antiguidade, realmente santos, quais ótimos modelos de diligente exatidão.
4. Na carta a Florino, que acabamos de citar, Ireneu faz menção de suas relações com Policarpo, nesses termos: “Essas opiniões, Florino, para falar com moderação, não constituem sã doutrina. Essas sentenças não estão de acordo com as da Igreja e lançam os que delas se convencem na maior impiedade. Nem mesmo os hereges, de fora da Igreja, jamais ousaram manifestar tais crenças. Essas opiniões não nos foram transmitidas pelos presbíteros que nos precederam e que conviveram com os apóstolos.
5. Eu te vi, de fato, quando ainda criança, na Ásia Menor, junto de Policarpo. Eras ilustre na corte imperial e procuravas ter boa reputação junto dele. Pois lembro-me melhor das coisas daquele tempo do que de acontecimentos recentes.
6. Efetivamente, os conhecimentos adquiridos na infância progridem com a alma e com ela se identificam, de sorte que posso dizer até o lugar onde se sentava o bem-aventurado Policarpo para falar, como ele entrava e saía, seu modo de viver, seu aspecto físico, as preleções à multidão, como referia suas relações com João e com os outros que haviam visto o Senhor, como lembrava suas

palavras e o que ouvira dizer a respeito do Senhor, seus milagres, sua doutrina; como Policarpo, após ter recebido tudo isso de testemunhas oculares da vida do Verbo (1Jo 1,1-2), anunciava-o conforme as Escrituras.

7. Essas coisas, então, pela misericórdia de Deus, também eu as escutei atentamente e não as gravei numa página, mas no coração; sempre, pela graça de Deus, ruminei-as com fidelidade, e posso atestar diante de Deus que, se aquele presbítero bem-aventurado e apostólico tivesse ouvido algo de semelhante, teria exclamado e tapando os ouvidos, proferido como costumava: ‘Ó Deus de bondade, para que tempo me reservaste, a fim de ter de suportar tais coisas?’ E teria fugido do lugar em que, sentado ou de pé, tivesse ouvido tais palavras.

8. E pelas cartas que enviava, às Igrejas vizinhas para confirmá-las, ou a certos irmãos para adverti-los e exortá-los, demonstra-se que isso é verídico.”⁸¹ Tudo isto assegura Ireneu.

CAPÍTULO 21

Testemunho de Apolônio

1. Neste mesmo tempo do império de Cômodo, nossa situação melhorou. Com a graça de Deus, a paz se difundiu pelas Igrejas em toda a terra habitada. Então, a palavra da salvação conduzia todas as almas do gênero humano ao culto piedoso do Deus do universo, a tal ponto que já um grande número dentre os romanos mais importantes pela riqueza e o nascimento procurava a salvação com toda a sua casa e toda a sua família.

2. Mas, certamente tal fato era insuportável ao demônio, por natureza invejoso e que odeia o bem. Despiu-se para a luta, reiterando contra nós vários tipos de ciladas. Por conseguinte, na cidade de Roma fez comparecer perante o tribunal Apolônio, homem famoso entre os fiéis de então, pela educação e filosofia, e suscitou para acusá-lo um habitual instrumento seu.

3. O infeliz, porém, não introduziu a causa oportunamente, porque, por decreto imperial, tornara-se ilícito deixar em vida denunciadores de tais homens.⁸² Imediatamente, pois, quebraram-lhe as pernas, por sentença do juiz Perênio.

4. O juiz instou longamente com o mártir, amado por Deus, a que defendesse sua causa perante o Senado. Ele apresentou, pois, diante de todos eloqüente apologia da fé que ele confessava. Consumou a vida, sendo decapitado, de certo modo por decreto do Senado. Efetivamente, antiga lei prescrevia que não se perdoasse aos que uma vez houvessem comparecido diante do tribunal e não se retratassem.

5. Quem desejar conhecer suas palavras diante do juiz, as respostas ao interrogatório de Perênio e a apologia inteira que proferiu perante o Senado, poderá recorrer à relação escrita dos antigos mártires que coletamos.

CAPÍTULO 22

Bispos conhecidos naquele tempo

No décimo ano do império de Cômodo, Vítor sucedeu a Eleutério, que havia exercido o episcopado durante treze anos. Na mesma ocasião, tendo Juliano completado o décimo ano de seu múnus, Demétrio tomou em mãos o ministério das comunidades de Alexandria. Simultaneamente, Serapião, de quem anteriormente nos ocupamos, era ainda conhecido enquanto oitavo bispo da Igreja de

Antioquia, desde os apóstolos. Teófilo governava Cesaréia da Palestina; e igualmente Narciso, de quem tratamos precedentemente, exercia então o ministério na Igreja de Jerusalém. Em Corinto, na Grécia, nesta época, Baquilo era bispo, e Policrato era o da comunidade de Éfeso. Além destes, ao menos como se supõe, muitos outros eram notáveis neste tempo.

Recolhemos, evidentemente, os nomes daqueles cuja fé ortodoxa reconhecemos através de seus escritos.

CAPÍTULO 23

Questão contemporânea relativa à Páscoa

1. Nesta época, foi ventilada uma questão muito significativa. As comunidades da Ásia inteira, segundo antiquíssima tradição, pensavam que se devia guardar a festa da Páscoa do Salvador no décimo quarto dia lunar, em que era prescrito aos judeus imolar o Cordeiro. Era absolutamente necessário pôr termo aos jejuns, fosse qual fosse o dia da semana em que caísse a festa. Mas, as demais Igrejas de toda a terra não costumavam manter esse modo de proceder, e segundo a tradição apostólica observavam o uso até hoje em vigor, julgando não ser conveniente terminar o jejum a não ser no dia da ressurreição de nosso Salvador.

2. Por conseguinte, realizaram-se sínodos e assembléias de bispos para tratar do assunto; e todos, de comum acordo, publicaram por carta um decreto eclesiástico para todos os fiéis, declarando que o mistério da ressurreição do Senhor dentre os mortos não fosse jamais celebrado senão no domingo e que somente neste dia se encerrariam os jejuns relativos à Páscoa.⁸³

3. Existe ainda a carta dos bispos então reunidos na Palestina, sob a presidência de Teófilo, bispo da comunidade de Cesaréia, e Narciso, bispo de Jerusalém. Há também outra, sobre o mesmo assunto de uma reunião de bispos em Roma, onde se vê que ali Vítor era o bispo; outra dos bispos do Ponto, sob a presidência de Palmas, por ser o mais antigo; outra ainda das comunidades da Gália, onde Ireneu era bispo;

4. também dos bispos de Osroena e dos bispos das cidades deste país; e particularmente de Baquilo, bispo da Igreja de Corinto, e outros numerosos. Expõem o mesmo e idêntico parecer e idêntica decisão, e promulgam igual decreto. Adotaram a norma de conduta acima declarada.

CAPÍTULO 24

Dissensão na Ásia

1. Os bispos da Ásia, contudo, sob a direção de Policrato, insistiam em afirmar que se devia conservar o antigo e primitivo costume que lhes fora transmitido. Também Policrato, na carta dirigida a Vítor e à Igreja de Roma, explana nesses termos a tradição recebida:

2. “Quanto a nós, celebramos exatamente o dia, sem nada cortar, nada acrescentar. Efetivamente, é na Ásia que repousam grandes astros, que hão de ressuscitar no dia da parusia do Senhor, quando ele virá glorioso dos céus e ao encontro de todos os santos: Filipe, um dos doze apóstolos, que repousa em Hierápolis com suas duas filhas que envelheceram na virgindade, e sua outra filha, que viveu no Espírito Santo, e repousa em Éfeso;

3. e igualmente João, que reclinou no peito do Senhor (cf. Jo 13,23; 21,10), foi sacerdote e usou a lâmina de ouro (cf. Ex 28,32ss; 36,38ss), foi mártir e mestre, repousa em Éfeso;

4. também Policarpo de Esmirna, bispo e mártir; e Traseas de Eumênia, bispo e mártir, que repousa em Esmirna.

5. Seria necessário falar de Sagaris, bispo e mártir, que repousa em Laodicéia, e do bem-aventurado Papírio e do eunuco Melitão, que viveu inteiramente sob o Espírito Santo e repousa em Sardes, esperando a visita do Senhor que virá dos céus, quando ressuscitará dos mortos?

6. Todos eles observaram a Páscoa no décimo quarto dia, segundo o evangelho, sem nenhuma transgressão, mas conformando-se à regra da fé. Também eu, o menor de todos vós, Policrato, segundo a tradição dos meus, sigo alguns deles. Sete de meus parentes foram bispos e eu sou o oitavo. Sempre meus parentes guardaram o dia em que o povo se abstinha de pão fermentado.

7. Quanto a mim, irmãos, tenho sessenta e cinco anos no Senhor. Tenho relações com os irmãos do mundo inteiro. Percorri toda a Sagrada Escritura. Não me assustam os que procuraram me abalar (cf. Fl 1,28), pois os meus maiores disseram: ‘É preciso obedecer antes a Deus que aos homens’ ” (At 5,29).

8. Acrescenta ainda, sobre os bispos que estavam em sua companhia enquanto escrevia e com ele concordavam: “Poderia mencionar bispos que estão comigo; achastes conveniente que os convidasse, e convidei-os. Se enumerasse os respectivos nomes, completaria um grande número. Eles conhecem minha pequenez, mas aprovaram minha carta, sabendo que minhas câs não são inúteis, pois sempre vivi em Cristo Jesus”.

9. Diante disso, o chefe da Igreja de Roma, Vítor, resolveu afastar da unidade comum globalmente as comunidades de toda a Ásia, e simultaneamente as Igrejas vizinhas, como sendo heterodoxas; publicou tal decisão por carta e proclamou que todos os irmãos destas regiões, sem exceção, achavam-se fora da unidade da Igreja.⁸⁴

10. Mas isto não aprovou a todos os bispos. Eles aconselharam, ao contrário, solicitude pela paz, união com o próximo, caridade. Conservam-se ainda suas palavras. Opuseram-se a Vítor de modo muito incisivo.

11. Entre eles achava-se também Ireneu, que escreveu em nome dos irmãos que ele dirigia na Gália. Em primeiro lugar, declara que somente no domingo se deve celebrar o mistério da ressurreição do Senhor; depois exorta delicadamente Vítor a não apartar da comunhão Igrejas de Deus inteiras, que conservam a tradição de antigo uso; e a muitas outras razões, adita as seguintes expressões:

12. “A discussão não trata somente do dia, mas também do próprio modo de jejuar. Uns, com efeito, pensam que devem jejuar um dia apenas; outros dois, outros ainda mais; alguns contam quarenta horas do dia e da noite como um só dia.

13. Tal diversidade de observâncias não surgiu agora, em nossos dias; mas há muito, sob nossos predecessores que, sem se prenderem à exatidão, talvez, conservaram este costume em sua simplicidade e com características particulares, e o transmitiram aos pósteros. Todos eles conservam a paz entre si, e nós também conservamos entre nós mutuamente a paz. A diferença entre os jejuns confirma o acordo relativamente à fé.”

14. A isto, Ireneu anexa ainda uma narrativa que me apraz referir. Assim ela se apresenta: “Entre esses, os presbíteros que presidiram à Igreja que tu hoje governas, isto é, Aniceto, Pio, Higino, Telésforo, Xisto, também não guardaram o décimo quarto dia, e não impuseram seu próprio uso aos súditos. E embora não o observassem eles próprios, nem por isso deixavam de estar em paz com os

que chegavam, vindos de comunidades que o observavam. No entanto, a contradição era maior, para os que não o observavam, verificar de perto que outros o guardavam.

15. Ninguém, contudo, jamais foi rejeitado por este motivo. Mas, os que não o observavam, isto é, os presbíteros que te precederam, enviavam a Eucaristia às comunidades que o observavam.

16. E o bem-aventurado Policarpo, tendo feito uma viagem a Roma, sob Aniceto, os dois tiveram entre si pequenas divergências, mas logo fizeram as pazes; sobre este capítulo não discutiram. Efetivamente, Aniceto não podia convencer Policarpo a não observar aquilo que sempre praticara, com João, o discípulo de nosso Senhor, e os outros apóstolos com os quais tinha convivido. Por sua vez, nem Policarpo persuadiu Aniceto a observar o mesmo que ele, pois este dizia que devia conservar o costume dos presbíteros precedentes.

17. Assim estando a questão, entraram em comunhão mutuamente, e na igreja Aniceto cedeu, certamente por deferência, a celebração da eucaristia a Policarpo. Separaram-se em paz entre si, e em toda a Igreja mantinha-se a paz, quer se observasse ou não o décimo quarto dia.”

18. E Ireneu bem merecia tal nome, pois era pacificador pelo nome e a conduta, visto que exortava e servia de intermediário, em prol da paz entre as Igrejas. Entretinha-se epistolarmente não apenas com Vítor, mas ainda com grande número de vários chefes de Igrejas, sobre questões levantadas entre eles.

CAPÍTULO 25

Acordo unânime a respeito da Páscoa

Mas, os bispos da Palestina, que acabamos de citar, Narciso e Teófilo, e com eles Cássio, bispo da Igreja de Tiro, e Claro, bispo de Ptolemaida, assim como os que com eles se haviam congregado, apresentaram muitas explicações sobre a tradição que chegaram até eles, através da sucessão apostólica, a respeito da festa de Páscoa, e no final da carta, anexaram literalmente o seguinte: “Procurai enviar cópias de nossa carta a todas as comunidades, a fim de não sermos responsáveis por aqueles que facilmente induzem as almas a erro. Declaramos que em Alexandria ela é celebrada no mesmo dia que nós. De fato, eles recebem cartas nossas e recebemos as deles, e assim celebramos de comum acordo e de modo unânime o dia santo”.

CAPÍTULO 26

Fragmentos do trabalho de Ireneu que chegaram até nós

Além das supramencionadas obras de Ireneu e de suas cartas, dele ainda possuímos: um livro contra os gregos muito conciso e dos mais úteis, intitulado *A ciência*; outro dedicado a um irmão chamado Marciano, *Demonstração da pregação apostólica*; e um opúsculo, *Exposições diversas*, onde relembra a carta aos Hebreus e a Sabedoria dita de Salomão, incluindo trechos de ambas. São estas as obras de Ireneu de que tivemos notícia. Havendo Cômodo terminado o reinado após treze anos, menos de seis meses após sua morte reinou o imperador Severo; Pertinax ocupou esse intervalo de tempo.

CAPÍTULO 27

Ainda de obras de outros escritores

Numerosas obras desta época, escritas por homens antigos, ortodoxos, zelosos pela virtude, foram conservadas até hoje por muitos. Tivemos conhecimento das seguintes: os livros de Heráclito sobre o Apóstolo; os de Máximo sobre a questão tratada freqüentemente entre os hereges: *Donde se origina o*

mal e de que a matéria é criada; os de Cândido sobre o Hexaemeron; os de Apião que trata do mesmo assunto; igualmente os de Sexto, A ressurreição, e outro tratado de Arabiano, e de milhares de outros autores, cuja época, por carência de recursos, é impossível indicar por escrito, ou estabelecer uma lembrança histórica. Chegaram até nós obras de inúmeros outros, cujos nomes não podemos enunciar. Eram autores ortodoxos e eclesiásticos, conforme revela a interpretação peculiar a cada um deles da Escritura divina; entretanto, não nos são conhecidos, por se tratar de obras anônimas.

CAPÍTULO 28

Difusores da heresia de Artemão

- 1.** Um dos autores, em trabalho elaborado contra a heresia de Artemão, a qual atualmente ainda Paulo de Samósata tentou restaurar, traz uma narrativa atinente aos fatos que rememoramos.
- 2.** Ele aí, efetivamente, refuta a heresia, segundo a qual o Salvador é simples homem, novidade muito recente, embora seus criadores tenham querido torná-la respeitável pela antiguidade, e apresenta muitas razões para impugnar sua mentira blasfema.
Entre outras coisas, diz textualmente:
3. “Ora, eles afirmam que todos os antigos e os próprios apóstolos receberam por tradição e ensinaram suas atuais asserções, e que a verdade do anúncio foi conservada até a época de Vítor, o décimo terceiro bispo de Roma, depois de Pedro; mas desde seu sucessor Zeferino, a verdade foi alterada.
- 4.** Sua afirmação seria talvez plausível se em primeiro lugar as Escrituras divinas não a contradissem. Doutro lado, existem escritos de determinados irmãos, anteriores a Vítor, os quais foram redigidos em prol da verdade contra os pagãos e contra as heresias de seu tempo, a saber, os de Justino, Milcíades, Taciano, Clemente e muitos outros, e em todos eles se diz que Cristo é Deus.
- 5.** Quem ignora a existência dos livros de Ireneu, Melitão e outros? Todos anunciam que Cristo é Deus e homem. E tantos salmos e cânticos, compostos por irmãos na fé desde os primórdios, que cantam o Verbo de Deus, o Cristo, como sendo Deus?
- 6.** Uma vez, portanto, que o senso da Igreja foi anunciado há tantos anos, pode-se aceitar que os que viveram até o tempo de Vítor tenham pregado tal qual eles o afirmam? Como não se coram de atribuir mentirosamente essas doutrinas a Vítor, quando sabem perfeitamente que Vítor excomungou Teódoto, o curtidor, chefe e pai desta apostasia que nega a Deus e foi o primeiro a afirmar que Cristo é um simples homem? Se, conforme eles asseguram, Vítor pensava conforme ensina esta blasfêmia, como então expulsou Teódoto, o inventor de tal heresia?”
- 7.** São estas as referências sobre Vítor. Tendo este último estado à frente do ministério durante dez anos, Zeferino foi estabelecido seu sucessor pelo nono ano do reinado de Severo. O autor da obra de que tratamos acrescenta, a respeito do autor da dita heresia, outro fato que se deu no tempo de Zeferino. Escreve textualmente:
8. “Relembrei ao menos a muitos de nossos irmãos um fato sucedido em nossos dias que, a meu ver, se houvesse acontecido em Sodoma teria sem dúvida feito refletir até mesmo os habitantes desta cidade (cf. Mt 11,23). Na-tálio não foi confessor de outras eras, mas de nosso tempo.
- 9.** Fora iludido por Asclepiodoto e por outro Teódoto, banqueiro. Ambos eram discípulos de Teódoto, o curtidor, o primeiro que por causa desta opinião, ou melhor, desta loucura, fora, conforme disse,

afastado da comunhão por Vítor, bispo na ocasião.

10. Eles persuadiram Natálio que aceitasse, por um salário, o título de bispo desta heresia; recebia deles cento e cinqüenta denários mensais.

11. Enquanto aderira a eles, Natálio recebia em visões freqüentes advertências da parte do Senhor, pois nosso Deus misericordioso e Senhor, Jesus Cristo, não queria que uma testemunha de seus próprios sofrimentos perecesse, fora da Igreja.

12. Como desse pouca atenção a estas visões, seduzido pelo primeiro lugar que ocupava e pela ambição vergonhosa do lucro que é a perdição de grande número, finalmente santos anjos o chicotearam durante uma noite inteira e tão maltratado ficou que na aurora levantou-se, revestiu-se de um saco, cobriu-se de cinzas e apressadamente lançou-se, debulhado em lágrimas, diante do bispo Zeferino; prostrava-se, não somente aos pés do clero, mas também dos leigos; perturbava com suas lágrimas a Igreja misericordiosa do Cristo compassivo; mas, apesar de muitas súplicas, mostrando os ferimentos causados pelos golpes que lhes foram infligidos, com dificuldade foi admitido à comunhão.”

13. Aditaremos ainda outras palavras do mesmo autor a propósito dos mesmos hereges. Assim se exprime: “Sem temor algum, alteraram as Escrituras divinas; rejeitaram a regra da antiga fé; de outro lado ignoraram o Cristo, não procuraram o que dizem as divinas Escrituras, mas exercem-se laboriosamente em descobrir um silogismo para fundamentar seu ateísmo. E se lhes for apresentada uma palavra da Escritura divina por objeção, eles perguntam se é possível transformá-la num silogismo conjuntivo ou disjuntivo.

14. Abandonando as santas Escrituras de Deus, aplicam-se à geometria, justificam-se dizendo que são da terra e falam da terra, mas ignoram aquele que vem do alto. Euclides, de fato, laboriosamente impregna de geometria alguns; outros admiram Aristóteles e Teofrasto; Galieno é quase adorado por alguns deles.

15. Enquanto empregam mal as artes dos infiéis em favor de sua doutrina herética, e alteram com a astúcia dos ateus a fé simples das divinas Escrituras, seria necessário ainda afirmar que eles nem de longe se aproximam da fé? Por conseguinte, lançam mãos ousadas sobre as Sagradas Escrituras, sob pretexto de corrigi-las.

16. A quem quiser, é fácil averiguar que ao falar deste modo, eu não os calunio. Pois, quem quiser pegar os exemplares de cada um deles e compará-los entre si, descobrirá que diferem muito uns dos outros. Os de Asclepiades não estão de acordo com os de Teódoto.

17. Aliás, é fácil adquirir muitos exemplares, porque seus discípulos copiam ardorosamente os que foram, dizem eles, por um ou outro corrigidos, isto é, alterados. Os exemplares de Hermófilo também discordam dos precedentes. Quanto aos de Apoloniado, não concordam sequer entre si. Comparem-se as cópias que foram em primeiro lugar retocadas com as que foram corrigidas em seguida; encontrar-se-ão inúmeras divergências.

18. Provavelmente nem eles próprios ignoram como esse erro é audacioso. Ou, de fato, não acreditam que as Escrituras divinas foram inspiradas pelo Espírito Santo e são infiéis; ou julgam-se mais sábios que o Espírito Santo e não passam de demoníacos. Efetivamente, não podem negar tal ousadia, porque os exemplares foram copiados por sua própria mão; eles não receberam as Escrituras neste estado de seus catequistas, e não podem apresentar os exemplares donde copiaram.

19. Alguns dentre eles nem mesmo se dignaram alterar as Escrituras; simplesmente rejeitaram a Lei e os Profetas e precipitaram-se, sob o manto de uma doutrina sem lei e sem Deus, no último abismo de perdição.” Assim é contada esta história.

68 Note-se que é sempre o “diabo” a ser posto como agente responsável pela perseguição. Os homens aparecem apenas como instrumentos em suas mãos.

69 Como cidadão romano, Átalo recebe tratamento especial. Observou-se o costume de fazer preceder, escrita na língua oficial, indicando seu nome e a razão de sua condenação.

70 Sobre Montano e seu movimento religioso que acabou sendo condenado como herético, cf. R. FRANGIOTTI, *História das heresias* (séc. I-VII). *Conflitos ideológicos dentro do cristianismo*, 2ª ed., São Paulo, Paulus, 1997.

71 De fato, o historiador romano Dion Cássio atribui o milagre da chuva ao mágico egípcio Hanufis (cf. Hist. rom., LXXI, 8). Pode-se consultar ainda o artigo de J. GUEY, “Encore la pluie miraculeuse”, na *Revue de Philologie*, 1951, pp. 162-168. Enquanto Temístio, no séc. IV, reporta este milagre à divindade, sem precisar de qual deus se trata, Marco Aurélio o atribui ao demônio da Chuva.

72 Ireneu, *Contra as heresias*, II, 31,2.

73 Sobre Clemente pode-se ver o capítulo de J. LEBRETON, na *Nova História da Igreja*, t. II, de A. FLICHE e V. MARTIN; R. FRANGIOTTI, *História da Teologia, período patrístico*, cap. 2, São Paulo, Paulus, 1992.

74 Clem. de Alexandria, *Stromateis* I, 1,11.1-3.

75 Cf. P. DE LABRIOLLE. *La crise montaniste*, Paris, 1913, pp. 34-105. Desde os primeiros tempos, a Igreja se preocupava em reconhecer os verdadeiros e os falsos profetas: os verdadeiros profetas deviam, antes de tudo, guardar o ensinamento tradicional dos apóstolos.

76 O termo “filosofia” designa, aqui, o gênero de vida, a conduta cristã e não um sistema organizado, arquitetado de pensamento. Cf. G. BARDY, “L’entrée des mots philosophe et philosophie dans le vocabulaire chrétien”, em *Mélanges Viller*, Toulouse, 1949, pp. 97-108.

77 Sobre o casamento, a continência e o jejum entre os montanistas, cf. TERTULIANO. *Sobre a monogamia; À sua esposa; Exortação sobre a castidade e Sobre o jejum*.

78 É o primeiro emprego da expressão “carta católica”, que será, um pouco mais tarde, aplicada às cartas dos apóstolos, menos às de Paulo.

79 “Opistodomo” é a parte posterior de um templo. Era o lugar onde se conservava o tesouro público ou os arquivos. Aqui são nitidamente visados os arquivos.

80 Por esta observação pode-se ver a importância das transcrições privadas e o esforço que têm os autores de prover do melhor possível a cópia de suas obras. Nota interessante para a história do livro na antiguidade. Cf. J. de GHELLINCK. *Patristique et Moyen Age*, Louvain, 1947, t. II, pp. 183-245.

81 Sobre Policarpo, sua vida, obra e martírio, cf. *Padres Apostólicos*, op. cit., pp. 129-157. De fato, Ireneu afirma a existência de numerosas cartas de Policarpo, o que deve ser retido como verdade, embora tenhamos, hoje, somente a Carta aos Filipenses.

82 Eusébio se engana sobre o decreto, pois não se conhece nenhuma lei imperial que punisse os que denunciavam os cristãos. Contudo, no rescrito de Adriano a Minúcio Fundano e na carta de Marco Aurélio sobre o milagre da Legião Fulminante, é indicada esta medida de rigor. Cf. TERTULIANO, *Apologeticum*, V,6.

83 Seguindo o costume que deve ter sido o dos primeiros cristãos da Palestina, as comunidades cristãs da Ásia Menor celebravam a Páscoa no mesmo dia da Páscoa judaica, aos 14 de Nisã, donde a designação de *quartodecimanas*. Portanto, numa data fixa, mas num dia da semana variável. Nas outras Igrejas celebrava-se a Páscoa sempre no domingo, num dia fixo da semana, mas variável do mês. Esta disparidade provocou tensões entre Roma e a Ásia Menor, de tal modo que, por volta de 160, Policarpo, bispo de Esmirna, foi a Roma para tratar com o papa Aniceto desta questão. Os dois se separaram em comunhão, mas sem acordo (*HE* 4,14.1). A questão tornou-se mais aguda quando o papa Vítor (189-199) tentou impor às igrejas da Ásia a celebração dominical, conforme o costume romano. Policrato de Éfeso defendeu a observância quartodecimana, numa carta ao papa Vítor da qual Eusébio cita trechos, no capítulo abaixo.

84 Embora o texto de Eusébio afirme que Vítor tenha proclamado a excomunhão de todos os irmãos da Ásia, sem levar em conta as tradições que eles invocavam em favor de suas observâncias, há dúvidas se o papa tenha, realmente, excomungado as igrejas da Ásia ou se ele somente as ameaçou. Na seqüência do texto, se vê que a discussão não ficava na questão da data da Páscoa, mas incluía também a questão do jejum como comenta L. DUCHESNE, *Origines du culte chrétien*, 2^{ème} éd., Paris, 1889, p. 230: “Do tempo de santo Ireneu, o jejum pascal era muito curto; uns jejuavam um dia somente, outros dois, outros maior número. Alguns ficavam quarenta horas sem comer. Todos estes intervalos devem se entender, creio, de jejum único e não interrompido”.